Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Instituto de Geografia

Fernando da Costa Ferreira

O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã

Rio de Janeiro

2017

Fernando da Costa Ferreira

O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

F383 Ferreira, Fernando da Costa.
O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã / Fernando da Costa Ferreira. – 2017.
437f.: il.

Orientador: Gilmar Mascarenhas de Jesus.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.
Bibliografia.

1. Estádio do Maracanã – Teses. 2. Estádio do Maracanã – Aspectos sociais – Teses. 3. Futebol – Torcedores – Teses. 4. Territorialidade humana – Teses. 5. Espaço em Geografia – Teses. I. Jesus, Gilmar Mascarenhas de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 911.3:796.332(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Fernando da Costa Ferreira

O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Aprovado em 31 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus (Orientador)
Instituto de Geografia – UERJ

_____
Prof. Dr. Christopher Thomas Gaffney
Universität Zürich

_____
Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes
Universidade de Sorocaba

_____
Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira
Faculdade de Educação – UERJ

_____
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

_____
Prof. Dr. Ulisses da Silva Fernandes
Instituto de Geografia – UERJ

Rio de Janeiro
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Carlos (*in memoriam*), serralheiro que demonstrava imenso orgulho em ter um filho professor, e às mulheres que me fazem sorrir: Glória (mãe), Viviane (esposa), Fernanda e Helena (filhas). Meu amor por vocês é infinito.

AGRADECIMENTOS

Uma obra que envolve um tema apaixonante gerou uma extensa lista de contribuições que, cada qual ao seu modo, possibilitou que o presente esforço, desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos e meio, tenha agora o seu desfecho. De antemão, peço desculpas por eventuais esquecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Gilmar Mascarenhas, pela confiança demonstrada desde 2001, ainda durante o curso de pós-graduação *lato sensu* em Políticas Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Seus ensinamentos e observações certeiras se mostraram fundamentais e serviram como guia e inspiração para a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, Carlos (*in memoriam*) e Glória, por todo o empenho e carinho dedicados a mim e ao meu irmão. Imigrantes portugueses, obrigados a abandonar os estudos ainda crianças, cruzaram o Atlântico em busca de uma vida menos sacrificante e fizeram o que estava ao seu alcance para que pudéssemos trilhar um caminho distinto.

À minha esposa, Viviane, que me apoiou em todos os momentos. O seu alento foi fundamental para que pudesse prosseguir com a pesquisa e alcançar os resultados mostrados no texto final.

Às minhas filhas, Helena e Fernanda, que volta e meia perguntavam “por que o meu pai vai a tantos jogos?”. Mesmo sem compreender a razão das recorrentes idas ao estádio, sempre se mostraram orgulhosas de acompanhar os estudos do pai e jamais se queixaram de todas as ocasiões das quais precisei me ausentar.

A todos os componentes do grupo de pesquisa Cidade e Megaeventos Esportivos, coordenado pelo professor Gilmar Mascarenhas. A troca de experiências, assim como as leituras e os debates por ocasião dos nossos diversos encontros periódicos, mostrou-se altamente produtiva.

Aos queridos colegas Elisabeth Machado, Krycia Perni e Demian Castro, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO-UERJ), pelo incentivo constante à produtiva troca de ideias.

Aos corpos técnico, pedagógico e docente das seguintes instituições: Escola Municipal Maria Leopoldina, Colégio Pedro II, Universidade Federal Fluminense e, em especial, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graças a vocês pude desfrutar de um ensino

público, gratuito e de qualidade ao longo de toda a minha trajetória estudantil e acadêmica, iniciada no final da década de 1970.

Aos professores Leandro Dias de Oliveira, Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Ulisses da Silva Fernandes, pela leitura atenta e pelas imensas contribuições durante a banca de qualificação.

Aos professores e servidores do Instituto Benjamin Constant: Maristela Dalmolin, Allan Santos, Paula Márcia Barbosa, Thiago Duarte, Heverton Bezerra, Bruna Bispo, Geni de Abreu, Luigi Bragança, Thiago Teixeira e Duilio Sanchez, pela ajuda inestimável.

À amiga e revisora, Hylea Vale, pela ajuda, paciência e dedicação inesgotáveis.

A Janilton Lima, pela tradução para o inglês, do resumo da tese.

À equipe de Geografia do Instituto Benjamin Constant, composta por Luciana Arruda, Robson Lopes, André Bezerra e Bruno Mesquita.

Aos amigos de todas as horas, Paulo Cezar de Barros e Fernanda Barros, que, além de todo o apoio moral, contribuíram (ainda que de forma involuntária) para que eu encontrasse o caminho a ser trilhado acerca da análise do Maracanã arenizado.

Ao meu irmão, Bruno Ferreira; ao meu sobrinho, Gabriel Ferreira; e aos demais companheiros de jornadas no estádio: Marcelo Souza, Rodrigo Carrapatoso, Adriano Ribeiro, Daniela Alfonsi, Veronica Ferreira, Wallace Cardoso, Moisés Silva, George Machado, Newton Machado, João Pedro Machado, Afonso Perni, Marcos Cesar da Silva, Lara Marinho, Mauro Reis e Irlan Simões, pelas importantes contribuições.

A Christopher Gaffney, Cláudio Nunes, Felipe Lopes, Gustavo Coelho, Gustavo Junger, Helio Evangelista, Luis Lima, Natália Rodrigues, Romulo Mattos, Ulisses Mattos, Vicente Magno e Vinicius Paiva, pelos textos, reportagens e informações enviados.

Aos antigos companheiros de futebol, Márcio Magnani, Alexandre Carneiro, David Duarte, Pedro Tomasini e Paulo Barbosa, pelas observações, não raro, dissonantes, que apuraram o nosso senso crítico e colaboraram para a busca de um maior embasamento acerca das opiniões apresentadas.

O Maraca é nosso!

Construção coletiva e anônima

RESUMO

FERREIRA, Fernando da Costa. *O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras*: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã. 2017, 437 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A presente tese tem como objetivo compreender de que maneiras o Maracanã, após a sua reforma/reconstrução e a entrega da administração a um consórcio privado, vem sendo apropriado pelo público frequentador e as diferentes territorialidades a ele associadas. Sua reinauguração, em 2013, consolidou o processo de transformação da icônica praça de esportes carioca, de um estádio concebido para abrigar as massas, dotado de uma centralidade popular e de uma alma própria, em uma arena (a princípio) neutra, similar a tantas outras espalhadas pelo planeta, ápice de uma arquitetura que visa atender ao torcedor-consumidor em detrimento do torcedor tradicional de menor poder aquisitivo. Em função da proposta adotada de estudar as diferentes formas de apropriação encontradas no estádio, o comparecimento a cinquenta e uma partidas realizadas no período compreendido entre fevereiro de 2015 e novembro de 2016 mostrou-se altamente relevante para a obtenção dos dados apresentados. O entendimento inicial de que não existe um único modo de torcer e de que o perfil e o comportamento do público dependem de uma série de variáveis conduziu a análise não somente à observação *in loco* em diferentes setores, mas também na área externa e em situações diversas. A adoção de uma perspectiva dialética visou articular, sempre que possível, a teoria à práxis uma vez que o Estádio Jornalista Mário Filho representa uma arena na qual são produzidas, reproduzidas e representadas as tensões e contradições encontradas no espaço urbano, refletidas nas diferentes formas de apropriação sofridas atualmente pelo nosso equipamento esportivo mais importante, que devem ser compreendidas como reflexo de um contexto social amplo. O estádio e seus arredores são o resultado de um permanente jogo de forças marcado por embates existentes entre três oposições complementares: atores hegemônicos x atores hegemonizados; verticalidades x horizontalidades; nomoespaço x genoespaço. O esforço empreendido compõe uma fotografia das observações realizadas no estádio das práticas cotidianas ao longo do período estudado. O Maracanã atual surge como um espaço apropriado pelas classes médias, resultante de um processo de elitização incompleto e/ou relativo, que acelerou a preexistente desterritorialização dos torcedores menos afortunados economicamente, sem a pretendida substituição pelo perfil de público desejado pelas forças verticais. Ao fim do período de observações, o espaço concebido pelos atores hegemônicos não conseguiu se impor plenamente aos conteúdos e tradições produzidos pelo espaço vivido do estádio, que consegue manter o seu caráter orgânico, constituindo um objeto de estudo em constante transformação.

Palavras-chave: Maracanã. Estádio. Arena. Geografia dos esportes. Nomoespaço. Genoespaço.

ABSTRACT

FERREIRA, Fernando da Costa. The football stadium as arena for the production of different supporters´ territorialities: inclusions, exclusions, tensions and contradictions present in the new Maracanã Stadium. 2017. 437 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This thesis aims to understand how the Maracanã, after its reform / reconstruction and the transfer of the administration to a private consortium, has been appropriated by the public and the different territorialities associated with it. Its re-inauguration in 2013 consolidated the process of transformation of the iconic Rio de Janeiro sports plaza, from a stadium designed to shelter the masses, endowed with a popular centrality and a soul of its own, in a neutral (at first) arena, similar to many others scattered around the planet, an apex of an architecture that aims to meet the fan-consumer to the detriment of the traditional fan of lesser purchasing power. Due to the proposal adopted to study the different forms of appropriation found in the stadium, attendance at fifty-one matches held in the period from February 2015 to November 2016 was highly relevant for obtaining the data presented. The initial understanding that there is no single way of supporting and that the public profile and behavior depends on a series of variables led to the analysis not only of *on-the-spot* observation in different sectors but also in the external area and in different situations. The adoption of a dialectical perspective aimed at articulating, whenever possible, theory to praxis since the Journalist Mário Filho Stadium represents an arena in which the tensions and contradictions found in urban space are produced, reproduced and represented, reflected in the different forms of appropriation currently occurring in our most important sports equipment, which must be understood as reflecting a broad social context. The stadium and its surroundings are the result of a permanent game of power marked by conflicts between three complementary oppositions: hegemonic actors vs hegemonized actors; verticalities vs horizontalities; *nomospace* vs *genospace*. The effort undertaken comprises a panel of the observations made at the stadium of everyday practices throughout the studied period. The present Maracanã emerges as an appropriate space for the middle classes, resulting from an incomplete and / or relative elitization process that accelerated the pre-existing deterritorialization of economically less fortunate supporters, without the intended replacement of the desired public profile by vertical forces. At the end of the period of observations, the space conceived by the hegemonic actors was not able to fully impose itself on the contents and traditions produced by the lively space of the stadium, which manages to maintain its organic character, constituting an object of study in constant transformation.

Keywords: Maracanã. Stadium. Arena. Sports geography. Nomospace. Genospace.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Arena da Baixada recebendo a disputa do UFC 198 77
Foto 2 – Público vestido com capas de chuva, posicionado em frente ao palco do show da banda *Rolling Stones* no Maracanã 78
Foto 3 – Setorização atual e acessos do Estádio Jornalista Mário Filho 102
Foto 4 – Espaço de resistência 107
Foto 5 – Tem uma escola no meio do caminho 109
Foto 6 – Painéis com recordações de glórias passadas do atletismo brasileiro em meio a um cenário de abandono 111
Foto 7 – Estádio de Atletismo Célio de Barros: forma com funções descaracterizadas 112
Foto 8 – Parque Aquático Julio Delamare: reformado e abandonado 114
Foto 9 – Parte da área do Parque Aquático Júlio Delamare 115
Foto 10 – Parque da Bola 117
Foto 11 – Festa promovida pela torcida do Vasco da Gama no momento da entrada dos atletas cruzmaltinos 145
Foto 12 – Torcedora cobrando comportamento ativo do movimento *Guerreiros do* Almirante 163
Foto 13 – Torcedores históricos da TOV 164
Foto 14 – Presença da Torcida *Rasta do Vasco* nos estádios do Maracanã ("bandeirões Bob Marley e Pedrinho), Nilton Santos (venda de material) e São Januário (bandeira da Jamaica) 166
Foto 15 – Bandeira *Fogoró – Alambique Jamaica* e suas múltiplas identificações 167
Foto 16 – Contraste entre o controle imposto ao uso dos assentos pelos torcedores avulsos do nível 1 com a livre refuncionalização permitida nos níveis 2 e 5 168
Foto 17 – Bandeira em homenagem à memória de Marcelo Mendonça (He-Man) com as iniciais da Força Jovem do Vasco (em destaque na elipse desenhada) 186
Foto 18 – União de diferentes modos de torcer 188
Foto 19 – Satélites da *Young Flu* 189
Foto 20 – *Pós-geraldinos* rubro-negros no setor Norte inferior junto à mureta divisória com o gramado 191
Foto 21 – Coexistência pacífica entre *pós-geraldinos* e espectadores clássicos no setor Leste inferior 192

Foto 22 – Troca de ofensas entre torcedor organizado santista e defensores do território rubro-negros, posicionados no setor Sul superior 193
Foto 23 – Torcedores caricatos nos setores inferiores Norte e Sul 195
Foto 24 – Não torcedora: fotografar, postar e compartilhar sem *curtir* o jogo 198
Foto 25 – A "saga" dos irmãos Marcus Vinicius e Paula Katherine para homenagear a mãe na transmissão da Rede Globo 200
Foto 26 – Um clássico fora das quatro linhas..... 208
Foto 27 – O Bar e Lanchonete dos Esportes durante um dia comum e momentos antes do início de uma partida de futebol 209
Foto 28 – As múltiplas territorialidades do Bar e Lanchonete dos Esportes..... 210
Foto 29 – A atuação do circuito informal em diferentes momentos 215
Foto 30 – Longa fila formada para a troca das entradas compradas via internet para Vasco da Gama x Joinville uma hora antes do início da partida..... 219
Foto 31 – Ocupação do setor Norte pelos torcedores do Vasco da Gama durante a partida..... 220
Foto 32 – Fila para a compra de ingressos para a partida Flamengo x Boavista 222
Foto 33 – Visão interna do estádio com diversos setores fechados..... 223
Foto 34 – Policial do GEPE confere a entrada de material de torcedores do Fluminense antes do início do clássico contra o Flamengo..... 225
Foto 35 – Atuação de funcionários contratados por empresas de prestação de serviços 228
Foto 36 – Telão reproduzindo a programação visual do antigo placar eletrônico do Estádio..... 232
Foto 37 – Distribuição da torcida do Vasco da Gama pelos setores Sul superior e inferior 234
Foto 38 – Fanáticos cruzmaltinos invasores do território alvinegro 236
Foto 39 – Parte do arsenal simbólico relacionado exclusivamente ao clássico Flamengo x Vasco da Gama..... 238
Foto 40 – Mosaicos da torcida do Fluminense, em 2013, e do Vasco da Gama, em 2015: estratégias para marcar território 241
Foto 41 – Provocações de torcedores do Vasco da Gama dirigidas ao Fluminense 244
Foto 42 – Plateia de perfil familiar assiste de maneira comportada à partida Flamengo x Figueirense 248
Foto 43 – Duelo em três atos: *steward* x *pós-geraldinos* 251

Foto 44 – Corredores do nível 2 apropriados pela festa protagonizada pelos MOTs 256
Foto 45 – Diferentes modos de celebração protagonizadas pelos MOTs nos corredores do nível 2 258
Foto 46 – Uma nova forma de comemoração..... 261
Foto 47 – Cartaz exibido por uma jovem torcedora após a vitória do Flamengo sobre o Atlético Paranaense em provocação ao rival Vasco da Gama..... 262
Foto 48 – O estádio resiste como espaço de protesto 263
Foto 49 – Componentes da *Urubuzada* pedindo para que torcedores avulsos permanecessem em silêncio como forma de protesto 265
Foto 50 – Eu canto, eu protesto, eu filmo! 266
Foto 51 – Torcedores avulsos alheios à partida acompanham a festa-protesto promovida pelos MOTs rubro-negros 267
Foto 52 – *Shopping center*? Setor Leste inferior pouco antes do início do clássico Fla-Flu 273
Foto 53 – Praça de Alimentação do setor Maracanã Mais 274
Foto 54 – Serviço de identificação do público no saguão de entrada setor Maracanã Mais 275
Foto 55 – Poucos metros a separar décadas de culturas torcedoras distintas 277
Foto 56 – Quando o interesse pelo futebol virtual supera o real 278
Foto 57 – Senta!..... 281
Foto 58 – Onde estão a bola e o respeito ao Padrão-FIFA? 284
Foto 59 – Incômodos causados pela luz solar aos frequentadores dos setores Leste superior e inferior 285
Foto 60 – Camarotes do setor Leste: formas sem função..... 288
Foto 61 – As duas maiores torcidas do Brasil e as áreas ociosas do Maracanã 295
Foto 62 – Cupons promocionais do jornal Extra..... 296
Foto 63 – Pontos cegos encontrados nos setores Norte superior e Maracanã Mais 298
Foto 64 – Parte externa do Maracanã uma hora antes do início da partida..... 305
Foto 65 – Ação policial concentrada apenas em um dos lados da divisa entre torcedores corinthianos e avulsos rubro-negros do setor Sul 308
Foto 66 – Chegada de policiais acompanhados de cachorros da raça pastor alemão pouco antes do término da partida 310

Foto 67 – Cartaz colado no muro do Estádio Célio de Barros contestando a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro 314
Foto 68 – Cadeiras cativas/perpétuas retiradas e um dos telões apagados 315
Foto 69 – Conflito entre diferentes modos de torcer no setor Oeste inferior 317
Foto 70 – Mosaico exibido no setor Norte 319
Foto 71 – *Steward* retirando torcedores que insistiam em permanecer de pé numa porção do setor Leste inferior 321
Foto 72 – Torcedores retornando para o setor Norte superior após a comemoração do primeiro gol do Flamengo 322
Foto 73 – Torcedores no setor Leste superior celebrando durante a partida, apoiados na grade divisória, voltados para a barra *Nação 12* 323
Foto 74 – Torcedores no setor Leste superior reproduzindo o modo de assistir à partida da porção Norte superior apesar da proximidade com os *stewards* 324
Foto 75 – Espectadores do setor Leste superior posicionados junto à divisa com o setor Sul superior 325
Foto 76 – Torcedores preferindo a “arquibancada” às cadeiras 326
Foto 77 – Ingressos utilizados 418

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Modelo de John Bale com a evolução dos espaços destinados à prática do futebol 59
Imagem 2 – Vista aérea do bairro do Maracanã, com destaque para o Estádio Jornalista Mário Filho e o complexo poliesportivo localizado em seu entorno 86
Imagem 3 – Artigo 30 do Projeto de Viabilidade para a privatização do Maracanã 93
Imagem 4 – Vista aérea do Complexo do Maracanã..... 94
Imagem 5 – Parte do Novo Complexo de Entretenimento do Maracanã sem o Estádio de Atletismo Célio de Barros 95
Imagem 6 – Projeto para a construção de quadras anexas ao Ginásio Gilberto Cardoso em lugar da Escola Friedenreich 96
Imagem 7 – Área ocupada pelo Museu do Índio no entorno do Complexo do Maracanã .. 106
Imagem 8 – Localização do Estádio de Atletismo Célio de Barros no Complexo do Maracanã 110
Imagem 9 – Localização do Parque Aquático Julio Delamare no Complexo Poliesportivo do Maracanã 113
Imagem 10 – Setores inferiores Norte e Sul 246
Imagem 11 – Setores superiores Norte e Sul 252
Imagem 12 – Setores mistos analisados durante a fase de observações..... 269
Imagem 13 – Camarotes Leste e Oeste 272

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Maiores porcentagens de gratuidades durante o período de observações 230
Tabela 2 – Menores porcentagens de gratuidades durante o período de observações 231
Tabela 3 – Maiores e menores porcentagens de gratuidades nos clássicos cariocas 233
Tabela 4 – Evolução dos preços dos ingressos mais baratos em comparação com o salário mínimo (1999 – 2016) 289
Tabela 5 – Evolução das médias de público e das taxas de ocupação no Maracanã (2013 – 2015) 291
Tabela 6 – Comparativo de preços dos ingressos cobrados no Brasil e na Alemanha 292
Tabela 7 – Presença de torcedores corinthianos no Maracanã (2015 e 2016) 311
Tabela 8 – Participação relativa de sócios-torcedores do Flamengo em 2016 327
Tabela 9 – Participação relativa de sócios-torcedores no setor Norte 328
Tabela 10 – Participação relativa de sócios-torcedores nos demais setores do Estádio..... 328
Tabela 11 – Comparação dos valores cobrados para torcedores avulsos e sócios-torcedores para as três partidas finais do Flamengo no Maracanã, em 2016 329
Tabela 12 – Características dos Estádios/Arenas construídos ou reformados para a Copa do Mundo de 2014 414
Tabela 13 – Jogos assistidos (2015 e 2016) 415

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ANATORG	Associação Nacional de Torcidas Organizadas
ASTORJ	Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro
ATOESP	Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior
CBAt	Confederação Brasileira de Atletismo
CBDA	Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPG	Conselho Nacional de Procuradores-Gerais
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CO-RIO 2016	Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos 2016
CPDOC-FGV	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CSM	*Chime Sports Marketing*
EDT	Estatuto do Torcedor
FERJ	Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIFA	*Fédération Internationale de Football Association*
FJB	Fúria Jovem do Botafogo
FJV	Força Jovem do Vasco
FTORJ	Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GDA	Guerreiros do Almirante
GEPE	Grupamento Especial de Policiamento em Estádios
GM	Guarda Municipal
IBC	Instituto Benjamin Constant
IDERio	Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro
Inepac	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LEED	*Leadership in Energy and Environmental Design*
LUDENS	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas
MLS	*Major League Soccer*
MOT	Movimento Organizado de Torcedores
MPF	Ministério Público Federal
MPRJ	Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro
PPGEO-UERJ	Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
PPP	Parceria Público-Privada
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RRN	Raça Rubro-Negra
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SME-RJ	Secretaria Municipal de Educação
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
SUDERJ	Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TJB	Torcida Jovem do Botafogo
TJF	Torcida Jovem do Flamengo ou Torcida Jovem Fla
TOB	Torcida Organizada do Botafogo
TOF	Torcida Organizada do Fluminense
TOV	Torcida Organizada do Vasco
TYF	Torcida Young Flu
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
VIP	*Very Important Person*
VVIP	*Very Very Important Person*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 20
1 **GEOGRAFICIZANDO OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL** 38
1.1 **Geografia e estádios** 39
1.1.1 Nomoespaço x Genoespaço: uma proposta 45
1.1.2 Verticalidades x Horizontalidades 49
1.2 **A origem do esporte e os primeiros estádios** 51
1.3 **A (re)evolução dos estádios e o modelo de John Bale** 58
1.3.1 O estádio-prisão 65
1.3.2 Os estádios pós-relatório Taylor 69
1.3.3 Arena-Tradium 70
1.4 **Os estádios padrão-FIFA** 73
1.5 **Estádio ou arena?** 75
2 **MARACANÃ: DE CENTRALIDADE POPULAR A ARENA PARA A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO** 80
2.1 **Contexto inicial e escolha do local: surge o "estádio das massas"** 81
2.2 **Integração do complexo do maracanã com o bairro e a cidade: a consolidação de sua centralidade popular** 85
2.3 **O processo de elitização do Maracanã: um debate polêmico** 90
2.4 **A nova arena** 99
2.5 **As áreas adormecidas** 104
2.5.1 O Museu do Índio 105
2.5.2 A Escola Municipal Friedenreich 108
2.5.3 O estádio de atletismo Célio de Barros 110
2.5.4 O Parque Aquático Júlio Delamare 113
2.5.4.1 O Parque da Bola (e do lucro sem bola) 115
3 **O TORCEDOR E AS TORCIDAS: ATORES E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS** 120
3.1 **O torcedor** 120
3.2 **O torcedor, a torcida e o templo** 127
3.3 **O torcedor e o Maracanã** 130

3.4 **Da carnavalização à criminalização: o antigo Maracanã como um ambiente de exclusão** 132
3.4.1 O processo de juvenilização das torcidas organizadas 133
3.4.2 A presença feminina nos estádios 134
3.4.3 As torcidas *gays* 139
3.5 **Torcedor x espectador** 144
3.6 **A coexistência entre antigas e novas formas de torcer: o novo Maracanã e o torcedor** 147
3.6.1 As torcidas organizadas: os novos indesejáveis 147
3.6.2 Os movimentos populares 154
3.6.3 Expressões alternativas de torcer 157
3.6.3.1 Expressões alternativas tradicionais: torcidas locais e torcidas femininas 157
3.6.3.2 Expressões alternativas emergentes: torcidas *chopp* e torcidas *rastas* 159
3.6.4 Os Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs) 161
3.7 **A arena e a atomização do torcedor** 170
3.7.1 O torcedor avulso 172
3.8 **O sócio-torcedor** 174
3.9 **Os movimentos contra-hegemônicos e as tentativas de repopularização dos estádios** 176
3.10 **Em busca de uma taxonomia torcedora para o novo Maracanã** 179
3.10.1 Artistas x Atores: identidades permanentes x identidades transitórias 182
3.10.2 O Torcedor-Artista 183
3.10.2.1 Os torcedores coletivizados 184
3.10.2.2 Os satélites 188
3.10.2.3 O pós-geraldino 190
3.10.2.4 Os defensores do território 193
3.10.2.5 Os torcedores caricatos 194
3.10.3 Os espectadores clássicos 196
3.10.4 Os espectadores-atores/não torcedores 197
4 **MAPEANDO OS USOS DO ESTÁDIO E SUAS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES** 202
4.1 **O complexo do Maracanã e arredores** 205
4.1.1 O muro da discórdia 206
4.1.2 O Bar e Lanchonete dos Esportes 208

4.1.3 A atuação dos trabalhadores informais 212
4.1.4 A compra de ingressos 216
4.1.5 O acesso ao Estádio 224
4.1.6 A equipe do consórcio e os quadros terceirizados 226
4.2 **Os clássicos** 230
4.2.1 Flamengo X Vasco da Gama: ecos do "velho" Maracanã 236
4.2.2 Vasco da Gama X Fluminense: o direito ao lado direito 239
4.3 **Setores inferiores Norte e Sul: áreas familiares** 245
4.4 **Setores superiores Norte e Sul: resistência e consentimento** 252
4.4.1 Os espaços de festa 253
4.4.2 Os espaços de contestação 262
4.5 **Os setores mistos e a terceirização do ato de torcer** 268
4.6 **As áreas ociosas e a elitização incompleta/relativa** 286
4.7 **A ação do GEPE e a torcida visitante** 297
4.7.1 Flamengo 2x2 Corinthians: uma sucessão de equívocos 303
4.8 **O fim dos setores mistos e a subversão da ordem no Maracanã pós-olímpico** 313
CONSIDERAÇÕES FINAIS 330
REFERÊNCIAS 341
APÊNDICE A – Resumos dos jogos observados no Maracanã 352
APÊNDICE B – Estádios/Arenas utilizados na Copa do Mundo de 2014 414
APÊNDICE C – Todos os jogos estudados 415
APÊNDICE D – Ingressos dos 51 jogos 418
ANEXO A – Súmulas consultadas 419
ANEXO B – Sites consultados 432

INTRODUÇÃO

> ESTÁDIO barulho vida torcida bandeira grito pulo canto provocação uuuhhh ei juiz vai tomar no cu picolé cerveja amendoim bilheteria ingresso de papel pra guardar jornal pra forrar o assento na arquibancada de concreto copo de mijo na cabeça confusão briga pm dando cacetada em todo mundo corre-corre dá pra apertar mais um pouquinho pra gente sentar eu e meu filho pequeno moça de shortinho coro de piranha aquele frio na barriga quando o time entrava em campo e o desfile das bandeiras das organizadas bem antes de começar o jogo pergunta pro cara de radinho se o Adílio vai jogar hoje tá machucado puta que pariu mãos levantadas girando na hora da falta daí ele não perde é meio gol caralho hoje tá difícil ó meu mengão eu gosto de você subir a rampa vendo o povo na maior alegria domingo é dia de Maraca pô esse mate tá caro o banheiro de laguinhos de urina se sentir coberto pelo bandeirão enfunado por mãos e esperanças passa essa bola porra esse cara não tem bola pra jogar no Flamengo quebra ele não deixa passar queremos raça lá fora laranjas descascadas pra vender comprar faixa antes de ganhar dá azar foi pênalti todo mundo viu que foi menos ele esse filho da puta o time tá jogando errado tu é pé frio ô da cerveja esse cara é surdo chora não filho nós vamos virar esse jogo
> STUDIO silêncio morte seja sócio torcedor compre pela internet Brasileirão virou Chevrolet Libertadores Bridgestone torcedor educado sentado e calado Itaú Banco do Brasil Caixa Econômica compre uma camisa no intervalo que tal ser premium no Engenhão não dá pra ver a linha do gol mas dá pra ver as placas de publicidade Brahma Antactica (sic) Skol Devassa Proibida Gelada Heineken o gramado tá ruim teve show de rock semana passada desconto na camisa oficial só 189 torcedor de verdade ajuda o clube do coração paixão loucura comprando à vista ou à prazo no cartão Visa Mastercard American Express Elo que maravilha ter as famílias de volta pena que elas não vieram deve ser porque o jogo é dez horas da noite ou tá fazendo frio ou muito calor Voe pela TAM GOL AZUL você acumula pontos e ganha desconto no supermercado apoia o seu clube e faz economia Gatorade Coca-Cola Guaravita caramba parece um bando de turistas ninguém sabe cantar nada só esse restinho da organizada que tá sem bandeira cumprindo punição Kia Ford Fiat Hyundai televisão filma só o pedacinho que tem gente coloca microfone perto e aumenta o volume bem vindos à emoção virtual até o gol vai ser decidido pela televisão afinal a tabela e o regulamento já são e clubes já são bancados por ela o gol é apenas um detalhe[1]

A crônica visceral de Marcos Alvito confronta os principais elementos distintivos encontrados entre o estádio tradicional, marcado pela desordem e expressões de solidariedade, e o studio arenizado, caracterizado pela busca de um ordenamento e pelo respeito ao direito do indivíduo em consumir o produto futebol. O autor posiciona-se francamente favorável às antigas estruturas, exaltando seu caráter popular e multifacetado. Nelas, conviviam cantos e coreografias não ensaiadas, expressões individuais e coletivas que se repetiam e, em razão da paixão irracional gerada naqueles espaços, acabavam alçadas à categoria de "rituais" no sentido proposto por Bromberger (1995a). Destaca também sua função como local onde era permitido exteriorizar comportamentos reprováveis no ambiente familiar e/ou no meio social,

[1] Fonte: http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/estadio-studio-ou-o-gol-e-apenas-um-detalhe/ Acesso em 1 de julho de 2016.

adquirir produtos de consumo imediato e, por vezes, de procedência duvidosa. Ao mesmo tempo, procura também amenizar a imagem associada à existência de territórios hostis, com potencial topofóbico para diferentes grupos (mulheres, homossexuais, agrupamentos familiares), desconfortável, sujo, carregado de odores desagradáveis.

Nesse contexto, insere-se o studio, termo utilizado pelo autor para nomear a arena, cuja terminologia pode ser encontrada desde o Império Romano, resgatada nas últimas décadas como elemento distintivo em relação às antigas estruturas. Seu ressurgimento coaduna-se com a nova orientação mercantilista do esporte, relacionada à transformação da paixão torcedora em *commodity*, utilizando a adequação sugerida por John Bale (1993) para o campo esportivo sobre a proposição lefèbvreana, voltada ao espaço como um todo. Para que tal lógica se impusesse, fazia-se necessária a substituição da plateia com a troca do torcedor tradicional, com forte participação entre as classes populares que, não raro, exprimia comportamentos exacerbados, pelo torcedor-consumidor de maior poder aquisitivo, passivo no comportamento e ativo no consumo, disposto a obedecer ao receituário imposto aos ambientes ressignificados. Os novos espaços construídos, ou mesmo os antigos estádios remodelados, procuraram eliminar ou reduzir substancialmente os setores frequentados pelas classes populares, provocando o afluxo de grupos historicamente excluídos, combinado a uma desterritorialização do torcedor menos afortunado.

Deslocando a análise para o Estádio Mario Filho, nosso objeto de estudo, há mais de seis décadas, ele constitui um ícone cultural e arquitetônico nacional que transcende à sua forma-função original, consagrada a abrigar multidões que acorriam às partidas de futebol. Sua magnitude concreto-simbólica possui um caráter multiescalar bastante peculiar, construído por meio do consenso, tanto na escala local, como referencial concreto para os moradores e frequentadores habituais do bairro homônimo posteriormente delimitado e edificado ao seu redor, quanto na global, como um emblemático templo consagrado à prática esportiva.

No plano interno, destaca-se na paisagem do tecido urbano carioca em razão de sua centralidade preexistente, acentuada e consolidada após a inauguração de uma estrutura marcada pelo gigantismo. Sua relação com o cidadão carioca é anterior àquela construída com o torcedor, haja vista os acalorados debates acerca da escolha do local de sua construção e da forma de financiamento necessária para uma obra de tamanha monta. A posterior edificação de novas instalações destinadas ao desporto de alto rendimento (que passaram a abrigar projetos sociais); de uma escola pública de excelência; e de uma ciclovia que circunda o seu entorno ampliou os usos possíveis para todo o complexo esportivo-educacional e de lazer. Seu

caráter multifuncional, acentuado a partir dos anos 1980, serviu para que um espaço originalmente dedicado à prática do futebol sofresse apropriações temporárias por parte de indivíduos pouco ou nada afeitos ao esporte, construindo ou estreitando, por vias distintas, os vínculos afetivos de uma significativa parcela da população com o estádio.

O fato de ter abrigado os maiores públicos da história do futebol, duas finais de Copas do Mundo, e cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos certamente contribuiu para a construção da mística que o envolve. Entretanto, foi o Maracanã do uso cotidiano, apropriado por torcedores de diferentes equipes e selecionados, além de eventos diversificados, que consolidou a inserção do estádio no espaço urbano local e como símbolo nacional, cuja importância transcende em muito ao futebol. De certa forma, é possível destacar, em razão da maneira como foi concebido e, posteriormente, vivido, o (involuntário) caráter vanguardista do estádio, compreendido como um equipamento dotado de uma arquitetura icônica, resultante de uma parceria público-privada, muito antes de esses termos entrarem em voga. Em razão de suas diferentes apropriações, raros são os cidadãos residentes na metrópole fluminense desprovidos de qualquer vínculo simbólico com o principal referencial concreto da zona norte carioca.

De minha parte, a relação efetiva com o estádio de futebol teve início em março de 1983[2]. Antes de completar dez anos de idade, com a identidade clubística plenamente consolidada, pude assistir à minha primeira partida. Levado por um adulto, torcedor do Botafogo, amigo da família, e em companhia de meu irmão (adepto do Flamengo), assistimos a Fluminense 1x0 Corinthians. Naquela ocasião, a atração exercida pelo estádio se sobrepôs à paixão clubística inexistente em qualquer um de nós. As lembranças do campo de jogo se resumem a detalhes "exóticos" relacionados ao equipamento utilizado por dois atletas corinthianos: a blusa vestida pelo goleiro Leão, composta por listras horizontais em branco e preto, e as chuteiras brancas do atacante Casagrande, algo incomum para a época. Como principais recordações, a festa protagonizada pela torcida mandante, com destaque para o agrupamento *Young Flu*, e a algazarra sadia promovida, dentro do coletivo da linha 464, por torcedores avulsos extasiados com o triunfo.

---

[2] Como grande parte da geração nascida na década de 1970, não foi o futebol que me apresentou ao Maracanã, mas sim a festa promovida pelo jornal carioca *O Globo* para marcar a chegada de Papai Noel. Entretanto, minha principal lembrança acerca do evento que, em razão do perfil da plateia composta, em grande parte, por crianças e mulheres, talvez tenha registrado extraoficialmente alguns dos maiores públicos da história do estádio (as edições impressas do dia seguinte aludiam à presença de 250.000 pessoas), relaciona-se à disputa de penalidades opondo os dois principais ídolos de então: Roberto Dinamite e Zico, coadjuvados pelos arqueiros Mazarópi e Cantarele. Corria o ano de 1981 e, em razão do caráter festivo do evento, a contenda terminou empatada.

Apenas em novembro do ano seguinte, pude assistir pela primeira vez a uma partida com o componente da paixão torcedora. Não por acaso, o adversário escolhido fora o Botafogo, em razão das relações amistosas historicamente estabelecidas entre seus torcedores e os adeptos do Vasco da Gama. Acompanhado de meu pai, um imigrante português pouco afeito ao futebol, segui para o Maracanã munido de alguns metros de papel higiênico enrolado no bolso da bermuda com a ingênua intenção de arremessá-lo em direção ao gramado no momento da entrada da equipe e, dessa forma, mimetizar o ritual de entrada ao qual assistia pela televisão e contribuir, à minha maneira, para a festa.

Nessa ocasião emblemática, os elementos responsáveis pela construção da minha memória torcedora relacionam-se à impactante chegada às arquibancadas, acentuada pelo contraste da luz solar com a escuridão do corredor e do túnel de acesso, ao espetáculo visual promovido pelas bandeiras e pelo desenrolar das imensas serpentinas lançadas pelas torcidas organizadas, especialmente na entrada de cada equipe, em momentos distintos, e à experiência libertadora de emitir palavras de baixo calão, acompanhando o coro dos quase 90.000 espectadores presentes, sem o temor de ser repreendido pela figura paterna. Fascinava, também, durante a longa espera pelo início da partida, a leitura de variadas faixas que praticamente circundavam o anel superior do estádio com as denominações de inúmeros agrupamentos torcedores das mais diferentes origens etimológicas e toponímicas. Após a partida, mesmo com o triunfo, a carteira furtada junto à roleta de acesso ao ônibus e os transtornos subsequentes fizeram com que meu pai jurasse nunca mais retornar a um estádio, adiando o estreitamento de minha relação com o Maracanã para o período da adolescência.

Nessa época, em partidas da seleção brasileira, testemunhei, em condições similares às descritas por Marcos Alvito, o estádio abrigar públicos próximos aos 150.000 presentes. Ao longo das duas décadas seguintes, acompanhei várias intervenções que, em nome da segurança e de melhores condições de conforto, reduziram progressivamente a lotação máxima permitida.

A presente década reservou para o Brasil, num curto intervalo de tempo, a realização dos dois mais importantes espetáculos esportivos da atualidade: a Copa do Mundo de Futebol Masculino, em 2014[3], e os Jogos Olímpicos de Verão, sediados na cidade do Rio de Janeiro[4],

[3] No total, doze cidades abrigaram as 64 partidas daquela competição.
[4] Em 2007, coube também à metrópole fluminense a missão de organizar os Jogos Pan-Americanos, principal competição esportiva do continente.

em 2016[5]. Os eventos em questão têm em comum (além dos vultosos gastos, bancados majoritariamente com recursos públicos) a utilização do Estádio do Maracanã como palco principal, ao qual foram reservados os momentos de maior visibilidade: a partida final da Copa do Mundo[6] e as cerimônias de abertura e de encerramento das Olimpíadas. Para adequá-lo ao padrão exigido para a realização de eventos de tamanha magnitude, esse equipamento esportivo passou por uma grande reforma com ares de reconstrução, que alcançou a cifra aproximada de R$ 1,2 bilhão. Vale lembrar que o propósito inicial da construção do, outrora, maior estádio do mundo remonta à sua utilização como principal ícone da Copa do Mundo de Futebol de 1950, ponto de partida da sua relação com o torcedor[7].

Por ocasião da Copa das Confederações[8], em 2013, pude conhecer o Maracanã em sua versão arenizada. Acompanhado de um casal amigo, frequentadores habituais, assisti ao embate entre as lamúrias de Paulo Cezar acerca do que classificara como um "crime", a "morte" do "velho" Maracanã, e os elogios de Fernanda, ressaltando a beleza da obra, o conforto dos assentos e a limpeza impecável do recinto. Para além dessa discussão, o que se via era um equipamento que, apesar da manutenção das linhas originais da fachada, apresentava o espaço interno completamente remodelado ou descaracterizado (dependendo do ponto de vista).

Já matriculado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO-UERJ), com o tema da tese ainda em fase de amadurecimento[9], refleti que, concluída a reforma/reconstrução, o antigo estádio restava apenas na memória do torcedor e nos registros históricos das diferentes mídias. Por sua vez, especialmente durante o período entre os dois megaeventos, pude notar que, no estádio das práticas cotidianas, a imposição desse novo modelo pretendido não vinha sendo integralmente acompanhada por um novo modo de torcer desejado pelos atores hegemônicos. O processo de

---

[5] Logo após os Jogos Olímpicos, assistimos à disputa dos Jogos Paralímpicos. No entanto, apesar de também receberem atletas de grande parte do mundo, não os consideraremos como um megaevento visto que, além do apelo midiático consideravelmente menor, os recursos envolvidos especificamente na sua organização são mínimos, aproveitando-se basicamente da estrutura herdada do megaevento recém-concluído.

[6] O jogo de abertura da Copa do Mundo de 2014 foi realizado na cidade de São Paulo, no novo estádio do Sport Club Corinthians Paulista, localizado no bairro de Itaquera, zona leste da cidade.

[7] Apesar de a denominação permanecer inalterada, não é possível compreender a Copa do Mundo de 1950 como um megaevento devido à imensa distância no que tange à evolução dos números e cifras alcançados pelo torneio no decorrer de um período superior a seis décadas.

[8] O jogo em questão, realizado no dia 20 de junho de 2013, opôs a seleção da Espanha, então campeã mundial e bicampeã europeia, à equipe do Taiti. O placar final, 10x0 para a equipe espanhola.

[9] A princípio planejava escrever sobre a inserção do "novo" Maracanã nos megaeventos esportivos a serem sediados por ele e a sua nova configuração como parte de uma estratégia de consolidação da imagem de um novo Brasil (repetindo o que ocorrera em 1950).

encadeiramento pleno[10], aliado ao que chamaremos adiante de sua hipersetorização, ao avanço da política de aumento dos valores cobrados pelos ingressos acima do índice de inflação e à introdução de equipamentos e agentes de vigilância, implicaria novos usos para aquele espaço originalmente concebido para abrigar todas as classes sociais, mesmo que em espaços segregados.

A resistência empreendida por grupos de torcedores avulsos e organizados, dotados de uma cultura torcedora construída ao longo de décadas, forjada no cimento do antigo estádio, indicava que o novo padrão almejado não conseguiria se impor facilmente. A presença de público considerada inferior à calculada nas planilhas e nos planejamentos elaborados pelos dirigentes e administradores do Consórcio Maracanã S.A., responsável pela administração daquela área, também contribuiu para que a "troca" da plateia não obtivesse êxito imediato. Ao mesmo tempo, era possível notar a maior afluência de grupos há décadas excluídos do antigo estádio e que, em determinadas porções da arena, parecia haver uma anuência de um significativo número de espectadores em obedecer às regras existentes. Com base nessas observações, percebi que o debate principal deveria seguir em direção ao entendimento de como a "arena" passaria a ser apropriada pelo público.

Na esteira aberta por Mascarenhas (2013a), para analisar a atual rodada de modernização do nosso parque de estádios, partimos da hipótese de que estaria em curso no Maracanã um processo de apropriação e reapropriação desse espaço monumental por parte de seus frequentadores (novos e antigos). Tal processo daria origem à formação de diferentes territorialidades (igualmente novas e antigas), fruto de uma tensão contínua (existente desde a sua inauguração, em 1950), resultante do embate e da articulação entre o que Milton Santos (2006) chama de verticalidades e horizontalidades.

Entendendo o Maracanã como um espaço concebido para a prática do futebol, a presente tese tem como objetivo principal compreender de que maneiras o novo estádio, após a sua reforma/reconstrução e a entrega da administração a um consórcio privado (que procura impor um novo padrão de comportamento associando-o a um espaço de consumo), vem sendo apropriado pelo público que o frequenta, e as diferentes territorialidades a ele associadas.

Como objetivos específicos, podemos destacar:

a) Analisar o processo de transformação do Maracanã, de um estádio concebido para abrigar as massas, dotado de uma centralidade popular e de

[10] Após a substituição do antigo setor popularmente conhecido como Geral por um prolongamento das chamadas cadeiras azuis durante a reforma 2005 – 2007, restava ainda uma porção das antigas arquibancadas ocupadas por dois subsetores posicionados atrás de cada baliza, onde os assentos não possuíam apoio para as costas.

uma alma própria, numa arena (a princípio) neutra, similar a tantas outras espalhadas pelo planeta, ápice de uma arquitetura que visa atender apenas ao espectador passivo, característico da sociedade do espetáculo;

b) Investigar como as recentes e radicais intervenções sofridas pelo Maracanã refletiram um contexto no qual a atração de megaeventos é utilizada como pretexto para alavancar a promoção de políticas públicas excludentes, que beneficiam apenas a determinados grupos privilegiados em detrimento dos interesses da coletividade;

c) Resgatar a evolução dos diferentes modos de torcer nos estádios de futebol desde o início do século passado até o ano de 2011, quando do fechamento do Maracanã para as obras que visavam adequá-lo ao modelo de estádio desejado para a realização dos dois principais megaeventos esportivos da atualidade;

d) Identificar os principais grupos de torcedores que compõem o ambiente do novo Maracanã pós-Copa do Mundo, as subdivisões a eles associadas e suas diferentes formas de apropriação concretas e simbólicas, contrapondo os antigos e novos modos de torcer.

Por se tratar de uma tese diretamente relacionada à geografia dos esportes, três autores serão de fundamental importância para a elaboração do texto: Gilmar Mascarenhas, Christopher Gaffney e John Bale, sendo que este último aparecerá com maior relevância somente no primeiro capítulo, a partir da análise do modelo de evolução dos espaços destinados à prática do futebol, dividido em quatro estágios, presente em seu livro *Sport, Space and the City*. Sobre Mascarenhas e Gaffney, seus textos terão papel de destaque ao longo de todo trabalho uma vez que a produção de ambos, ao mesmo tempo em que trata dos estádios de futebol como um todo, discute, sob o viés da geografia crítica, o Estádio do Maracanã, sua transformação de espaço de festa em espaço disciplinar e os processos de inclusão/exclusão relacionados ao público que o frequenta/frequentava. Entre tantas fontes de consulta, poderíamos citar *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, lançada pelo supracitado geógrafo brasileiro em 2014; *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires* (2008), fruto da tese de doutorado defendida pelo geógrafo estadunidense; e a produção conjunta *O estádio de futebol como espaço disciplinar*, que, mesmo escrita em 2004, parece antecipar os conflitos vividos no principal estádio brasileiro na década seguinte.

Ainda a respeito da obra de Mascarenhas, cabe ressaltar o seu pioneirismo também em incluir a perspectiva crítica com viés marxista ao estudo da geografia dos esportes. Com isso, abriu-se um novo campo de investigações no qual o estádio reflete as mutações do espaço urbano e surge como arena desses conflitos. Nesse sentido, abordaremos de forma recorrente o texto *Não vai ter arena: futebol e direito à cidade,* no qual procura estabelecer, com base nas ideias de Lefèbvre acerca da produção do espaço urbano, uma crítica à emergência de um novo modelo importado, simbolizado pelas arenas como espaços de consumo (estádio-produto), que procura se impor aos equipamentos tradicionais, revestido de uma carga de usos simbólica e concreta, construída ao longo de décadas (estádio-obra), responsável por sua transformação em espaços de festa. Por esse caminho aberto é que perpassará a nossa pesquisa.

Para tratar do Maracanã, de seu entorno e das diferentes formas de apropriação identificadas, a discussão teórico-conceitual caminhou por duas vias paralelas. A primeira diz respeito ao espaço, com destaque para a tríade lefèbvreana *espaço concebido – espaço percebido – espaço vivido*, que, a nosso ver, apresenta uma potência explicativa que se coaduna com a nossa compreensão do estádio de futebol, visto como um espaço concebido pelos atores hegemônicos, percebido pela população e vivido pelos seus frequentadores. No plano da apropriação interna por parte do torcedor e seguindo uma linha similar, recorremos às noções de genoespaço e nomoespaço, desenvolvidas por Paulo Cesar da Costa Gomes e apresentadas por Gilmar Mascarenhas ao longo das disciplinas Cidade, Políticas e Usos; e Esporte e Território, entre os anos de 2013 e 2014, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO-UERJ). Compreendemos que as proposições de Gomes voltadas ao espaço urbano possam ser aplicadas ao Maracanã pós-reforma. Aplicar as noções de nomoespaço e genoespaço aos estádios de futebol, entendidos como microrrepresentações do espaço urbano, implica procurar compreender os conflitos que exprimem a relação entre as pessoas e os territórios onde vivem.

O segundo conceito apresentado diz respeito ao território, assim como à sua categoria associada (territorialidade) e ao processo denominado T – D – R (territorialização – desterritorialização – reterritorialização). Dessa forma, Robert Sack e, principalmente, Rogério Haesbaert, cuja obra há mais de duas décadas trabalha diretamente com o conceito de território, suas derivações e diferentes dimensões (concreta e simbólica), têm sido constantemente referenciados ao longo do processo de construção da presente tese, o que não exclui de forma alguma do debate pretendido a presença de outros autores. Por se tratar de um trabalho que destaca a formação de territorialidades concretas e simbólicas, utilizaremos a

classificação por áreas, abordada por Sack, como um dos elementos responsáveis para definir os locais nos quais são produzidas diferentes territorialidades no estádio e em seus arredores.

Podemos destacar o legado de Milton Santos, com sua concepção acerca do embate entre verticalidades (relacionadas aos atores hegemônicos) e horizontalidades (promovidas pelos atores hegemonizados), constantemente produzido e reproduzido no Maracanã. A tensão produzida por esse constante jogo de forças contribuiu para a manutenção momentânea de equipamentos condenados ao desmonte, que involuntariamente geraram áreas adormecidas, compreendidas como locais temporariamente ressignificados, com funções distintas à forma com a qual foram concebidos, à espera de um contexto favorável à concretização do projeto original. Ainda a respeito da produção acadêmica do geógrafo baiano, muito nos fascina perceber sua tripla concepção acerca da globalização (como *fábula*, *perversidade* e *possibilidade*). Podemos relacioná-la à atração de megaeventos esportivos e ao processo ligado à reforma/reconstrução do Maracanã e às perspectivas abertas em relação às diferentes formas de apropriação responsáveis pela produção da ambiência no icônico equipamento esportivo carioca.

No que concerne especificamente à figura do torcedor no estádio, a Gilmar Mascarenhas e Christopher Gaffney acrescentaremos novos e importantes nomes que serão convocados ao debate. Destacamos Bernardo Borges Buarque de Hollanda, cuja produção acadêmica serviu como fio condutor para o terceiro capítulo uma vez que uma parcela considerável de sua obra dedica-se ao estudo do Maracanã, tanto em sua configuração clássica (com arquibancadas de cimento sem assentos e subdivisões; cadeiras azuis; e o tradicional espaço da Geral) quanto com as diferentes transformações sofridas pela parte interna do estádio ao longo de inúmeras (e dispendiosas) reformas a partir do decênio final do século XX. Tais modificações afetaram, cada uma ao seu modo, as diversas formas de apropriação do estádio pelo torcedor e seu coletivo associado, a torcida, culminando com a sua recente transformação via reforma/reconstrução-privatização numa arena que se pretendia elitizada. Autores como Mauricio Murad, Luiz Henrique de Toledo, Richard Giulianotti, Gustavo Coelho e Antonio Holzmeister, entre outros, fortalecerão o nosso arsenal teórico e analítico.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos, elaborados de maneira que o leitor possa compreender a evolução histórica da forma-função dos estádios, associando-a à produção e reprodução de diferentes modos de se apropriar dessas estruturas concretas dotadas de forte conteúdo simbólico. Estas, por sua vez, refletem no seu caráter orgânico, os diferentes embates responsáveis pelo descompasso encontrado entre o espaço concebido e o espaço vivido.

O capítulo 1 pretende mostrar como os diferentes conceitos e temas associados à ciência geográfica podem contribuir para o estudo acerca dos estádios de futebol e a sua complexa e pouco estudada inserção no espaço urbano. Como afirmamos anteriormente, os rumos tomados pela presente pesquisa caminharam em direção a um maior destaque para a análise do espaço, de acordo com a concepção elaborada por Lefèbvre, em suas três dimensões; e do território, de sua categoria associada, a territorialidade, e do processo de territorialização – desterritorialização – reterritorialização. Uma vez que o Maracanã, em nossa perspectiva, contempla a totalidade do espaço lefèbvreano (espaço concebido, vivido e percebido), configurando-se também em um território do futebol, concreto e simbólico, podendo apresentar múltiplas territorialidades de caráter transitório (muitas delas sem relação alguma com o desporto, como, por exemplo, as apropriações sofridas pelo estádio durante um concerto musical ou mesmo durante uma celebração religiosa). Num segundo momento, elaboramos uma análise acerca da evolução dos espaços destinados à prática daquilo que, na modernidade, seria classificado como esporte, desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Reforçando o caráter geográfico que pretendemos dar à nossa análise, utilizaremos, como base para a parte final do capítulo, o modelo de quatro estágios, elaborado pelo geógrafo galês John Bale (1993), de evolução dos espaços destinados à prática do futebol moderno, assim como das inúmeras variações que o antecederam, relacionando-o ao contexto de cada época a ele associado.

O segundo capítulo estudará o Estádio Jornalista Mário Filho, inserido no Complexo Esportivo do Maracanã, composto também pelo ginásio poliesportivo Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), pelo Parque Aquático Júlio Delamare e pelo Estádio de Atletismo Célio de Barros, além da Escola Municipal Arthur Friedenreich. Investigaremos o contexto relacionado à escolha do local e à construção do maior estádio do planeta, além da relação construída com o bairro homônimo que o circunda, demostrando como a sua presença e das demais edificações de caráter esportivo e educacional, posteriormente erigidas, afetaram a produção do espaço urbano ao seu redor, possibilitando uma relação topofílica para os usuários e transeuntes. O foco da análise, entretanto, concentrar-se-á na compreensão de como o principal ícone arquitetônico do esporte brasileiro passou de um estádio concebido para abrigar as massas, lugar de festa, no sentido lefèbvreano, a uma arena elitizada, concebida e administrada para atender a um público que pouco tem a ver com o perfil característico do torcedor tradicional do futebol, verdadeiros *torcedores-consumidores* (MASCARENHAS, 2013a), característicos daquilo que Debord (2003) classifica como “sociedade do espetáculo”.

A mítica associada ao estádio não seria a mesma sem a tradicional carnavalização do espetáculo, de forte impacto sonoro-visual, promovida pelas torcidas, sua verdadeira alma. É exatamente sobre a figura do torcedor e dos diferentes modos de torcer construídos ao longo de décadas, ainda na era pré-Maracanã, seja nos acanhados *grounds* cariocas e niteroienses, seja em espaços dotados de relativa magnitude (casos dos tradicionais estádios das Laranjeiras e de São Januário), amplificados e multiplicados após a inauguração do novo espaço monumental da então capital federal, que concentraremos a nossa análise no terceiro capítulo. Dividiremos os torcedores em diferentes grupos, associados a formas coletivas e individuais/individualizantes[11] de torcer.

Outro raciocínio a ser desenvolvido ao longo dessa parte é a crítica à imagem amplamente difundida de que o antigo Maracanã caracterizava-se como um espaço plenamente democrático. Fato é que, nele, todas as classes sociais encontravam-se representadas (mesmo que segregadas). Entretanto, principalmente após o início do período de criminalização das torcidas organizadas, ainda na década de 1970, o espaço vivido pelo torcedor e percebido pela população (especialmente as arquibancadas e a Geral) transformou-se em um ambiente fortemente masculinizado, reflexo de uma sociedade machista, hostil à presença de grupos como os homossexuais e as mulheres desacompanhadas de uma figura do sexo masculino. Lançamos, então, a ideia de que o Maracanã atual, na qualidade de espaço concebido como arena elitizada, trocou o filtro da exclusão sociocultural (que continua atuante, se considerarmos as tentativas de sufocar alguns modos de torcer tradicionais) pelo da exclusão socioeconômica.

Numa etapa posterior, aprofundaremos a distinção proposta inicialmente por Mascarenhas & Gaffney (2004) entre a figura do torcedor (sujeito vibrante, que canta, grita, ofende, vaia e participa ativamente do espetáculo) e a do espectador (que adota uma postura contemplativa dentro do estádio, sem que isso, no entanto, implique necessariamente um menor amor ao clube do coração). A nova configuração dos estádios, via adoção do modelo *all-seater*, procura transformar o torcer em grupo em uma expressão individual, com a presença de "espectadores-células, massa atomizada, mais cliente que torcedor, cada vez mais controlado por medidas do economia (*sic*), polícia, e a manipulação do espaço dentro dos estádios" (MASCARENHAS & GAFFNEY, 2004, n.p). Faremos uso também das expressões

[11] Compreendemos a adoção do termo "individuais" como resultado de uma escolha do indivíduo de torcer pelo seu clube do coração, distante dos coletivos a ele associados, o que não impede que, caso assim deseje, venha a participar da festa das arquibancadas e demais dependências dos estádios. Já a expressão "individualizantes" está relacionada a um direcionamento ao ato de torcer como expressão individual, associada aos padrões arquitetônico e de comportamento impostos às novas arenas.

“artista” (como aquele que se sente como parte do espetáculo produzido nas dependências do estádio) e “ator”, indivíduo que comparece ao estádio sem que a partida de futebol seja o seu interesse primordial, preocupado em atuar como torcedor apenas em momentos específicos, tais como poses para registros fotográficos, imediatamente compartilhados (e curtidos) pelas redes sociais; ou quando tem sua imagem projetada nos telões de alta definição do estádio para que, num curtíssimo intervalo de tempo, passe da letargia à euforia. Como veremos, o “ator” no sentido que estamos propondo corresponderá à figura do não torcedor.

O foco do capítulo, entretanto, concentrar-se-á no período posterior à (re)inauguração do estádio em 2013 e, principalmente, no atual momento pós-Copa do Mundo de 2014. Concluído o megaevento que descaracterizou o interior da nossa principal praça de esportes, assiste-se a uma tensão contínua (que sempre existiu, porém, no momento atual, com uma maior intensidade), potencializada pelo embate entre as verticalidades (impostas pelos atores hegemônicos) e as horizontalidades (protagonizadas pelos atores hegemonizados), que resultará na produção de múltiplas territorialidades, novas e antigas, no interior do tradicional equipamento esportivo carioca. Para tal, estabelecemos uma taxonomia torcedora própria para o Maracanã inspirada na obra de Richard Giulianotti, resultante das observações empreendidas nas nossas cinquenta e uma visitas ao estádio. Procuramos identificá-los e caracterizá-los de acordo com o comportamento apresentado, associando, sempre que possível, à sua distribuição espacial. Vale a ressalva de que determinados tipos de torcedores podem ser encontrados em diferentes pontos, caso dos espectadores tradicionais (espectadores clássicos) e dos *espectadores-atores* ou *não torcedores*.

O quarto capítulo é o produto das observações realizadas ao longo das nossas idas a campo antes, durante e depois da realização das contendas no estádio no período compreendido entre fevereiro de 2015 e novembro de 2016. No total, estivemos presentes em cinquenta e uma partidas, sendo quarenta e duas em 2015 e nove no ano seguinte. O foco da análise, desta feita, recairá em identificar, com base no estudo desenvolvido anteriormente, os diversos padrões de comportamento produzidos e reproduzidos que resultam na formação de diferentes territorialidades torcedoras nas partes interna e externa do estádio.

A taxonomia torcedora estabelecida no capítulo anterior auxiliar-nos-á na caracterização dos diferentes setores, relacionando-os aos tipos de torcedores encontrados. Nas porções superiores Norte e Sul, onde o genoespaço se impõe ao nomoespaço, prevalecerão os espaços de festa que resistem (de forma consentida) como expressões de resistência ao novo modelo que se tentava impor. Cabe a ressalva de que algumas das principais torcidas organizadas cumpriram punições em razão do envolvimento em atos

violentos ocorridos em locais distantes do Maracanã. Por sua vez, a paixão exacerbada pode vir a transformar esses setores em espaços de protesto que, como veremos, inclui elementos relacionados à espetacularização associada às celebrações festivas.

Adiante, procuraremos estabelecer um questionamento acerca da existência de um processo de elitização em curso nos estádios. Não se trata de uma negação, mas sim a formulação de uma concepção que permita compreender que, no caso específico do Maracanã, sua nova configuração não implicou a apropriação de seus diferentes espaços por frequentadores de alto poder aquisitivo. A taxa de ociosidade média em torno de dois terços da capacidade total e a não comercialização dos camarotes do setor Leste, transformados em áreas ociosas estéreis, incapazes de produzir ou, pelo menos, reproduzir territorialidades, permitem identificar a existência de uma elitização incompleta. Ao mesmo tempo, a existência de mecanismos legais como as leis das meias-entradas e das gratuidades, além de práticas esporádicas como ações promocionais elaboradas pelos clubes ou pela iniciativa privada, permite que determinados arranjos em situações e locais específicos possam vir a frequentar o estádio. Trata-se então de uma elitização relativa. Pretendemos que essa análise colabore para a produção de futuros estudos dedicados à busca de um modelo que mantenha os benefícios percebidos por muitos frequentadores da arena, sem que isso implique uma desterritorialização do torcedor tradicional pertencente aos estratos socioeconômicos menos favorecidos.

Em relação ao método de pesquisa, buscamos adotar a perspectiva dialética, articulando, sempre que possível, a teoria à práxis uma vez que consideramos o Estádio Jornalista Mário Filho como (literalmente) uma arena na qual são produzidas, reproduzidas e representadas as tensões e contradições encontradas no espaço urbano, que resultam nas diferentes formas de apropriação (por parte de diferentes atores) sofridas atualmente pelo nosso equipamento esportivo mais importante, que devem ser compreendidas como reflexo de um contexto social amplo. A esse novo modelo de estádio que se pretende impor, Mascarenhas (2014a) classifica como “uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol” (p. 26).

Martins (1996), ao abordar o método dialético estruturado por Henri Lefèbvre, destaca que o autor francês parte de uma premissa voltada à existência de uma “totalidade aberta, inconclusa, em que as superações propõem novas contradições e novas tensões, a sociedade movendo-se e transformando-se todo o tempo” (p. 4). Estabelece também uma distinção entre *conceitos*, percebidos como “formais, fechados, negadores da dinâmica social que pretendem definir e descrever, antidialéticos e anti-históricos” (p. 4), e *noções*, compreendidas como

designações sociológicas responsáveis pela construção dessa dialética. Dentro dessa perspectiva, trabalharemos com a existência de um permanente jogo de forças marcado por embates existentes entre três oposições complementares: atores hegemônicos x atores hegemonizados; verticalidades x horizontalidades; nomoespaço x genoespaço.

A tensão produzida por esse contínuo jogo de forças reflete, por exemplo, na parte externa do complexo, onde sobrevivem momentaneamente os equipamentos condenados à demolição no projeto original de privatização. A permanência dessas formas somente foi possível em razão da articulação de movimentos populares que, aliados ao contexto político favorável, conseguiram reverter um processo compreendido como irreversível. Internamente, dedicar-nos-emos ao estudo de como em sua configuração atual, derivada da imposição de uma verticalidade denominada "Padrão FIFA", comportamentos compreendidos como inadequados resistam, ainda que confinados em setores pré-determinados, ou mesmo consigam se impor ocasionalmente.

Para a elaboração da tese, em razão da amplitude do tema, a metodologia empregada consistiu, num primeiro momento, na fase da pesquisa bibliográfica, utilizando como fontes de consulta: livros, imagens, depoimentos, reportagens de jornal, artigos acadêmicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e consulta a sítios da internet. Empreendemos a seguir uma análise de 202 borderôs de partidas nacionais e internacionais, realizadas no estádio entre 2013 e 2016, com a finalidade de elaborar as tabelas relacionadas à evolução dos quantitativos médios de público e do valor cobrado pelas entradas a fim de comprovarmos a existência (ou não) de um processo de elitização incompleta e/ou relativa. As planilhas montadas com o material compilado constarão da seção destinada aos anexos. O constante recurso a fontes de cunho jornalístico pode ser justificado pelo caráter atual da proposta apresentada, razão pela qual inexistia até o momento da redação final um número expressivo de trabalhos acadêmicos ou publicações formais a esse respeito.

Em função da proposta adotada de estudar as diferentes formas de apropriação encontradas no estádio, compreendemos como fundamental o comparecimento ao maior número possível de jogos. O entendimento inicial de que não existe um único modo de torcer no estádio e de que tanto o perfil quanto o comportamento do público dependem de uma série de variáveis (horário, dia da semana, grau de importância da partida, adversário, etc.) fez com que buscássemos não somente a observação *in loco* por diferentes setores, mas também em situações diversas. No total, foram quatro dias da semana[12] e nove horários diferentes

[12] Quarta-feira, quinta-feira, sábado e domingo.

investigados[13], distribuídos por seis competições oficiais[14] e uma partida de caráter amistoso.

Num primeiro momento, após um contato via *e-mail* com um dos responsáveis pelo Consórcio Maracanã S.A., explanando acerca da natureza do trabalho que procurávamos empreender[15], solicitamos uma credencial que permitisse o livre trânsito pelas dependências do estádio ao longo da fase de observações. A recusa implícita na falta de uma resposta fez com que optássemos por arcar com todos os custos relacionados à compra de ingressos, transporte e alimentação. O único (e importante) auxílio que obtivemos somente foi possível em razão da lei que regula o acesso por meio das meias-entradas, com a utilização da carteira de estudante do PPGEO-UERJ. O recurso a esse amparo legal também contribuiu para que desenvolvêssemos, posteriormente, a nossa ideia acerca da existência de um processo de elitização relativa (associado a uma elitização incompleta) em curso.

Paralelamente, com a intenção de dar voz aos diferentes atores envolvidos nesse processo, procuramos retomar o contato com pessoas ligadas direta ou indiretamente ao consórcio responsável pela administração do complexo. Em duas ocasiões, após uma abordagem preliminar estabelecida com um executivo, obtivemos a promessa de que nossas demandas, desta feita, relacionadas a questionamentos técnicos e à parte operacional do Maracanã, seriam encaminhadas para as instâncias responsáveis por responder aos nossos questionamentos. Numa oportunidade subsequente, próximo ao término da pesquisa de campo, buscamos novamente informações de caráter técnico com o responsável pela operacionalização do sistema de segurança terceirizada. Houve o pedido para que eu aguardasse alguns dias a fim de que eu pudesse ter acesso às informações solicitadas. Em todas as ocasiões, não obtivemos retorno. Apenas o escritório Fernandes Arquitetos Associados, responsável pelo projeto de arenização do Maracanã, respondeu com informações concretas as nossas solicitações acerca da capacidade total e por setores. Esses dados serão utilizados no capítulo final quando faremos uma análise qualitativa do material coletado[16].

---

[13] 11h, 15h30, 16h, 17h, 18h30, 19h, 19h30, 21h e 22h.

[14] Campeonato Estadual 2015 e 2016, Copa do Brasil 2015, Campeonato Brasileiro Série A 2015 e 2016 e Campeonato Brasileiro Série B 2016.

[15] Abordagem feita em conjunto com a mestranda Krycia Perni, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO-UERJ).

[16] Por razões pessoais, optei desde o início do presente trabalho por não concorrer à bolsa de doutorado ou auxílio financeiro por parte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ou de qualquer instituição de fomento. Da mesma forma, não solicitei afastamento temporário de minhas funções profissionais como professor de Geografia, num primeiro momento, na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME), na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) e nas Faculdades Vale do Carangola (FAVALE/UEMG) e, após aprovação em concurso público, no Instituto Benjamin Constant (IBC).

Mesmo sem a pretensão de estabelecer uma investigação etnográfica (prática até certo ponto esquecida entre os geógrafos contemporâneos), acreditamos que o nosso trabalho encontre paralelos com a seguinte descrição de Bromberger acerca da etnografia e do papel do etnógrafo:

> A etnografia – que se refere a um método de coleta de informações, de autoelaboração dos dados através de observação direta e de entrevistas informais – conota uma certa modéstia epistemológica com suas longas e obscuras pesquisas de campo; com seus diários de anotações repletas de observações e de descrições que um dia talvez venham a se revelar inúteis; com suas intermináveis jornadas perdidas num "bater pernas" aparentemente sem objetivo ou no ato de mendigar informações junto a "crianças remelentas" que têm mais o que fazer (2008, p. 238, grifos do autor).

A pesquisa, realizada ao longo de cinquenta e uma partidas, foi dividida em duas etapas: a primeira, entre fevereiro e dezembro de 2015, com a observação de quarenta e dois jogos. A segunda etapa iniciou em maio de 2016 com as duas partidas finais do Campeonato Carioca e, após longa pausa, quando o estádio esteve sob os cuidados do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, as sete contendas realizadas em outubro e novembro daquele ano. Além da parte externa, empreendemos uma observação em oito setores do Maracanã[17]. Aproveitando o avanço do meio técnico-científico e informacional, comparecia ao estádio munido de uma forma com múltiplas funções: um telefone celular da marca Motorola. Nele, além dos mais de nove mil registros fotográficos, digitava minhas impressões acerca das partidas. Chamou a atenção o fato da grande maioria do público não se incomodar com a presença de alguém fotografando e manuseando o telemóvel de modo intermitente ao longo do desenrolar dos jogos.

A etapa posterior consistiu na análise dos registros fotográficos seguida da elaboração de um relato, contendo, na capa, dados comuns a todas as contendas e ao texto propriamente dito, dividido em três partes: *pré-jogo* (caminho de casa até a chegada ao estádio), *o jogo* (todas as observações realizadas nas dependências do Maracanã) e *pós-jogo* (retorno ao lar). Como resultado, quase 400 páginas escritas foram condensadas e reorganizadas em resumos compilados no Apêndice A.

Mesmo procurando equilibrar o número de observações realizadas nos diferentes setores e nas torcidas dos quatro maiores clubes cariocas, acredito que seja importante explicar uma importante lacuna relacionada à não observação do comportamento do público

[17] Norte Superior, Norte Inferior, Sul Superior, Sul Inferior, Leste Superior, Leste Inferior, Oeste Inferior e Maracanã Mais.

torcedor do Clube de Regatas do Flamengo no setor Maracanã Mais. A única ocasião que o fizemos aconteceu durante uma partida amistosa, de caráter comemorativo pelos 120 anos de fundação do clube[18]. Apesar de ter a sua imagem associada às classes socialmente menos favorecidas, sua diretoria cobrava os valores mais caros para aquela porção do estádio. Em outras ocasiões, especialmente no ano de 2016, todas as entradas disponíveis foram comercializadas com grande antecedência para sócios-torcedores. Da mesma forma, o setor "popular" Norte por ocasião de jogos importantes costumava ter todas ou grande parte das entradas comercializadas antes de chegar às bilheterias e demais pontos de venda. Dessa forma, não foram poucas as ocasiões em que nos vimos compelidos a procurar setores Leste e Oeste, ou mesmo a área destinada à torcida visitante.

Esses percalços, inicialmente lamentados, permitiram o estabelecimento do que consideramos como uma das mais importantes observações realizadas. Como veremos, algumas medidas adotadas, em razão de contingências alheias à vontade do clube (fim do lugar marcado em razão da falta de diversos assentos e da colocação fora da ordem numérica correta), ou encampadas pela sua diretoria (adoção da torcida única e transformação das partições Leste, Oeste e Maracanã Mais de setores mistos em setores laterais), combinadas à anteriormente citada compra da totalidade dos bilhetes menos caros pelos sócios-torcedores, implicaram uma subversão à ordem anteriormente estabelecida. O embate entre o nomoespaço, estabelecido para aqueles espaços até 2015, e o genoespaço, que tentava se impor em 2016, mostrou que o Maracanã não perdeu o seu caráter orgânico, acentuando o descompasso encontrado entre o espaço concebido e o espaço vivido.

Dessa forma, à luz da geografia dos esportes, seguindo a perspectiva crítica aberta por Gilmar Mascarenhas e recorrendo à obra de Milton Santos, a tese (somada a outros trabalhos desenvolvidos nos últimos anos pela própria geografia e por diversos ramos da ciência) poderá servir para desconstruir a retórica montada pelos atores hegemônicos, que procuraram apresentar como *fábula* a atração dos megaeventos esportivos, superdimensionando os seus prováveis impactos positivos, omitindo uma lógica de caráter elitista e excludente (compreendida como *perversidade*), que procura atender apenas aos interesses de grupos afinados com as estratégias de reprodução do capital em detrimento do interesse comum, ou, como sugere Carlos Vainer (2011), conduzindo a uma "socialização dos custos e privatização dos benefícios" (p.15), deixando como legado a formação de uma cidade ainda mais injusta e desigual. Ao mesmo tempo, verifica-se que a elitização proposta/imposta tem sido

[18] Jogo 41. Flamengo 1x0 Orlando City, realizado em 15 de novembro de 2015.

acompanhada por um forte movimento de resistência, liderado por atores hegemonizados que, bem ou mal, têm alcançado significativas conquistas, que nos fazem compreender o momento atual como *possibilidade* para a construção de um ambiente plenamente inclusivo no interior do estádio.

1 GEOGRAFICIZANDO OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Nicolau Sevcenko compreende as modalidades esportivas praticadas atualmente como o resultado de "transformações, combinações e adaptações de inúmeras práticas lúdicas arcaicas, algumas populares outras aristocráticas" (1994, p. 32). O esporte (ainda que não fosse designado dessa forma) representaria um dos principais traços culturais da sociedade contemporânea, tendo como inspiração as práticas corpóreas (jogos) disputadas na Grécia Antiga, onde desempenhavam um importante papel para a formação do caráter e do intelecto do indivíduo, vindo a alcançar uma dimensão divina na sociedade ateniense. Sua crescente popularização tornou necessária a edificação de estruturas que comportassem o afluxo de indivíduos que viam as disputas relacionadas às práticas corporais muito mais como contemplação do que como ação, sendo o estádio uma de suas tipologias de maior importância. Após a conquista pelo Império Romano, as competições assumiram outro significado, voltado muito mais à exaltação da bravura do soldado romano do que a uma celebração do culto ao espírito competitivo. Com a proibição dos Jogos Olímpicos, no ano 384 da era cristã, os estádios praticamente desapareceram da paisagem urbana, sendo que os poucos remanescentes (geralmente em ruínas) transformaram-se em formas sem a sua função original. Após o fim desse hiato arquitetônico (CERETO, 2003a), os equipamentos esportivos ressurgiram com força durante a modernidade.

Progressivamente, o ato de admirar passivamente as qualidades atléticas dos *sportsmen* foi sofrendo transformações. O caráter competitivo dessas exibições fez com que a assistência tomasse partido de um competidor/equipe, levando ao ressurgimento da figura do torcedor, existente desde a época do Império Romano (GAFFNEY, 2008), que nada mais é do que a forma encontrada pela plateia de atuar ativamente durante a realização de uma competição, tornando-se mais um artista do espetáculo. A crescente comoditização do esporte como forma de entretenimento das massas contribuiu para que os clubes investissem na construção de estádios maiores e com melhores instalações, dividindo a plateia em setores de acordo com a sua condição financeira. Na virada do século XX para o XXI, a transformação do estádio em um artefato tecnológico, frequentado por indivíduos de maior poder aquisitivo e caracterizado por um forte aparato de vigilância e controle dos corpos, fez com que a exclusão baseada em fatores socioeconômicos desterritorializasse o torcedor tradicional, oriundo, em sua maioria, das classes populares, visto agora como um indesejável.

Veremos ao longo do capítulo um breve histórico acerca da evolução dos estádios e como eles assumiram a condição de ícones da paisagem urbana desde a Antiguidade até os dias atuais, mas, antes disso, mostraremos como os diferentes conceitos e temas estudados pela Geografia (não necessariamente apenas pelos geógrafos) podem nos auxiliar numa melhor compreensão acerca da ideia de que a forma, localização, função e formas de apropriação dos estádios constituem-se num reflexo do espaço urbano e da sociedade na qual eles estão inseridos.

1.1 Geografia e estádios

No campo da Geografia dos Esportes, ainda há um longo caminho a ser explorado em relação ao estudo a respeito dos estádios de futebol propriamente ditos. Como pontapé inicial, podemos entendê-los na qualidade de estruturas monumentais, de grande visibilidade na paisagem urbana, dotadas de uma dimensão concreta e outra simbólica, palco de sensações topofílicas e topofóbicas. John Bale (2008), um dos maiores estudiosos desse campo da ciência geográfica, destaca que o estádio, além de ser um local de forte presença e significado em cidades dos mais variados portes, assim como a igreja, é um local de congregação e, para muitos, de adoração, sendo frequentemente comparado (por outras razões) a um jardim, um teatro ou uma prisão, podendo apresentar diferentes usos ao longo de sua história.

Em sua busca por uma classificação objetiva acerca do que seja um estádio, Christopher Gaffney (2008) utiliza como principais critérios a forma arquitetônica, seu uso primário e seu arranjo espacial interno. Ao excluir da análise as arenas *indoor*, ele delimita como objeto de estudo os equipamentos que abrigam esportes praticados sobre uma superfície de grama, natural ou artificial, caso do futebol. Dessa forma, define-os como uma grande estrutura, aberta, quase sempre de caráter permanente, construída e mantida com a principal finalidade de abrigar espetáculos esportivos. Para o autor, a forma de um estádio, o tamanho e a localização, aliados à função por ele desempenhada como espaço público, ajudam a moldar as memórias, texturas e experiências que construímos das cidades ao redor do planeta.

No que diz respeito especificamente aos estádios de futebol, já em 1999, Gilmar Mascarenhas, pioneiro da geografia dos esportes no Brasil, buscava defini-los de acordo com a presença física no espaço urbano (configuração externa), sem esquecer as relações

construídas entre os torcedores e tais equipamentos (apropriação interna). O autor apontava que:

> Tais objetos, além de se apresentarem freqüentemente como paisagem durável (decorrente do grande investimento necessário para edificação) e ampla visibilidade (decorrente do porte físico), podem ainda constituir importante centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano. (...) são planejados de forma a facilitar o grande afluxo de espectadores em dias de importantes eventos, quando o longo silêncio das estruturas de concreto armado cede lugar ao delírio da multidão (...) não diferem de outros grandes objetos geográficos detentores do poder de reorganizar a base territorial circundante, como os modernos shopping centers (1999b, p. 4).

Nesse sentido, classifica-o como um espaço "de sociabilidade específica, memória acumulada, vivida coletivamente, que se realiza de forma objetiva, na concretude do lugar" (2013, p. 165). Ao unir as duas linhas, cita o estádio como "uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural" (2002a, 2014). Christian Bromberger vai além e chama a atenção para o seu caráter dual, que o transforma em "um dos poucos espaços onde a sociedade urbana moderna pode materializar a imagem de sua unidade e suas diferenças" (1995a, p. 300).

É possível relacionar os estádios de futebol à forma como Lefèbvre (2006) procura classificar o espaço em suas três dimensões: concebido (representação do espaço), visto como o espaço dominante numa sociedade, pensado pelos atores hegemônicos; percebido (prática do espaço), espaço da vida cotidiana fruto de uma associação entre as realidades cotidiana, relacionada ao emprego do tempo, e a urbana, que representa os "percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida 'privada', dos lazeres" (p. 68); e vivido (espaço de representação), entendido como espaço dominado, carregado de símbolos e imagens, portanto, suportado, que a imaginação de quem os frequenta tenta modificar e apropriar. Para o autor, é imprescindível a reunião dessas três dimensões, de modo que o "sujeito", o membro de determinado grupo social, possa passar de um ao outro sem se perder. Caso isso não ocorra, acabam enfraquecidas se a elas for atribuído o estatuto de um "modelo" abstrato. Com base nessa observação, é possível compreender um estádio de futebol como um espaço concebido pelos atores hegemônicos em suas diferentes escalas e setores (dirigentes de clubes, agentes governamentais, grandes grupos empresariais), percebido pela população e vivido por seus frequentadores.

Ainda de acordo com Lefèbvre (2001), a cidade, até o início do capitalismo industrial, podia ser compreendida muito mais como *obra* do que como *produto*, ou seja, um local onde o *valor de uso* (relacionado ao conhecimento produzido ou às estruturas monumentais

construídas, não com finalidade de ganho financeiro, mas sim como forma de angariar reconhecimento social, expressão visível do poder das classes dominantes) superaria o *valor de troca*, relacionado à transformação do espaço em mercadoria (como veremos no item 1.3) Na cidade daquela época, a festa representaria seu uso mais significativo uma vez que materializava o investimento de consideráveis somas, classificadas como "improdutivas" (de acordo com a lógica capitalista), com a finalidade voltada para o prazer e para a demonstração de prestígio. A noção da festa lefèbvrena será resgatada no capítulo 3 visto que, mesmo com a comoditização do esporte e dos espaços a ele relacionados (BALE, 1993), durante décadas, a festa do torcedor no interior do estádio e do seu coletivo associado – a torcida – constituiu-se no elemento principal de aproximação com a cidade-obra como espaço vivido (mesmo com o crescente processo de profissionalização das torcidas organizadas ocorrido a partir das décadas de 1970/1980). Trilhando a via lefèbvreana e traçando um paralelo com a transformação dos estádios em arenas a fim de ressignificá-los como espaços de consumo, Mascarenhas (2014a) destaca o conflito existente entre o "estádio-obra" e o "estádio-produto" emergente, fruto da imposição de "um modelo importado, que define em detalhes as formas de uso, tentando se impor ao modo de uso que foi gestado coletivamente ao longo de décadas" (p. 35).

Pierre Nora (1993), ao tratar do termo lugares de memória, classifica-o como lugares nos quais coexistem em graus diversos as dimensões material, simbólica e funcional. Trazendo a análise para o estádio de futebol, ele só se transforma em lugar de memória se a imaginação o investir de uma aura simbólica. Seguindo as ideias de Brunet (1992), de que cada lugar tem um significado próprio, podemos classificar os estádios como lugares de memória por serem fonte tanto de identidade coletiva quanto de atividades econômicas, o que reforça o sentimento de pertencimento por parte de seus aficionados, palco de cristalização das representações coletivas e dos símbolos que se encarnam nesses lugares memoráveis.

Raffestin (1993), ao diferenciar dois dos mais importantes conceitos-chave da Geografia, compreende a constituição do espaço como anterior à do território (sem dissociá-lo de sua relação com a memória), tendo este último sido formado a partir do próprio espaço, fruto de uma ação conduzida por um "ator sintagmático", visto como um ator que realiza um programa, em qualquer nível. O autor francês relaciona o processo que conduz à formação de um território ao resultado de um trabalho projetado no espaço, tanto como energia quanto por relações de poder. Em sua definição clássica, "o espaço é a *prisão original*, o território é a prisão que os homens constroem para si" (p. 144, grifo do autor). Seguindo a mesma linha (apesar da crítica à visão reducionista de Raffestin sobre o espaço e excessivamente

materialista acerca do território), Souza (1995) define o território como "um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" (p.78), podendo ser construído e desconstruído em diferentes escalas. Para o autor, "assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social – *ao menos enquanto o homem estiver presente"* (op. cit., p. 96, grifos do autor). A ideia do território como expressão do poder também está presente na obra de Rogério Haesbaert (2007) sem que, no entanto, seja reduzido apenas ao poder político tradicional, mas também "ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação" (p. 20-21).

Haesbaert e Bruce (2002), ao comentarem a obra de Deleuze e Guattari, destacam a preocupação dos autores franceses em, *a priori*, construir o conceito de território para, *a posteriori*, relacioná-lo à territorialização e à desterritorialização, processos compreendidos por eles como indissociáveis e nomeados pela sigla T – D – R (territorialização – desterritorialização – reterritorialização). A definição de território desses autores não se restringiria apenas ao campo psicológico, nem etológico, apesar de eles tratarem da existência de uma "territorialidade dos animais", fluindo por uma série de diferentes escalas, iniciando com a dimensão do território ecológico ou animal, passando ao território psicológico ou subjetivo, até chegar ao território sociológico e ao geográfico, em que se insere a relação sociedade-natureza. Transitando pela via humanística, Holzer (1997), por sua vez, enxerga o território como o resultado de um conjunto de lugares, nos quais se desenvolvem laços afetivos e culturais dentro de um mesmo grupo social. Sendo assim, o território não se prenderia necessariamente à existência de fronteiras rigidamente demarcadas.

Ao adotar uma visão convergente entre as diferentes linhas de pensamento acerca do conceito de território, o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (1997) não o encara como dotado de um único significado, sendo, ao mesmo tempo, possuidor de uma dimensão simbólica e de outra concreta. Haesbaert prioriza, desse modo, o caráter político-cultural do território, respeitando a multiplicidade relacionada à sua formação ao longo da História, desde as formas mais tradicionais, representadas pelos laços culturais de identidade e pelo controle sobre o espaço (geralmente delimitado por fronteiras bem definidas), até os atuais territórios-rede, inseridos numa ampla hierarquia econômica mundialmente integrada. Com base nessa ideia, consideramos o estádio de futebol como um território do futebol tanto do ponto de vista concreto (linhas do campo de jogo, traves, bandeirinhas, arquibancada, etc.) quanto do simbólico (apropriação dos torcedores com o equipamento, associação do fixo com o esporte pelos moradores da cidade, mesmo entre aqueles que não o frequentam).

Salvo raras exceções, o estádio é o principal símbolo concreto de identificação do torcedor com sua equipe. Para Claval (1999), “os grupos só existem pelos territórios com os quais se identificam” (p. 11). O território pode, inclusive, constituir-se em elemento principal para a conformação de um território concreto, como ocorreu com a criação do bairro Vasco da Gama, na cidade do Rio de Janeiro, em 1998, a partir do desmembramento de parte do antigo bairro imperial de São Cristóvão. A área escolhida para a delimitação do novo bairro teve como ponto de referência o Estádio Vasco da Gama, mais conhecido como Estádio de São Januário uma vez que, caso essa praça de esportes tivesse sido construída numa outra parte da cidade, seria a partir da subdivisão desse local que surgiria o bairro Vasco da Gama (FERREIRA, 2004a).

Gilmar Mascarenhas (2013a) compreende a relação do torcedor com os estádios de futebol com base no conceito de “território usado” presente na obra *A Natureza do Espaço,* de Milton Santos (2006). O território surge como resultado de um jogo de forças baseado em relações de poder, econômicas e simbólicas desenvolvidas por diferentes agentes que usam e se apropriam dele. A postura ativa de grupos de torcedores que reivindicam o protagonismo da festa, recusando limitar a sua atuação ao papel de espectadores passivos e consumidores, configura um ato de resistência à tentativa de imposição de uma única norma de comportamento nos estádios/arenas contemporâneos. Para o autor, “o rico movimento de apropriação do estádio faz dele um elemento singular na reprodução social da cidade” (p. 155).

Gomes (2002), por sua vez, em uma analogia feita no sentido inverso ao do senso comum, destaca o espaço urbano como metáfora do futebol, com base na observação de que, ao ultrapassar os limites do campo de jogo, a “ideia fundamental da disputa territorial, contida no futebol, ganha o mundo profano e a cidade se metaforiza em futebol” (p. 242), tendo, no estádio, uma das suas esferas de transbordamento; e no emprego do termo território, a forma utilizada pelas torcidas organizadas para designar uma área sob seu domínio ou em disputa com um coletivo torcedor rival (dentro ou fora dos espaços destinados à prática do futebol).

Para além da questão do território, sem, no entanto, nos afastarmos dela, Sack (1986), ao tratar da questão da territorialidade humana, destaca a relação entre a geografia social e a geografia histórica para o seu entendimento, com a territorialidade servindo como uma forma de controle de pessoas e coisas baseada (mas não somente) no controle de áreas. De acordo com o autor, “a territorialidade deve proporcionar uma classificação por área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de coação ou controle” (p. 28), sendo, portanto, a tentativa de um indivíduo ou grupo de indivíduos de, por meio da delimitação e do controle

de uma área geográfica (território), atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, tendo o espaço como mediador dessa correlação de forças. Tal entendimento será resgatado para futuras classificações por áreas empreendidas ao longo da tese. Uma das características fundamentais do território seria o uso de fronteiras como um instrumento de controle da acessibilidade. Segundo Claval (1999), "a abordagem de Robert Sack adquire importância por salientar que a ideia de territorialidade se aplica a todas as escalas, desde uma peça num apartamento até o estado" (p. 8). Essa perspectiva pode ser aplicada aos estádios de futebol.

De tempos em tempos, os grandes estádios sofrem apropriações temporárias por outros grupos e usos, que, por sua vez, resultam na produção de novas territorialidades e constituem diferentes formas de apropriação desses equipamentos (incluindo as partidas de futebol, seu uso primordial), relacionando-se ao que Christopher Gaffney (2006) classifica como a "experiência do estádio", que pode variar de acordo com o tipo do evento, o perfil do público ou mesmo o porte do equipamento onde se desenvolve. No caso específico do Maracanã, apesar de a sua função primordial relacionar-se à prática do futebol, a realização de eventos de diferentes tipos faz com que, de tempos em tempos, o estádio seja apropriado por territorialidades de caráter efêmero.

Ao longo da sua história, e mesmo antes da popularização do termo, ele já podia ser considerado um estádio multifuncional, servindo para inúmeros eventos: apresentações musicais, festas como a chegada de Papai Noel, realização de concursos públicos e exames de vestibular, celebrações religiosas e até mesmo abrigando outro esporte, caso da partida de voleibol, disputada em 1983, entre as seleções do Brasil e da União Soviética (até hoje o maior público da modalidade em todos os tempos). Durante tais apropriações, o estádio passava a ser frequentado (também) por indivíduos avessos ao futebol e por grupos excluídos do ambiente relacionado ao estádio tradicional.

Sendo assim, é possível compreender o estádio de futebol como um território *do* futebol, tanto na dimensão concreta quanto na simbólica, cujos diferentes usos produzem múltiplas territorialidades de caráter transitório. Um caminho para investigar a dinâmica microterritorial dos estádios passa pela pouco estudada análise acerca das noções de nomoespaço e genoespaço. Como veremos a seguir, seu estudo será fundamental para o desenvolvimento do presente trabalho.

1.1.1 Nomoespaço x Genoespaço: uma proposta

Admirador confesso da obra de Robert Sack, o geógrafo brasileiro Paulo Cesar da Costa Gomes, ao publicar *A Condição Urbana* (2002), procurou abordar temas aparentemente desconexos e, em alguns casos, pouco identificados com a ciência geográfica, tais como a luta pela independência da província canadense de Quebec, as manifestações estudantis ocorridas no Boulevard Beaumarchais em Paris, ou mesmo as idas à praia e às partidas de futebol no Rio de Janeiro. O autor identificou em acontecimentos tão díspares uma dinâmica espacial comum, que teria na disputa por territórios o seu elemento estrutural de maior importância. O caráter inovador da análise espacial proposta por Gomes derivaria do fato de se colocar como elemento central a ordem dos objetos e das práticas sociais, práticas essas que seriam portadoras de sentidos, o que possibilitaria uma melhor compreensão acerca desses movimentos sociais. Nesse cenário, o futebol é compreendido como uma forma estetizada de luta e dominação do território, que serve como referência para o embate em diferentes arenas, ultrapassando os limites impostos pelas quatro linhas do campo de jogo e pelas regras determinadas para aquele esporte.

Ao relacionar tais fenômenos ao espaço urbano, Gomes compreende o território como forma de apropriação concreta, resultante de relações de poder entre grupos distintos:

> Entendemos aqui por territorializar o movimento de um agente titular no ato de presidir a lógica da distribuição de objetos sobre uma dada superfície e de, simultaneamente, controlar as dinâmicas que afetam as práticas sociais que aí terão lugar. O território é, pois, neste sentido, parte de uma extensão física do espaço, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder. Ele é assim uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício do controle sobre outrem. Por meio deste controle é possível a imposição das regras de acesso, de circulação e a normatização de usos, de atitudes e comportamentos sobre este espaço. Este controle do território é a expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam um direito à cidade. Finalmente, a territorialidade é vista aqui como o conjunto de estratégias, de ações, utilizadas para estabelecer este poder, mantê-lo e reforçá-lo (2002, p. 12).

Dessa forma, o território apareceria como o produto de lutas decorrentes da tensão criada por processos contínuos de inclusão/exclusão, submissão/subversão e valorização/desvalorização, que visam “modificar seus limites, sua dinâmica, suas regras ou seus valores” (p. 14), fenômeno esse, denominado como geopolítica urbana, tendo na cidade a expressão visível da organização e combinação dessas diferenças.

Apoiado nessas relações dialéticas, Gomes trabalha dois modelos excludentes que exprimem a relação entre um grupo de pessoas e o território onde vivem, e que, a nosso ver,

podem ser aplicados aos estádios de futebol hodiernos, compreendidos como microrrepresentações do espaço urbano: o *nomoespaço* e o *genoespaço*.

O *nomoespaço* tem como pressuposto a existência de indivíduos, com formações, características e práticas distintas, que podem gerar infinitas combinações. O traço comum a todos seria a consciência dessa diversidade e de que essa associação de diferenças constituiria o melhor caminho para que o bem comum e as liberdades individuais sejam respeitados nos espaços públicos e privados. Para que tais aspirações obtenham êxito, torna-se necessária a imposição de um conjunto de normas comportamentais que deverá ser respeitado dentro dos limites físicos e espaciais impostos àquele grupo, às quais o autor denomina como *lei*. Consequentemente, há o estabelecimento de mecanismos de coerção e punição aos que não se enquadrarem no padrão desejado. O descumprimento aos limites da lei é compreendido como crime, que, em casos extremos, pode levar à exclusão social e territorial do indivíduo transgressor. A construção de um *nomoespaço* exprimiria, portanto, a constituição de um espaço normativo, regulador e formalizador de práticas, no qual as relações formais de ordenamento se sobrepõem às de pertencimento:

> Assim, cada instituição social dispõe de sua área de controle e vigilância, as práticas sociais são regulamentadas no espaço, e os signos de delimitação territorial são inequívocos. As interdições e a coerção são sempre matéria de comunicação e sinalização territorial, ou, em outras palavras, o espaço é internamente qualificado por uma regulamentação formal e uma visibilidade explícita de suas normas e fronteiras. Os relacionamentos tendem a ser impessoais e regulares dentro dos limites das diferentes esferas socioterritoriais. Dessa maneira, há marcos territoriais que delimitam esferas de práticas regulares, e eles são, simultaneamente, a condição para que essas práticas existam e o reflexo delas (GOMES, 2002, p. 39-40).

No *genoespaço*, por sua vez, o grupo ou a comunidade são as formas de organização social que dotam um determinado território de características particulares, cuja identidade é construída baseada na diferença com outro agrupamento. Há um predomínio do espírito coletivo sobre a liberdade individual, com as identidades comunitária e territorial compreendidas como indissociáveis. Ao contrário do nomoespaço, não existe a preocupação em elaborar um código formal de normas, regras e leis que devam ser obedecidas pelos seus compartes. Em lugar da coerção, predomina o sentimento de coesão advindo das relações de solidariedade baseadas em uma aludida homogeneidade, unindo-os em torno da afirmação de seus direitos sobre um determinado espaço.

> O espaço é compreendido como objeto de uma disputa pela afirmação de um poder hegemônico de uma comunidade que se julga pela força, pela tradição ou pela história, mais apta a controlar um território ou simplesmente proclamar, por razões

> diversas, que está destinada a fazê-lo. (...) As **fronteiras** desse tipo de espaço são sempre muito fluidas e instáveis. Há, por assim dizer, núcleos territoriais marcados pelo simbolismo e pela ideia de agregação vivida em diferentes escalas que podem variar desde a de um bairro até a de um vale ou de um tipo de paisagem ou região. Em torno desses núcleos, as fronteiras são menos claras que as do ***nomoespaço***, e a extensão é sempre relativa aos critérios chamados a depor no reconhecimento da identidade do grupo, extensão da língua, da religião, do gênero de vida etc. É **o espírito comum ao grupo que qualifica o espaço, sacralizando-o**. Como o grupo se define pelo mecanismo da exclusão, tendo em vista uma característica demarcadora qualquer, ele sempre se vê ameaçado pelos elementos oriundos de fora dele, e essas fronteiras, ainda que fluidas, são territórios de conflito, reivindicação e reprodução da ideologia central da diferenciação (p. 61-63, grifos do autor).

Com base nas reflexões elaboradas por Mascarenhas acerca da obra de Gomes[19], podemos pensar os novos estádios/arenas como locais (re)concebidos, onde o *nomoespaço* deve prevalecer como forma de garantir o direito do indivíduo (no caso, o torcedor) de assistir a uma partida de futebol sem ser incomodado. A cadeira, o lugar marcado e a visão plena do campo de jogo, tanto em razão da posição dos assentos livres de pontos cegos quanto pela garantia de que ninguém à sua frente irá se levantar (COELHO, 2015), simbolizariam a expressão máxima desse espaço normatizado. O Estatuto do Torcedor, redigido em 2003 e revisado sete anos depois, representa a *lei* mencionada por Gomes, base para a imposição de "um crescente aparato normativo que visa eliminar ou subjugar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo" (MASCARENHAS, 2017, no prelo). Há um forte esquema de vigilância composto por câmeras, orientadores de público, seguranças e policiais. Esses agentes atuam como uma espécie de bedéis prontos para repreender e, em casos extremos, excluir daquele território, ou mesmo encaminhar para julgamento das autoridades competentes, os indivíduos que não se ajustarem às normas vigentes, reforçando o caráter dos estádios como "espaços disciplinares". Nas palavras de Mascarenhas:

> Sempre existiu, é claro, como em qualquer outro espaço de vida coletiva, características "nomoespaciais" nos estádios. A novidade é a ampliação do pacote normativo e a tentativa de seu cumprimento rigoroso, especialmente por ocasião da Copa 2014 e dos momentos que a antecederam, quando inauguramos as novas arenas. Desde então, temos observado certo relaxamento de tais imposições, naquilo que podemos denominar como processo de "reconquista do estádio" (...). Por outro

[19] Algumas das ideias desenvolvidas no presente trabalho tiveram como base reflexões apresentadas pelo professor Gilmar Mascarenhas durante as aulas ministradas nas disciplinas *Cidade, Políticas e Usos* e *Esporte e Território* entre os anos de 2013 e 2014, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO-UERJ). Mascarenhas foi o primeiro geógrafo a trazer para o campo da Geografia dos Esportes a discussão acerca da produção do nomoespaço e do genoespaço nos estádios de futebol. O presente trabalho pretende aprofundar essa reflexão. Da mesma forma, outras discussões por ele propostas como a relação entre verticalidades e horizontalidades, além da produção do estádio de futebol como espaço de festa no sentido lefebvreano, também estarão presentes ao longo da tese. Pretendemos, portanto, avançar sobre vias existentes, porém ainda pouco estudadas.

> lado, o genoespaço se faz presente no comportamento de torcedores que procurar recriar, no interior e ao redor dos estádios, em dias de jogos, um ambiente regido pelo costume e pela tradição. Ambiente informal, ruidoso, tenso, recheado de improvisação e imprevisibilidade (2017, no prelo).

Em um estádio de futebol, o conjunto de práticas territoriais microescalares que compõe o genoespaço pode representar a expressão visível do ato de torcer em coletividade. A princípio, a paixão pelo clube do coração seria o principal traço identitário que os unia, mas não o único, o que resultou em um processo de fragmentação, combinação e recombinação desses laços, criando diferentes modos de apropriação. As torcidas atuais resultam de múltiplas combinações e recombinações do amor ao clube, compreendido como condição primordial, com outras características, tais como: vizinhança, traço comportamental, gênero, etc., que moldaram, ao longo de décadas, diferentes modos de torcer dentro do estádio de futebol. Cada grupo ocupa um determinado território com padrões de comportamento que resultam de um acordo tácito entre os indivíduos formalmente filiados àquela comunidade e, em alguns casos, por indivíduos avulsos (aos quais chamaremos de *satélites*), que ao se identificarem e concordarem com o padrão de comportamento vigente naquele local são aceitos temporariamente na comunidade imaginada. A existência dessa identidade comunitária estaria vinculada à existência de "um território, real ou mítico, de homogeneidade, de domínio e de pleno desenvolvimento do espírito de grupo. A identidade comunitária está assim sempre relacionada a uma identidade territorial" (GOMES, 2002, p. 62).

Woodward (2000) afirma que as identidades são fabricadas pela marcação da diferença, construídas por representações simbólicas e por formas de exclusão social. Em outras palavras, ao invés de ser compreendida como o oposto da diferença, a identidade é dependente dela para se consolidar por meio do estabelecimento de relações baseadas na oposição nós/eles; eu/outro. No caso dos agrupamentos de torcedores, o "outro" pode ser a torcida da equipe adversária, coletivos torcedores da própria equipe, ou então, como tem se tornado cada vez mais comum, o aparelho repressivo e de vigilância privado e/ou estatal cada vez mais forte nas arenas modernas. Isso não quer dizer que os estádios antigos, tradicionais fossem "terras sem lei", mas, como veremos ao longo do trabalho, a criminalização das torcidas organizadas e a imposição de padrões que procuram inibir ou mesmo extinguir essas comunidades, como o processo ao qual chamamos de hipersetorização dos estádios de

futebol[20], com o confinamento desses grupos em locais preestabelecidos, o encarecimento dos preços das entradas, a proibição do comparecimento ou mesmo do uso de símbolos alusivos a determinadas torcidas, a tentativa de impor um novo padrão de comportamento compreendido como ideal e a sua associação a um novo perfil de torcedor que frequenta os estádios, servem para reforçar essa oposição.

1.1.2 Verticalidades x Horizontalidades

Para a melhor compreensão acerca da grande reforma com ares de reconstrução que resultou na configuração atual do Maracanã, torna-se necessário o entendimento das noções de verticalidades e horizontalidades, elaboradas por Milton Santos, tendo em vista que os dois termos acima citados serão constantemente revisitados ao longo da tese. De acordo com o autor:

> As verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta (2006, p. 193).

Como forma de se alcançar uma visão abrangente da totalidade das causas e dos efeitos do processo socioterritorial, Santos (2000) compreende o espaço geográfico não somente como sinônimo de território, mas sim de território usado, fruto do processo histórico e da base material e social das novas ações humanas, representadas pelos atores hegemônicos e atores hegemonizados que se relacionariam com esse território da seguinte forma:

> Para os **atores hegemônicos** o território usado é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que

[20] Propomos o emprego do termo hipersetorização como forma de aludir a uma crescente fragmentação dos espaços destinados aos frequentadores dos estádios de futebol a fim de impedir a sua livre circulação pelos ressignificados equipamentos esportivos (maiores detalhes no capítulo 2). Ao mesmo tempo, verifica-se uma tendência à redução ou mesmo eliminação dos setores populares. Estes, por sua vez, em razão da atuação de movimentos contra hegemônicos, podem ressurgir com retirada ou adoção de assentos retráteis que permitam a permanência de modos de torcer tradicionalmente construídos, considerados como inadequados para o espaço concebido das arenas.

> gera um uso corporativo do território. (...) Os **atores hegemonizados** têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares (p. 108, grifos nossos).

Dessa forma, o arranjo de cada lugar estaria relacionado diretamente às múltiplas ações resultantes do embate entre forças assimétricas representadas pelos atores hegemônicos (verticalidades) e pelos atores hegemonizados (horizontalidades). No caso do futebol, mais especificamente do Maracanã, compreendemos as verticalidades como imposições que (também) afetam diretamente o modo de torcer tradicional, construído durante décadas por torcedores e frequentadores desse equipamento esportivo. O confinamento e a disciplinarização dos corpos dos torcedores no interior do estádio e a privatização do Maracanã seriam dois exemplos de verticalidades impostas pelos atores hegemônicos. Por outro lado, compreendemos as horizontalidades como movimentos de resistência às verticalidades, protagonizadas pelos atores hegemonizados, tais como a atitude de grupos de torcedores de permanecer em pé durante as partidas e a criação de movimentos populares como *O Maraca é Nosso* (CASTRO, 2016), contrário à entrega da administração do mítico estádio carioca à iniciativa privada.

Ao contrário dos estádios de futebol tradicionais, as arenas não se configuram claramente como territórios projetados apenas para o futebol uma vez que, dependendo do projeto arquitetônico, podem também abrigar, além de outros esportes, *shopping centers*, boates, instituições de ensino, restaurantes, centros empresariais, entre tantas outras atividades que objetivam consolidá-las como espaços de consumo permanente, nas quais o capital possa se reproduzir de forma inesgotável. O Maracanã, palco da final da última Copa do Mundo e das cerimônias de abertura e de encerramento dos próximos Jogos Olímpicos, não passou incólume por esse processo, sofrendo uma profunda reformulação que o transformou de um estádio concebido para as massas em uma arena projetada para o torcedor-consumidor, característico da sociedade do espetáculo, tendo como consequência a produção de múltiplas territorialidades tanto por parte do torcedor em seus diferentes tipos quanto pelo seu novo conceito de funcionamento (festas de aniversário, reuniões de negócios, etc.). É o que veremos ao longo do trabalho, mas, antes, trataremos da evolução das instalações esportivas desde a Grécia Antiga até os dias atuais.

1.2 A origem do esporte e os primeiros estádios

O fato de o século XIX ser considerado como marco inicial dos esportes modernos não significa que a prática das modalidades preexistentes não tivesse adquirido importância em épocas pretéritas tanto como ato de ação quanto de contemplação. De acordo com Melo (2010), para alguns estudiosos, as primeiras manifestações esportivas tiveram sua origem na Antiguidade enquanto que, para uma segunda corrente, trata-se de um fenômeno da modernidade que, apesar das semelhanças existentes com muitas das antigas práticas (compreendidas por eles como "pré-esportes"), apresenta sentidos e significados diferentes daqueles encontrados anteriormente.

Elias & Dunning procuram desmistificar a maneira idealizada como são representados os concursos de jogos realizados na Antiguidade Clássica, em que prevalece uma tendência a disfarçar as distinções e ampliar as similaridades existentes entre tais práticas e os chamados esportes modernos. Para os autores, não é possível estabelecer aproximações entre o *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os desempenhos apresentados pelos competidores. Na edição portuguesa da obra *A Busca da Excitação*, tais diferenças são retratadas da seguinte forma:

> Na Antiguidade, as regras do costume para acontecimentos atléticos «duros», como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência bastante mais elevado do que aquele que era admitido pelas regras do tipo das provas correspondentes do desporto. As regras deste último, além disso, são muito detalhadas e diferenciadas; em primeiro lugar, não são regras forjadas no costume mas regras escritas, sujeitas explicitamente a um criticismo racional e a revisões. O nível superior da violência física nos próprios jogos da Antiguidade era mais do que um dado isolado. Isso era sintomático de traços específicos na organização da sociedade grega, em especial no estádio de desenvolvimento alcançado por aquilo que nós hoje designamos por organização de "Estado" e pelo grau de monopolização da violência física nele integrada. A monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controlo dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneos. Em comparação, a monopolização e o controlo da violência física institucional nas cidades-Estado da Grécia, permanecia rudimentar (1992, p. 195-196, grifos dos autores).

Nesse sentido, Mascarenhas (1999) questiona o emprego da expressão "esportes modernos" como elemento distintivo adotado pelo meio acadêmico em relação às atividades que existiam na Antiguidade. Ainda que diversas modalidades como o voleibol e o basquetebol tenham surgido ao longo do século XIX, "muitas outras são resultado da evolução de práticas lúdicas de origem muito remota, tais como o futebol, o rugby, o

pugilismo e várias formas de corrida” (1999, n.p). Para o autor, a natureza e a finalidade das práticas esportivas modernas se sobrepõem à época em que tais modalidades começaram a ser praticadas. Ao analisá-los, seguindo por um viés geo-histórico:

> Os esportes modernos, em resumo, apresentam grande estrutura jurídico-organizacional, estatuto internacional, regras precisas, aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de records, e realiza-se em espaços especificamente elaborados para tal fim, com medições e formas precisas. (...) esportes modernos são muitas vezes herdeiros de antigas tradições lúdicas, consagradas na literatura como folkgames. Cabe registrar que, neste sentido, tendem a resgatar e a redefinir certas relações que há séculos o homem estabelece com a natureza, não apenas lúdicas, mas também de trabalho. Algumas atividades humanas que tiveram significado de luta pela sobrevivência (busca de alimentos, fuga do perigo, etc.) foram posteriormente "reinventadas" com conotação lúdica e competitiva, tornando-se modalidades esportivas. É o caso do alpinismo, da natação, das regatas, do surfe, do hipismo, da esgrima, do arco & flecha, da própria corrida, das várias formas de luta corporal, entre tantas outras modalidades esportivas baseadas no esforço individual em superar desafios impostos pelas forças da natureza, tais como a gravidade, a pressão do ar, a dinâmica das águas, o domínio de animais, etc. O conhecimento e manejo dos elementos da natureza compõem um amplo acervo cultural, e parece-nos razoável pensar que possivelmente os diferentes "gêneros de vida" -para retomar provocativamente a clássica noção lablacheana- e as diferentes paisagens naturais forneceram certas bases para diversas modalidades esportivas do mundo atual (1999, n.p, grifos do autor).

Mesmo sabendo da inexistência de uma palavra específica para definir *esporte* naquela época, para efeito do estudo da sua relação com o surgimento e o desenvolvimento de locais específicos para abrigar os praticantes e a assistência, consideraremos como ponto de partida da nossa análise a Grécia Antiga, em que essas técnicas (as quais chamaremos de esportes) tinham como principal preocupação o cuidado com o corpo e a saúde. Os locais destinados à sua prática eram as “palestras”, ginásios, teatros, hipódromos e estádios.

Os ginásios e as palestras, presentes em todas as cidades gregas, serviam à educação dos jovens rapazes e ao treino para os atletas, contemplando, assim, exercícios para o corpo e para a mente. Neles, educação física, música, aritmética, gramática e leitura faziam parte do programa (MUSÉE OLYMPIQUE LAUSANNE, 2007). Com o passar dos anos, as palestras (de propriedade privada) acabaram incorporadas aos ginásios (pertencentes ao Estado).

Os teatros, embora não fossem uma forma concebida para abrigar atividades esportivas, também eram utilizados para o desenvolvimento de determinadas modalidades. Entretanto, sua importância reside na apropriação da sua estrutura espacial na utilização de arquibancadas ao longo do palco. Isso representou uma mudança na perspectiva do ponto de vista e da forma de acomodação do público, aproximando-o do espetáculo, ao contrário do que acontecia nos templos religiosos, onde o público (fiéis) permanecia numa posição de

inferioridade em relação ao Deus de sua devoção. Dessa forma, o modelo adotado pelo teatro foi adaptado pelo estádio grego, local inicialmente destinado às corridas a pé, enquanto ao hipódromo eram reservadas as corridas de cavalos.

Salgado et al (2014) compreendem o Panathinaiko, construído há quase 2.600 anos para a realização dos Jogos Panatenaicos, como o estádio mais antigo de que se tem notícia. A estrutura original, com arquibancadas de madeira, acabou substituída por assentos de mármore pouco mais de quatro décadas depois. A mesma edificação abrigou os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, e, em 2004, algumas competições dos Jogos de 2004.

De acordo com Christopher Gaffney (2008), a palavra estádio vem do grego *estadion*, postes de madeira que marcavam os pontos inicial e final das corridas helênicas a pé, sendo o termo posteriormente estendido para nomear toda a estrutura arquitetônica existente em torno da pista de corrida. A popularidade das corridas de pedestres definiu a configuração espacial do estádio. Segundo Cereto:

> A corrida ou dromus ficou conhecida também pelo nome de estádio, media 192,27 metros. Esta medida foi definida segundo a lenda pela dimensão do pé de Heracles de Ida multiplicado seiscentas vezes. O duplo estádio ou diaulo era a disputa onde os participantes deveriam percorrer a distância do estádio duas vezes. O dólico integrava a prova mais árdua das corridas. A distância percorrida representava vinte quatro vezes a dimensão da pista. Haveriam *(sic)* posteriormente a corrida armada ou hoplitodromia quando os bárbaros começaram a participar das disputas dos jogos criando a disputa com roupas de batalhas, desconfigurando a idéia de Olímpia. Havia ainda o Pentatlo (corrida, salto em distância, lançamento de disco, lançamento de dardo e luta), disputado sobre um circulo arenoso dentro do estádio, perfurado com picaretas para amortecer as quedas. Esta configuração estabelecia as atividades desenvolvidas no estádio, destacando além destas o túnel de acesso dos atletas e as arquibancadas para acomodação do público (2003a, p. 12).

As condições dos terrenos escolhidos para abrigar os estádios exerciam uma influência direta sobre a sua forma. Quando feitos em platôs circundados por colinas (caso do estádio de Olímpia), fazia-se uso das encostas para a construção das arquibancadas e da pista de corrida na parte plana, proporcionando uma boa visibilidade para o público. Quando construídos em terreno plano (caso do estádio de Atenas), a solução encontrada para possibilitar o acompanhamento das provas pelos espectadores consistia no rebaixamento da área destinada à competição. Sua configuração em forma de “U” (ou ferradura) permitia também uma integração do equipamento com o espaço que o cercava. Para Cereto (2003a), a utilização dessa estrutura aberta serve para demonstrar “a riqueza do estádio como objeto da cidade, dialogando com o espaço construído ou não construído do entorno, dando monumentalidade

através de eixos contínuos a abertura do edifício" (p. 224). Sendo assim, a forma do estádio grego surge da combinação da popularidade das corridas (pedestres e cavalos) com o meio geográfico local e a dificuldade em se adaptar as demais edificações helênicas da época à concentração de grandes massas humanas interessadas em contemplar os desafios entre os atletas.

O esporte na qualidade de competição teve sua origem na Grécia Antiga há cerca de 3.000 anos. Por volta de 776 a.C, já eram realizadas disputas entre atletas a cada quatro anos, no santuário dedicado a Zeus, em Olímpia. Do seu sítio original, deriva a expressão "Jogos Olímpicos". A disputa limitava-se aos homens livres de origem grega, excluindo as mulheres, escravos e estrangeiros[21]. Apesar da ênfase dada à competição, o evento tinha o caráter religioso de culto aos deuses. Guardadas as devidas diferenças de contexto, do mesmo modo que ocorre atualmente com a disputa entre nações, as cidades-estado gregas incentivavam a prática desportiva com base na criação de leis e regulamentos com o objetivo de formar futuros campeões. Afinal, a vitória nos Jogos Olímpicos representava a consagração do atleta e a glória para a sua cidade de origem.

Durante o período de realização das provas, respeitava-se a regra do "armistício sagrado", isto é, as guerras deixadas de lado para que fossem disputados os jogos de forma pacífica sob a proteção divina. Nos estádios helênicos, a pista destinada à prática das corridas marcava o espaço sagrado, as arquibancadas representavam o espaço profano, sendo concebido, junto com santuários e templos, com a finalidade de restabelecer conexões com o divino (GAFFNEY, 2008). Cereto (2003a) reforça a função dos estádios gregos como templos do esporte. Para ele, "o edifício superava a função programática para ser o símbolo do esporte através dos Ginásios e Estádios para ser definitivamente o templo. O edifício grego era um local sagrado" (p. 224). Lefèbvre (2006), por sua vez, destaca o caráter monumental da arquitetura grega, tendo no templo, no estádio e na ágora as construções que melhor representavam a relação "forma-função-estrutura" (p. 224).

Desde a conquista macedônia, em 337 a.C., os Jogos Olímpicos passaram a contar com a presença de atletas "estrangeiros[22]". Com a anexação da Macedônia, em 147 a.C., a Grécia passa a fazer parte do Império Romano. Enquanto nas civilizações helênicas o esporte tinha um caráter de purificador do corpo e da alma assumindo ares de divindade, tal espírito foi completamente corrompido pelos imperadores romanos. A elevação de Nero à categoria

[21] Fonte: http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_658.pdf Acesso em 8 de fevereiro de 2014.

[22] Recorremos à utilização das aspas para a palavra estrangeiros como forma de relativizá-la uma vez que, como a Grécia foi conquistada primeiramente pelos macedônios em 338 a.C. e, posteriormente, pelos romanos, suas terras e seus cidadãos também pertenciam a esses domínios.

de atleta olimpiônico (título concedido ao maior atleta dos Jogos Olímpicos) da 211ª Olimpíada deu-se muito mais por estratégias de coerção do que pelas suas discutíveis qualidades atléticas. Mesmo tendo caído diversas vezes e sem conseguir cruzar a linha de chegada, sua vitória na corrida de cavalos ocorreu pelo simples fato de ele ser o único atleta presente na prova (o próprio imperador tinha vetado a inscrição de outros competidores). Ao mesmo tempo, o caráter fortemente militarista e belicista da sociedade romana transformou a disputa dos jogos cada vez mais num festival de disputas sangrentas destinado às massas.

Se, atualmente, os esportes de maior popularidade têm como ídolos jovens provenientes dos estratos sociais menos favorecidos, que veem o sucesso nessa carreira como uma forma de vencer o círculo de pobreza no qual eles e seus familiares se encontram, tendo nos estádios, quadras, ginásios e equivalentes seus palcos de consagração, tal situação não difere muito daquela encontrada há cerca de dois milênios. Se para os gregos a participação nos Jogos Pan-Helênicos era permitida apenas aos homens livres, com a imagem do atleta associada à de um semideus, dotado de grande sabedoria, educação e religiosidade, nos Jogos à moda romana, estes eram abertos aos escravos e prisioneiros, que, transformados em gladiadores, viam o sucesso nas batalhas travadas nas arenas como um passaporte para a liberdade. Da mesma maneira que ocorre hoje em dia, o sonho de muitos se transformava em realidade para pouquíssimos. Segundo Cereto:

> Com a dominação romana, a conseqüência imediata ao esporte é a desvalorização e perseguição dos mitos religiosos helênicos, com as competições demonstrando mais a bravura do soldado romano do que uma celebrização do culto ao espírito competitivo. A abertura na participação dos Jogos de escravos e cidadãos comuns estabelece uma inversão de valores, com o interesse na busca do dinheiro e não pela imortalidade. Esta profissionalização abre espaço para a corrupção que passa a dominar a decisão dos juízes, perdendo o brilhantismo esportivo e afastando o público tornando as disputas cada vez mais violentas. As competições desaparecem restando apenas a batalha entre escravos, gladiando com feras culminando muitas vezes com a própria morte na arena (2003b, n.p).

No Império Romano, as atividades esportivas tinham como palco as termas e os ginásios, sendo que os anfiteatros sediavam as batalhas de gladiadores; os circos, as corridas de bigas. Os circos e anfiteatros, apesar de formas arquitetônicas genuinamente romanas, buscaram inspiração, respectivamente, nos hipódromos e estádios da Grécia Antiga.

A popularidade das provas equestres era tamanha que, em Roma, foi construído o *Circus Máximus*, com impressionantes 635 metros de comprimento por 100 metros de

largura, capaz de abrigar 250.000 espectadores[23]. O ambiente tenso das competições se reproduzia nas acomodações destinadas ao público. Gaffney (2008) relata que o espaço interno dos circos romanos encontrava-se dividido por enormes grupos de torcedores, que chegavam a congregar mais de 50.000 membros, os quais frequentavam aqueles ambientes vestindo as cores da sua equipe (verde, vermelho, azul ou branco). As disputas não se limitavam à área destinada às corridas, sendo comuns os embates entre diferentes facções de torcedores dentro e fora dos circos. Tais grupos recebiam apoio de políticos locais (algo comum atualmente quando se observa a proximidade existente entre alguns dirigentes de clubes de futebol e lideranças de determinadas torcidas organizadas). O autor considera que as relações entre os estádios, a política, os torcedores violentos, a vida urbana e o controle social não sejam invenções da modernidade, constituindo-se num traço milenar da cultura humana.

Entretanto, enquanto forma arquitetônica, a principal edificação destinada à distração das massas, verdadeiro "antepassado" dos estádios modernos, era o anfiteatro romano. Seu formato elíptico resulta da junção de dois palcos (cada um deles em formato de "U") dos teatros gregos, que, como vimos, também inspiraram a forma dos estádios da Grécia Antiga.

Apesar de não ser a única atração, as batalhas entre gladiadores eram a prática de maior popularidade naqueles espaços. Em razão das dimensões reduzidas[24] da área na qual a ação se desenrolava (quando comparada com a extensão das pistas de corrida dos circos, dos estádios e dos hipódromos gregos), o formato adotado pelo anfiteatro permitia, ao mesmo tempo, uma maior acomodação de público e uma melhor visão dos combates. Essa limitação espacial, aliada à grande popularidade das lutas, implicou também uma forte verticalização dessas edificações (algumas com até 50 metros de altura), que adquiriram, consequentemente, uma forte visibilidade na paisagem urbana local. Entre todas as estruturas construídas durante o Império Romano, a de maior destaque foi o Anfiteatro de Flávio, mais conhecido como Coliseu de Roma, inaugurado no ano 80 da era cristã e com capacidade para 50.000 espectadores. A respeito do diálogo travado entre essa forma arquitetônica monumental e o

[23] Tal estrutura, em ruínas, resiste até os dias atuais. De tempos em tempos sofre apropriações temporárias como espaço destinado à realização de eventos de forte apelo popular. Em 2012, por exemplo, graças à instalação de um grande ecrã, suas dependências serviram como local de concentração da torcida italiana em Roma que assistiu à derrota da seleção local para a Espanha na partida decisiva do certame continental.

[24] A área destinada às lutas no Coliseu de Roma media 79,35 x 47,20 metros, bem menos que os anteriormente citados 635 x 100 metros da pista de corridas do Circus Maximus e dos 192,27 x 16 metros do estádio e do hipódromo gregos.

espaço urbano que o circundava na Roma Antiga, Cereto (2003a) afirma que:

> A sua importância na cidade romana passava do âmbito de equipamento urbano para equipamento simbólico. Por tratar de um equipamento para massas, atraia multidões em suas dependências e tinha papel de destaque na cidade romana. Como a tipologia preponderante grega era enterrada com alguns exemplos de estádios elevados, o anfiteatro romano adquiria uma altura e monumentalidade não vista na Grécia. (...) A sobreposição das ordens foi utilizada dando uma sensação de peso, a medida que o estádio vai subindo, coloca-se uma ordem mais leve. As arcadas provenientes das circulações nas galerias dão uma leveza ao anfiteatro e ao mesmo tempo estabelecem uma relação com o entorno equilibrada, não sendo uma barreira na cidade romana. Desta forma esta permeabilidade formal adquiriu um caráter urbano inserindo o equipamento, mesmo com suas dimensões, harmoniosamente na paisagem da cidade (p. 18-19).

Também do anfiteatro romano vem a origem do termo *arena* (numa concepção bastante diferente da forma como é compreendida atualmente), que será muito utilizado ao longo da tese e que, para muitos, representaria o topo da "linha evolutiva", relacionada aos espaços destinados ao ato de praticar e de contemplar a prática de esportes: teatro – estádio grego – anfiteatro romano – estádio moderno – arena multiuso. De acordo com o dicionário *online* Houaiss**:** a arena, na Roma Antiga, nada mais era que:

> a parte central dos anfiteatros romanos, coberta de areia, onde se realizavam espetáculos de combate entre gladiadores ou entre feras, e que, por ocasião de determinadas datas ou festas cívicas, servia de palco para a entrega às feras de condenados comuns ou cristãos[25].

No ano 394 d.C., por questões religiosas, o imperador romano Teodósio proibiu a realização dos Jogos Olímpicos. Nesse novo contexto, "o corpo deveria resignar-se aos imperativos da alma, que se quer purificar através do controle severo dos impulsos carnais" (MASCARENHAS, 1999, p. 24[26]). A partir desse momento e ao longo da Idade Média, a prática desportiva como forma de lazer e entretenimento entra em decadência, com os antigos estádios sendo refuncionalizados ou demolidos, configurando um longo hiato arquitetônico.

Durante a Renascença, o esporte ressurge timidamente, em especial com as competições equestres e de corrida disputadas em amplos espaços abertos, com o público acomodado em pé ou em estruturas provisórias. Nesse período, um dos mais famosos eventos era a corrida de cavalos (até hoje realizada) conhecida como *Palio*, disputada na *Piazza del Campo*, na cidade de Siena. Em Florença, a *Piazza Santa Croce* era palco de um jogo

---

[25] http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=arena Acesso em 9 de dezembro de 2014.

[26] O autor recorre a Elias & Dunning (1992) ao citar uma farta documentação existente acerca de registros policiais nos quais é possível constatar a perseguição implacável às práticas esportivas populares nas cidades medievais, tais como o *futebol ancestral* ou *folk football*.

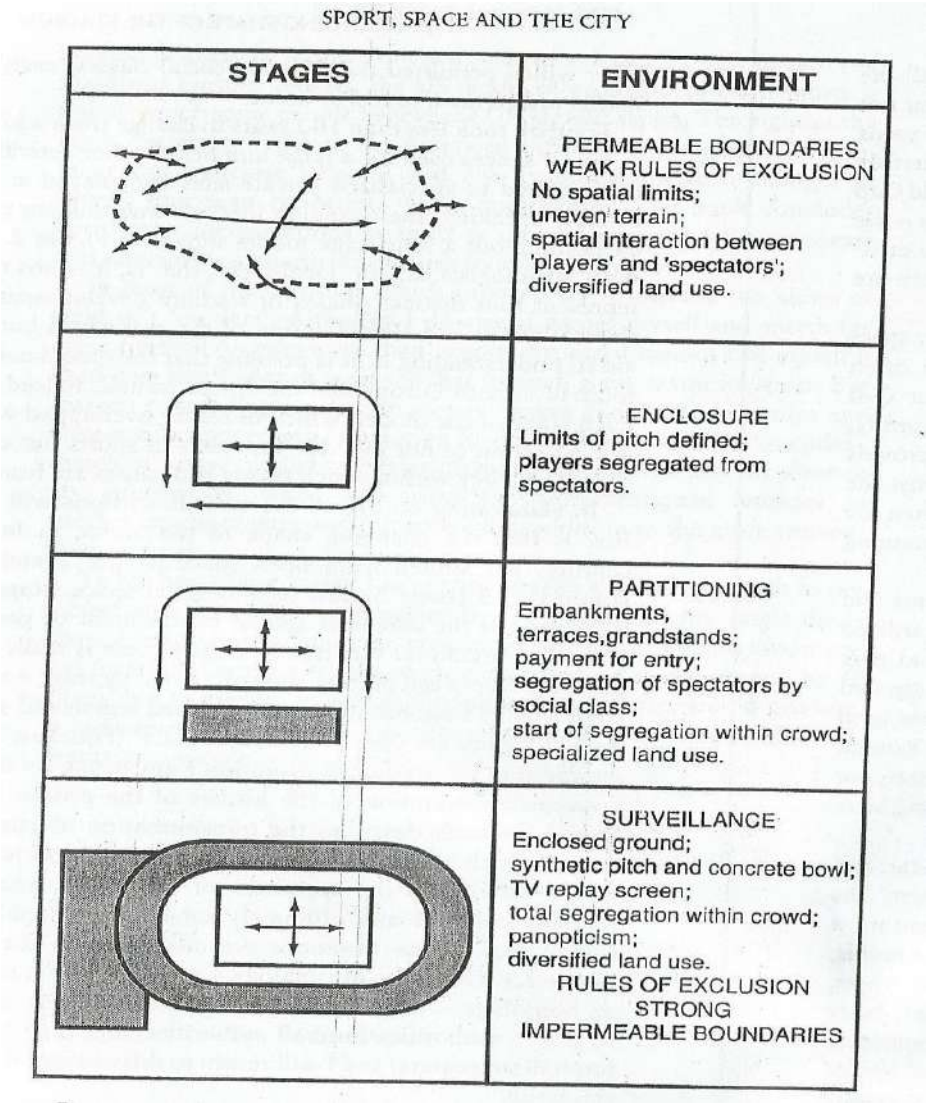
popularmente conhecido como *Calcio*, uma espécie de antepassado do futebol moderno[27]. Nele, dois times compostos por 27 jogadores cada um, sem regras definidas, tinham como objetivo principal jogar a bola dentro do gol adversário. Na verdade, até o século XIX, os edifícios construídos com a finalidade primária voltada para a prática e assistência das competições posteriormente chamadas de esportivas, mesmo não desaparecendo completamente da paisagem urbana, transformaram-se em formas que perderam sua função original.

1.3 A (re)evolução dos estádios e o modelo de John Bale

Tratando especificamente do futebol (com destaque para a Grã-Bretanha), o geógrafo galês John Bale, um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da Geografia dos Esportes, em sua obra *Sport, Space and the City*, de 1993, elaborou um modelo dividido em quatro estágios ou fases (Imagem 1), no qual procura explicar a evolução do futebol e dos espaços destinados à sua prática. Para tal, considera duas dimensões: a primeira, relacionada à mudança da forma da arena que, em pouco mais de um século, passou de um espaço aberto (1ª e 2ª fases) para um espaço fechado mercantilizado, transformado em *commodity* (3ª fase), e, por fim, para um espaço tecnológico (4ª fase); a segunda, diz respeito ao grau de confinamento espacial dos participantes e, principalmente, dos espectadores. A descrição e a análise desse modelo e a sua relação, sempre que possível, com a obra de outros autores servirão como ponte para o estabelecimento de relações entre os estádios de futebol e a ciência geográfica, objetivo principal deste primeiro capítulo.

[27] Essa é a razão que faz da Itália um dos raros países onde a palavra utilizada para denominar o jogo codificado pelos ingleses na segunda metade do século XIX não derivou do temo *football*, sendo o futebol moderno denominado de *cálcio*, em alusão a um possível pioneirismo florentino.

Imagem 1 – Modelo de John Bale com a evolução dos espaços destinados à prática do futebol



Fonte: BALE, 1993, p. 12.

De acordo com o modelo, o estágio inicial, relacionado aos jogos de futebol tradicionais (*folk-football*) ou "futebol primitivo", caracterizava-se pela inexistência de uma padronização dos limites do campo de jogo e de suas regras. As disputas entre localidades vizinhas costumavam ter como vencedor o grupo que conseguisse chegar com a bola até a aldeia adversária. Não havia uma estrutura destinada a abrigar o público que, na ausência de limites que o separassem dos jogadores, muitas vezes, interferia diretamente na ação da partida. O terreno no qual as disputas eram travadas seguia as oscilações da topografia local, com o desenrolar da ação passando, inclusive, pela transposição de rios e córregos. Nas áreas rurais, costumava ser praticado nos campos abertos e *commons* (terras de uso comunitário). No meio urbano, jogava-se nas ruas e em demais espaços públicos, não havendo, portanto, um

local específico voltado para a sua prática. Utilizando um termo em voga, poderíamos classificá-los como campos de jogo multiuso, pois poderiam servir também para a agricultura, caça, extrativismo, criação de animais, atividades comerciais, circulação de pessoas, etc. Bale compreende o futebol na Europa medieval e pré-moderna muito mais como uma forma de *jogo* (no sentido de brincadeira) e festa do que como um *esporte* levado a sério. Entretanto, do mesmo modo que ocorre atualmente com as nossas comemorações, o caráter de celebração desses encontros não impedia que as contendas descambassem para violência. Agressões físicas, membros fraturados e, até mesmo, mortes aconteciam com relativa frequência.

O segundo estágio tem início no século XVIII, período no qual a intensificação da prática comercial nas ruas, nas praças e nos mercados das cidades inglesas restringiu a apropriação desses espaços para outros fins, inclusive para a prática do *folk-football* ou futebol primitivo. Paralelamente, as ações de cercamento dos campos ingleses tiveram o mesmo efeito no meio rural. As antigas terras de uso público foram transformadas em propriedades privadas, o que dificultava ou até mesmo inviabilizava as partidas entre aldeamentos vizinhos. A Revolução Industrial inglesa do século XVIII, seguida de uma intensa urbanização, criou uma racionalização e divisão clara acerca do tempo do trabalho e do tempo do lazer para as massas. Se, antes, os espaços públicos urbanos e as terras comunitárias combinavam essas duas atividades, o que se verifica a partir desse momento é a criação de espaços confinados específicos para elas, o que facilitava o seu controle por parte da classe patronal.

A popularização mundial do esporte foi fortemente influenciada pela intensa urbanização experimentada pela Inglaterra ao longo do século XIX, período no qual se concretiza a transição dos jogos tradicionais para os esportes modernos, com regras definidas e codificadas por escrito. Huizinga (2000) destaca a confluência de fatores sociais (a autonomia dos governos locais, que favoreceu o espírito de associação e de solidariedade; o serviço militar não obrigatório; a valorização da cultura do exercício físico, inclusive no ambiente escolar) e geográficos (existência de terrenos predominantemente planos, oferecendo, por toda a parte, a possibilidade de utilização dos prados comunitários como campos de jogo) como responsáveis pela criação, desenvolvimento e popularização dos esportes modernos em terras inglesas. Giulianotti (2002) afirma que entre 1820 e 1860 surgiu um enorme vácuo no lazer popular com o abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias (adestramento de cães para atacar ursos, futebol primitivo, briga de galos, etc.) pela população, que seguia em massa rumo às cidades em busca de emprego nas indústrias. Desse modo, fazia-se necessário que esse numeroso contingente humano adotasse uma nova forma

de distração para os seus raros momentos de lazer. A confluência de todos esses fatores criou as condições ideais para que a adesão maciça aos esportes respondesse “a um conjunto geral de profundas transformações na vida urbana, relacionadas ao advento da modernidade” (MASCARENHAS, 1999, p. 29).

O surgimento dos esportes modernos não apenas preencheu essa lacuna como também se transformou num dos principais símbolos de uma nova sociedade urbana e industrial, modelo esse que se reproduziu em diferentes pontos do planeta, em razão do poderio econômico e militar do Império Britânico naquela época. Em suma, as transformações relacionadas a uma Revolução Industrial pioneira, combinadas à ideologia promovida pela elite política, possibilitaram que práticas esportivas restritas à escala local (vizinhança, aldeia) conseguissem construir gradualmente, num primeiro momento, uma padronização nacional e, posteriormente, internacional (GILLON et al, 2012).

Entre todos os esportes regulamentados na Inglaterra, sem dúvida alguma, aquele que alcançou a maior dimensão em escala global foi o futebol, alçado à condição daquilo que Boaventura de Souza Santos (2002) denomina como “localismo globalizado”. Os técnicos, operários, marinheiros, professores e comerciantes ingleses espalhados por todo o globo, para onde quer que fossem, levavam consigo uma bola, promovendo *peladas*, nas quais apresentavam o novo esporte à população local, servindo como verdadeiros “missionários da bola” (FERREIRA, 2004b). A força com a qual a “febre de bola” se espalhou pelo planeta, inclusive em territórios hostis à cultura britânica, como as áreas correspondentes atualmente à França, Rússia e Alemanha, fez com que Mascarenhas (2002b) classificasse-o como “o mais duradouro, bem sucedido e disseminado produto de exportação da sisuda Inglaterra vitoriana” (p.4). Curiosamente, na maior parte dos principais domínios coloniais britânicos, prevaleceram esportes mais “imperiais”, como o rúgbi e o críquete. Por sua vez, o novo jogo industrial foi habilmente introduzido pelos atores anteriormente citados em muitas de suas colônias africanas e nos domínios informais do Império Britânico, com destaque para a América do Sul, exceto a Venezuela, que sofreu uma maior influência dos esportes trazidos pela *via norte-americana* (beisebol e basquetebol), em decorrência do estabelecimento de fortes laços comerciais com os Estados Unidos, fazendo com que a transição da hegemonia britânica para a estadunidense se concretizasse primeiro naquela porção do subcontinente americano (MASCARENHAS, 2002b).

A padronização das regras do jogo surge no interior do ambiente das instituições de ensino frequentadas pela elite inglesa. O primeiro conjunto de regras surgiu na escola de Eton, em 1815, iniciativa seguida por outras instituições. Holzmeister (2010) destaca a importância

da reforma educacional promovida pelo reitor Thomas Arnold na escola de Rugby, entre os anos de 1828 e 1842, que compreendia a variação do futebol praticada naquela instituição (que daria origem ao rúgbi atual), como “um instrumento pedagógico, essencial na formação do caráter de indivíduos que participariam da administração imperial britânica” (p. 40). No início da década de 1860, uma grande discussão opôs os alunos veteranos de Eton e Rugby (defensores do uso das mãos para carregar a bola e da tolerância a pontapés nas canelas) e os de Harrow (contrários a essas ideias). Como resultado dessa queda de braço, os alunos de Harrow criaram, em 1863, a *Football Association*, ponto de partida do processo de padronização do código futebolístico, cabendo aos *old boys* de Rugby a elaboração das regras do esporte homônimo à instituição de ensino (GIULIANOTTI, 2002).

Definir as regras do jogo também implicava configurá-lo espacialmente. Com isso, o termo *jogo* (relacionado a práticas recreativas) poderia ser definitivamente substituído por *esporte* (enquanto atividade competitiva). Bale aponta que a elaboração de um código padronizado para o futebol implicou a definição dos limites espaciais associados à sua prática. Para o autor, é essa espacialidade essencial o fator que diferencia o que é esporte daquilo que convencionamos chamar de jogo ou recreação uma vez que eles não impõem a existência de áreas especializadas, geograficamente delimitadas para a sua prática (basta ver como os populares “campos de pelada” podem variar quanto à forma e extensão da mesma maneira que as regras dos embates são de extrema flexibilidade). Dessa forma, o mesmo processo de cercamento ocorrido nas áreas rurais décadas atrás teve início nos campos utilizados para a prática do futebol. A principal providência foi a demarcação das linhas do campo de jogo com o intuito de separar formalmente os jogadores dos espectadores, ato oficializado apenas em 1882, ou seja, quase vinte anos após a criação da *Football Association*.

Bale sugere que a codificação e o confinamento do futebol, característicos desse estágio, podem, portanto, ser interpretados de acordo com a ideia de territorialidade defendida por Robert Sack (1986), relacionada à tentativa do controle e da delimitação de uma área geográfica por um indivíduo ou grupo de indivíduos. Dessa forma, a combinação entre o desenvolvimento da atividade industrial, o cercamento dos campos (com as antigas áreas de uso comum, destinadas à prática agrícola e à criação de animais, servindo agora como propriedades privadas nas quais a criação de ovelhas tinha como finalidade abastecer de lã a nascente indústria têxtil) e a expansão da atividade comercial, tanto dentro das cidades inglesas quanto para muito além das Ilhas Britânicas, tiveram as seguintes consequências: no plano interno, um forte processo de urbanização e industrialização; no plano externo, a transformação da Inglaterra na principal potência marítima, comercial e militar do planeta.

A apropriação da rua e da praça e o cercamento dos *commons*, para o autor, refletiram o aumento da divisão territorial que poderia produzir, por sua vez, o aumento da especialização e divisão do trabalho das atividades, além de proporcionar um maior controle e vigilância sobre as massas. A consolidação desse esporte, tanto como ação quanto como contemplação, sendo o principal meio de distração da população local[28], combinada à necessidade de construir espaços confinados, voltados aos praticantes e à acomodação do público com a intenção de lucrar com o espetáculo via cobrança de ingressos, estabeleceu as condições necessárias para o ressurgimento dos estádios na paisagem urbana.

Para uma melhor compreensão a respeito do terceiro estágio, Bale baseia-se na ideia de Lefèbvre de que a transformação do espaço em *commodity* é uma das principais características do capitalismo, com a cidade deixando de ser vista como *obra* para se transformar em *produto*. Dessa forma, o esporte, com destaque para o futebol, surge como mais um elemento a ser transformado em mercadoria (comoditizado), produto a ser vendido em espaços destinados ao seu uso, refletindo os processos de especialização econômica, social e espacial que ocorriam na sociedade como um todo[29].

Os estádios ressurgem na paisagem urbana e evoluem rapidamente como consequência dessa conjuntura, possibilitando uma melhor acomodação a um público disposto a desembolsar um determinado valor para assistir a uma disputa esportiva. De acordo com Bale, há registros de que, em 1874, a equipe do Aston Villa cobrava ingressos para as suas partidas com o campo de jogo sendo cercado por cordas (os limites da cancha seriam formalmente demarcados por linhas brancas oito anos depois). A utilização de bancos de terra, inclinados e construídos ao redor do campo, marcou as primeiras tentativas de criar melhores condições para que a plateia pudesse visualizar os jogos de futebol.

A possibilidade de aumentar a arrecadação a partir da cobrança de entradas com valores diferentes influenciou fortemente a configuração interna dos estádios de futebol a partir da setorização desses espaços. Alguns aspectos geográficos também foram levados em conta na configuração do estádio moderno[30]. A assistência de maior poder aquisitivo podia ver os jogos sentada em arquibancadas (*stands*), construídas principalmente na parte oeste do estádio, ou seja, de costas para o sol (as partidas eram disputadas à tarde), o que possibilitava uma melhor visão do desenrolar da ação. A instalação de uma cobertura para esse setor

---

[28] Segundo Agostino, "nas rodas de conversa do operariado masculino inglês apenas dois fatos chamavam a atenção de todos: sexo e esporte" (2002, p. 23).

[29] Como veremos no capítulo seguinte, esse processo ganhará forte impulso a partir da década de 1980.

[30] Tomando como referência um estádio "fechado", ou seja, com as acomodações destinadas ao público acompanhando as linhas do campo de jogo.

(muitas vezes apenas na parte central) amenizava o sofrimento dos espectadores com os rigores do clima das Ilhas Britânicas, especialmente o vento e a chuva. Aos torcedores menos afortunados, restavam os setores descobertos a leste (voltados para o pôr do sol), ao norte e ao sul (atrás dos gols), logo com uma visão menos favorecida do campo de jogo, com o público acomodado geralmente em pé, constituindo os *terraces*, conhecidos no Brasil como *geral* ou *coreia*, no caso específico do antigo estádio José Pinheiro Borba, popularmente chamado de Gigante da Beira-Rio[31]. De acordo com Bale:

> O ato de assistir tornou-se parte integrante da atividade, o futebol se aproximou do teatro popular e do espetáculo, se afastando do jogo, seguindo o caminho da exibição, com os espectadores cada vez mais servindo como parte necessária da ação (1993, p. 17).

Quanto à sua localização, os estádios britânicos tradicionais obedeciam a dois padrões principais que criaram diferentes centralidades, com forte influência sobre a distribuição espacial de sua base de torcedores: a proximidade com terminais de transporte (com destaque para as estações ferroviárias), possibilitando o acesso de torcedores de diferentes pontos da cidade e mesmo de localidades vizinhas; a proximidade com as fábricas, o que fortalecia os laços do time com a população das cercanias, restringindo o alcance espacial de sua esfera de influência.

No início do século XX, o arquiteto escocês Archibald Leitch operou a primeira grande revolução relacionada à forma dos estádios de futebol. Se, num primeiro momento, obedeciam ao formato elíptico, com uma arquibancada descoberta inclinada atrás de um dos gols, inspirada nos majestosos anfiteatros romanos (GIULIANOTTI, 2002), a dificuldade por parte dos clubes em expandir ou adquirir novos terrenos em razão do acelerado crescimento das cidades obrigou-o a adotar a forma retangular para o estádio, aliada à construção de imponentes arquibancadas cobertas, sobrepostas em duas fileiras (*doubledeck*), o que trouxe aos clubes a possibilidade de ampliar a capacidade de suas praças de esportes e de gerar maiores arrecadações, criando o padrão clássico dos estádios do Reino Unido que, consequentemente, acabou sendo copiado em boa parte do planeta. Holzmeister (2010) descreve esses estádios, característicos do terceiro estágio do modelo de Bale, da seguinte forma:

---

[31] Com a utilização do Gigante da Beira-Rio como um dos palcos da Copa do Mundo de Futebol de 2014, o estádio, assim como o Maracanã, foi praticamente reconstruído. Com isso, o antigo setor da coreia foi eliminado.

> A concepção arquitetônica destes estádios estava baseada em um modelo que se tornou clássico no futebol britânico: estádios retangulares com setores independentes (no início de madeira, mais tarde de cimento), contando com uma tribuna de sócios (*mainstand*), coberta e com cadeiras, em uma lateral do campo; na lateral oposta, outro setor coberto que poderia ou não possuir assentos e, atrás dos gols, setores chamados *ends* ou *kops*, sem assentos ou cobertura, onde o ingresso era mais barato e onde se aglomerava a torcida mais vocal do clube. Eram os setores com maior capacidade de torcedores (p. 43-44, grifos do autor).

Percebe-se, entretanto, uma importante diferença entre os estádios *de futebol* das Ilhas Britânicas e aqueles construídos também *para o futebol* na Europa Continental. Enquanto na Inglaterra tais equipamentos eram de propriedade dos clubes, erigidos no coração dos centros urbanos como territórios específicos apenas para a prática do futebol (exceção feita a Wembley), no continente eram comuns as construções bancadas pelo poder público, localizadas em áreas mais afastadas, apresentando a possibilidade de outros usos esportivos em seu interior (via construção de pista de atletismo ao redor do campo de jogo ou pelo compartilhamento entre equipes de diferentes esportes) ou como parte de complexos esportivos compostos por ginásios, quadras, parques aquáticos, etc. (modelo adotado no Complexo do Maracanã). Bale estabelece uma comparação entre os estádios de futebol, localizados nas áreas densamente habitadas pela classe operária nas cidades inglesas, e os clubes de tênis, localizados nos elegantes e distantes subúrbios. Para o autor, "a heterogeneidade social do desporto britânico, portanto, se refletiu em seu arranjo geográfico na cidade" (1993, p. 20).

1.3.1 O estádio-prisão

O crescimento da popularidade do futebol trouxe consigo o surgimento do fanatismo e, consequentemente, o aumento do número de conflitos registrados no interior dos estádios entre grupos da mesma torcida e, notadamente, entre torcedores rivais, o que levou a uma maior segregação e controle da multidão não apenas por classe social, mas também por filiação clubística. No Reino Unido, os torcedores arruaceiros receberam a denominação de *hooligans*, termo que, assim como o esporte por eles codificado, espalhou-se pelo planeta. Para combater tais atos, os estádios adotam soluções que os aproximaram (de uma forma bem menos sutil) ao modelo de *palco italiano* (separação do palco da plateia feita pelo fosso e pela cortina), presente nos teatros desde o século XVI. A primeira providência foi impedir a livre

movimentação do público pelo estádio com o confinamento dos torcedores visitantes em "currais", localizados nos pontos de pior visibilidade, separados do campo e da torcida adversária por grades, alambrados e cercas de arame farpado[32]. Mesmo para a torcida local, as condições das instalações não eram satisfatórias. Casos de superlotação e confrontos envolvendo torcedores aconteciam com frequência no interior e nos arredores dos campos de futebol, atingindo um significativo contingente de adeptos a cada temporada.

Giulianotti (2002), ao analisar as principais tragédias que vitimaram torcedores em partidas de futebol ao redor do planeta, cita, além da ineficiência das medidas *anti-hooligans*, que, muitas vezes, se voltaram contra a segurança dos próprios espectadores, transformando os campos em verdadeiras arapucas, as seguintes causas: desastres naturais; instalações precárias e superlotadas; pânico na multidão. Entre tantos acontecimentos com vítimas fatais, podemos citar como os mais emblemáticos as tragédias de Heysel (1985) e de Hillsborough (1989), que, mesmo precedidas (e sucedidas) por muitas outras, representaram pontos de saturação, marcos para mudanças radicais na configuração (estrutura física e frequência) dos estádios da Europa Continental e do Reino Unido em um primeiro momento e, posteriormente, das demais regiões do planeta.

Em 1985, antes do início da final da Copa dos Campeões da Europa, no Heysel Park, em Bruxelas, torcedores do Liverpool ultrapassaram uma barreira formada por apenas seis policiais[33] e invadiram o setor Z, ocupado em sua maioria por torcedores avulsos da Juventus que adquiriram entradas com cambistas. Além de tomar o setor adversário, a intenção dos *hooligans* era a de agredir quem estivesse à sua frente. Encurralados, os adeptos italianos se concentraram junto a um muro lateral, que não suportou o peso excessivo e cedeu, ocorrendo o mesmo com as grades de separação do gramado. No total, foram 39 mortos (muitos por sufocamento, esmagados e/ou pisoteados) e 454 feridos. Além da atitude dos *hooligans* ingleses, o estado precário das instalações do estádio escolhido para abrigar a partida, as falhas das autoridades (prefeitura de Bruxelas, federação belga e União das Federações Europeias de Futebol – UEFA, sigla em inglês) responsáveis pela organização[34] e o despreparo do contingente policial destacado para o evento também foram citados como responsáveis pela catástrofe. Houve o banimento dos clubes ingleses das competições

[32] No caso do Maracanã, seu projeto original não previa medidas tão drásticas. Um fosso servia para segregar a assistência do campo de jogo. No plano interno (arquibancadas), a separação entre grupos rivais era feita por uma barreira humana formada por policiais, possibilitando que a equipe que atraísse o maior número de torcedores ocupasse um espaço mais amplo naquela área.

[33] Fonte: http://infograficos.estadao.com.br/esportes/tragedia-futebol-30-anos-heysel/ Acesso em 13 de julho de 2016. Acesso em 13 de julho de 2016.

[34] Entre elas, podemos destacar o não cumprimento à proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas nas proximidades do estádio.

internacionais pelo período de cinco anos[35]. No campo penal, houve a punição de quatorze *hooligans* a três anos de prisão. A maior parte dos condenados cumpriu a pena em liberdade.

Desde então, a UEFA adotou uma série de medidas que, em nome da segurança e do conforto do torcedor, moldaram um novo padrão para os estádios de futebol, transformando-os em espaços fortemente vigiados, ocupados por um público potencialmente menos agressivo e economicamente mais atraente. Nas partidas promovidas pela entidade, não seriam mais aceitos espectadores de pé, sepultando definitivamente as *gerais*, obrigando a execução de reformas e a consequente redução da capacidade de público total. Houve também um redimensionamento das áreas de circulação interna dos torcedores dentro do estádio e a imposição de medidas que evitassem o contato entre adeptos rivais. No Reino Unido, o Relatório Popplewell[36] (1986) trilhou um viés semelhante. Simon Inglis (1987) questionou a preocupação excessiva demonstrada pelo documento britânico de transformar a ida a uma partida de futebol em um programa de entretenimento familiar, por considerar que "todos os fãs do esporte deveriam ser bem tratados pelos clubes e não somente aqueles que levam as crianças" (p. 38). Ao focar na instalação de circuitos fechados de TV e em outras intervenções anti-*hooligans*, sem, contudo, criticar a estrutura decadente das instalações locais, muitas dessas medidas surtiram um efeito inverso, potencializando a ocorrência de uma catástrofe ainda maior envolvendo, por uma infeliz coincidência, a torcida do Liverpool.

Em 1989, o estádio de Hillsborough (considerado um dos melhores do Reino Unido), na cidade de Sheffield, foi escolhido para abrigar a disputa da partida válida pela semifinal da Copa da Inglaterra (*FA Cup*) contra o Nottingham Forest. O número insuficiente de catracas para a entrada dos torcedores do Liverpool, no setor a ela reservado atrás de um dos gols (chamado de *terrace*), gerou um grande tumulto, em razão do represamento do público.

Em conformidade com as exigências de segurança do relatório Popplewell, o *terrace* recém-reformado[37] fora fracionado em quatro subsetores conhecidos como *pens* (currais). Quando finalmente a polícia resolveu abrir os portões como forma de escoar com maior rapidez o público rumo à parte interna, a falta de sinalização indicativa fez com que a massa

---

[35] A punição ao Liverpool totalizou seis temporadas.

[36] Encomendado na esteira do incêndio provocado por uma ponta de cigarro acesa sobre uma pilha de material inflamável, acumulado junto a um lance de arquibancadas de madeira do *Valley Parade*, propriedade do Bradford City, matando 56 torcedores, dezoito dias antes da Tragédia de Heysel.

[37] Inglis em seu livro *The Football Grouns of Great Britain* (1987), escrito dois anos antes do trágico acontecimento, destaca que a casa do Sheffield Wednesday tinha sido o único grande estádio britânico a ter a sua capacidade ampliada, tendo gasto, em 1986, um milhão de libras com a construção de mais um andar e a instalação de uma cobertura, em 1986, na área localizada atrás de um dos gols, conhecida como *kop* ou *terrace*, para torcedores de pé (a mesma onde ocorreria a tragédia), passando a abrigar quase cinco mil torcedores a mais.

humana seguisse para os subsetores mais próximos, provocando a sua superlotação (algo que não aconteceu nos outros dois *pens* localizados nas extremidades). A pressão do público, que continuava a entrar, fez com que, para não serem esmagados contra as cercas de "proteção", muitos torcedores tentassem, como atitude extrema, pular as grades em direção ao gramado. A polícia, sem compreender a gravidade da situação e adestrada para tratar movimentações de torcedores como atos de perturbação da ordem, em vez de permitir o acesso ao gramado, chegou a bater em alguns deles para que retornassem aos seus currais. Como consequência dessa sucessão de erros, 96 pessoas morreram e quase 800 espectadores ficaram feridos em um recinto livre da presença dos *hooligans*.

Mais uma vez, instituíram uma comissão para apurar as causas do desastre, tendo a divulgação de um documento produzido pelas autoridades nomeadas. Apresentado em sua versão definitiva em janeiro de 1990, o Relatório Taylor (*Taylor Report*), elaborado por uma equipe comandada por Lord Taylor de Gosforth, continha uma série de recomendações que visavam aumentar o conforto, a segurança e o controle das multidões que compareciam aos estádios de futebol. Este não foi o primeiro documento apresentado com essa intenção, mas apresentou como diferencial o fato de, em vez de culpar os torcedores, apontar como principais responsáveis por esse e por outros desastres os clubes, as autoridades, a polícia e a forma como a imprensa abordava o assunto. Em nome da segurança, os estádios, muitos deles construídos antes da Primeira Guerra Mundial e dotados de instalações precárias, foram transformados em verdadeiras prisões cuja arquitetura contribuiu para que situações de pânico coletivo, como a ocorrida na cidade de Sheffield, assumissem tamanha proporção. Para que isso não voltasse a ocorrer, Lord Taylor sugeriu "melhores normas de segurança, maior planejamento por parte da polícia e rigor das autoridades na fiscalização das condições de funcionamento dos estádios" (ALVITO, 2014, p. 63).

Entre as principais propostas elaboradas pela comissão, podemos destacar: uma maior padronização e rigidez quanto às normas de construção e reforma dos estádios; adoção do modelo *all-seater stadium* com todos os torcedores acomodados em assentos numerados (mesmo reconhecendo que a presença de torcedores em pé não fosse intrinsicamente insegura[38]); identificação do torcedor contida no ingresso; retirada das barreiras de arame farpado ou qualquer outro objeto cortante separando o público do campo de jogo e das demais partes do estádio; eliminação de setores nos quais os primeiros degraus recebessem espectadores acomodados em pontos cujo piso se localizasse abaixo do nível do campo de

[38] De acordo com o relatório, os setores com torcedores em pé deveriam ser totalmente eliminados até agosto de 1994 (1990, p. 16).

jogo; proibição de um mesmo torcedor adquirir lotes de ingressos. Tais medidas, mesmo com o apoio do *Football Trust*[39], exigiram um grande esforço financeiro por parte das equipes locais para reformar e, em alguns casos, vender suas antigas casas, optando por erigir novos estádios, localizados, preferencialmente, em pontos distantes das áreas densamente habitadas do espaço urbano local.

1.3.2 Os estádios pós-relatório Taylor

Hollanda e Reis (2014) compreendem Heysel e Hillsborough, desastres acompanhados em tempo real por milhões de telespectadores, como responsáveis pela união de esforços das autoridades (em diferentes escalas) com as forças policiais visando à prevenção, contenção e punição de atos violentos nos estádios e arredores. Paralelamente, a adoção de um conjunto de políticas voltadas à "higienização, gentrificação e de modernização dos estádios" (p. 14) procura afastar e inibir a presença de grupos potencialmente agressivos.

Esse novo modelo de gestão dos estádios e eventos a ele associados foi rapidamente replicado para outros pontos do planeta, resultando numa mudança de perfil e de atitude da assistência em razão da redução da capacidade dos equipamentos renovados, da eliminação dos setores populares substituídos por áreas destinadas a espectadores de maior poder aquisitivo, fruto do encarecimento do valor das entradas e da atomização do ato de torcer. Os *grounds* da virada do século XX para o XXI passaram a ser administrados sob uma lógica comercial de inspiração norte-americana, com o foco voltado para um público mais comportado, de maior poder aquisitivo e menor apego às tradições do clube do coração. Sai de cena o torcedor tradicional, vibrante (e muitas vezes de comportamento agressivo), e entra em campo o espectador passivo, endinheirado, de comportamento mais dócil como demonstra o trabalho de Mascarenhas & Gaffney (2004). Com base numa abordagem de base foucaultiana, os autores sugerem uma nova anatomia política do estádio. Se, durante o segundo estágio, o futebol aproximou-se do teatro popular, a tentativa agora é a de que ele se aproxime da previsibilidade característica do comportamento das plateias do teatro e do cinema atuais.

[39] Órgão ligado ao governo que, com um fundo formado pelo valor arrecadado com loterias e impostos sobre apostas, forneceu um auxílio de até dois milhões de libras para que cada clube pudesse reformar os seus estádios (HOLZMEISTER, 2010).

Não é correto impingir ao Relatório Taylor a responsabilidade de ter indicado a elitização dos estádios britânicos (ingleses, em especial) como solução para erradicar a ocorrência de atos bárbaros associados à realização de eventos esportivos. O próprio Lord Taylor ressalta que, em razão dos custos envolvidos nas obras e da redução da capacidade de público, os clubes teriam o direito de cobrar um pouco mais pelo acesso às novas instalações, mas deveria haver um planejamento paralelo que previsse uma estrutura de preços na qual os assentos mais baratos fossem ofertados a preços acessíveis aos bolsos dos antigos frequentadores[40] (1990, p.13).

Dessa forma, Alvito aponta os dirigentes dos clubes como responsáveis pela mudança do perfil do público presente aos estádios. Eles vislumbraram a possibilidade de, ao oferecer equipamentos seguros e confortáveis, atrair um público de maior poder de compra e menor potencial ofensivo, o torcedor-consumidor. O preço médio das entradas apresentou um crescimento vertiginoso, levando a uma desterritorialização dos torcedores oriundos da classe operária, "confinados" em casa ou nos *pubs*. Cada vez mais, o futebol se tornava um espetáculo voltado para a televisão.

1.3.3 Arena-Tradium

Bale emprega o termo *tradiums*, do inglês *trade* (comércio, troca) + *stadium* (estádio), como forma de nomear as estruturas pós-modernas características do quarto estágio do modelo por ele concebido, ou seja, formas planejadas sem a preocupação do vínculo exclusivo a um único esporte, transformadas em espaços multiesportivos, multifuncionais e de uso flexível, com finalidade declaradamente comercial. Ao traçar um paralelo com o estágio inicial, "o estádio voltou à sua forma de utilização multifuncional pré-moderna do espaço", voltando a ser "um salão de entretenimento gigantesco" (2006, p. 135).

Seguindo uma linha parecida, a FIFA sugere que os planos elaborados para os estádios, construídos ou reformados a fim de abrigar competições sob a sua chancela, contemplem a possibilidade de realizar eventos da área do entretenimento e de outros esportes

[40] Na mesma página, o relatório citou como exemplo o estádio escocês de Ibrox, onde o Glasgow Rangers cobrava seis libras pelos assentos mais baratos contra quatro libras pelos setores que acomodavam a torcida em pé, uma diferença não tão expressiva assim.

como estratégia de viabilizá-los economicamente. A ideia de *tradium* também aparece na seguinte citação:

> A questão de viabilidade econômica tem também encorajado os proprietários de estádios a examinar a utilização não relacionada à função esportiva primária. Há bons exemplos em todo o mundo de centros varejistas, clínicas de saúde, academias e clubes de esportes, hotéis e centros de conferência e educacionais associados diretamente com o desenvolvimento de estádios. Assim, o aumento de utilização e de espaço locável aumenta a auto-sustentabilidade e a viabilidade da instalação como um todo (2011, p. 45).

Trilhando a via crítica, Mascarenhas procura avançar nessa discussão ao admitir o potencial de geração de renda das novas arenas para os clubes e seus administrados sem esquecer, entretanto, o impacto trazido pelos novos espaços concebidos pelos atores hegemônicos sobre os modos de torcer tradicionais. Para o autor:

> A retórica dominante enaltece tais equipamentos como dotados de uma multifuncionalidade, através do recorrente adjetivo "multiuso". Trata-se, na realidade, de uma adequação arquitetônica que permite o funcionamento de lojas e restaurantes no interior do estádio, bem como acolher grandes eventos musicais, religiosos e outros. Sem dúvida, a moderna arena multiplica sua capacidade comercial ao flexibilizar as funções do equipamento. Todavia, para o torcedor engajado, o que se percebe é o movimento oposto, de restrição acentuada de seu comportamento, reduzido à condição passiva de assistir sentado. Portanto, ao contrário do que é entusiasticamente divulgado pelos agentes hegemônicos, interdições diversas padronizam as formas de torcer e acenam para o torcedor a clara redução da natureza efetivamente "multifuncional" do estádio tradicional, que era o verdadeiro portador da diversidade de usos: não apenas assistir espetáculos, mas ser protagonista, e inventar formar de expressão coletiva, de cantar, dançar, comer e beber (2013a, p. 157).

Gaffney compreende o fim da Geral do Maracanã, consumado em 2005, como parte desse processo no qual as arenas surgem como símbolos de modernidade em contraponto ao "velho" estádio. A permanência do antigo setor popular representava o "vestígio de uma época passada que não concorda com as exigências modernas da produção do desporto" (2004, n.p).

Essa passagem para o quarto estágio elaborado por John Bale para os estádios tem como principal característica o estabelecimento de um forte aparato de vigilância e controle sobre o público tanto com a escolta a grupos de torcedores visitantes desde a chegada à cidade até o momento da partida quanto com a instalação de modernos sistemas de monitoramento no interior dos estádios. Bale apoia-se na ideia do panóptico presente na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, para definir os estádios de futebol desse último estágio. Os novos fixos passam a ser concebidos como artefatos tecnológicos, onde modernas coberturas moldadas

com materiais de última geração, os gigantescos ecrãs de alta definição e a internet de grande velocidade (apenas para citar dois exemplos) dividem a atenção do espectador com a ação que se desenrola no interior do equipamento de entretenimento. O estádio deixa de ser estádio e passa agora a ser nomeado como arena multiuso (mesmo que, tecnicamente, não sejam arenas plenas), com sua configuração interna podendo variar de acordo com o espetáculo que abriga. A setorização adquire um grau de sofisticação tamanho que é praticamente impossível o contato entre diferentes setores e a livre movimentação dentro de um mesmo setor (via adoção de lugares marcados). Com a introdução do modelo *all-seater* (todos os espectadores sentados), os antigos locais destinados ao público em pé (*gerais* no Brasil e *terraces* na Inglaterra) foram eliminados, sendo substituídos por confortáveis assentos individuais, camarotes corporativos ou setores destinados à presença de famílias, com a redução da capacidade de público amplamente compensada por um aumento significativo da arrecadação. Pensando o papel potencial dos estádios no debate sobre o direito à cidade, Mascarenhas sugere que:

> Diante do conceito de cidade-cenário, não nos parece estranho propor a noção de "estádio-cenário", considerando o quanto sua atual configuração e regulação se prestam muito mais a encenações comportadas e adequadas à transmissão televisiva, do que a um espaço de livre manifestação coletiva. Milton Santos (1987) já havia colocado de forma contundente o quanto a sociedade capitalista restringe o acesso aos direitos de cidadania àqueles aptos a pagar: ao "cidadão-consumidor". Todavia, parece que estamos diante de uma nova situação, que radicaliza a associação do consumo com direitos de acesso a polis: trata-se do empobrecimento da vida pública pela via da segregação espacial (a insularização) conjugada à supracitada encenação, fruto do aparato normativo emergente. (...) A aclamada modernização dos estádios de futebol se insere precisamente nesse processo, posto que ela visa remover de seus recintos todos aqueles comportamentos considerados inadequados à nova ordem de consumo passivo do espetáculo futebolístico. O atual "modelo FIFA" concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, "figurante", seleto, solvável, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público "familiar", "ordeiro" que vai ao estádio consumir o espetáculo e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo hegemônico. Ainda no plano da retórica modernizadora, pretende-se um estádio "civilizado", em contraposição ao caos e à "barbárie", supostamente reinantes no modelo anterior, considerado vulnerável a movimentos de massa incontroláveis e sujeito à atuação de grupos sociais "perigosos". É notável o quanto este discurso sobre os estádios reproduz fielmente o pensamento neoliberal (2013a, p. 158-160, grifos do autor).

O estádio passa a ser visto como local de consumo e o espectador como cliente. Nele, tudo está à venda, até mesmo o nome da edificação via venda dos *naming rights*. Nesses novos espaços, como veremos ao longo da tese, a exclusão sociocultural dá lugar à exclusão socioeconômica. Utilizando o termo consagrado pela obra de Rogério Haesbaert, tem-se em

curso um processo de desterritorialização tanto concreta quanto simbólica do torcedor tradicional. Qualquer semelhança com o "novo" Maracanã não será mera coincidência.

1.4 Os estádios padrão-FIFA

Em nível mundial, o "novo estádio" tem na obra *Estádios de futebol: Recomendações e requisitos técnicos* (2011) o seu principal guia. Editado pela FIFA e elaborado por um grupo de técnicos contratados pela entidade, o livro nada mais é que um grande passo a passo, contendo, nos mínimos detalhes, uma série de exigências e recomendações relacionadas à configuração dos estádios "padrão-FIFA", aptos a abrigar partidas nos eventos organizados sob a sua chancela. A orientação principal contida no estudo não difere do padrão imposto aos equipamentos esportivos britânicos e da Europa Continental. Tem como objetivo principal "ajudar a todos os envolvidos em projeto, construção e administração de estádios de futebol e a criar instalações que permitam assistir aos jogos com segurança e conforto" (p. 11). O documento, em suas quarta e quinta edições, lançadas em 2007 e 2011, respectivamente, norteou as intervenções realizadas nos doze estádios que abrigaram a Copa de 2014. Entre uma edição e outra, a estrutura do documento sofreu pequenas alterações. Interessante notar que a expressão arena multiuso, amplamente empregada para denominar o novo padrão de estádio desejado para o Brasil, é citada como um dos espaços capazes de abrigar (nos ginásios poliesportivos) partidas de futsal, esporte que, assim como o futebol de areia, tem a FIFA como entidade máxima[41].

Se não há uma definição clara acerca do que seja uma arena, sua vocação surge de forma explícita ao prever que os estádios multifuncionais, apesar de terem nas partidas de futebol o seu fim primário, abriguem outras modalidades como forma de incrementar a geração de receitas (p. 44). Há uma ressalva, entretanto, para a construção de pistas de atletismo, que afastariam o público do campo de jogo. Uma solução bastante dispendiosa, porém possível, seria a adoção de arquibancadas retráteis, como as existentes no *Stade de France*. Outra importante fonte de recursos é a realização de eventos de entretenimento, incluindo concertos, festivais, peças teatrais e feiras de negócios e de consumo. A utilização

[41] No documento, o termo arenas poliesportivas é utilizado apenas para designar os espaços utilizados para a prática do futsal e do futebol de areia, outra modalidade controlada pela FIFA.

de gramados sintéticos, outro exemplo do avanço das técnicas, tolhida por um longo tempo pela entidade, chega a ser encorajada, como meio de aumentar a vida útil do gramado.

Os novos espaços são concebidos para abrigar diferentes usos relacionados à prestação de serviços e ao entretenimento pago possibilitando a geração de renda contínua. Esses ambientes devem ser tão previsíveis quanto o saguão de um aeroporto internacional ou a parte interna de um *shopping center*. No plano operacional, a divisão em quatro setores separados (que podem ser fracionados) procura evitar o contato entre grupos rivais. Os acessos precisam ser amplos, bem sinalizados e contar com a presença de orientadores de público (espalhados pelas partes externa e interna), preparados para dirimir eventuais dúvidas e evitar surpresas desagradáveis. Um ambiente limpo, claro e arejado, dotado de uma farta oferta de sanitários e instalações de alimentação, contribui para a manutenção da ordem, desestimula os atos de vandalismo e a ocorrência de outros comportamentos inadequados. A ambiência criada deve favorecer o consumo por impulso, com lojas e quiosques preparados para transformar a paixão clubística em renda, oferecendo desde uma vasta linha de produtos oficiais até planos de sócio-torcedor. Nada deve atrapalhar a experiência do frequentador de uma partida de futebol:

> A identificação das fileiras deve ser exibida claramente nas áreas de circulação e setores em local de fácil localização no lado externo ao último assento. Quando o espectador chegar a um estádio desconhecido com um ingresso marcando Setor B, Fila 22, Cadeira 9, o caminho para o assento deve estar claramente marcado e ser de identificação fácil.
> Todos os assentos devem ser numerados de modo que possam ser clara, fácil e imediatamente identificados. Os espectadores não devem ter de se inclinar para ler números de assentos obscuros, apagados e minúsculos em placas de numeração enquanto outros esperam atrás, impacientes e frustrados. É importante que todo o processo de entrada não seja estressante ou desnecessariamente demorado (FIFA, 2011, p. 111).

Acomodados em seus assentos cobertos, numerados, inquebráveis e à prova de fogo, o campo de visão das quatro linhas do gramado deve estar livre de qualquer obstáculo, algo parcialmente garantido pela maior inclinação das arquibancadas e, em caso de necessidade, por uma equipe de seguranças, responsável por abordar (inicialmente) de forma educada todos aqueles que têm dificuldade em assimilar o novo padrão de comportamento em vigor. Um potente sistema de som e telões de alta definição exibem gols de jogos históricos, cantos e imagens da torcida, estatísticas variadas, (muitas) mensagens publicitárias, além de imagens da partida e do público. Com sorte, o torcedor/espectador/cliente pode ser focalizado (as chances aumentam se estiver acompanhado de familiares ou de um par romântico) e “explodir” em alegria, ao vivo, para todo o país. A internet de alta velocidade permite que a

experiência no estádio seja, após o registro fotográfico ou em vídeo, imediatamente postada, compartilhada e curtida.

Tudo isso, devidamente monitorado em uma sala de controle interna, equipada com um circuito fechado de TV. Em nome da preservação do patrimônio e da segurança do público, toda a movimentação dos torcedores e demais atores envolvidos na realização de uma partida é constantemente vigiada. A observação direta realizada no estádio em praticamente todos os seus setores em dias de jogos, complementada pela participação no *Tour Maracanã*, em setembro de 2013, e associada à leitura do documento oficial editado pela FIFA, permite constatar que a equipe responsável pela reforma/reconstrução do nosso objeto de estudo procurou manter-se fiel aos mandamentos contidos naquela cartilha.

1.5 Estádio ou arena?

No Brasil, o ano de 2007 pode ser considerado um marco em relação à implantação de uma reconfiguração quanto à forma-função do nosso parque de estádios. A escolha do país como sede da XX Copa do Mundo de Futebol, a ser realizada sete anos mais tarde, veio acompanhada da constatação de que nenhuma praça de esportes encontrava-se plenamente adequada para atender às exigências e recomendações da FIFA, necessárias para a realização de uma competição de tamanha monta.

Desde então, os novos ou renovados estádios passaram a ser designados como arenas, uma tentativa de marcar a ruptura entre as obsoletas, inseguras e “mal frequentadas” instalações utilizadas para o futebol e o novo padrão de equipamento pretendido, moderno, seguro, confortável e, principalmente, multifuncional, preparado para a realização de diferentes eventos voltados para o entretenimento pago, concebido para um público com maior poder de compra.

Entretanto, o termo arena carece de uma definição clara. O relatório ARENAS MULTI-USOS elaborado pelo BNDES, em 2007, compreende tais estruturas como “instalações, de diferentes portes como ginásios e estádios, onde se realizam eventos de diversas naturezas” (p. 3). Mesmo entre os arquitetos envolvidos nos planos de construção ou reforma dos doze estádios utilizados na Copa de 2014, não há um consenso quanto ao que elas realmente seriam.

A dupla responsável pela elaboração do projeto de reconstrução do antigo Estádio Mané Garrincha (também chamado de Estádio Nacional), em Brasília, possui visões distintas.

Em uma analogia simples, porém didática, Eduardo de Castro Mello compara os estádios a pires, com arquibancadas baixas e afastadas do campo de jogo. As arenas, por sua vez, pareceriam com xícaras, com uma inclinação maior das arquibancadas e a aproximação da plateia ao gramado[42]. Seu filho, Vicente de Castro Mello, tem uma visão pragmática, compreendendo essa nova denominação como uma estratégia de *marketing* para vender mais facilmente os novos, ou remodelados, equipamentos esportivos, incrementando a arrecadação com anunciantes[43]. Dessa forma, a arena surgiria como forma de se desvincular da imagem associada ao antigo estádio, compreendido como um território voltado para a prática esportiva, vez ou outra apropriado por territorialidades temporárias que fogem da sua função primordial. Sua principal finalidade seria a de oferecer serviços de entretenimento pagos, associados ao aproveitamento de suas instalações que, no velho estádio, permaneciam ociosas durante a maior parte do tempo.

Daniel Hopf Fernandes, diretor-presidente do escritório responsável pelo projeto de construção da Arena Pernambuco e do *retrofit* do Maracanã, compreende os estádios como "locais para a prática quase exclusiva do futebol, enquanto as arenas são pensadas para abrigar um grande número de diferentes eventos" (2013, p. 65[44]). Apesar de as partidas continuarem como o uso primordial, elas não são necessariamente a atividade que gerará o maior volume de receitas. Para que isso aconteça, o futebol precisaria deixar de ser encarado como esporte passando a ser compreendido como entretenimento, algo que, segundo ele, é um conceito ainda não assimilado pela maior parte dos agentes envolvidos nesses planos. No seu entendimento, enquanto os estádios tendem a sofrer, ao longo dos anos, com o processo de degradação e de desvalorização, as arenas se consolidariam como pontos de referência e de atração de investimentos.

Geraint et al (2007) percebe os estádios (*stadia*) como edificações projetadas para abrigar os esportes que requerem um maior espaço para o desenrolar da ação, seja ao ar livre, seja com estruturas projetadas com a utilização de coberturas. As arenas, por sua vez, corresponderiam a recintos fechados geralmente menores que os estádios. Entretanto, eles admitem que *stadia* possa ser denominada como uma grande arena desde que, além dos seus usos múltiplos, seja concebida para abrigar concertos musicais, sendo fundamental a

---

[42] Fonte: http://www.portal2014.org.br/noticias/10869/ESTADIOS+E+ARENAS+COMO+XICARAS+E+PIRES.html. Acesso em 16 de abril de 2016.

[43] Fonte: http://www.portal2014.org.br/noticias/9868/O+CONCEITO+DE+ARENA+E+PURO+MARKETING+DIZ+ARQUITETO+DA+COPA.html. Acesso em 16 de abril de 2016.

[44] FERNANDES, Daniel Hopf. A nova infraestrutura de arenas e a Copa de 2014: impulsionando a cadeia de entretenimento no Brasil. In: CADERNOS FGV PROJETOS. Ano 8, número 22, junho/julho 2013 (p. 62-69).

existência de um telhado (fixo ou retrátil) que cubra todo o campo de jogo. A compreensão dos autores para essas estruturas pós-modernas relaciona-se diretamente à concepção de *tradium*. No Brasil, somente a Arena da Baixada pode ser considerada como uma grande arena ou arena plena. O teto retrátil permite aos espectadores assistirem a qualquer evento realizado no local, abrigados e sem a preocupação com a ocorrência de quaisquer fenômenos atmosféricos na parte externa. A todos os demais equipamentos construídos como "arenas" para a Copa do Mundo (acrescentando ainda o novo campo do Grêmio, em Porto Alegre, e o reformulado Palestra Itália/Allianz Parque, em São Paulo) caberia a classificação estádios "padrão-FIFA" (arenas incompletas), projetados basicamente para o futebol ou, como veremos no segundo capítulo, arenas para a sociedade do espetáculo.

Um exemplo do uso de um equipamento como arena multifuncional plena foi a realização do evento de *Mixed Martial Arts* (MMA) – *Ultimate Fighting Championships* (UFC 198) em 14 de maio de 2016, reunindo 45.207 espectadores confortavelmente distribuídos pelas arquibancadas da arena coberta e pelos setores *premium*, com os assentos instalados em volta do octógono montado sobre o centro do gramado[45] (Foto 1).

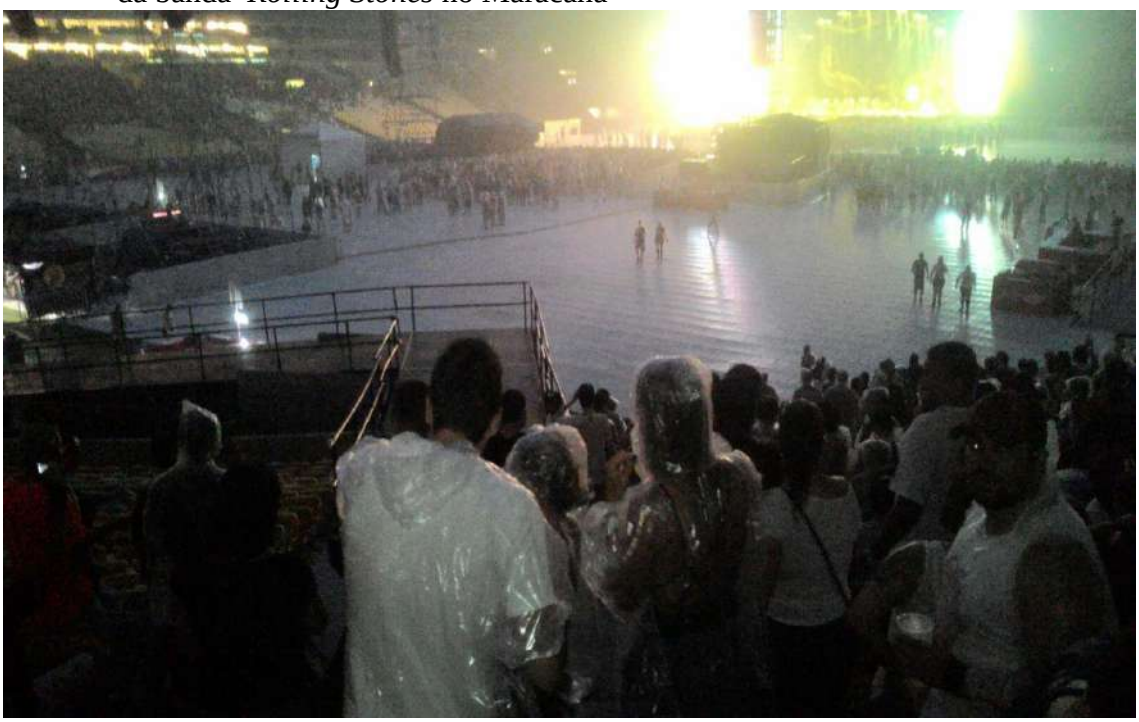
Foto 1 - Arena da Baixada recebendo a disputa do UFC 198

Fonte: PUGLIESI, André. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/torcida-tem-visao-perfeita-do-ufc-ate-da-cadeira-mais-alta-da-arena-da-baixada-3681vh7yror9xhficka3k66h2 Acesso em 20 de julho de 2016.

[45] O preço dos ingressos (valor inteiro) variou entre R$ 139 para a Arquibancada e R$ 5.000 (VIP Experience). Fonte: http://globoesporte.globo.com/pr/noticia/2016/03/ufc-divulga-precos-dos-ingressos-para-edicao-198-na-arena-da-baixada.html Acesso em 20 de julho de 2016.

No Maracanã, apesar de encontrarmos diversas características relacionadas às arenas plenas, a ausência de um teto retrátil ou fechado constitui-se em um problema quando são realizados concertos musicais ou eventos nos quais são vendidas entradas na área descoberta ou o desenrolar da ação não seja possível em condições atmosféricas desfavoráveis. A atual cobertura, mesmo construída com modernas técnicas de engenharia e da utilização de materiais com tecnologia de ponta, expõe às intempéries os espectadores que desembolsam justamente os valores mais elevados pelas entradas vendidas para eventos desse porte. Foi o que aconteceu com os espectadores que gastaram R$ 440 para a Pista e R$ 900 para a Pista Premium Ourocard[46] (montados sobre o gramado e localizados junto ao palco) a fim de assistir ao show da banda de rock inglesa *Rolling Stones*, realizado em 20 de fevereiro de 2016[47] (Foto 2). Situação semelhante enfrentou a assistência que compareceu ao show da mesma turnê realizado no Beira-Rio, outra arena (incompleta) remodelada para a Copa 2014.

Foto 2 – Público vestido com capas de chuva, posicionado em frente ao palco do show da banda *Rolling Stones* no Maracanã



Fonte: Hylea Vale (fevereiro de 2016).

O nome arena, ao que tudo indica, surge como uma forma de tentar marcar a oposição entre o antigo estádio — sem conforto, sujo, inseguro, com odores desagradáveis,

[46] Valores inteiros.
[47] Fonte: http://oglobo.globo.com/cultura/rolling-stones-noite-comeca-com-chuva-no-show-de-abertura-18717929. Acesso em 8 de julho de 2016.

homofóbico, misógino — e as novas estruturas concebidas para abrigar outros eventos além do futebol (MASCARENHAS, 2013a). Seria uma expressão de ruptura com a ideia de atraso do estádio tradicional, que visaria atrair um novo público, de maior poder aquisitivo e menor diversidade socioeconômica e, em razão do contexto histórico nacional, menor diversidade étnico-racial.

As arenas funcionam como fator de distinção em múltiplas escalas: arquitetônica (como ícones do espaço urbano inseridos no contexto de promoção da imagem das cidades), social (símbolo de status), cultural (imposição de um novo padrão de comportamento e formas de utilização desses espaços) e técnica (incorporação de materiais e apetrechos tecnológicos de ponta), expressões do meio técnico-científico informacional do qual trata Milton Santos.

De qualquer forma, a transformação do estádio em arena parece ter surgido como estratégia de distinção. Em 2007, ao procurar exaltar a magnitude da construção do Estádio Olímpico João Havelange, recém-inaugurado para os Jogos Pan-Americanos daquele ano, o então secretário municipal de obras da capital fluminense, Eider Dantas, destacou a moderna praça esportiva carioca como "um estádio de primeiro mundo. Não é só um estádio, é uma arena. Nele, poderão ser realizados shows, teremos 50 lojas e 78 camarotes. E ele pode ser ampliado para ter capacidade de até 60.000 espectadores" (2007, p. 11[48]), completou o político fluminense.

Como parte desse processo, os antigos estádios e ginásios perdem a identidade toponímica (substituída pelos cobiçados *naming rights*) e o vínculo às suas famílias esportivas originais (estádio de futebol, estádio de atletismo, ginásio poliesportivo), sendo agora categorizados como arenas multiuso ou multifuncionais. A maior parte dos estádios possui um nome de batismo e uma denominação popular que o identifica perante a população. No estádio que se torna arena, naturaliza-se a adoção de uma denominação comercial que, ao término do contrato, desaparece e pode ser sucedida por outra. O padrão-arena inibe o emprego da denominação popular como forma de possibilitar a venda dos *naming rights*. Nesses novos espaços, como veremos ao longo da tese, a exclusão sociocultural dá lugar à exclusão socioeconômica. Utilizando o termo consagrado pela obra de Rogério Haesbaert, tem-se em curso um processo de desterritorialização concreta e simbólica do torcedor tradicional, que, no Maracanã, teve início antes de sua arenização. É o que veremos a partir do segundo capítulo.

---

[48] Revista Obras do Pan, 2007. Fonte:https://issuu.com/magnoxavier/docs/pan Acesso em 1 de julho de 2016.

2 MARACANÃ: DE CENTRALIDADE POPULAR A ARENA PARA A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

O presente capítulo tem como objetivo compreender o processo de transformação do Maracanã, de um estádio concebido para abrigar as massas, dotado de uma centralidade popular e de uma alma própria, a uma arena "neutra", similar a tantas outras espalhadas pelo planeta. Esse novo modelo representa o ápice de uma arquitetura que visa minimizar ou impor novas formas de controle sobre a festa e maximizar o consumo, focada num público-alvo de maior poder aquisitivo, limitando o acesso de boa parte dos torcedores tradicionais de baixa renda. Estes foram fortemente afetados pela mudança de perfil desejada para assistência, concebida por alguns dirigentes de clubes e pelos administradores do renovado equipamento entregue à gestão privada.

Para que haja uma melhor compreensão a respeito do capítulo, será obedecida a seguinte estrutura: começaremos analisando as razões e o contexto relacionados à escolha da construção do estádio especificamente naquela porção do espaço urbano carioca, ponto de partida de sua relação com o torcedor; em um segundo momento, mostraremos como o Maracanã se transforma na principal referência identitária do bairro homônimo, conferindo a ele uma centralidade popular, nascida com a inauguração do estádio, posteriormente reforçada por meio da edificação do complexo esportivo-educacional ao seu redor e de equipamentos de uso público, responsáveis pela sua integração à paisagem urbana e ao cotidiano dos moradores do bairro e arredores; finalmente, no terceiro momento, trataremos das seguidas tentativas de elitização do público frequentador do estádio, que, como procuraremos mostrar, não teve início com a reforma de 1999, mas, sim, em 2005, com o fechamento desse importante fixo (reaberto no ano seguinte) para a execução das obras que visavam adequá-lo à realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007.

Como resultado dessas intervenções, tivemos o desaparecimento do seu setor mais popular e democrático, a Geral. A recente reforma/reconstrução do nosso mais importante equipamento esportivo coroou esse processo. A renovada arena renasceu totalmente descaracterizada em seu interior, dotada de uma melhor infraestrutura de conforto e segurança é verdade, concebida, entretanto, para atender a um novo perfil de torcedor. Veremos também que o embate entre forças horizontais e verticais impediu a transformação plena do complexo esportivo-educacional em um centro de entretenimento pago, regido unicamente por uma lógica comercial.

2.1 Contexto inicial e escolha do local: surge o "estádio das massas"

O ano de 1938 marcou, além da realização da III Copa do Mundo de Futebol, na França, o lançamento da candidatura brasileira à sede do mundial seguinte, a ser realizado em 1942, tendo a Alemanha como oponente (TEIXEIRA, 2004). A ausência de instalações esportivas à altura do evento (mesmo que este apresentasse uma dimensão incomparavelmente menor do que a atual) fez com que ganhasse força a ideia da construção de um estádio olímpico no terreno do antigo Derby Club. Em setembro do mesmo ano, a imprensa anunciou a autorização do governo federal para a edificação de um grande complexo esportivo que contemplasse a presença de um estádio de futebol para 100.000 espectadores e de estruturas que abrigassem outros esportes (COMAS, 2011), seguindo o modelo que, como vimos no capítulo anterior, era bastante comum nos países da Europa Continental. O projeto escolhido, de autoria dos arquitetos italianos Piacentini e Morpugo, tinha como inspiração o recém-inaugurado Foro Mussolini[49], em Roma. A ideia, entretanto, não seguiu adiante.

Com a eclosão da II Guerra Mundial (1939 – 1945), a prática desportiva com fins de competição acabou sendo relegada a um plano secundário. Dessa forma, não foram realizados, entre outros eventos, os Jogos Olímpicos de 1940 e 1944, assim como as Copas do Mundo de Futebol de 1942 e 1946[50]. Em 1941, ano de criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), ainda no período do Estado Novo (1937 – 1945), foi lançado um concurso visando erigir um suntuoso complexo poliesportivo, com destaque para um monumental Estádio Nacional voltado para a prática do futebol, capaz de abrigar as massas que afluíam em número crescente aos acanhados *grounds* cariocas, algo já existente em nossos vizinhos e rivais Argentina e Uruguai. O Rio de Janeiro, assim como boa parte do nosso país, vivia uma verdadeira "febre de bola", e o futebol despontava como esporte número um no gosto popular, não mais encontrando concorrência em outras modalidades que, outrora, foram capazes de atrair grandes públicos, tais como o remo e o turfe. Entretanto, a falta de um consenso acerca do projeto vencedor mais uma vez adiou esses planos.

Aproveitando-se do cenário de destruição e posterior reconstrução existente no continente europeu no período pós-II Guerra, o Brasil voltou a apresentar a sua candidatura

---

[49] Mascarenhas (2014) observa que o nazi-facismo inaugura uma era de predominância de estádios estatais já que até então prevalecia a construção privada de tais equipamentos. No Brasil, o Pacaembu, de 1939, seria o marco inicial dessa nova era.

[50] Em razão do seu contexto histórico, a década de 1940 ficou conhecida como "A década sem Copa".

como país sede da IV Copa do Mundo de Futebol, o que foi ratificado durante a realização do congresso técnico da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 1946, fazendo com que a ideia da construção do novo estádio deslanchasse de vez[51].

Após um breve impasse acerca de quem seria responsável pela realização da obra, se o governo federal ou a prefeitura da capital, ficou decidido que esta última dispunha de melhores condições para tocar o projeto adiante. Concluída essa etapa, o debate agora girava sobre o local onde seria construído o novo equipamento, capaz de abrigar a crescente paixão do torcedor pelo futebol. A ideia de ampliação do Estádio Vasco da Gama, o maior da cidade até então, logo fora abandonada. Fazia-se necessária a edificação de uma estrutura monumental, capaz de mostrar tanto aos nossos vizinhos sul-americanos quanto ao resto do mundo uma imagem de nação forte e vibrante, verdadeiro "país do futuro".

O debate locacional de então se insere no contexto de transição do papel dos estádios na cena urbana. Mascarenhas (2013b e 2014a) assinala que o padrão locacional dos estádios, vigente nas primeiras décadas do futebol no Brasil, encontrava-se anacrônico, diante da popularização acelerada do futebol. Por um lado, a reduzida capacidade de público do velho "estádio aristocrático" não comportaria mais o afluxo crescente de interessados em prestigiar os jogos; por outro, a ampliação desses equipamentos encontrava obstáculos físicos e urbanísticos, pois geralmente estavam inseridos em zonas de densa ocupação, bairros tradicionais das camadas abastadas. Ao mesmo tempo, o fato de estarem situados em zonas nobres encarecia qualquer projeto que requisitasse aquisição de terreno vizinho para ampliação do estádio. Por fim, o próprio afluxo maior e mais ruidoso de torcedores não interessava aos habitantes desses bairros nobres, pois comprometia suas valiosas amenidades.

Ademais, conforme o futebol ia deixando de ser o esporte dos jovens aristocráticos, não seria mais interessante comportar nesses bairros um estádio, ao contrário dos hipódromos, e mais tarde dos campos de golfe, que permanecem até os dias atuais como equipamentos esportivos valorizadores das imediações. Em suma, a evolução social do futebol, no sentido de sua popularização, demandava uma nova espacialidade dos estádios, distanciando-se dos bairros nobres e, em alguns casos, conforme veremos a seguir, projetando-se em zonas suburbanas e áreas do tecido urbano ainda em expansão.

Nesse contexto, dois projetos dominaram as discussões acerca da localização da nova praça de esportes: o primeiro, apoiado pelo então vereador Carlos Lacerda, propunha a construção do novo estádio na Baixada de Jacarepaguá, como parte da estratégia de ocupação

[51] De acordo com o Congresso de 1946, o Mundial deveria ser realizado em 1949, data essa posteriormente remarcada para o ano seguinte (MOURA; 1998; TEIXEIRA, 2004).

de uma parcela (naquela época) praticamente desabitada da capital federal. O segundo, defendido, entre outros, pelo então prefeito, Mendes de Moraes, pelo governo federal e por Mário Filho, proprietário do *Jornal dos Sports*, visava ao aproveitamento da vasta área, que até a década de 1920 abrigara o Derby Club, construída para a prática do turfe[52]. Alegava o alcaide que esse terreno era dotado de uma melhor infraestrutura de acesso, inclusive com uma estação de trem (principal meio de transporte daquela época) em suas proximidades[53]. Vieira (2000) destaca também a sua excelente localização geográfica devido à proximidade com a Praça da Bandeira e por situar-se na convergência de vias de acesso ao Centro, Zonas Norte e Sul e aos subúrbios da Central do Brasil, sendo também servida, além dos trens suburbanos, por linhas de bondes, ônibus e lotações**.** O compositor, radialista e vereador Ary Barroso também exerceu forte pressão para que o projeto que previa a refuncionalização do abandonado Derby Club fosse escolhido[54], o que acabou acontecendo após aprovação pela Câmara dos Vereadores.

O modelo de financiamento previa o ressarcimento aos cofres públicos dos recursos aportados pelo Banco da Prefeitura com a receita obtida pela venda de cadeiras cativas, o que livraria os cofres da municipalidade do ônus da obra (MOURA, 1998). Traçando paralelos com as reformas há pouco concluídas no estádio, teríamos no final da década de 1940 um precursor do modelo futuramente denominado como parceria público-privada (PPP), muito mais justo do que o atual. Naquela época, os recursos dos cidadãos de poder aquisitivo médio e alto contribuíram para financiar um equipamento destinado à diversão de todas as classes, enquanto que, nos dias de hoje, foi a utilização do dinheiro público que bancou uma obra bilionária entregue ao usufruto de poderosos grupos privados.

Terminados os debates, não foram poucos aqueles que duvidavam da conclusão das obras no prazo estimado. Além disso, as denúncias de desvio de material e de uso inadequado dos recursos destinados à obra eram frequentes. Em meio a esse quadro, o estádio

---

[52] Havia também um estudo para a construção, no bairro de Irajá, de um estádio particular com capacidade para 100.000 espectadores, o Estádio Nacional Sociedade Anônima (Ensa), incorporado por Fausto Matarazzo, ideia ferozmente rechaçada pelo *Jornal dos Sports* (MOURA, 1998).

[53] A própria escolha da construção do estádio de futebol na parte norte do terreno buscava aproximar o novo equipamento esportivo da cidade da estação de trem (TEIXEIRA, 2004).

[54] Em 19 de agosto de 1947, o *Jornal dos Sports* publicou pesquisa de opinião pública encomendada ao IBOPE por Ary Barroso. Nela, os entrevistados foram divididos em dois grupos: o público em geral (580 pessoas) e os aficionados pelo futebol (500 pessoas), entrevistados na saída dos campos mais importantes da cidade. Entre outras questões, destacava que para 79,2% da população em geral e para 95% dos aficionados, a cidade necessitava de um novo estádio; e, para 56,8% da população e 85,2% dos apaixonados pelo futebol, o terreno do antigo Derby Club seria o local mais apropriado para a construção da nova praça de esportes (MOURA, 1998; VIEIRA, 2000; TEIXEIRA, 2004).

rapidamente começava a tomar forma em meio à paisagem urbana. O tempo era curto e, mesmo inacabado, o Maracanã ficou pronto para o Mundial.

A construção do estádio representou um triunfo da engenharia e da arquitetura nacionais, não só pelo tempo de execução da obra (um ano e dez meses), mas também pela geometria adotada em forma de *falsa elipse*, que gira em torno de quatro focos de visão, que aproximava o público do campo de jogo. Destacava-se, ainda, a marquise de concreto armado, construída de modo que os pesos da cobertura e da arquibancada fossem amarrados e projetados para trás no arco de contorno do estádio, com as estruturas de aço (tirantes) funcionando como flechas amarradas ao arco, puxando e projetando o peso para baixo e para a frente (VIEIRA, 2000). Tudo isso sem a utilização de colunas que obstruíssem a visão dos torcedores[55].

A perda da final da Copa do Mundo para o Uruguai constituiu-se num marco improvável no que se refere à construção da relação de afetividade do Maracanã com o cidadão carioca e brasileiro. Podemos afirmar que o estádio foi o único "poupado" pela perda do título mundial uma vez que: os atletas foram acusados de terem se acovardado diante da valentia do selecionado uruguaio; o técnico Flávio Costa, de subestimar o adversário e ter dado mais atenção às suas pretensões políticas; a torcida, de ter se mantido calada quando a equipe mais precisava; e o presidente Dutra, de que sua presença teria trazido azar ao *onze* nacional. O busto de granito feito em homenagem ao prefeito Mendes de Moraes foi atirado no rio Maracanã após a partida. Até mesmo o uniforme da seleção brasileira caiu em desgraça, com o azul e branco[56] tradicional substituído pela posteriormente mítica camisa "canarinho" (VIEIRA, 2000; AGOSTINO, 2002; FERREIRA, 2004). Moura (1998), por sua vez, destaca a construção do Estádio Municipal como resultado dos anseios das classes populares, símbolo da capacidade empreendedora do povo brasileiro. Para ela, a perda do tão almejado campeonato mundial de futebol adquire importância secundária visto que "O Estádio Municipal conquistara definitivamente seu lugar na cidade. O Maracanã tornara-se seu coração" (p. 138).

Essa relação de afetividade da população na escala do bairro, da cidade e nacional com o "Estádio das Massas" que acabara de surgir, dotado de forte centralidade popular, perdurou e se fortaleceu nas décadas seguintes. É o que veremos a seguir.

---

[55] A autoria do projeto arquitetônico do Maracanã é de Antônio Dias Carneiro, Pedro Paulo Bastos, Orlando Azevedo e Raphael Galvão. A parte dos cálculos estruturais ficou a cargo dos engenheiros Antônio Alves Noronha, Paulo Fragoso, Sérgio Marques de Souza e Alberto Costa (VIEIRA, 2000).

[56] Com a derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, o antigo uniforme, todo branco e com detalhes azuis, foi apresentado sendo substituído pelo atual, com camisas amarelas e calções azuis, escolhido em um concurso vencido pelo gaúcho Aldyr Garcia Schlee (UNZELTE, 2002, p.137).

2.2 Integração do complexo do maracanã com o bairro e a cidade: a consolidação de sua centralidade popular

Mesmo tendo sido oficialmente criado e delimitado pelo Decreto nº 3.158, de 23 de julho de 1981[57], muito antes disso, e para além da definição objetiva, essa porção do espaço urbano carioca, constituída pelo Estádio Jornalista Mário Filho (assim rebatizado em 1966) e adjacências, já era percebida como bairro pela população local. Para Raimundo et al (s/d), a fim de se compreender os limites do bairro, faz-se necessário confrontar e sobrepor o *oficial* (delimitado pela Prefeitura) e o *vivido* (percebido pelos moradores, transeuntes e usuários do espaço). Nessa mesma linha, Souza (1989) compreende o termo bairro como resultado da convergência de duas dimensões: uma objetiva e outra subjetiva/intersubjetiva, pois seria a partir do encontro delas que se estabeleceria uma realidade social. Aproveitando a noção de *topofilia* elaborada por Tuan (1980) para designar a profunda afeição que as pessoas têm por determinados espaços sociais, o autor sugere a adoção do termo *bairrofilia*, relacionado "à simpatia, que se realiza como afeição pelo bairro, apego ao bairro" (p.150). Soares (1995), por sua vez, enxerga a ideia de bairro como sendo construída por meio de uma noção de origem popular. Para o habitante da cidade, ele seria um conjunto dotado de uma originalidade própria.

Quando tratamos do caso específico do bairro do Maracanã, percebe-se que, apesar de sua denominação ter sido herdada do rio que o corta[58], é o estádio, incluindo o complexo esportivo localizado no seu entorno, que exerce a função de localidade central do ponto de vista físico e geográfico (Imagem 2). Quanto ao rio, espremido pelo crescimento da cidade, acabou por se transformar num elemento secundário da paisagem urbana local, vindo a reassumir o seu protagonismo somente quando transborda durante os períodos de fortes tempestades.

---

[57] Fonte: http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/ Acesso em 25 de maio de 2013.

[58] Fonte: http://www.enapet.ufsc.br/anais/Tranformacoes_e_Retransformacoes_no_Bairro_Maracana.pdf Acesso em 8 de maio de 2013.

Imagem 2 – Vista aérea do bairro do Maracanã, com destaque para o Estádio Jornalista Mário Filho e o complexo poliesportivo localizado em seu entorno

Fonte: Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm Acesso em 25 de maio de 2013.

Corrêa (1969), ao citar a Teoria das Localidades Centrais, elaborada por Christaller, em 1933, afirma que mercado e acessibilidade constituem os dois mais importantes fatores de diferenciação entre as cidades em relação à distribuição de bens e serviços. Adaptando essa ideia, podemos dizer que a existência de um mercado potencial, ávido pelo produto esporte (particularmente o futebol), somada ao fácil acesso a um equipamento concebido para abrigar as massas (ligações viárias com todas as regiões da cidade, estações de trem e, *a posteriori*, o metrô), e a proximidade com áreas densamente habitadas conferiram ao Maracanã, e a seus satélites posteriormente edificados, uma centralidade popular simbólica e concreta.

A construção do estádio de futebol (cujos múltiplos usos transcendem a esfera esportiva) no terreno que anteriormente abrigara o Derby Club (originalmente destinado à prática turfística) e a inauguração do Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso – Maracanãzinho – (1954), do Estádio de Atletismo Célio de Barros (1974) e do Parque Aquático Júlio Delamare (1978) vieram reforçar, além de sua centralidade popular, a

identidade esportiva do bairro[59]. Ao modelo de estádio como complexo esportivo-educacional, inaugurado pelo Pacaembu (1940) e pelo Caio Martins (Niterói, 1941), Mascarenhas (2013b e 2014b) sugere denominar de "cívico-monumental", pois o objetivo abertamente divulgado era a promoção de uma juventude mais saudável, vibrante e, por isso, presumivelmente patriota. Nas palavras de Vargas, imbuído de ânimos fascistas, por ocasião do discurso de inauguração do estádio do Pacaembu, se projetava uma mocidade com "elevado índice eugênico".

Retornando a discussão ao Maracanã, a construção de uma identidade esportiva para o morador do bairro e adjacências não ocorreu de imediato. Sua experiência com o esporte relacionava-se somente ao ato da observação e não ao da prática, pois, ironicamente, o bairro não dispunha de qualquer área pública de lazer. Apenas com a construção de uma ciclovia (também utilizada como local para caminhadas) circundando o complexo, de uma pista de skate e a instalação de aparelhos de ginástica é que o esporte passou a ser percebido e vivido como hábito e não apenas como contemplação. Nota-se, paralelamente, um fortalecimento da relação de pertencimento dos moradores do entorno com o lugar uma vez que, ao contrário do que acontece com os equipamentos esportivos de alto rendimento, o perfil do frequentador caracteriza-se predominantemente pela população residente nos seus arredores.

Outro fixo presente no interior do complexo e que serviu para reforçar a construção de laços afetivos com a população local é a Escola Municipal Arthur Friedenreich, espécie de enclave educacional em meio a tantos equipamentos esportivos, que atende a alunos do Ensino Fundamental. Construída em 1965 e localizada entre o Maracanã e o Maracanãzinho, próximo à Estátua do Bellini, é considerada uma das melhores da rede municipal de ensino[60], obtendo a quarta maior média (7,6) do Rio no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2011[61] e a sexta mais alta em todo o estado do Rio de Janeiro. Entretanto, o avanço das obras para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, aliado ao projeto de concessão do Maracanã, fez com que a escola, o estádio de atletismo e o parque aquático fossem ameaçados de despejo correndo sério risco de demolição.

---

[59] Durante o período de funcionamento do Derby Club (1885-1926), onde no seu hipódromo, o Prado Itamaraty, eram realizadas corridas de cavalos, muito populares naquela época. Para Melo (2001), entre as razões para o sucesso do clube, destacar-se-iam a sua maior proximidade com o Centro e as principais áreas residenciais da cidade em relação aos demais clubes de turfe existentes naquela época. O fato de a região ser dotada, já naquela época, de um bom sistema de transportes e a proximidade com a residência da família real, também são citados pelo autor.

[60] No último concurso de admissão para o 6° ano do Colégio Pedro II, um dos mais tradicionais do país, para a formação das turmas com início das aulas em 2013, quatorze alunos da Escola Municipal Friedenreich conseguiram a aprovação, distribuídos por quatro unidades diferentes.
Fonte: http://escolamunicipalfriedenreich.blogspot.com.br/ Acesso em 5 de junho de 2013.

[61] Fonte: http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2012/11/06/pais-e-alunos-se-mobilizam-contra-retirada-de-escola-friedenreich-do-maracana/ Acesso em 21 de junho de 2013.

A privatização do complexo, em 2013, combinada a uma desejada "mudança de perfil" do público para o Maracanã, presente no estudo de viabilidade para a concessão da área, procurou afastar não somente os frequentadores habituais do estádio de futebol, mas também aqueles matriculados nos projetos sociais sediados nas dependências internas do complexo, notadamente os de menor poder aquisitivo. Isso replicou e reforçou naquele local o caráter excludente e elitista verificado em outras intervenções de grande impacto bancadas pelo poder público em diferentes partes do tecido urbano carioca. Essa conduta visava "preparar" a cidade para receber os megaeventos em questão.

Desde o final da década de 1990, consideráveis somas de dinheiro público foram investidas em reformas no Estádio Mário Filho. A primeira grande transformação teve início em 1999 visando adequá-lo às exigências da FIFA para a disputa do I Campeonato Mundial de Clubes a ser realizado no ano seguinte. Ao custo de R$ 106 milhões[62], as arquibancadas ganharam assentos e foram divididas em cinco setores (dois verdes, atrás de cada um dos gols; um branco, na parte central em frente às cadeiras especiais; e dois amarelos, entre os setores verdes e o branco) com a colocação de barreiras de acrílico com base de concreto para separá-los das cadeiras especiais e demais quintos da arquibancada. A construção desses pontos fixos de separação das torcidas de equipes adversárias praticamente cessou com os confrontos nas dependências do Maracanã[63]. A setorização do estádio possibilitou também a cobrança de ingressos com valores distintos, sendo os mais caros destinados ao setor branco; os mais baratos, aos dois setores na cor verde[64]. Em razão da proibição da FIFA de que os espectadores assistissem às partidas em pé nas competições por ela patrocinadas, a Geral — setor popular localizado à beira do gramado — permaneceu fechada durante os jogos (nas demais competições, ela continuava sendo utilizada normalmente). Apesar da transformação sofrida em sua configuração interna, a opinião dos frequentadores do estádio também foi levada em consideração uma vez que, a pedido das torcidas organizadas, os assentos do setor verde, ocupados por elas há décadas, não possuíam apoio para as costas (FERREIRA, 2013; HOLLANDA, 2014), o que possibilitaria a livre movimentação necessária para a carnavalização do espetáculo (MASCARENHAS, 2005). Houve um inegável acréscimo em

[62] Os valores relacionados às transformações sofridas pelo Maracanã em 1999 e 2006 encontram-se disponíveis no *blog* Copa Pública. Fonte: http://www.apublica.org/2013/04/infografico-maracana-na-ponta-lapis/ Acesso em 28 de maio de 2013.

[63] Quando os embates aconteciam, geralmente eram entre facções rivais de uma mesma equipe.

[64] Era comum também que, exceção feita a jogos decisivos e partidas da Seleção brasileira, os valores cobrados pelas entradas nos setores amarelos (posicionados entre os setores verdes e o branco) fossem os mesmos, tornando possível a movimentação entre essas partes com a utilização do corredor de acesso às arquibancadas.

conforto e segurança, pois a setorização dificultou o embate entre torcidas organizadas rivais, algo comum quando a separação entre elas era feita por uma frágil barreira formada por policiais militares, sem que houvesse grandes prejuízos para a cultura do torcedor tradicional. Sendo assim, podemos afirmar que tais intervenções serviram para modernizar o estádio, pouco alterando a sua configuração original e o acesso dos torcedores de todas as classes sociais.

Cláudio Vieira, ao homenagear o cinquentenário do estádio com o livro *Maracanã, templo dos deuses brasileiros*, exalta, em tom ufanista, o caráter monumental, engenhoso, icônico e atemporal daquela construção, ressaltando a sua apropriação pela população carioca e brasileira, que conferiria a ela um caráter "eterno".

> O traçado geométrico do Maracanã é moderno. Meio século após a sua inauguração, recebe adaptações com extrema facilidade, como se projetado para estar sempre em sintonia com o tempo. Daqui a 50 anos ainda será atual. Os que lá viverem acharão bisonho que, um dia, chegaram a sugerir a demolição do mais belo estádio do mundo, o templo dos deuses brasileiros. Imaginem se proposta semelhante fosse feita aos norte-americanos em relação à Estátua da Liberdade. Ou aos franceses, com a sua Torre de Eiffel!
> Deixa pra lá. O importante é que seus olhos saltitem sobre a linha contínua que passa pelo calor das arquibancadas, desce à emoção das cadeiras e deslisa (*sic*) sobre a paixão que fervilha na geral, à beira do campo (...).
> Cada detalhe é uma manifestação de orgulho das engenharia e arquitetura tupiniquins. Repare, por exemplo, na altura das arquibancadas. A largura de cada degrau e a parábola que eles descrevem, eliminando a possibilidade de que alguém atrapalhe a visão de alguém – exceto na hora de um ataque perigoso, quando ninguém é de ferro para ficar sentado para assistir ao desfecho da jogada.
> Agora, olhe para cima. Tente responder como essa marquise gigantesca flutua em torno de todo o anel, sem que haja uma única coluna para sustentar o seu peso. É a magia da arquitetura Made in Brazil (2000, p. 33).

O século XXI reservou ao Maracanã dois grandes golpes que o descaracterizariam em relação à sua aparência interna e ao perfil do seu público frequentador. Procuraremos, a seguir, relacionar as mudanças em curso no outrora "maior do mundo" a um contexto muito mais amplo, no qual a atração de megaeventos serve como estratégia de promoção da imagem das cidades. Paralelo a isso, há ainda a execução de intervenções que beneficiem não o espaço urbano como um todo, mas sim a determinadas áreas "cirurgicamente" escolhidas, nas quais, parcerias empreendidas pelo poder público, com a participação ativa dos atores econômicos hegemônicos, propiciam ao capital encontrar as condições ideais de reprodução.

2.3 O processo de elitização do maracanã: um debate polêmico

O primeiro grande golpe aplicado contra o estádio como espaço vivido pelo torcedor ocorreu em 2005, ano do seu fechamento para as obras voltadas à realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007. Quando de sua reabertura, em janeiro de 2006, os R$ 304 milhões investidos serviram basicamente para rebaixar o gramado e, principalmente, acabar com a Geral, substituída por um prolongamento das cadeiras azuis, desterritorializando os torcedores menos abastados e aqueles que, mesmo dispondo de meios para pagar por um ingresso em outro setor, preferiam frequentá-la como forma de experimentar um jogo à parte.

Tamanhas mudanças fazem parte do contexto de forte mercantilização do esporte e da sua inserção numa lógica capitalista que, como vimos no capítulo anterior, existe desde a segunda metade do século XIX, mas que ganhou força no momento classificado por Mascarenhas (2009) como "virada dos 80". Nesse período, tanto a FIFA (comandada pelo brasileiro João Havelange) quanto o Comitê Olímpico Internacional - COI (administrado pelo espanhol Juan Antonio Samaranch) passaram por uma profunda reestruturação com a prevalência de um *ethos* amador em diversos campos, com base na adoção de novas estratégias de gerenciamento, trocando a lógica esportiva pela do capital, tornando-se, posteriormente, duas das maiores multinacionais do planeta. As principais competições promovidas por essas entidades alcançam um novo *status*, alçadas à condição de megaeventos que "cristalizam, à maneira de caricaturas, as dimensões salientes da experiência social e cultural" (BROMBERGER, 2008, p. 241), cujas cifras envolvidas, incluindo a venda dos direitos de transmissão, produtos licenciados e cotas de patrocínio, alcançam a casa dos bilhões de dólares. Bilhões também são os espectadores/consumidores espalhados por todos os cantos do planeta, ávidos por acompanhar a imensa quantidade de informações gerada todos os dias acerca do "produto" esporte. A experiência de consumir *in loco* o desenrolar dessas competições (devidamente divulgada via redes sociais) constitui ainda um fator de distinção social, pouco importando o grau de fanatismo ou mesmo de compreensão das regras acerca desta ou daquela modalidade.

Não foi apenas a prática esportiva que passou a ser tratada de forma cada vez mais comoditizada. Essa nova lógica influenciou também o espaço urbano, via substituição do antigo modelo de planejamento urbano integrado por um novo, em que desponta a ideia de planejamento estratégico, que visa privilegiar determinadas áreas vistas como ideais para a concretização dos interesses relacionados aos grupos hegemônicos. A implementação de

Grandes Projetos Urbanos (GPUs) assume papel de destaque nas estratégias de promoção e de venda da imagem das cidades (*city marketing*) num contexto em que elas passam a competir entre si. Bienenstein et. al (2011) destacam que a implementação desses GPUs geralmente encontra-se associada a parcerias público-privadas. Tais parcerias "encarnam novos arranjos econômicos e políticos, conferindo centralidade a determinados atores econômicos na cena política urbana e redefinindo novas relações entre o capital e o Estado" (p. 170). Dessa forma, a atração de megaeventos esportivos encaixa-se perfeitamente nesse novo modelo em vigor.

No passado, interesses políticos apropriaram-se das competições esportivas de alcance mundial e fizeram com que elas perdessem o que restava do seu caráter lúdico inicial, passando a servir como vitrine para projetos que em nada tinham a ver com os seus ideais originais. Atualmente, a partir do momento em que são tomadas de assalto pelas estratégias de reprodução do capital, comandadas pelos grandes grupos, abrem mão definitivamente dos princípios do amadorismo, inserindo-se na "indústria do entretenimento", ou, como afirma Debord (2003), na *sociedade do espetáculo*, afinal, "espetáculo e globalização são duas palavras que sintetizam estes rituais" (MASCARENHAS, 2009, p. 507). De acordo com Debord:

> O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. Mas se o dinheiro dominou a sociedade enquanto representação da equivalência central, isto é, do carácter permutável dos bens múltiplos cujo uso permanecia incomparável, o espetáculo é o seu complemento moderno desenvolvido, onde a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco como uma equivalência geral ao que o conjunto da sociedade pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro que se *olha somente*, pois nele é já a totalidade do uso que se trocou com a totalidade da representação abstrata. O espetáculo não é somente o servidor do *pseudo-uso*, é já, em si próprio, o pseudo-uso da vida. (2003, p. 36- 37, grifos do autor)

E o Maracanã, qual o seu papel nessa lógica? Megaeventos necessitam de estruturas de grande visibilidade e monumentalidade. O processo de reforma pelo qual o estádio passou tinha a intenção de mostrar ao mundo uma nova imagem do Rio de Janeiro e, por conseguinte, do Brasil. A transformação sofrida no seu interior simbolizaria, portanto, um processo semelhante em curso no nosso país e na *Cidade Maravilhosa*.

Nesse ponto, esconde-se algo muito mais relevante: os volumosos recursos públicos investidos na preparação do principal palco dos dois megaeventos em questão visam atender um público restrito que, muitas vezes, pouco se interessa pelo esporte em si, atraído principalmente pela visibilidade alcançada por eventos de tamanho porte, verdadeiros espectadores/consumidores *in loco* da sociedade do espetáculo. Afinal, "o espetáculo é o

capital a um tal grau de acumulação que se toma imagem" (DEBORD, 2003, p. 34). Como pudemos ver ao longo da Copa do Mundo, os altos preços cobrados pelos ingressos excluíram os torcedores fanáticos de menor poder aquisitivo, cabendo a eles (e ao contribuinte de um modo geral) apenas a função de pagar a conta bilionária da reforma de um palco que sequer abrigou uma partida da Seleção Brasileira ao longo da competição.

A grande reforma/reconstrução empreendida entre 2010 e 2013 parecia destinada a transformar o Maracanã numa espécie de casa de shows elitizada, símbolo de um novo padrão no qual as camadas menos favorecidas da nossa população não teriam vez nem voz. O arquiteto Daniel Fernandes, responsável pelo projeto executivo do estádio, em entrevista publicada em 2010, pelo sítio Portal 2014[65], deixou claro que havia essa intenção não para todo o estádio, mas sim para os setores Leste e Oeste, localizados de frente para as linhas laterais do campo de jogo e de melhor visão para os espectadores. Segundo Daniel Fernandes:

> O alvo é o que chamamos de público premium, ao qual será oferecido uma série de produtos: camarotes (geralmente corporativos, pois são caros), *business seats* (mais baratos que os camarotes), *club seats* (mais ou menos como as numeradas atuais) e o *season ticket* (quando o torcedor compra o ingresso pra temporada inteira). É isso que vai manter o Maracanã, pois um estádio tem que viver do futebol. Tem coisas que vão incrementar isso, como shows etc., mas o principal é o futebol (grifos nossos).

Em artigo publicado às vésperas da Copa das Confederações de 2013, Fernandes ressaltou a importância de atrair esse tipo de público, pois ele ocupa em torno de 16% da capacidade total de uma arena, podendo representar 70% de sua receita total (2013, p. 67). Entretanto, o arquiteto ressaltou, em diferentes ocasiões, que procurou adequar o Maracanã ao padrão das modernas arenas multiuso sem esquecer que a sua função primordial relaciona-se às partidas de futebol, dando a entender que os setores localizados atrás dos gols (Norte e Sul) continuariam a receber um público próximo àquele que costumava frequentar o estádio. Sendo assim, compreendemos o processo de elitização pretendido para todos os setores como uma atitude bancada pela empresa Consórcio Maracanã S/A (com o apoio de Flamengo e Fluminense, clubes que assinaram contrato de uso daquele espaço), responsável pela administração do estádio, a fim de aumentar a arrecadação com a bilheteria dos jogos e de outros serviços associados. É possível constatar essa proposta ao lermos a publicação de um trecho do Estudo de Viabilidade Econômica, elaborado em 2012, encomendado pelo governo

[65]Fonte:http://www.portal2014.org.br/noticias/5897/ARQUITETO+DO+MARACANA+FALA+SOBRE+O+PROJETO+PARA+A+COPA.html Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

do estado do Rio de Janeiro, de autoria da empresa IMX (pertencente ao grupo que, posteriormente, passou a administrar o estádio), com vistas à privatização do Maracanã. O documento, em seu artigo 30, de acordo com reportagem publicada no sítio Esporte Interativo (Imagem 3), deixa clara essa intenção ao apontar como vantagens para os clubes que viessem a utilizá-lo um aumento da arrecadação resultante de uma mudança de perfil do público frequentador das novas instalações, disposto a desembolsar valores mais altos pelas entradas[66].

Imagem 3 – Artigo 30 do Projeto de Viabilidade para a privatização do Maracanã

Vantagens para os Clubes

✓ O clube poderá se beneficiar do crescimento de receitas que um novo estádio irá lhe proporcionar em termos de:

(i) bilheteria, com o aumento da presença e da mudança do perfil do público e conseqüente aumento do valor médio dos ingressos; e

.

Coadunando com a postura mercantilista adotada pela entidade desde a década de 1980, a FIFA apoia a desejada mudança de perfil do público frequentador para as novas instalações futebolísticas. Se, antes, os equipamentos eram concebidos para abrigar coletividades de todas as classes, dispostas em setores separados de acordo com o poder de compra, o foco, agora, passa por "limpar" esses ambientes de grupos vistos como cultural e economicamente indesejáveis. A proposta é substituí-los por uma clientela avessa à imagem associada ao estádio tradicional, afinal "atrair VIPs ou consumidores que estejam dispostos a pagar muito mais que o preço regular dos ingressos é essencial para o sucesso financeiro do estádio moderno" (FIFA, 2011, p. 31).

Dessa forma, o ápice de todo esse processo foi, em 2013, a concessão. em regime de Parceria Público-Privada (PPP) da gestão, operação e manutenção do Estádio Mário Filho e do Ginásio Gilberto Cardoso pelo período de 35 anos, ao Consórcio Maracanã S.A., formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG Administração de Estádios. A Imagem 4 mostra as principais edificações do complexo vistas do alto e representadas pelas letras A (Maracanã), B (Estádio de Atletismo Célio de Barros), C (Ginásio do Maracanãzinho) e D (Parque Aquático Júlio Delamare).

[66] Reforçando o caráter seletivo e excludente do "novo" Maracanã, a soma da capacidade dos 108 camarotes construídos equivale a cerca de 3% dos lugares destinados a essa plateia VIP, enquanto apenas 0,7% dos assentos servem às pessoas com necessidades especiais, quando a Lei obriga uma reserva mínima de 1% da capacidade total do estádio. Fonte: http://www.apublica.org/2013/05/copa-direitos-humanos-infografico-animado/ Acesso em 28 de maio de 2013.

Imagem 4 – Vista aérea do Complexo do Maracanã

Fonte: Governo do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado da Casa Civil, 2012a.

O contrato previa a realização de diversas intervenções por parte da empresa contratada. Entre elas, podemos destacar: a demolição do Museu do Índio e da Escola Municipal Friedenreich; a remoção do Estádio de Atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio Delamare; a construção de dois centros de treinamento destinados à prática do atletismo e dos esportes aquáticos em substituição às estruturas removidas[67]. Outras obrigações seriam a construção de um novo prédio para a escola, a demolição do presídio Evaristo de Moraes (localizado nas proximidades) e a construção de quatro novas unidades prisionais na cidade[68].

Como parte das contrapartidas, o grupo vencedor teria direito à construção e exploração comercial de dois edifícios-garagem (um deles servido por heliponto) com altura máxima de 22 metros. Neles, o pavimento térreo deveria dispor de lojas e serviços como forma de garantir a valorização dos arredores do Complexo, criando vida e integrando com o passeio público (Imagem 5). Reforçando o conceito de *tradium*, consta no contrato a exigência do funcionamento das lojas "de forma independente podendo ser utilizadas em

[67] Fonte: http://www.rj.gov.br/web/casacivil/exibeconteudo?article-id=1288480 Acesso em 7 de agosto de 2016.
[68] Fonte: http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Repudiadas-por-cariocas-reforma-e-concessao-do-Maracana-abre-feridas/4/28193 Acesso em 2 de agosto de 2016.

momentos de não utilização do Estádio" (2012, p. 45). Somente com a exploração dessas duas edificações, a receita anual estimada girava em torno de R$ 19 milhões[69].

Imagem 5 – Parte do Novo Complexo de Entretenimento do Maracanã sem o Estádio de Atletismo Célio de Barros

Fonte: Governo do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado da Casa Civil, 2012a.

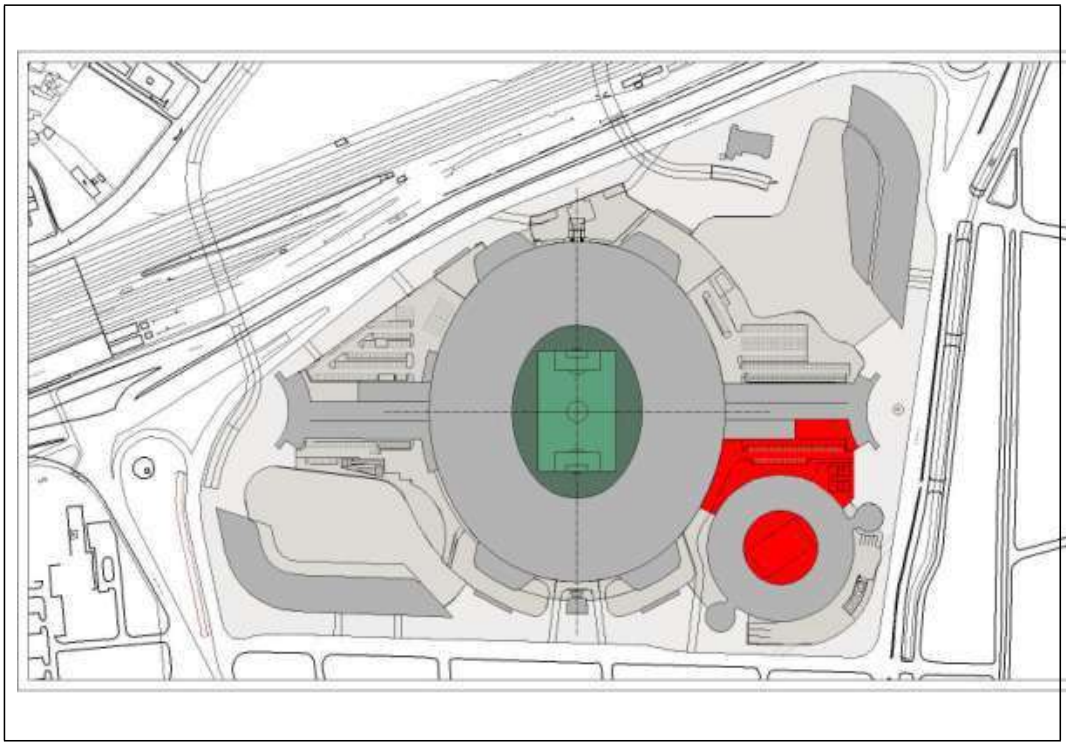
Conforme consta no Anexo 3 do Edital de Privatização[70], a demolição dos equipamentos esportivo-educacionais se fazia "necessária" segundo diferentes razões. A remoção do Célio de Barros e do Júlio Delamare, nomeadas como *Adequação das Áreas Internas do Complexo*, serviria para melhorar a circulação interna, aumentando as áreas livres, graças à criação de duas praças internas que poderiam abrigar pequenos shows e eventos. No caso do prédio do Antigo Museu do Índio, sua demolição possibilitaria a melhor dispersão do público no Complexo do Maracanã. No terreno remanescente da unidade escolar, por sua vez, deveriam ser construídas duas quadras de aquecimento anexas ao Maracanãzinho para a utilização dos atletas que atuassem no ginásio poliesportivo durante a realização dos Jogos

[69] Fonte: http://oglobo.globo.com/copa-2014/cabral-desiste-de-demolir-celio-de-barros-diz-que-concessao-do-maracana-esta-em-suspenso-9327192. Acesso em 26 de agosto de 2013.

[70] Disponível em http://download.rj.gov.br/documentos/10112/1288219/DLFE-55916.pdf/EditalAnexo3ElementosdoProjetoBasicoeEstudosArquitetonicos.pdf Acesso em 7 de agosto de 2016.

Olímpicos de 2016[71] (Imagem 6). Terminado o megaevento, elas ficariam “livres” para usos mais rentáveis.

Imagem 6 – Projeto para a construção de quadras anexas ao Ginásio Gilberto Cardoso em lugar da Escola Friedenreich



Fonte: Governo do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado da Casa Civil, 2012b.

Teve início uma intensa batalha travada por diferentes segmentos da sociedade em defesa dos fixos ameaçados. Em uma das frentes, o deputado estadual Marcelo Freixo, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), entrou com o pedido na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) para a formação de uma comissão especial a fim de acompanhar o cumprimento do contrato de concessão. Segundo os Ministérios Públicos Federal e Estadual, os valores do aluguel (do estádio) e das obras foram feitos pela mesma empresa que concorreu à administração do Maracanã, no caso, a IMX (CASTRO, 2016).

De acordo com o dossiê apresentado em 2013 pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, desde o princípio, a condução dos planos para o novo Maracanã e seus arredores caracterizou-se pelo autoritarismo do governo do estado do Rio de Janeiro, ignorando as inúmeras manifestações e tentativas de diálogo promovidas por entidades e grupos que utilizavam as dependências do complexo e do Museu do Índio (atletas,

[71] Fonte: http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/29/projeto-de-privatizacao-do-maracana-preve-demolicao-de-escola-publica-modelo.htm Acesso em 1 de agosto de 2016.

pais de alunos, professores, indígenas, entre outros) e que buscavam ter as suas opiniões ouvidas acerca da formulação de políticas públicas para aquele espaço. Segundo a mesma publicação, ficou clara a ação coordenada do poder público em suas instâncias municipal e estadual com os grandes grupos privados, cujo interesse limitava-se a auferir a maior quantidade de lucros possível via exploração comercial de uma área de extremo interesse para a população. Como exemplos, além do já citado estudo de viabilidade de privatização encomendado pelo governo estadual a uma empresa que participaria do referido processo licitatório, temos, seguindo a via do poder municipal, o destombamento, pelo decreto 36.349, de 19 de outubro de 2012, de parte do Complexo do Maracanã (tombado desde 2000 como patrimônio histórico e cultural da cidade), destacadamente o Estádio de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare.

A ação do prefeito Eduardo Paes abriu caminho para a demolição desses dois equipamentos esportivos de grande relevância social para a cidade, cuja estrutura de funcionamento não se limitava a atender a atletas de alto rendimento. Os projetos sociais existentes no Júlio Delamare[72] serviam a mais de 10.000 pessoas que utilizavam as suas dependências em atividades de natação, hidroginástica, ginástica, polo aquático, nado sincronizado, saltos ornamentais, além de programas de iniciação esportiva para os mais jovens, de tratamento de saúde para idosos e pessoas com deficiência, encaminhados pela rede pública de saúde. O Célio de Barros servia como sede para projetos de iniciação ao atletismo, de inserção social e de tratamento de saúde pela via do esporte, além da sua utilização em olimpíadas escolares, universitárias e comunitárias[73].

Em janeiro de 2013, o governo do estado desistiu da intensão de demolir o prédio. Tal atitude ocorreu após intensa mobilização, envolvendo redes e organizações nacionais e internacionais, pareceres do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) e do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), reforçando o valor histórico e cultural daquele fixo, além do desmentido da FIFA a respeito de uma pretensa exigência de arrasamento do prédio como parte do pacote de obras para a Copa do Mundo de 2014[74]. Pelo

---

[72] Para os Jogos Pan Americanos, o Parque Aquático Júlio Delamare passou por importante reforma, orçada em dez milhões de reais.

[73] Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro. Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro maio de 2013. Disponível em https://comitepopulario.files.wordpress.com/2013/05/dossie_comitepopularcoparj_2013.pdf Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

[74] Fonte: Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro maio de 2013. Disponível em http://www.observatoriodasmetropoles.net/download/dossie_megaeventos_2013.pdf Acesso em 22 de junho de 2013.

novo projeto, ele deveria ser reformado e refuncionalizado, passando a abrigar o futuro Museu Olímpico (obras a cargo do Consórcio Maracanã), algo que não atendia aos anseios dos grupos envolvidos no movimento de resistência. Para eles, o local deveria abrigar atividades voltadas à preservação da cultura indígena (CASTRO, 2016).

As ações articuladas por diferentes atores, somadas ao cenário político marcado por constantes manifestações contrárias ao governo em suas múltiplas esferas, resultaram numa "virada" momentânea desse jogo. No início de agosto de 2013, o governador Sérgio Cabral anunciou que desistira do arrasamento do Estádio Célio de Barros (cabendo aos cofres do Estado o ônus da reforma), o Parque Aquático Júlio Delamare e a Escola Municipal Friedenreich. O contrato de concessão do estádio foi posto "em suspenso" para que o consórcio decidisse pela manutenção ou não do compromisso anteriormente assinado. Tal mudança de atitude decorreria de "pedidos da justiça e do desejo da sociedade civil[75]". Seguindo a mesma linha, o prefeito Eduardo Paes, no dia 12 de agosto, além de tombar provisoriamente o imóvel onde se localiza a Escola Friedenreich (Decreto 37.530) e, definitivamente, o prédio do Museu do Índio (Decreto 37.531), cuja reforma ficaria a cargo do Consórcio Maracanã, anulou o "destombamento" do Parque Aquático Júlio Delamare e do Estádio Célio de Barros (Decreto 37.529[76]). Em novembro de 2013, Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), anunciou a inclusão dessas dependências no projeto olímpico como uma das sedes para as disputas da fase preliminar do polo aquático[77]. Tivemos, portanto, uma vitória (parcial) dos atores hegemonizados (horizontalidades) sobre os atores hegemônicos (verticalidades).

A sucessão de acontecimentos indicava um desfecho favorável, mas o parque aquático reabriu em novembro de 2013 em condições precárias. Segundo o depoimento de Rosangela Maciel, integrante da Comissão pelo Parque Aquático Júlio Delamare, apenas doze professores trabalhavam no atendimento aos cerca de dez mil alunos matriculados[78]. Em maio de 2014, suas atividades foram novamente encerradas em função da instalação de estruturas temporárias para a Copa do Mundo. Terminada a competição, a indefinição acerca de quem bancaria as reformas prometidas para os equipamentos salvos da demolição culminou na

---

[75]Fonte: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/prefeitura-do-rio-tomba-museu-do-indio-e-escola-no-complexo-maracana.html Acesso em 26 de agosto de 2013.

[76]Fonte: http://revistaforum.com.br/blog/2013/08/rj-prefeitura-tomba-museu-do-indio-e-escola-municipal-friedenreich/ Acesso em 26 de agosto de 2013.

[77] Fonte: http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2013/11/07/julio-delamare-sediara-competicoes-de-polo-aquatico-durante-rio-2016.htm Acesso em 19 de maio de 2015.

[78] Fonte: http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/usuarios-protestam-contra-fechamento-do-parque-aquatico-julio-delamare Acesso em 2 de agosto de 2016.

transferência das disputas olímpicas para o Parque Aquático Maria Lenk e a sua transformação em uma área adormecida.

2.4 A nova arena

Ao ser reaberto oficialmente em 2 de junho de 2013[79], ao custo final de R$ 1,19 bilhão (o orçamento inicial indicava gastos da ordem de R$ 705 milhões[80]), o "novo" Maracanã, ou melhor, a "Arena" Maracanã, ao mesmo tempo em que manteve praticamente inalterada a sua fachada, ressurgiu completamente modificada em sua configuração interna. De acordo com os dados colhidos no sítio da Odebrecht Arenas[81], o projeto de autoria do arquiteto Daniel Hopf Fernandes (Escritório Fernandes Arquitetos Associados[82]), executado pelo Consórcio Maracanã Rio 2014, formado pela Odebrecht Infraestrutura e a Andrade Gutierrez, ampliou a área útil do estádio de 189.000 m² para 240.000 m².

O Estádio Jornalista Mário Filho passou por um processo conhecido como *retrofit*[83], aplicado no processo de revitalização de bens imóveis, que procura utilizar técnicas modernas com o objetivo de adequar edificações antigas para que abriguem novos usos, aumentando a vida útil do imóvel. De acordo com o próprio sítio do escritório, "o conceito principal do projeto foi a modernização das estruturas, preservando as características marcantes do estádio que é protegido pelo patrimônio histórico[84]". Além da colocação de uma nova cobertura (sobre a qual trataremos com mais detalhes adiante), foram construídos quatro novos conjuntos de rampas de acesso (nomeados como B, C, E e F) e reformadas as rampas monumentais da UERJ e do Bellini (acessos A e D), possibilitando que, em uma situação de emergência, o estádio seja esvaziado no prazo máximo de 8 minutos.

---

[79] Partida amistosa entre as seleções de Brasil e Inglaterra (2x2 como placar final).

[80] Esse valor não leva em consideração os R$ 546,2 milhões previstos para a realização de obras de melhoria da infraestrutura do entorno. Fonte: http://www.portal2014.org.br/noticias/12066/MARACANA+TEM+NOVO+REAJUSTE+E+CUSTO+TOTAL+ATINGE+R+119+BILHAO.html Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

[81] Fonte: http://www.odebrechtarenas.com.br/estadio/maracana#section-sobre-a-obra Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

[82] Fonte: http://www.archdaily.com.br/156118/estadio-jornalista-mario-filho-maracana-fernandes-arquitetos-associados Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

[83] Junção do termo latino "retro" (movimentar-se para trás) com a palavra da língua inglesa "fit" (adaptação, ajuste). Surgiu ao final da década de 90 nos Estados Unidos e na Europa. A princípio, seu emprego foi utilizado na indústria aeronáutica e referia-se à atualização de aeronaves, aos novos e modernos equipamentos disponíveis no mercado e, com o passar do tempo, começou a ser adotado, também, na Construção Civil. (Barrientos, 2004)

[84] Fonte: http://www.fernandes.arq.br/ Acesso em 4 de junho de 2016.

Se a parte externa sofreu pequenas, porém, significativas modificações, o seu interior foi totalmente descaracterizado, dificultando inclusive a formulação de comparações entre o novo e o antigo estádio. Da estrutura interna original, restou apenas uma pequena parte das antigas arquibancadas superiores, localizadas principalmente atrás dos gols (setores Norte e Sul[85]). Os anéis superior (arquibancadas) e inferior (cadeiras azuis) foram substituídos por um único conjunto, conferindo, segundo o arquiteto, o formato de arena, reduzindo para 12 metros a distância entre o primeiro degrau da arquibancada lateral e o campo de jogo, que teve sua dimensão reduzida de 110 m de comprimento por 75 m de largura para 105 m x 68 m, adotadas nas competições sob a chancela da FIFA. A ampliação da área construída de 86.000 m² para cerca de 160.000 m² foi possível, em grande parte, pela mudança da geometria da arquibancada, em razão da maior inclinação que permitiu ao público a visão plena do campo de jogo sem a interposição de qualquer pessoa (desde que sentada) ou objeto. Mais uma vez, a capacidade do estádio sofreu uma diminuição, passando agora para 78.639 espectadores acomodados em assentos retráteis. Novos sistemas de som e iluminação foram instalados, além de quatro placares eletrônicos com telas de alta definição medindo 16,68m x 7,32m. O estádio passou a contar com 231 banheiros. Para os setores centrais, novas escadas rolantes e elevadores foram instalados e possibilitam o acesso às áreas de circulação e a *lounges* climatizados, espaços de convivência e consumo utilizados pelo público que segue em direção aos seus lugares numerados. Os antigos camarotes[86] (construídos para o Mundial de Clubes da FIFA, em 2000) foram retirados do anel superior das arquibancadas e realocados em uma posição central (nível 3 dos setores Leste e Oeste), passando a um total de 110, com a possibilidade de diferentes usos e configurações. Reforçando o seu caráter como espaço de consumo, 360 monitores de TV de 42 polegadas permitem ao torcedor a possibilidade de acompanhar a partida enquanto compra variados produtos nos bares (cujo número saltou de 24 para 60) e nos quiosques espalhados pelas áreas de circulação[87].

O estranhamento (termo empregado sem juízo de valor) causado ao antigo frequentador do estádio ao adentrá-lo é inevitável, sensação reforçada pela perda dos antigos referenciais concretos (localização no estádio) e simbólicos (o contraste entre a escuridão do túnel de acesso às arquibancadas e a claridade monumental da paisagem que se apresentava

---

[85] Depoimento do arquiteto Daniel Hopf Fernandes para o canal do *YouTube* Galeria da Arquitetura. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DfHivqcgEH0 Acesso em 3 de junho de 2016.

[86] A construção dos camarotes no alto do anel superior dificultou a livre circulação do ar pelo estádio. Tal intervenção aumentou o desconforto térmico dos frequentadores de um equipamento esportivo construído em um bairro conhecido pelas elevadas médias anuais de temperatura.

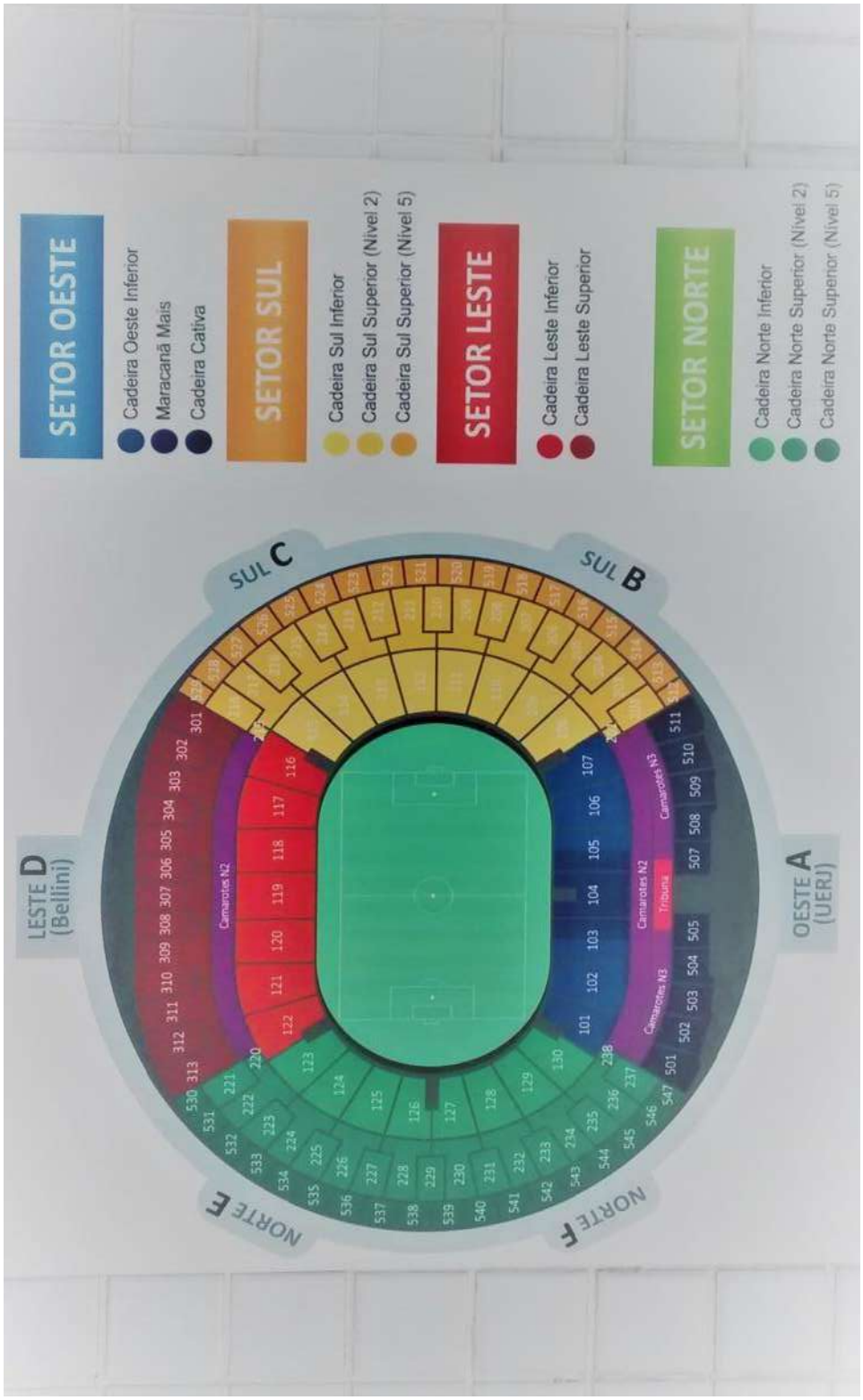
[87] Informações retiradas do vídeo Projeto Maracanã 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fF2MgEL1MJw Último acesso em 8 de junho de 2016.

aos olhos dos torcedores não existem mais nesse novo espaço). Constata-se também uma hipersetorização do estádio (Foto 3), com a localização dos assentos individuais dividida em quatro setores principais, nomeados segundo os pontos cardeais e as seis primeiras letras do alfabeto, que identificam cada um dos seis acessos à parte interna da arena: Oeste A[88], Sul (B e C[89]), Leste D[90] e Norte (E e F[91]). Dentro de cada um, há uma série de subdivisões, com os setores Norte e Sul (localizados atrás dos gols) apresentando partes denominadas como Cadeira Superior Nível 5[92], Cadeira Inferior Nível 2 e Cadeira Inferior (localizada junto ao campo de jogo). Os setores centrais (Leste e Oeste) possuem uma fragmentação ainda mais complexa. O setor Leste possui Cadeira Superior, Cadeira Inferior e uma área de camarotes sem uso ou, como veremos adiante, "áreas ociosas" separando os dois níveis de cadeiras. Já o setor Oeste, além da Tribuna de Imprensa e cabines de rádio e televisão, abriga também as Cadeiras Cativas (em posição equivalente à das Cadeiras Superiores do setor Leste), o setor Camarote Maracanã Mais, a Cadeira Inferior e separando-as, de frente para a linha do meio de campo (e para as câmeras de televisão), o subsetor mais caro, a Cadeira Maracanã Mais[93]. As porções do estádio que ostentam a marca Maracanã Mais oferecem uma série de serviços exclusivos ao espectador[94].

---

[88] Entrada pela rampa da UERJ.
[89] Acesso pela rua Professor Eurico Rabelo.
[90] Entrada pela rampa do Bellini.
[91] Acesso pela Avenida Radial Oeste.
[92] A numeração do nível corresponde ao andar relacionado à localização do túnel de acesso ao setor no estádio.
[93] Fonte: http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/09/concessionaria-da-novos-nomes-aos-setores-do-maracana.html Acesso em 6 de fevereiro de 2015.
[94] Os camarotes, com capacidade que varia entre 14 e 39 pessoas, oferecem estacionamento privativo, banheiro e acesso exclusivos, ambiente climatizado e varanda externa com cadeiras acolchoadas para todos os convidados. Já as cadeiras oferecem, além das mesmas comodidades presentes nos camarotes (exceto o estacionamento privativo e a varanda externa), os serviços (incluídos no valor pago pela entrada) de bar (onde também são servidas bebidas não alcoólicas) e *buffet* (este último, até os 15 minutos do segundo tempo), orientadores de público e fraldário. Fonte: http://www.maracana.com/site/ Acesso em 5 de fevereiro de 2015.

Foto 3 – Setorização atual e acessos do Estádio Jornalista Mário Filho



Fonte: O autor, 2015.

No campo da sustentabilidade, o plano elaborado conquistou a certificação LEED – Silver [95]. Os sistemas elétrico e hidráulico foram refeitos. Um novo sistema de drenagem e a reutilização da água drenada acumulada na nova cobertura do estádio possibilitam uma economia de 45% do consumo da água utilizada para a manutenção do gramado. O novo telhado, capaz de cobrir 75.000 assentos, recebeu painéis fotovoltaicos para captação da energia solar e aquecimento da água utilizada nos banheiros e vestiários.

O projeto foi laureado na categoria Retrofit do *Mipim AR Future Project Awards*, em 2013, concedido pela revista *The Architectural Review*. De acordo com a justificativa da comissão julgadora, a antiga estrutura foi reutilizada de forma engenhosa, permitindo a inclusão de uma espetacular cobertura revestida por uma fina membrana que adaptou de forma perfeita um ícone da década de 1950 para ser utilizado durante a Copa do Mundo[96].

Entretanto, apesar do reconhecimento internacional, a destruição da antiga marquise de concreto, tombada desde o ano 2000 pelo Iphan, e a sua substituição por uma moderna cobertura formada por uma estrutura de cabos e membrana tensionados[97], que possibilitou a instalação dos novos sistemas de som e iluminação, gerou um debate cujos desdobramentos alcançaram a esfera jurídica. A justificativa apresentada pelo escritório de arquitetura alemão *Schlaich Bergermann und partner*, responsável pelo novo telhado, após uma análise estrutural, citava que "a cobertura original de concreto não apenas tinha ficado inadequada em termos de sua função, mas também carecia de segurança estrutural suficiente a longo prazo[98]". Barrientos & Qualharini (2004) ressalvam que o *retrofit* de fachadas em bens tombados ou preservados apresenta certas limitações. No caso específico de telhados, deve-se tentar ser fiel ao projeto original, tanto em relação aos materiais empregados na obra quanto na estrutura propriamente dita, e que quaisquer modificações devem ser permitidas pelos órgãos competentes. Em razão dessa atitude, reprovada pelo próprio Conselho Consultivo do Iphan em Brasília, o então superintendente do Iphan no Rio de Janeiro, Carlos Fernando de Souza Leão Andrade, responde, desde 2013, a processo aberto pelo Ministério Público Federal

[95] Leadership in Energy and Environmental Design é um sistema internacional de certificação e orientação ambiental para edificações que visa incentivar a utilização de práticas sustentáveis nos projetos, na obra e na operação das edificações. Fonte: http://gbcbrasil.org.br/sobre-certificado.php Acesso em 6 de junho de 2016.

[96] Fonte: http://www.architectural-review.com/buildings/maracan-stadium-by-daniel-h-fernandes/8642647.article Acesso em 6 de junho de 2016.

[97] A membrana de cobertura é de PTFE revestido de fibra de vidro e tem uma vida útil estimada em mais de 50 anos.

[98] Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/622671/cobertura-do-estadio-maracana-slash-schlaich-bergermann und-partner Acesso em 7 de junho de 2016.

(MPF) do Rio de Janeiro por crime contra o patrimônio cultural[99]. No início de 2015, a IMX vendeu a sua participação no Consórcio Maracanã S/A para a Odebrecht, que passou a deter 95% do capital da empresa. Os 5% restantes continuaram de posse da empresa norte-americana AEG[100].

2.5 As áreas adormecidas

A pressão de movimentos populares, aliada a um turbulento contexto político, impediu a execução plena do projeto inicial de transformação do complexo esportivo do Maracanã em um grande centro de compras e de entretenimento pago, gerido por uma lógica comercial[101]. A decisão unilateral do governo do estado de preservar os equipamentos condenados à demolição alterou sobremaneira a previsão das receitas a serem auferidas pelo consórcio, que, mesmo assim, optou por não romper o contrato de concessão. Teve início uma série de negociações entre a gestora privada e o poder público acerca das novas obrigações e valores a serem investidos ao longo dos 35 anos previstos no acordo. Com base em um estudo encomendado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), o governo estadual propôs reduzir de R$ 594 milhões para R$ 120 milhões o montante a ser investido pelos gestores. O Consórcio, por sua vez, com base em outro estudo elaborado pela consultoria Ernest & Young, defendia, como forma de manter a viabilidade financeira da operação, um teto de gastos na casa dos R$ 90 milhões[102].

Ao longo da fase de observações das partidas realizadas no estádio, percebemos que as promessas de revitalização ou reconstrução desses espaços (no caso do estádio de atletismo) não se concretizaram. Com exceção da Escola Municipal Friedenreich, os demais equipamentos continuavam sem cumprir a forma-função para a qual foram concebidos. O

---

[99] Além do ex-superintendente, o MPF denunciou também a técnica em engenharia civil do Iphan/RJ, Anna Carla de Mello Rocha, por crime de prevaricação por ter concedido de forma irregular um parecer favorável à demolição três semanas após Carlos Fernando já ter concedido a autorização prévia. Fonte: http://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/112109385/mpfrj-denuncia-ex-superintendente-do-iphan-por-demolicao-ilegal-da-marquise-do-maracana Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

[100] http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/01/apos-saida-de-eike-imx-deixa-consorcio-que-administra-maracana.html Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

[101] Para maiores detalhes acerca da atuação de movimentos contrários ao processo de privatização do Estádio Mário Filho e arredores, ver Castro (2016).

[102] Fonte: http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/parque-aquatico-julio-delamare-nao-deve-participar-dos-jogos-olimpicos Acesso em 2 de agosto de 2016.

abandono das estruturas nos induz a pensar que esteja em curso uma estratégia de, passados os Jogos Olímpicos de 2016, e com um cenário político menos turbulento, retomar o projeto original de demolição do Museu do Índio, do Estádio de Atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio Delamare, além da escola municipal. Compreendemos então esses locais como áreas adormecidas, resultantes de uma expressão de resistência das forças verticais ao triunfo momentâneo das horizontalidades.

2.5.1 O Museu do Índio

Construído com função residencial em 1862, o vínculo do palacete localizado na Avenida Maracanã com a cultura indígena remonta ao ano de 1865, quando seu proprietário, o Duque de Saxe[103], genro de Dom Pedro II, doou o imóvel ao governo imperial para que fosse instalado no local um centro de investigação da cultura indígena. Em 1910, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), atual Fundação Nacional do Índio (Funai), o prédio operou como sede da instituição. Abrigou, entre 1953 e 1977, o Museu do Índio. Ao longo desse período, suas instalações serviram aos alunos do primeiro Curso de Aperfeiçoamento de Antropologia Cultural, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), embrião dos programas de pós-graduação em Antropologia que viriam a surgir no país[104]. A transferência do acervo e das instalações do museu para o bairro de Botafogo, em 1977, ocorreu em razão da derrubada do prédio para a construção de uma estação do metrô, algo que não aconteceu[105]. Em 2006, após anos de subutilização[106] e em precário estado de conservação, cerca de 20 índios de diferentes etnias ocuparam o imóvel e, posteriormente, fundaram a Aldeia Maracanã. Entre as reivindicações ao governo federal, constavam a recuperação do imóvel, a regularização da ocupação e a construção de um centro de apoio e de referência da cultura indígena[107]. Em

---

[103] Luis Augusto Maria Eudes.

[104] Fonte: http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3844-museudoindio3?start=1# Acesso em 9 de agosto de 2016.

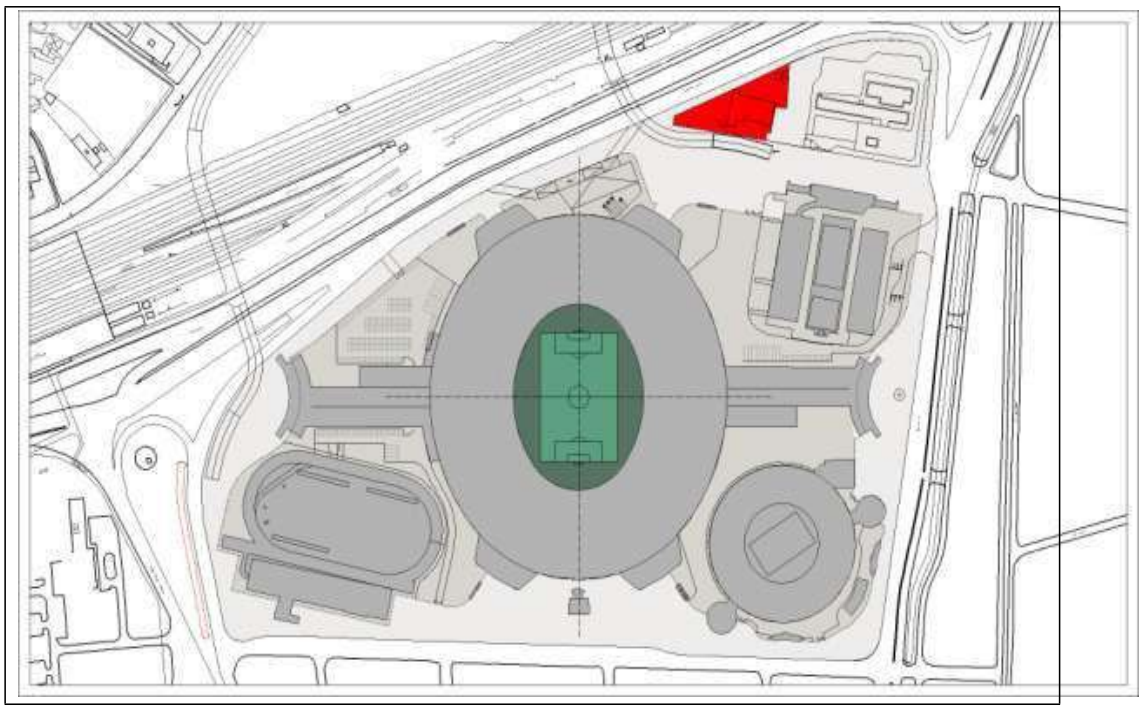
[105] Fonte: http://oglobo.globo.com/rio/museu-do-indio-funcionou-nos-arredores-do-maracana-na-zona-norte-de-1953-1977-7296844 Acesso em 8 de agosto de 2016.

[106] Durante parte do período, chegou a funcionar como depósito da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

[107] Fonte: Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olímpiadas do Rio de Janeiro novembro de 2015. Disponível em http://www.childrenwin.org/wp-content/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015_low.pdf Acesso em 8 de agosto de 2016.

2012, por R$ 60 milhões, o terreno foi vendido ao governo do estado do Rio de Janeiro, que pretendia incluir o prédio no pacote de demolições a cargo da concessionária vencedora do edital de concessão da gestão do complexo do Maracanã ao capital privado (Imagem 7).

Imagem 7 – Área ocupada pelo Museu do Índio no entorno do Complexo do Maracanã



Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

Para o frequentador do estádio, aquele fixo representava, em 2015, um ponto de referência, local de encontro para quem pretendia comprar entradas na bilheteria 4A (Mata Machado) ou seguir em direção ao acesso Norte E. À frente da cerca e dos tapumes que envolvem o terreno, viaturas da Guarda Municipal e da Polícia Militar permaneciam estacionadas em dias de jogos. No entanto, um olhar mais apurado permite identificar a presença daquele fixo centenário no local como uma área de resistência. Se, num primeiro momento, houve a batalha travada (inclusive fisicamente) em torno da sua preservação, atualmente assistimos à queda de braço acerca da função a ser exercida por aquela forma, poupada (até o momento) do "bota-abaixo[108]" pretendido. Enquanto os movimentos sociais lutam pela reforma das instalações para que abriguem um centro de referência da cultura indígena, o poder público estadual sugere a sua refuncionalização como Museu Olímpico,

[108] Expressão de cunho popular utilizada para designar a política de arrasamento de edificações, de vias de circulação e outros fixos (incluindo parte do Morro do Castelo) localizados na porção central da cidade do Rio de Janeiro, empreendida pelo então prefeito do Distrito Federal, Francisco Pereira Passos, ao longo de seu mandato (1902 – 1906). Para maiores detalhes acerca desse período, ver Barros (2005).

ação que simbolizaria uma vitória dos atores hegemônicos. Haveria, dessa forma, a imposição e a perpetuação de uma identidade olímpica relacionada a um evento com duração que não ultrapassa um mês (caso consideremos também os Jogos Paralímpicos) em sobreposição a sua mais que sesquicentenária identidade indígena. Há também a apropriação das grades móveis colocadas para separar o terreno do estádio no intuito de divulgar as causas contrárias às ações patrocinadas pelos atores hegemônicos. Em outubro de 2015, por exemplo, diversas faixas pediam o fim da concessão do estádio à iniciativa privada (simbolizada pela saída da empresa Odebrecht), a manutenção do local como forma-função relacionada à preservação da identidade dos povos nativos e a sua transformação em uma universidade intercultural indígena. Por fim, clamavam pela libertação dos 23 manifestantes presos após as jornadas de junho e julho de 2013[109] (Foto 4).

Foto 4 – Espaço de resistência

Legenda: O Museu do Índio (acima e à esquerda) e seu entorno.
Fonte: Rodrigo Carrapatoso (novembro de 2015).

Por mais paradoxal que possa parecer, a área ocupada pelo antigo Museu do Índio desempenha atualmente a dupla função de área de resistência (para os movimentos sociais) e área adormecida (para o capital hegemônico). A forma-função atual dessa edificação reflete o

[109] Jogo 38. Fluminense 2x1 Palmeiras, realizado em 21 de outubro de 2016.

jogo de forças travado há anos entre verticalidades e horizontalidades, atores hegemônicos e atores que resistem para não serem hegemonizados.

2.5.2 A Escola Municipal Friedenreich

Aparentemente, a escola tem sido o único entre todos os equipamentos ameaçados de demolição a manter fielmente a sua forma-função original. A ameaça de transferência da escola serviu para angariar a simpatia da comunidade residente no entorno à luta empreendida pelos movimentos com base social. De acordo com informações colhidas com uma funcionária, os investimentos realizados pelo poder público municipal não sofreram alterações nos últimos anos. Como prova da manutenção do padrão de excelência da instituição de ensino, o relatório mais recente do Índice de Desenvolvimento das Escolas do Rio (IDERio 2015), elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, divulgado em 2016, apresenta a Escola Municipal Friedenreich na sexta colocação (nota 7,9) entre as 599 unidades dos anos iniciais (1º ao 5º ano) avaliadas[110].

Em 2012, a assessoria da Casa Civil do governo do estado do Rio de Janeiro emitiu uma nota à Revista Educação justificando a atitude extrema como uma intervenção prevista no processo de transformação do Complexo do Maracanã em um grande centro de entretenimento e "necessária para que o estádio atenda às necessidades de escoamento e circulação de público nos padrões internacionais seguidos por esses eventos esportivos[111]". A preservação do prédio da escola no ano seguinte e a manutenção da instituição como referência de ensino público, gratuito e de qualidade para os moradores das adjacências representaram vitórias das horizontalidades sobre as verticalidades. Mesmo assim, ao subir a rampa de acesso D, que conduz aos setores Leste inferior e superior, é possível perceber, junto à fachada leste do estádio, um significativo espaço nobre subutilizado, porém preparado para uma eventual retomada do projeto original. Passados os Jogos Olímpicos e não havendo mais a necessidade de construção de duas quadras de aquecimento nas adjacências do Ginásio Gilberto Cardoso, o terreno estaria "livre" para aproveitamentos de maior rentabilidade. Do

[110] Fonte: https://drive.google.com/file/d/0B_siGi6JUyfDaVVsaGtJUUhWWlE/view?pref=2&pli=1 Acesso em 9 de julho de 2016.
[111] Fonte: http://www.revistaeducacao.com.br/a-escola-sem-seu-lugar/ Acesso em 9 de julho de 2016.

alto, para o observador externo, é possível notar que a escola permanece no meio do caminho, “atrapalhando” muito mais a circulação do fluxo de capitais do que o de pessoas (Foto 5).

Foto 5 – Tem uma escola no meio do caminho

Legenda: Fundos da Escola Municipal Friedenreich “impedindo” a livre circulação de pessoas e capitais em direção aos camarotes do setor Leste.
Fonte: O autor (setembro de 2015).

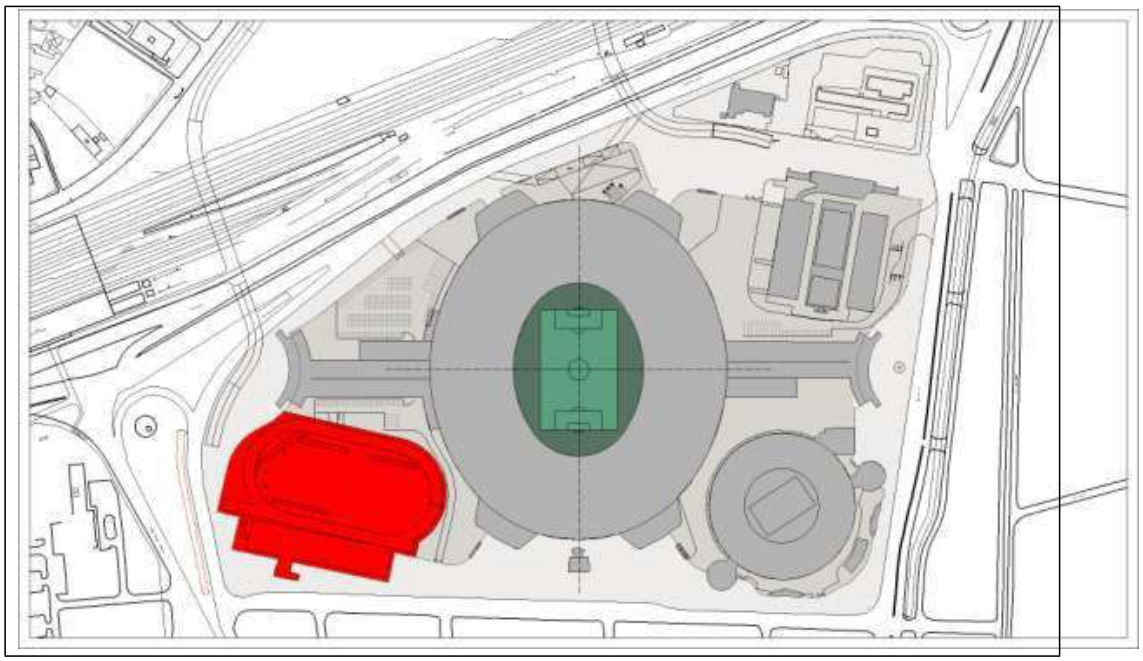
A preservação da unidade de ensino não impediu que fosse seguido à risca o projeto original para o estádio. Basta realizar um pequeno exercício de imaginação e perceber que, ao substituirmos o estabelecimento de ensino pelas quadras de aquecimento ou por qualquer outro uso futuro mais “adequado”, a pequena escadaria que resta atualmente como forma com função decorativa[112] estaria preparada para receber a clientela VIP, rumo aos camarotes do setor Leste. Vale lembrar que tais instalações jamais chegaram a ser comercializadas e, atualmente, abrigam áreas ociosas dentro do estádio.

[112] Em maio de 2016, o alto da pequena escadaria recebeu um tapume, provavelmente em razão da execução das obras que visavam adequar o estádio para a realização das competições e das cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos.

2.5.3 O Estádio de Atletismo Célio de Barros

A decisão do então governador Sérgio Cabral, em agosto de 2013, de suspender a demolição do estádio de atletismo (Imagem 8), veio acompanhada da promessa de recuperação da sua forma-função original incluindo a reforma estrutural da arquibancada, comprometida desde 2001, de acordo com o próprio político[113]. A realidade, todavia, se mostrou bastante diferente. Desde então, suas instalações conheceram diferentes usos, nenhum deles relacionado à prática do atletismo.

Imagem 8 – Localização do Estádio de Atletismo Célio de Barros no Complexo do Maracanã



Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

Entre 2013 e 2016, o Maracanã serviu como palco principal dos dois principais megaeventos esportivos do planeta e da Copa das Confederações, evento-teste organizado no ano anterior à Copa do Mundo. Nessas ocasiões, em razão da proximidade física com o estádio de futebol, o Célio de Barros teve seu espaço apropriado como ponto de apoio para a construção de estruturas provisórias necessárias à realização de eventos de tamanha monta. Por se tratarem de instalações temporárias, necessárias somente em situações excepcionais,

[113] Fonte: http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/08/apos-reuniao-governo-do-rio-decide-manter-o-estadio-celio-de-barros.html Acesso em 1 de julho de 2016.

essas apropriações efêmeras podem ser relativizadas e compreendidas como estratégia para evitar gastos desnecessários. No entanto, a principal questão reside no abandono permanente da forma-função original para a qual o outrora estádio fora planejado. Além de não terem sido realizadas as intervenções estruturais prometidas, não houve a reconstrução da pista de atletismo e da área utilizada para modalidades de arremesso e saltos. Com isso, a cidade continuou privada do seu principal equipamento de uso exclusivo para o atletismo. Desterritorializados, os projetos sociais sobreviveram graças à persistência de alguns abnegados, funcionando em locais improvisados e atendendo a um quantitativo significativamente menor. Muitos atletas de alto rendimento se viram obrigados a deixar a cidade para que pudessem se preparar de forma adequada para os Jogos Rio-2016.

Ao longo do ano de 2015, predominava um quadro de abandono e deterioração das estruturas restantes, especialmente junto à entrada principal, onde, por entre as grades, era possível ver lixo e entulho acumulados, parte do piso de cimento coberto por um espesso tapete de folhas secas e um grande número de gatos à espera de algum bem-aventurado morador ou frequentador do entorno que os alimentasse. Os diversos painéis que circundam parte da fachada do edifício principal reproduzem imagens representativas da história do atletismo brasileiro. Em um deles, a expressão concentrada do ex-bicampeão olímpico do salto triplo, Adhemar Ferreira da Silva, parece adquirir um novo significado, como se assistisse, desolado, à lenta agonia de um ícone arquitetônico do desporto nacional (Foto 6).

Foto 6 – Painéis com recordações de glórias passadas do atletismo brasileiro em meio a um cenário de abandono

Foto: O autor (agosto de 2015).

O estado de degradação dos assentos restantes da arquibancada ajuda a compor para os transeuntes uma imagem que reflete o desleixo do Consórcio com a preservação de um patrimônio de uso público. Uma camada de asfalto continua a cobrir a pista de atletismo e a área de saltos e arremessos. Se o projeto original de construir um edifício-garagem fora (temporariamente) abandonado, a aparência do Célio de Barros em dias de jogos é a de um estacionamento com arquibancada.

Em maio de 2016, por ocasião da reabertura do estádio de futebol para as duas partidas finais do Campeonato Carioca e das intervenções necessárias à utilização do Maracanã para os Jogos Olímpicos, o Célio de Barros abrigou simultaneamente suas duas principais funções recentes: estacionamento com arquibancada e ponto de apoio para a montagem de estruturas temporárias (Foto 7).

Foto 7 – Estádio de Atletismo Célio de Barros: forma com funções descaracterizadas

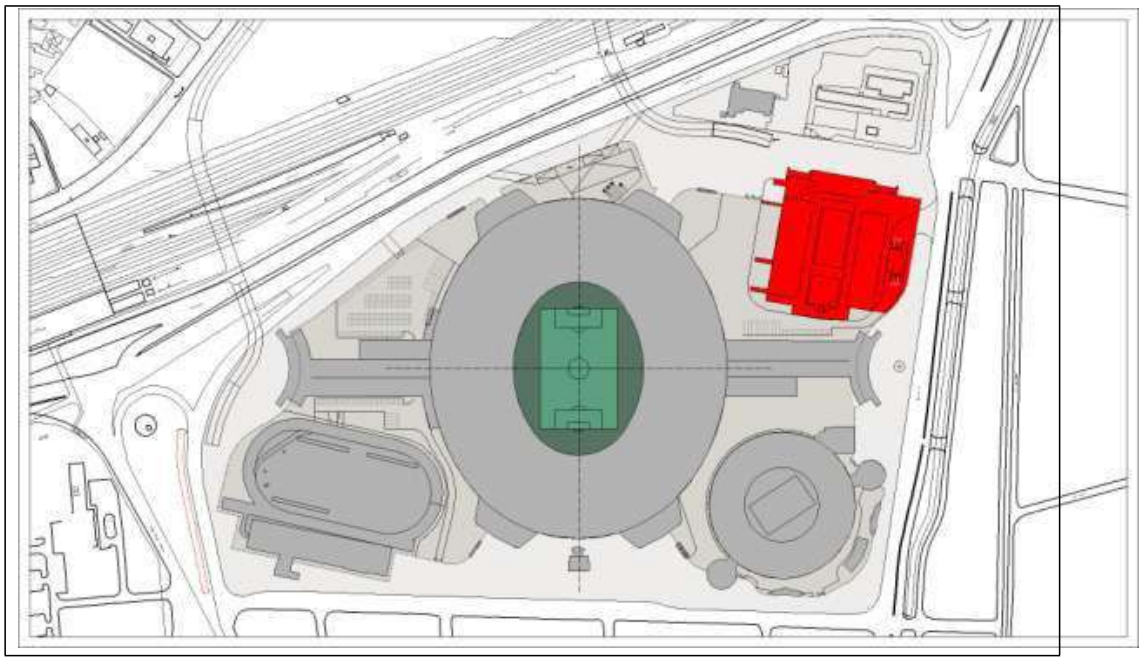
Legenda: Estádio de Atletismo Célio de Barros servindo como “estacionamento com arquibancada” (acima e na parte inferior, à direita) e ponto de apoio para a instalação de estruturas temporárias (parte inferior, à esquerda).
Fonte: O autor (2015 e 2016).

Entre todos os equipamentos ameaçados de demolição, o Célio de Barros, sem dúvida, é o que melhor simboliza uma área adormecida. Os diferentes e inusitados usos relacionados ao estádio Célio de Barros nos últimos anos permitem que ele seja classificado como um “equipamento multifuncional”, cada dia mais afastado da sua função original.

2.5.4 O Parque Aquático Júlio Delamare

Após uma série de idas e vindas, ao longo de 2015, o Parque Aquático Julio Delamare (Imagem 9) encontrava-se cercado por tapumes, com um aspecto de abandono que em muito lembrava o cenário encontrado no Célio de Barros. Além dos assentos arrancados ou deteriorados da arquibancada, o mato alto simbolizava o descaso com o qual aquele tradicional equipamento esportivo era tratado e reforçava a sua aparência de área adormecida.

Imagem 9 – Localização do Parque Aquático Julio Delamare no Complexo Poliesportivo do Maracanã



Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

Vale a lembrança de que, menos de uma década atrás, o parque aquático passara por uma grande reforma ao custo de R$ 10 milhões, em razão dos Jogos Pan-Americanos. A área das piscinas, por sua vez, apresentava um aspecto completamente diferente. Sempre cheias e com água no tradicional tom azul-claro, passavam a impressão para os frequentadores do Estádio Mário Filho de que suas instalações continuavam sendo utilizadas (Foto 8).

Foto 8 – Parque Aquático Julio Delamare: reformado e abandonado

Foto: O autor (setembro de 2015).

O ano de 2016 trouxe (mais) uma solução para o Júlio Delamare. Em janeiro, foi anunciada, ao custo de R$ 44 milhões, a reforma do parque aquático prevista para acontecer entre fevereiro e junho. Em substituição ao Consórcio Maracanã S.A., caberia ao Comitê Rio-2016 o ônus da obra, como contrapartida social pelos R$ 330 milhões captados com o auxílio da lei de incentivos fiscais, aprovada em junho de 2015[114]. Ficou acertado que, durante os Jogos Olímpicos, o espaço remodelado serviria como local de aclimatação para as delegações, passando posteriormente para o controle da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), entidade que administra os desportos aquáticos brasileiros. Na esteira da reabertura, os projetos sociais também deveriam ser retomados. O secretário estadual de Esporte, Lazer e Juventude, Marco Antônio Cabral, classificou como parte do "legado olímpico" as intervenções promovidas para que o complexo aquático voltasse a desempenhar suas funções originais. Ironicamente, foi durante o governo de seu pai, Sérgio Cabral, que teve início o calvário vivido pelos alunos matriculados em projetos de interesse social e pelos desportistas de alto rendimento.

[114] Fonte: http://oglobo.globo.com/esportes/julio-de-lamare-passara-por-reformas-antes-dos-jogos-olimpicos-1-18416486 Acesso em 2 de agosto de 2016.

2.5.4.1 O Parque da Bola (e do lucro sem bola)

Entre maio e dezembro de 2015, o Parque Aquático Júlio Delamare teve uma área de 6.000 m², localizada atrás da arquibancada principal, sublocada à empresa de *marketing* esportivo *De Ponta*, para a montagem do espaço itinerante de entretenimento pago Parque da Bola[115] (Foto 9). Com acesso pela entrada 4A (Mata Machado), próximo ao acesso Norte E, suas dependências destinavam-se a apresentações musicais de gêneros variados, atividades culturais e esportivas, eventos de gastronomia, além da realização de festas infantis (durante o dia) e voltadas ao público jovem e adulto (período da noite/madrugada)[116]. Por se tratar de um espaço multiuso, experimentou diferentes territorialidades ao longo do período de funcionamento, como estratégia voltada à maximização dos lucros.

Foto 9 – Parte da área do Parque Aquático Júlio Delamare

Legenda: Parque da Bola em 2015 e desativado em 2016 (no alto à esquerda).
Fonte: O autor (2015 e 2016).

Em novembro de 2015, momentos antes da partida Fluminense 1x1 Internacional[117], enquanto registrava imagens do local, posicionado junto ao portão de acesso, um dos responsáveis pela preparação do evento, que seria realizado no período noturno, perguntou,

[115] Antes do Parque Aquático Júlio Delamare, o Parque da Bola tinha sido montado no Jockey Clube Brasileiro durante a realização da Copa do Mundo de 2014. Em 2016, sua estrutura estava montada na cidade de Vitória ES.
[116] Fonte: http://www.deponta.com.br/parque-bola-maracana/ Acesso em 3 de agosto de 2016.
[117] Jogo 42, realizado em 28 de novembro de 2015.

com sotaque paulistano, se eu não gostaria de fotografar a área interna. Logo na entrada, um grande *banner* com a inscrição “MAIS AMOR POR FAVOR” indicava a atração da noite, que contaria com a presença do grupo de samba *retrô* Amor Primeiro e do conjunto de pagode Jeito Moleque; acima, a frase “O Maraca é nosso!”. Funcionários preparavam a adaptação do espaço utilizado no período diurno para festas infantis em local para shows musicais voltados para o público jovem e adulto, com destaque para a montagem de bares e de um palco sobre as quadras de diferentes esportes desenhadas no piso.

Ao contrário das funções tradicionalmente desempenhadas pelos equipamentos vizinhos (local de treinamento para atletas, realização de competições esportivas e sede para projetos sociais), o Parque da Bola obedecia unicamente à lógica de aproveitamento como espaço de consumo e entretenimento pagos.

Seguindo adiante, era possível identificar diversas estruturas de madeira utilizadas como bares, lojas, praça de alimentação, *lounge*, pizzaria, posto médico e uma grande área coberta. Ao fundo, um pequeno túnel de acesso ao campo de jogo servia como principal chamariz para a atração de eventos voltados ao público infantil. Por eles, as crianças seguiam até a beira do gramado, onde, com o auxílio de recreadores, praticavam atividades lúdicas relacionadas ao futebol. Entretanto, o que mais chamou a atenção foi a presença da placa em comemoração ao lançamento da pedra fundamental do então Estádio Aquático, perdida em meio a tantas formas que em nada remetem à sua função original (Foto 10). Passados alguns minutos, uma segurança da empresa SUNSET veio ao meu encontro e, de forma educada, pediu para que eu abandonasse o recinto, acompanhando-me até o portão por onde eu entrara. Ao perceber a passagem entreaberta, solicitou à equipe de produção para que o acesso àquele espaço arrendado dentro de um espaço privatizado permanecesse fechado.

Foto 10 – Parque da Bola

.Legenda: Área interna do Parque da Bola, com destaque para a placa alusiva ao início das obras do Parque Aquático Julio Delamare (no alto e à esquerda).
Fonte: O autor (novembro de 2015).

É possível afirmar que a construção do estádio do Maracanã marcou o auge do processo de popularização do futebol em nosso país e, também, sua consolidação como esporte nacional, constituindo-se num fixo pensado para abrigar a presença de todas as classes sociais, mesmo que em espaços segregados. Durante décadas, reforçou sua centralidade popular, transformando-se num dos principais referenciais concretos e subjetivos relacionados à construção de identidades multiescalares, começando pela do morador do bairro, passando pela carioca (na escala nacional) e chegando à brasileira (em escala global) como uma das imagens símbolo de nosso país. A posterior edificação do Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), do Estádio de Atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio Delamare cimentou essa centralidade popular/esportiva. A instalação de uma escola municipal de ensino fundamental no interior do complexo esportivo conferiu a ele também uma relevância social, reforçada pelos projetos destinados à população no estádio de atletismo e no parque aquático. A construção da ciclovia que o circunda, da pista de skate e a instalação de aparelhos de ginástica (criando área de lazer inexistente no bairro), somadas aos equipamentos já existentes, serviram para solidificar ao longo das décadas uma relação topofílica do morador do entorno com aquele complexo esportivo-educacional**.** Ao mesmo tempo, outra relação topofílica, dessa vez no plano simbólico, foi cultivada tanto por aqueles

que tinham o hábito de frequentá-lo quanto por quem jamais o tenha visitado, construindo um senso de pertencimento com o estádio via transmissões radiofônicas e televisivas.

Após a sua reinauguração, a nova arena privatizada teve sua administração concebida e destinada apenas a um tipo de público pertencente às classes média e alta (algo que não estava presente no projeto arquitetônico original), explicitado no relatório encomendado pelo governo do estado do Rio de Janeiro à empresa IMX (do mesmo grupo vencedor da concessão da privatização do estádio), que cita como possível vantagem aos clubes que o utilizarem um aumento da receita proveniente de uma "mudança de perfil" do público frequentador com a consequente exclusão das classes menos favorecidas. Dessa forma, havia a intenção de cambiar o torcedor ativo, vibrante, verdadeiro "artista do espetáculo", pelo espectador passivo, que se comporta em um campo de futebol como quem vai ao teatro.

Podemos dizer que, se o modelo de financiamento adotado no período da construção do Maracanã, no qual a venda de cadeiras cativas arcou com a maior parte dos custos da obra, possibilitando que os cidadãos de maior poder econômico bancassem um equipamento esportivo a ser utilizado por todas as classes, atualmente, são os recursos dos trabalhadores que financiaram uma arena a qual, além de procurar afastar a população mais pobre (via cobrança de ingressos cada vez mais caros e eliminação de setores populares), teve sua administração entregue a um grupo privado.

Dessa forma, o gasto de dinheiro público superior à casa de um bilhão de reais traria, como um de seus efeitos, a volta a um passado no qual a ida a uma partida de futebol era uma diversão reservada às camadas sociais mais altas, e os estádios, espaços onde o pobre não tinha vez. Nessa nova concepção, o tradicional e democrático setor da Geral (suprimido desde 2005) reproduz-se agora nas portas dos botequins, onde os antigos *geraldinos*[118] acompanham as partidas de seus clubes do coração em pé, com o olhar fixo, voltado para os aparelhos de televisão.

A questão principal não reside na construção de setores destinados a um público "selecionado", mas sim na imposição de um modelo que apresenta a clara intenção de afastar dos estádios de futebol aquele torcedor tradicional, fanático pelo clube do coração, porém desprovido de recursos financeiros que possibilitem a sua ida a uma partida. Finalmente, em conformidade com as ideias apresentadas por Mascarenhas (2013a, 2014a), poderíamos traçar um paralelo entre o processo de aburguesamento do Maracanã e as atuais políticas públicas

[118] Termo criado pelo radialista carioca Washington Rodrigues, popularmente conhecido como *Apolinho*, para designar os torcedores que assistiam às partidas no antigo setor da Geral. Da mesma forma, nomeava como *arquibaldos* o público que ocupava as arquibancadas.

relacionadas ao espaço urbano carioca. Nessas intervenções, é possível constatar um significativo aporte de recursos públicos para beneficiar a seletos grupos economicamente favorecidos. Some-se a esse fato a promoção de uma política de “invisibilização” da população pobre, desterritorializada, simbólica e fisicamente, para pontos distantes do novo espaço produzido para a sociedade do espetáculo, não mais para os “artistas do espetáculo”.

Veremos no próximo capítulo a construção, consolidação, renovação e reconstrução, ao longo de décadas, de diferentes modos de torcer no antigo e no novo Estádio Jornalista Mário Filho. Antes, porém, passemos a um estudo acerca da figura do torcedor e de sua expressão coletiva visível, a torcida.

3 O TORCEDOR E AS TORCIDAS: ATORES E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS

A inauguração do Maracanã, em 1950, deu início à era dos "estádios das massas" (MASCARENHAS, 2013a), replicados por diferentes pontos do território brasileiro nas décadas seguintes, em razão de motivações políticas voltadas para a consolidação do futebol como fonte de entretenimento barato para a classe trabalhadora. Entretanto, o surgimento de estruturas monumentais implicou a construção de novas formas de torcer voltadas para a apropriação coletiva dos novos e, não raro, superdimensionados, equipamentos esportivos, com o crescimento e consolidação de agremiações dedicadas ao torcer em grupo. Paralelamente, as novas instalações consolidaram-se como espaços marcados pela festa e de contestação aos atletas e dirigentes da própria equipe ou mesmo do sistema político vigente. Antes de tratarmos especificamente do nosso objeto de estudo, buscaremos compreender o surgimento e as contínuas transformações e ressignificações associadas à figura do torcedor e de sua expressão coletiva visível, a torcida.

3.1 O Torcedor

Desconsiderando a "pré-história" do futebol no Brasil[119], Charles Miller, ao introduzi-lo de forma intermitente em nosso país, não trouxe na bagagem apenas um livro de regras, o equipamento e o suporte necessários para a prática do *association football*[120]. Carregava consigo, a reboque, todo um vocabulário característico do pitoresco esporte. No início do século XX, quando o futebol ainda era por aqui chamado de *football*, apresentava todo um léxico próprio carregado de expressões importadas da língua inglesa: *goalkeeper* (goleiro), *player* ou *sportsman* (jogador), *referee* (árbitro), que apenas em meados da década de 1930 seriam abrasileiradas (PEREIRA, 1998; MALAIA, 2012). Entretanto, se há uma expressão futebolística que não derivou diretamente de um anglicismo trata-se de *torcedor*, que,

[119] No meio acadêmico, a "paternidade" atribuída a Charles Miller em relação à introdução do futebol no Brasil sofre veemente contestação. Existem relatos, sem confirmação histórica, de partidas realizadas no Brasil antes de 1894. Duas delas tornaram-se lendárias, ambas no Rio de Janeiro: uma, em 1874, na praia onde hoje se encontra o tradicional Hotel Glória, e a outra, em 1878, quando tripulantes do navio *Criméia* enfrentaram-se diante da residência da Princesa Isabel (UNZELTE, 2002).

[120] Gambeta (2013) afirma que, além do livro de regras, Charles Miller carregara consigo também duas bolas de couro, uma bomba de ar e duas camisas de equipes nas quais ele atuou durante sua estada na Inglaterra.

juntamente com o verbo do qual deriva, *torcer*, e os substantivos *torcedor* e *torcida*, pode ser considerado o primeiro termo genuinamente brasileiro incorporado ao nosso linguajar futebolístico.

Ainda a esse respeito, Hollanda (2008) relata que a denominação *football* sofreu mínimas alterações, exceção feita ao italiano *calcio* (originado do *gioco calcio* praticado em Florença desde a Idade Média) e ao termo *soccer* (uma contração da palavra *association* como forma de diferenciar o *football association* do *football rugby*) em algumas nações de colonização inglesa (Estados Unidos, Canadá e Austrália). O ato de definir o indivíduo que assiste a uma partida de forma ativa, participativa, apaixonada, apoiando com entusiasmo o time do coração, assumiu diferentes nomenclaturas em relação aos originais britânicos *fan* e *supporter*[121], ao mesmo tempo em que conheceu traduções completamente distintas como *torcedor* (Brasil), *adepto* (Portugal), *tifosi* (Itália) e *hincha* (Argentina, Uruguai e Espanha, entre outros) que constituiriam expressões locais criadas para representar sensações muito parecidas.

A denominação do ato de torcer teria nascido junto com a sua forma feminina *torcedora*, reflexo da tensão que as partidas de futebol exerciam sobre os corpos, vestes e objetos portados pelas moças de classe média e alta que frequentavam os estádios da época. A esse respeito, afirma Hollanda:

> A palavra *torcedor*, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida. Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe –, junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor (2008, p. 96, grifos do autor).

Essa narrativa demonstra que, inicialmente, o ato de torcer surgiu como uma expressão individual, fruto da tensão, contorção, sofrimento, agonia. Com o passar do tempo, a construção de afinidades com determinadas equipes, devido a laços familiares, à classe, à vizinhança, à origem étnica, etc., fez com que o ato de assistir a uma partida de modo contemplativo desse lugar a uma postura participativa, de incentivo ao time e aos jogadores

[121] Exceção feita à adoção da expressão *le supporteur* até hoje utilizada na França.

(ainda que de forma contida), culminando no aparecimento da figura do torcedor. Ato contínuo, com a crescente popularização da prática futebolística e o afluxo de aglomerações cada vez mais expressivas aos campos e estádios, o ato de torcer assume uma dimensão coletiva levando à formação das torcidas que, como veremos adiante, originou diferentes modos de torcer. Ao contrário do remo e do turfe (os dois esportes mais populares da então capital federal), no futebol, o desenrolar da ação desenvolve-se baseado no embate direto entre duas equipes.

Toledo (2000) cita o emprego do termo *assistência*, bastante comum na imprensa paulista até a década de 1930, como forma de distinguir o público de menor poder aquisitivo dos sócios dos clubes. Pereira (1998), ao tratar do aparecimento da figura do torcedor, escreve que, enquanto o futebol ainda apresentava ares de novidade, servindo como elemento de distinção social, o perfil de tal personagem limitava-se "aos sócios dos clubes e às senhoritas que iam apreciar as disputas" (p. 118). Tal quadro mudaria radicalmente com a rápida popularização do esporte na cidade do Rio de Janeiro assim como em diferentes pontos do país. Ainda na década de 1910, era possível identificar o surgimento de uma "classe de torcedores" que, além de não pertencer ao quadro associativo dos clubes, ocupava, em sua maioria, os estratos inferiores da sociedade. Para o autor, tratava-se de um amor unilateral, pois os clubes adotavam uma postura de distanciamento em relação a esse novo coletivo.

O ano de 1919 representou um marco para a popularização do futebol no país. Pela primeira vez, o Brasil fora escolhido para sediar a realização do Campeonato Sul-Americano de Futebol. A competição marcou a inauguração da primeira grande instalação esportiva dedicada exclusivamente ao futebol do país[122], o Estádio das Laranjeiras, com capacidade oficial para comportar 18.000 espectadores (ampliada três anos depois para 25.000 lugares)[123], de propriedade do Fluminense Football Club, ao término da remodelação do antigo campo da Rua Guanabara[124]. O formato retangular, com as acomodações destinadas aos espectadores localizadas ao redor das linhas do campo de jogo, seguia o padrão clássico dos estádios ingleses. A área localizada à beira da cerca de madeira que separava o público do gramado, no

[122] Canale (2012) afirma que até essa época, os espaços destinados à prática futebolística (incluindo o Velódromo de São Paulo e o próprio campo das Laranjeiras) eram comumente chamados de 'grounds' (termo exclusivo do futebol) que, de acordo com o autor, guardavam diferenças significativas em relação aos equipamentos posteriormente edificados.

[123] Com base em estudos feitos por Fernandez (2010), os periódicos da época, relatavam a presença de um público de aproximadamente 30.000 torcedores nos jogos do selecionado brasileiro pelo Campeonato Sul-Americano de 1919.

[124] Fernandez (op. cit.) considera a construção do estádio, em 1919, e da suntuosa sede social, no ano seguinte como "a maior aquisição patrimonial do clube em seus primeiros cinquenta anos e maiores símbolos arquitetônicos da distinção tricolor" (p. 168).

qual a plateia permanecia em pé, era chamada, já naquela época, de Geral (HOLLANDA, 2014). O torneio em questão marcou a primeira grande conquista da seleção brasileira, que, por ter acontecido em território nacional, pode ser considerada (ainda que numa escala bastante restrita em razão do alcance limitado e da precariedade dos meios de comunicação existentes na época) o marco inicial da identificação do torcedor com a seleção nacional.

Apesar de uma onda contrária ao futebol liderada por intelectuais do porte de Lima Barreto e Graciliano Ramos (SUSSEKIND, 1996; SOARES & LOVISOLO, 2001), especialmente nos decênios de 1910 e 1920, o esporte rapidamente ampliava a popularidade em todos os estratos sociais. Ao mesmo tempo, ganhava corpo um segmento da imprensa dedicado à cobertura esportiva. Uma das ações mais bem-sucedidas foi a realização de concursos que, contando com a participação e mobilização popular, tinham o intuito de eleger o jogador e a equipe mais queridas (HOLLANDA, 2008).

Em 1927, tem-se a inauguração da maior praça de esportes do país[125], o Estádio Vasco da Gama, mais conhecido como Estádio de São Januário, com capacidade para 40.000 torcedores, reflexo do empreendedorismo da numerosa colônia lusitana residente no Rio de Janeiro, erigido sem a ajuda da esfera governamental, reflexo da luta da "maldita tríade" preto – pobre – português, tidos como os indesejáveis no projeto de construção da nação durante a Primeira República (1889 – 1930) que, desde a conquista cruzmaltina no Campeonato Carioca de 1923, com uma equipe formada por brancos pobres, negros, mestiços e analfabetos, mostrou definitivamente que o futebol assumira novas cores (FERREIRA, 2004a).

A mudança do palco principal do futebol da capital do aristocrático Estádio das Laranjeiras, localizado na zona sul, porção nobre do tecido urbano carioca, para o Estádio Vasco da Gama, erigido na zona norte, num trecho "esquecido" do outrora bairro imperial de São Cristóvão, requalificado, naquele período, como parte de uma vasta área com função industrial-proletária, serviu para reforçar simbolicamente o momento vivido pelo futebol. Corroborando com o exposto, Fernandez afirma:

> Os estádios refletiam um meio de representação simbólica do corpo social de seus novos frequentadores, agora muito mais complexos e multifacetados do que nos primórdios do futebol na cidade. Os códigos morais de civilidade dos indivíduos, defendidos pelos *sportmen*, entravam em tensão com os novos rumos que o futebol apontava com a sua crescente popularização e ascensão de times menores como o Vasco da Gama e o São Cristóvão, que venceram campeonatos com jogadores mulatos, negros e brancos pobres (2010, p.133).

[125] O Estádio de São Januário permaneceu nessa condição até a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940, perdendo o posto de maior estádio carioca, em 1950, quando da inauguração do Maracanã.

Na década de 1930, coube à imprensa esportiva a promoção de ações com a intenção de bolar estratégias que "civilizassem" o público frequentador das praças de esportes, de caráter cada vez mais diversificado. Para tal, foram instituídas campanhas de bom comportamento, sorteio de prêmios, além de concursos de fantasias e a "Competição de Torcidas", criada em 1936, pelo *Jornal dos Sports*, periódico esportivo de maior penetração na época, visando aproximar o futebol da mesma lógica festa-competição estabelecida para o Carnaval desde 1932, ano do primeiro desfile oficial das escolas de samba, com a eleição, ao final, de um grêmio carnavalesco vencedor.

A chegada de Getúlio Vargas pela primeira vez à presidência, em 1930, reforçada pela implantação do período ditatorial conhecido como Estado Novo (1937 – 1945), quando de sua volta ao poder, fizeram com que o futebol, alavancado pelo expressivo terceiro lugar alcançado pelo escrete nacional na Copa do Mundo de 1938, na França, deixasse de lado a condição marginal à qual fora relegado na década anterior, sendo elevado ao lado do samba e do carnaval ao *status* de símbolo da identidade nacional (ORTIZ, 1994[126]). Nessa fase, não por acaso, São Januário passa a ser utilizado como principal palco para manifestações de caráter cívico, como as festas em homenagem ao Dia do Trabalho e ao Dia da Independência. Numa dessas celebrações, em 1940, o presidente Getúlio Vargas instituiu o salário mínimo. Na comemoração de 1943, o mesmo Vargas assinou decreto promulgando a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), de grande valia para toda a classe trabalhadora brasileira (MALHANO, 2002). Tais atos projetaram ainda mais a figura desse governante como o grande protetor da classe trabalhadora, vindo mesmo a receber o apelido de "pai dos pobres" (FERREIRA, 2004b).

Deslocando para a Geografia o eixo da discussão acerca da popularização do futebol nos primeiros anos do século passado, podemos afirmar que o desenvolvimento experimentado pelos meios de comunicação na passagem do século XIX para o século XX, característico do período nomeado por Milton Santos como meio técnico-científico (1994), fez com que, a partir das primeiras transmissões radiofônicas das partidas de futebol, na década de 1930, a popularidade dos grandes times do Rio de Janeiro (cidade-sede das emissoras de maior alcance e audiência) se espalhasse por pontos longínquos da cidade e, principalmente, do território nacional. Destacamos o Clube de Regatas do Flamengo como

[126] Murad (2010) aponta o cinema como outra expressão cultural abraçada pelo novo projeto de país que começava a ganhar corpo. O autor trata das similaridades entre os caminhos percorridos pelo cinema e o futebol no país, duas expressões estéticas e culturais dotadas de uma "origem europeia, capitalista, imperialista e elitista" (p. 202) que consolidaram, ainda que por vias distintas, processos de popularização, interiorização e construção de uma identidade própria.

grande beneficiado desses avanços, pois eles coincidiram com o período no qual, graças à trinca Ary Barroso – Mário Filho – José Lins do Rego, a agremiação inicialmente dedicada unicamente às regatas, deixou para trás a pecha de "time fidalgo", passando a ser reconhecido como "time do povo" (COUTINHO, 2013).

Verifica-se então que a base de torcedores dos grandes clubes cariocas abandona a escala local passando à nacional. A esse respeito, Gilmar Mascarenhas, em artigo publicado no Jornal do Brasil, em 2002[127], sugere que caso a "Era de Ouro" do rádio houvesse iniciado nos anos 1920, o Vasco da Gama (clube com maior apelo popular naquela época) teria grandes chances de se tornar o "mais querido do Brasil" atualmente. Ao mesmo tempo em que, se a difusão das transmissões futebolísticas tivesse na televisão seu principal vetor (fato consolidado somente a partir da década de 1980), haveria um maior equilíbrio entre a popularidade das grandes equipes cariocas e paulistas uma vez que São Paulo já tomara a hegemonia econômica da antiga capital federal e a maior parte das emissoras de televisão possuía suas sedes na capital paulista (apesar de a Rede Globo, detentora do maior poder e audiência, ter como base a cidade do Rio de Janeiro), vindo a transmitir em cadeia nacional as partidas das equipes locais.

Pode-se dizer que o uso da técnica, nesse caso, o rádio, modificou a relação do sujeito (torcedor) com o objeto (o jogo de futebol) uma vez que o estádio deixou de ser o único elemento mediador entre eles, papel desempenhado agora (também) pelo locutor esportivo e, posteriormente, pelos comentaristas e repórteres de campo. A partir desse instante, abre-se a possibilidade para que um indivíduo possa acompanhar em tempo real as partidas do seu time do coração sem que para isso seja necessário vê-lo *in loco*, algo que jamais acontecerá para uma expressiva parte desses ouvintes.

Sobre o papel da torcida naquele momento, Hollanda (2008) destaca a sua transformação em "um ente coletivo atuante, onde cidadãos antes desconhecidos começavam a ganhar notabilidade e a avultar no interior da massa indiferenciada por seu empenho, fervor e dedicação a um clube" (p. 99). É num contexto de promoção da ordem e da disciplina, em contraposição às constantes turbulências vividas no interior dos nossos estádios que, ainda nos anos de 1930, é criada pela imprensa a figura do *chefe de torcida*, cujo aparecimento antecede ao das torcidas organizadas/uniformizadas propriamente ditas[128]. O mesmo autor destaca a postura séria nas arquibancadas (sem deixar de lado o incentivo aos atletas), a

[127] A viagem do futebol através da história. JB/Caderno Idéias, 25/05/2002, página 4.
[128] No Rio de Janeiro, tais agrupamentos foram chamados de torcidas organizadas enquanto suas congêneres paulistas receberam a denominação de torcidas uniformizadas.

presença constante aos jogos do clube, o elevado grau de comprometimento e a capacidade de liderança e comunicação reconhecidas por torcedores, dirigentes e pelo policiamento como principais traços dessa nova categoria de torcedor, tendo em Jaime de Carvalho, fundador da primeira torcida organizada do futebol carioca[129], a Charanga Rubro-Negra, em 1942[130], a melhor personificação daquilo que Toledo (2000) chama de *enquadramento moral* das classes populares no esporte. Além dele, outros chefes de torcida marcaram história. Poderíamos destacar, como exemplos, Tia Aida (Vasco da Gama), Tolito (Botafogo) e Peitão (Fluminense). Cabia a esse personagem conciliar dois sentimentos, que para Braga (2010) "pareciam incompatíveis: a paixão pelo clube e a tolerância com os torcedores rivais" (p. 19).

Num contexto marcado pela recente adoção do profissionalismo (1933), essa recém-surgida expressão de liderança era exaltada pela imprensa como um dos últimos elos do futebol com o amadorismo. Se, ao futebolista era facultada a possibilidade de "virar a casaca" e defender a agremiação que lhe oferecesse a remuneração mais elevada, para o torcedor (com o chefe de torcida como sua representação máxima) tal atitude seria impensável e socialmente reprovável, pois a sua relação com o clube não se baseava na monetarização da paixão, mas sim na fidelidade incondicional às cores do seu time, no desapego e na renúncia a tudo aquilo que pudesse comprometer a sua relação com a equipe.

Essa identificação do torcedor com o time do coração, embora permaneça densa até hoje, não atinge com a mesma intensidade a todos os elementos de uma comunidade. Michel Maffesoli, em seu livro *O Tempo das Tribos*, trata do papel da identidade nas sociedades pós-modernas, nas quais a emergência dos tribalismos tomaria o lugar do individualismo. Essas identidades apresentariam um caráter transitório dotadas de uma territorialidade própria, muitas vezes efêmera, organizadas de acordo com as ocasiões que se apresentam. Para o autor, o que ligaria uma pessoa a uma ou mais tribos diferentes seria o sentimento de pertença. Bromberger (2008), por sua vez, questiona o emprego do conceito de tribo como forma de qualificar as novas formas de agregação social. No seu entendimento, "uma tribo é fundada sobre a filiação: nela se nasce e se vive" (p. 245). O engajamento em um grupo de torcedores, por sua vez, é compreendido como uma atitude voluntária e efêmera, sem qualquer relação com "o jogo da filiação e do estatuto adquirido no nascimento" (p. 245), característico das tribos.

---

[129] Em 1940, a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) foi fundada por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel, que viria a ser governador do estado de São Paulo em duas ocasiões, nas décadas de 1960 e de 1970 (MURAD, 2012).

[130] Em 1944, surgiu a Torcida Organizada do Vasco (TOV), fundada por Aida de Almeida e um grupo de mulheres; e a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), em 1946. O Botafogo teria sua primeira torcida organizada apenas em 1957, quando Tarzã fundou a Torcida Organizada do Botafogo (TOB).

Mesmo assim, quando tratamos da filiação de um indivíduo a uma agremiação futebolística (não a um coletivo torcedor organizado), parece haver uma naturalização do caráter perpétuo dessa relação, à qual Giulianotti (2012) se refere como um *contrato cultural*, que o aproximaria muito mais da compreensão de *tribo* trabalhada por Bromberger do que à de Maffesolli. Tal identificação, para a maioria, passaria a ser vivida e percebida como uma identidade permanente.

Arlei Damo considera a fidelidade como o principal elemento estruturante do clubismo, compreendido como "um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno" (2005, p.61). Esse sentimento de fidelidade associado à noção de pertencimento cumpre, no clubismo, uma função estabilizadora fundamental para a construção e a consolidação de noções de pertencimento entre os clubes de futebol e seus torcedores.

Seguindo esse viés, Vogel (1982) caracteriza o time de futebol ao lado do nome, do sexo, da religião e do estado civil como elementos que recebemos no berço e nos acompanharão ao longo de toda a nossa vida social[131]. O estádio de futebol, tido como templo sagrado, constitui-se, portanto, no principal referencial concreto para a materialização da paixão torcedora relacionada ao clube com o qual se identifica.

3.2 O torcedor, a torcida e o templo

O padrão de comportamento associado ao "ser torcedor", construído ao longo de décadas em equipamentos futebolísticos com grandes partições destinadas a frequentadores acomodados de pé ou em arquibancadas de cimento, tende a desaparecer com a progressiva renovação ou substituição dos estádios tradicionais pelas modernas arenas multifuncionais (MASCARENHAS, 2017). Durante décadas, os agora "ultrapassados" equipamentos, regidos por normas de comportamento elásticas, testemunharam o nascimento e a evolução de diferentes expressões torcedoras, com destaque para as torcidas organizadas. Nelas, o constante contato físico entre seus componentes e pessoas próximas, como forma de celebração e apoio à equipe, constituía-se em uma de suas performances corporais marcantes, contribuindo para a transformação das arquibancadas em espaços de celebração. Aguiar

[131] A esse respeito, ver Ferreira (2013).

(2009) destaca que a disposição em aderir a esse comportamento representava um dos "elementos avaliadores do desempenho adequado ou estigmatizado do ato de torcer" (p. 167). A não anuência a essa conduta impingiria ao indivíduo uma condição à qual Gustavo Coelho (2015) denomina como "torcedor sem mito".

A intensidade e as diferentes formas de expressão da paixão torcedora, ainda que variem ao redor do planeta, transformaram os estádios, para os seus fãs mais fervorosos, em lugares sagrados, "estruturas visivelmente disfuncionais, demarcadamente diferentes de espaços e edifícios que desempenham funções predefinidas na nossa vida cotidiana" (GUMBRECHT, 2007, p. 15-16). Para Bromberger (1995b), eles constituem-se em locais de espetacularização de uma prática, e, ao mesmo tempo, o local da espetacularização do espetáculo oferecido pelo público, com os setores destinados à assistência servindo como local de realização de rituais mágico-religiosos. Em outro texto, porém sem se afastar do assunto, Bromberger (1995a) analisa as características formais e estruturais que permitem a comparação entre uma importante contenda futebolística e um ritual religioso.

As características formais, compreendidas como elementos essenciais e permanentes do jogo, podem ser elencadas em: 1. uma configuração espacial particular materializada pela figura do estádio; 2. a distribuição dos espectadores que, nesse recinto, remete, em muitos aspectos, à ordenação rigorosa dos diferentes grupos sociais que frequentam cerimônias religiosas importantes, resultado de uma hierarquização do espaço segundo a classe social formal, a posição dentro do "mundo" do futebol e, de acordo com o fervor do torcedor; 3. a existência de um calendário regular e cíclico de eventos; 4. a distribuição de funções durante a partida, bem como o comportamento da própria multidão, que irradia uma qualidade cerimonial; 5. a organização e os princípios de funcionamento do mundo do futebol, que também compartilham alguns pontos em comum com o mundo da religião, em razão da estrutura rígida e da imposição de leis próprias elaboradas exclusivamente por homens; 6. a estrutura sequencial da partida, não somente aquela que acontece dentro de campo, mas de todo o conjunto que a cerca (o pré-jogo, o jogo em si e o pós-jogo) e remete à de um ritual religioso; 7. uma "comunhão de mentes" criada durante o espetáculo, enquanto as hierarquias tradicionais são, no mínimo, enfraquecidas, se não mesmo totalmente abolidas.

Como características estruturais, temos: 1. a ruptura com a rotina diária; 2. uma estrutura espaço-temporal específica; 3. um conjunto de comportamentos repetitivos e codificados, que consiste em palavras proferidas, gestos feitos, objetos manipulados, procurando atingir alguns fins transcendentais, não explicáveis em termos de eficiência prática; 4. uma configuração simbólica que prepara o terreno para a prática ritual e, ao mesmo

tempo, garante a sua realização; 5. o estabelecimento de uma "anti-estrutura[132]", livre das hierarquias que regulam a vida social e que, naquele momento fora do tempo, atribuem a cada pessoa uma classificação diferente, de acordo com sua proximidade relativa ao objeto do rito e aos encarregados por comandá-lo; 6. a obrigação moral de participar do ritual, compreendido como dever e não apenas como uma questão de livre escolha.

Podemos identificar grande parte das particularidades relacionadas por Bromberger e a menção ao estádio enquanto templo, ao unirmos os seguintes trechos das seções *O torcedor* e *O fanático* da obra *Futebol ao Sol e à Sombra*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano:

> Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada.
> Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa paga, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros (...).
> O fanático é o torcedor no manicômio. A mania de negar a evidência acaba fazendo que a razão e tudo que pareça com ela afunde, e navegam à deriva os restos do naufrágio nestas águas ferventes, sempre alvoroçadas pela fúria sem tréguas. O fanático chega ao estádio embrulhado na bandeira do time, a cara pintada com as cores da camisa adorada, cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão. Nunca vem sozinho. Metido numa turma da barra pesada, centopéia perigosa, o humilhado se torna humilhante e o medroso mete medo. A onipotência do domingo exorciza a vida obediente do resto da semana, a cama sem desejo, o emprego sem vocação ou emprego nenhum: liberado por um dia, o fanático tem muito de que se vingar. Em estado de epilepsia, olha a partida, mas não vê nada. Seu caso é com a arquibancada. (2004, p. 14-16)

O estádio de futebol constitui-se, portanto, em um dos principais elementos concretos e simbólicos presentes na construção e consolidação de uma identidade torcedora. A inauguração do Maracanã, em 1950, com uma configuração espacial até então desconhecida em nosso país, contribuiu para tecer ao longo de décadas um modo de torcer “brasileiro”, tendo nas torcidas organizadas sua expressão máxima (tanto para o bem quanto para o mal).

[132] Termo utilizado por Victor Turner em *The Ritual Process*: *Structure and Anti-Structure* (1969).

Também é verdade que, se o futebol ganhara sua catedral, não havia um tratamento equânime a todos os “fiéis”.

3.3 O torcedor e o Maracanã

A inauguração do Estádio Municipal, em 1950, revolucionou tanto o futebol carioca quanto o brasileiro. Haja vista que, se até então predominavam estádios acanhados em formato retangular (exceção feita ao Pacaembu e a São Januário em relação à forma e à capacidade de público), o novo equipamento esportivo, com o seu formato de falsa elipse, instituiu uma nova configuração para a disposição dos adeptos, com um grande anel inferior, praticamente ao mesmo nível do gramado, que envolvia o campo de jogo, projetado para receber torcedores em pé (Geral); um intermediário, composto pelas cadeiras (comuns e cativas) e camarotes (localizados atrás das cadeiras); e um terceiro nível, formado pelas arquibancadas, tribunas de honra e de imprensa e cadeiras especiais.

Esse padrão arquitetônico passou a ser adotado em escala nacional, primeiramente, em 1965, com a inauguração do Mineirão, que marcou o início de uma verdadeira febre construtora de monumentais praças de esporte de propriedade dos governos estaduais, especialmente no período compreendido entre 1968 e 1980, quando, sob a égide do governo militar, que promovia o futebol como forma de distração barata (escapismo) para a classe trabalhadora, composta, em grande parte, por chefes de família do sexo masculino, o Brasil se transformou no país dos grandes estádios (MASCARENHAS, 2014b).

Ao contrário dos estádios tradicionais, não havia, no Maracanã, qualquer obstáculo que obstruísse a visão do torcedor em relação ao gramado. O fosso existente ao redor do campo de jogo, separando-o da Geral, dificultava que objetos atirados pela assistência atingissem os atletas, além de procurar conter (nem sempre com sucesso) eventuais invasões ao gramado. O gigantismo do “maior do mundo” somado à centralidade por ele exercida sobre o espaço urbano local e ao baixo valor cobrado pelas entradas permitiu que a ida ao estádio se consagrasse como um dos principais programas de lazer dos residentes na capital e adjacências. Ao contrário do que ocorria em São Januário, Laranjeiras e, principalmente, nos estádios “de bairro”, percebia-se agora a frequência de um público procedente de todos os pontos da cidade e municípios vizinhos, que se deslocava a pé, de trem, lotação (ônibus) e

carro e que, em grande parte, jamais frequentara um estádio de futebol ou, se tanto, assim o fazia de modo eventual.

A constituição de um novo espaço implicou também novas formas de apropriação. Haja vista que, apenas o setor das gerais, projetado para receber 30.000 torcedores, superava com folga a capacidade total do Estádio das Laranjeiras, e o anel destinado às arquibancadas comportava um público equivalente à soma da lotação dos estádios do Pacaembu e de São Januário. Consequentemente, a forma e o ato de torcer também foram impactados uma vez que, principalmente para o frequentador da Geral, era possível, graças à inexistência de uma separação entre as torcidas, somada ao formato elíptico do novo equipamento, a livre movimentação durante a partida. Ao mesmo tempo, ao contrário do que acontecia, para se fazer ouvir (mesmo nos pontos localizados à beira do gramado) tanto as manifestações de incentivo quanto de insatisfação e as ofensas proferidas aos atletas e ao trio de arbitragem deveriam ser expressas coletivamente.

Coube aos chefes de torcida o papel de comandar a festa nas arquibancadas, auxiliar o policiamento e zelar pela ordem e pelo bom comportamento dos torcedores nas dependências do Estádio Municipal. Aliado à questão da sonoridade, fazia-se necessário também criar novas expressões que tivessem um impacto visual condizente com o tamanho do novo equipamento esportivo e reforçassem ainda mais seu caráter de espaço monumental, que deve conter, além das "qualidades plásticas, para o olhar, as qualidades acústicas, e se não as têm, alguma coisa falta à monumentalidade" (LEFÈBVRE, 2006, p. 308). A carnavalização do espetáculo parecia clamar por contornos mais expressivos. Como exemplo, o ato de agitar lenços e pequenas bandeiras, muito comum na primeira década do século passado, seria substituído, com o passar dos anos, por bandeiras cada vez maiores até chegarmos aos famosos bandeirões (aqueles com mastro de bambu e as imensas bandeiras que cobriam boa parte das arquibancadas).

A popularidade alcançada pelos hinos (não oficiais) dos clubes cariocas (compostos por Lamartine Babo, em 1944) e pelas marchinhas de carnaval, substituídas a partir do final da década de 1960 por paródias aos sambas de enredo (HOLLANDA, 2012), ajudou a criar uma trilha sonora própria e vibrante no interior do estádio. Sobre esse período, Murad (2012) afirma que a adoção de cânticos, cores e festejos caracterizou as torcidas organizadas em sua fase carnavalizada, contribuindo para uma intensificação e um aprofundamento da relação entre o futebol e a música popular. O mesmo autor cita que, até o início da década de 1970, os confrontos entre torcedores eram pontuais, predominando "um cenário de sociabilidade quase

familiar" (p. 89). Ainda a respeito da inserção de elementos festivos de forte apelo popular nos estádios, a citação de Mascarenhas é clara:

> Mas o fato é que as décadas de 1960 e 1970 assistiram a um evidente processo de estruturação e multiplicação das "torcidas organizadas". Como é fato também que o mesmo período consolida, em escala nacional, o pleno acesso das camadas populares urbanas aos estádios. Parece ser também possível afirmar que esse período viu nascer e se expandir todo um ritual de "carnavalização" dos estádios, com coreografias coletivas e multiplicação de cânticos e adereços, propiciando um espetáculo muito particular nas arquibancadas (2014, p. 30, grifos do autor).

Dessa forma, poderíamos classificar o estádio como um espaço de festa, no sentido proposto por Lefèbvre (2001) para a cidade do período anterior ao desenvolvimento do capitalismo industrial, compreendida como *obra* (relacionada ao valor de uso) e não como *produto* (ligada ao valor de troca), que tinha na festa realizada em ruas, praças, monumentos e edifícios o seu principal uso, consumindo "sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro" (p. 19). Após o seu apogeu, as torcidas organizadas (agora fragmentadas e num contexto marcado pela ditadura militar) passam, pouco a pouco, a atuar como coletivos militarizados (MURAD, 2012), contribuindo para a consolidação de um ambiente machista, responsável pela exclusão de grupos que não se enquadrassem nessa nova realidade. É o que veremos adiante.

3.4 Da carnavalização à criminalização: o antigo Maracanã como um ambiente de exclusão

Como vimos no segundo capítulo, a quantia bilionária dispendida pelo poder público para adequar o tradicional Estádio Jornalista Mário Filho ao "Padrão FIFA", com vistas a receber sete partidas da Copa do Mundo de 2014, transformou a nossa principal praça de esportes de um estádio concebido para as massas e dotado de uma centralidade popular em uma arena "neutra", pasteurizada, preparada para atender a um público de maior poder aquisitivo e menor identificação com o seu time e com o próprio futebol, característico da sociedade do espetáculo. Para reforçar essa ideia, tendemos a idealizar o antigo estádio como um ambiente democrático, ponto de encontro de todas as classes sociais (ainda que segregadas). Entretanto, basta olhar com certo distanciamento para lembrar que o "velho" Maracanã também se constituía num ambiente excludente, no qual, a partir da militarização

das torcidas organizadas, processo iniciado na década de 1970 e intensificado no decênio seguinte, o ambiente das arquibancadas (seu setor de maior representatividade) se tornara cada vez mais masculinizado e juvenilizado, afastando os grupos que não se adequassem a esse padrão de comportamento (homossexuais, mulheres desacompanhadas, famílias e idosos). Percebia-se então uma forte exclusão sociocultural.

3.4.1 O processo de juvenilização das torcidas organizadas

Hollanda (2012, 2014) identifica o surgimento, nos últimos anos da década de 1960, de um período por ele denominado de juvenilização das torcidas organizadas, que marcaria a transição entre a carnavalização e a militarização desses coletivos. Num contexto marcado pelos primeiros anos da ditadura militar, que governou o país entre 1964 e 1985, e por intensas revoltas estudantis ao redor do planeta, ganham corpo movimentos de questionamento ao modelo de liderança tradicional designado por Hollanda (op. cit) como "um clube, uma torcida, um chefe". Esse embate culminou com o surgimento de grupos dissidentes nos quatro grandes clubes cariocas: Torcida Dissidente (Fluminense) e Jovem Flu[133] (1967); Poder Jovem (1967) rebatizada, em 1969, como Torcida Jovem do Flamengo; Poder Jovem (1969), que, no mesmo ano, viria a se tornar a Torcida Jovem do Botafogo; e Força Jovem (1970), oriunda da saída de um grupo descontente da Torcida Organizada do Vasco.

De imediato, como forma de distinção às torcidas tradicionais, esses grupos passaram a se posicionar na parte das arquibancadas localizada atrás do gol correspondente à localização dos seus torcedores[134]. Com isso, criaram uma nova territorialidade, ou seja, uma nova forma de se apropriar de um território. Não tardou para que esses setores se tornassem os pontos de maior vibração, fundamentais para a transformação do estádio num ruidoso espaço de festa (MASCARENHAS, 2013a). Havia também, uma relevante diferença básica em relação às torcidas tradicionais no que diz respeito à postura crítica em relação ao

[133] Os dois coletivos mais bem-sucedidos de torcedores organizados criados nesse contexto foram a Força-Flu e a *Young Flu*, ambas fundadas em 1970.

[134] As torcidas de Flamengo e Vasco da Gama eram as duas únicas com localização fixa no estádio, ocupando, respectivamente, as arquibancadas à esquerda e à direita das cabines de rádio. A torcida do Fluminense ocupava o mesmo setor destinado aos flamenguistas, mudando de lado durante o clássico Fla-Flu. Já os botafoguenses compartilhavam o mesmo setor dos torcedores vascaínos, exceto durante as partidas contra a equipe cruzmaltina.

desempenho do time do coração. Ao contrário do apoio incondicional pregado pelas antigas lideranças, esses novos grupos muitas vezes se manifestavam com apupos e ofensas proferidas aos atletas e dirigentes da agremiação como forma de manifestar a sua indignação. Por sua vez, não era possível considerar esses novos coletivos como plenamente democráticos. Apesar da presença de núcleos femininos e de inexistirem restrições formais quanto ao acesso, o indivíduo pertencente a essas associações reproduzia nas arquibancadas padrões de comportamento valorizados, exaltados e naturalizados em uma sociedade machista, algo que criava obstáculos à inserção de determinados grupos.

3.4.2 A presença feminina nos estádios

Desde a Antiguidade, o esporte, mesmo antes de receber essa denominação, surge como um elemento relacionado à sociabilidade. Mesmo em sua versão atual, o próprio Barão de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, era contrário à presença feminina na qualidade de competidoras, pois via as mulheres como seres frágeis, incapazes de realizar os esforços físicos necessários ao esporte de competição. Para o dirigente francês, o espaço ocupado pelo sexo feminino na sociedade deveria se restringir à esfera privada, tendo como principal responsabilidade a de cuidar da família e do bom funcionamento do lar (CAPITANIO, 2005). Tal restrição se impôs apenas nos Jogos de Atenas, em 1896. Na segunda edição, em 1900, realizada em Paris, elas seriam admitidas na qualidade de atletas devido à pressão exercida pelos movimentos que clamavam por uma maior participação feminina nos espaços relacionados à esfera da vida social, incluindo o esporte, símbolo de modernidade daquela época (RUBIO, 2010).

No caso brasileiro, muito antes da introdução do futebol, a presença das mulheres já se fazia sentir nos locais destinados à prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro, tais como os prados e hipódromos destinados ao turfe (a partir da segunda metade do século XIX) e as praias e pavilhões onde eram realizadas as provas de remo (virada do século XIX para o século XX). A abertura de amplos espaços públicos (passeios, parques e praças) e “a mudança simbólica e de uso, via dessacralização destes espaços” (MASCARENHAS, 1999, p. 31), características da modernidade, configuraram um contexto favorável à apropriação desses locais pelos esportes e, também, à afluência de uma numerosa plateia feminina. Sua presença em outras paragens, como teatros e cinemas, refletia um momento no qual a mulher pouco a

pouco alcançava, ainda que de forma controlada e concedida, uma maior liberdade. Salvo raras exceções, a participação feminina limitava-se à contemplação das exibições esportivas[135]. O termo *sportwoman*, ao contrário de sua variação masculina *sportman*, servia apenas para designar as mulheres que assistiam frequentemente às competições, sem alusão alguma à prática esportiva (MELO, 2001). Apesar da percepção tradicional de que elas frequentavam esses espaços como forma de poder se exibir para a sociedade, "enfeitando" e alegrando o ambiente competitivo, tendo também, de quebra, a possibilidade de flertar com um competidor ou com algum distinto cavalheiro da plateia, Victor Melo (2012) ressalta o comparecimento de mulheres a esses locais como um "indicador de libertação, uma abertura de novas possibilidades, um avanço, uma preparação para conquistas maiores que teriam também repercussões no esporte, tanto nas arquibancadas quanto nos espaços de competição" (p. 51).

Acerca da composição da plateia nos campos de futebol em seu alvorecer, Malaia (2012) desenvolve uma interpretação tão pitoresca quanto plausível acerca da forte presença feminina nos *grounds* cariocas e de seu declínio posterior. Segundo ele, naquela época, a entrada era gratuita e permitida apenas aos sócios dos clubes que, por sua vez, tinham direito a levar a esposa e duas filhas solteiras. Vale ressaltar que às mulheres era vedada a participação como sócias, podendo frequentar as instalações da associação na qualidade de dependentes de seu marido ou pai. Com o interesse crescente pelas partidas, os clubes vislumbraram a possibilidade de encaixar consideráveis somas, passando a cobrar pelas entradas, com a claque feminina confinada na tribuna destinada aos sócios (ainda um setor com entrada franca). Em razão dos preços dos ingressos estarem ao alcance de um maior número de aficionados (com a divisão das instalações destinadas ao público em cadeiras numeradas e gerais), as demais dependências dos estádios foram tomadas por uma plateia composta basicamente por cidadãos do sexo masculino e oriundos de classes sociais menos favorecidas, que logo se tornou majoritária naqueles locais. A imprensa da época, ao mesmo tempo em que destacava esses grupos pelo incentivo incondicional e barulhento dado à equipe de sua preferência ao longo das pelejas, caracterizava-os também como inquietos e de comportamento inadequado, devido ao hábito de proferir ofensas aos adversários, o que teria afastado o público feminino e as "boas famílias" dos estádios. Sem desconsiderar tais fatores

[135] Victor Melo trata da existência de toureiras desde a primeira metade do século XIX, que antecederia ao surgimento da figura das *sportswomen.* Elas se apresentavam em eventos tauromáquicos desde a primeira metade do século XIX nas praças de touros espalhadas por cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre. Além de atuarem, também estavam presentes na plateia e na organização dessas exibições.

(assim como as brigas e invasões de campo cada vez mais comuns), o autor acrescenta o fim da gratuidade dada aos sócios e suas dependentes a partir da realização do Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1919, como mais um elemento responsável pela sensível diminuição da presença feminina.

Com a popularização do esporte, percebe-se também uma mudança do perfil das torcedoras nos estádios. Assim como aconteceu com os homens, as moças pertencentes à elite carioca foram gradativamente substituídas por senhoras e senhoritas de estratos socioeconômicos menos favorecidos. Saía de cena Ana Amélia de Mendonça, e entravam em campo Tia Aida, Dulce Rosalina, Dona Maria de Lurdes (Vovó Tricolor), Tia Ruth e tantas outras mulheres, que chegaram, inclusive, algumas delas, ao posto de chefes de torcida, contribuindo ativamente com a carnavalização do espetáculo, combinado à manutenção de um ambiente "familiar" no Maracanã.

Tendo em conta o contexto de uma sociedade com um machismo fortemente arraigado, podemos inclusive compreender a visibilidade alcançada por essas torcedoras (mesmo que muitas vezes retratadas pela imprensa esportiva como personagens folclóricos), seu papel de liderança num espaço monumental e a presença assídua aos estádios para apoiar o seu clube de coração como uma forma de resistência ao papel subalterno tradicionalmente imposto às mulheres. Mesmo assim, com base em relatos, observações e registros fotográficos, em áudio ou em vídeo, há fortes indícios de que, em nenhum momento, a presença do público feminino no Maracanã chegou a rivalizar numericamente com a do público masculino.

A mudança do perfil das torcidas organizadas, na passagem da década de 1970 para a de 1980 com o aumento dos casos de violência e mortes relacionadas a confrontos entre torcedores no interior e na parte externa dos estádios, não pode ser vista como o único fator responsável pela menor presença feminina nos jogos de futebol, assim como de outros grupos considerados mais vulneráveis a atos extremos, tais como crianças, famílias e idosos. Em depoimento concedido aos jornalistas Letícia Naísa e Peu Araújo, o pesquisador Flávio de Campos destaca que, para a nossa sociedade, o futebol é compreendido como um dos elementos responsáveis pela construção de uma masculinidade violenta, agressiva, machista, truculenta e heteronormativa, atuando como elemento distintivo entre homens e mulheres[136].

Seguindo esse viés, podemos elencar três razões que desestimularam a formação de uma numerosa plateia feminina nos estádios ao longo dos anos: 1ª) Não era compreendido

[136] Fonte: http://www.vice.com/pt_br/read/homofobia-no-futebol Acesso em 21 de novembro de 2016.

como um comportamento socialmente aceito a presença de mulheres desacompanhadas aos estádios de futebol (assim como em qualquer outro espaço público). Sendo assim, para ir a uma partida, ela deveria estar escoltada por uma figura masculina (pai, irmão ou marido). Mesmo com as conquistas alcançadas pelos movimentos de emancipação feminina nas últimas décadas, as mulheres que fossem ao estádio, sozinhas ou em grupos de amigas, estariam sujeitas a ouvir uma série de "gracejos" de mau gosto, impropérios proferidos em coro por parte do público masculino e, em casos extremos, serem tocadas sem consentimento. Para boa parte do público masculino, tal comportamento (compreendido por eles mesmos como reprovável fora do ambiente da praça de esportes) era percebido como algo "natural", afinal, "o que elas estavam fazendo sozinhas naquele lugar?"; 2ª) Como vimos, o gosto pelo futebol, por se tratar de um elemento cultural relacionado à sociabilidade masculina, jamais fora estimulado entre as meninas da mesma forma que acontecia com os meninos. A elas, estavam destinadas atribuições relacionadas ao espaço do lar. A tradicional relação bola-menino e boneca-menina perdura até hoje, mesmo que enfraquecida; e 3ª) ao romper a relação anteriormente citada, o gosto e, ainda mais, a prática do futebol põem em dúvida a sua condição feminina uma vez que esse esporte se encontra fortemente vinculado (numa sociedade machista e homofóbica) a uma típica expressão de masculinidade.

Carmem Rial, em entrevista concedida, em 2012, à equipe do sítio Ludopédio, recorda que, até 1979, o futebol feminino era proibido por lei no país (restrição que não impedia a prática, mesmo seguindo a via da clandestinidade). Ao mesmo tempo, vislumbrava no esporte uma das últimas fronteiras a serem conquistadas pelos movimentos feministas. Ao citar o futebol como símbolo de identidade nacional, afirma que a mulher sofre uma dupla rejeição, pois ao ser "proibida de jogar futebol, proibida de discutir, de estar nesse mundo, é rejeitada como mulher e como cidadã brasileira, porque ela não tem essa plena identidade que o futebol acaba conferindo[137]".

Leda Costa (2006), por sua vez, afirma ainda que a mulher interessada em futebol enfrenta na busca por legitimidade outros dois preconceitos: provar o tempo inteiro que realmente gosta e entende de futebol (algo que, em relação aos homens é compreendido como uma habilidade inata); e dissociar a sua imagem das chamadas "marias-chuteiras", moças cujo interesse no futebol concentra-se na apreciação das qualidades estéticas dos praticantes que, muitas vezes, tornam-se alvo de suas investidas amorosas como estratégia para uma meteórica

[137] Fonte: http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1231 Último acesso em 27 de janeiro de 2015.

ascensão social[138]. Ao mesmo tempo, destaca também a crescente presença feminina nos estádios na virada do século XX para o XXI, a existência, em diversas torcidas organizadas, de núcleos femininos[139] e a formação, no campo virtual, de comunidades em redes sociais que congregam grupos de mulheres apaixonadas pelo esporte e pela sua equipe[140]. Para ela, cada vez mais, as mulheres têm comparecido aos jogos, acompanhadas de filhos e netos como forma de iniciá-los não apenas no futebol, mas sim na paixão pelo clube do coração, missão vista até bem pouco tempo como eminentemente masculina. Analisando sob a ótica do geógrafo, podemos relacionar esse fato ao crescente número de lares chefiados por mulheres. Como provocação, tal atitude refletiria também um ranço da cultura machista à medida que esse "cuidado" é maior em relação aos meninos, pois, ao introduzi-los oficialmente no ambiente dos estádios de futebol, eles também estariam entrando em contato com referenciais masculinos, muitas vezes inexistentes ou pouco presentes no interior desses núcleos familiares.

O fato de um homem gostar ou não de futebol certamente não implica uma relação direta com a orientação sexual que ele seguirá. Da mesma forma que existem muitos homossexuais que se interessam e praticam o futebol (inclusive profissionalmente, mas quase sempre sem levar a público a sua condição), numerosos heterossexuais simplesmente ignoram ou mesmo detestam "perder o seu tempo" assistindo àquilo que Umberto Eco (1984) chama de "um espetáculo cósmico sem sentido", associado às "filosofias negativas" (p. 228). Entretanto, como veremos adiante, numa sociedade na qual, em pleno século XXI, a homofobia ainda não foi criminalizada nos estádios de futebol (algo que já ocorre há anos com o racismo e a violência contra a mulher), a alusão ao homossexualismo ainda persiste como estratégia para desqualificar um indivíduo ou grupo adversário.

---

[138] A autora estabelece também uma relação muito interessante entre dois ícones da modernidade (o esporte e o automóvel) e a mudança de perfil do homem nos primeiros anos do século passado. Segundo ela, "enquanto o carro associava o homem à velocidade e ao domínio da máquina, os esportes inscreviam nos próprios corpos masculinos as conseqüências de sua introdução nas cidades" (2006, p. 15), com o homem ligado às letras, compreendido como pálido e fraco sendo substituído pelo vigor físico representado pelo esportista.

[139] A autora cita como exemplos a Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo), Dragões da Real (São Paulo Futebol Clube), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro), Camisa 12 (Vasco da Gama), Mulheraço (Volta Redonda) e Gatas da Fiel (Paysandu).

[140] Na extinta rede social Orkut, destacavam-se as comunidades "Mulher também gosta de futebol", "Mulheres que amam futebol", "Loucas por futebol", "Meninas que gostam de futebol" e "Força Feminina Vasco da Gama".

3.4.3 As torcidas *gays*

Desde a chegada ao Brasil, o esporte (com o futebol em destaque) associa a imagem de seu praticante à de um homem saudável e viril, símbolo de masculinidade. Assim como na sociedade de um modo geral, coube ao homossexual um papel marginal, quase invisível. Sua presença está associada à prática de modalidades correspondentes a comportamentos associados ao sexo oposto, ou seja, os *gays* se destacariam em esportes "femininos" caracterizados pela leveza e suavidade de seus movimentos (mesmo que, quando praticados em alto nível, exijam um grande desprendimento de energia e força física) geralmente inspirados na dança, tais como a patinação e a ginástica artística. Já as lésbicas, devido ao seu comportamento "masculinizado", procurariam esportes "viris", em que a força bruta e a atitude agressiva durante as disputas fariam a diferença, tais como o futebol e os diferentes tipos de luta. Entretanto, essa construção cultural não se faz presente de modo uniforme em todo o planeta. Giulianotti (2002) lembra que nas "novas nações futebolísticas" como o Japão e os Estados Unidos o futebol também é encarado como um esporte voltado para o sexo feminino, com o número de mulheres que praticam e consomem o "produto" futebol apresentando uma proporção muito próxima à do público masculino.

Em sua laureada tese[141], o antropólogo Wagner Xavier de Camargo procura analisar as sexualidades esportivas dos atletas que participam de competições internacionais[142] destinadas ao público LGBT[143] (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), articulando-as e contrapondo-as com a tradicional "masculinidade hegemônica[144]" que, em grande parte do planeta, tem no futebol um de seus traços de identidade de maior solidez. Para o autor, a presença desses competidores em esportes coletivos possibilitaria a chance de estabelecerem

---

[141] Vencedor do Prêmio Capes de Tese 2013 na área INTERDISCIPLINAR.
Fonte: http://www.capes.gov.br/component/content/article/87-premio-capes-de-tese/edicoes-anteriores/6590-teses-premiadas-em-2013. Acesso em 29 de janeiro de 2015.

[142] O autor desenvolveu sua pesquisa ao longo das edições de 2009 do II *World Outgames* (Jogos Mundiais LGBT), de Copenhague (Dinamarca); dos *VIII Gay Games* (equivalente aos Jogos Olímpicos gays), disputados em Colônia (Alemanha), em 2010; e do *II North American Outgames* (versão dos *World Outgames* para a América do Norte), sediado em Vancouver (Canadá), em 2011.

[143] Na verdade, como forma de tornar a leitura mais fluida, o autor optou pela simplificação da expressão esportiva LGBTTTIQ, que engloba os atletas gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, intersexos e *queers*.

[144] Camargo (op. cit) chama a atenção para a forma como Eric Anderson (2005) concebe a "masculinidade hegemônica", que estaria relacionada como um "modo masculino" de atuar e de apresentar características das formas masculinas dominantes. Dessa forma, aquilo que conhecemos como "masculinidade ortodoxa" estaria contida na "masculinidade hegemônica".

"encontros identificatórios" com outros indivíduos "que tiveram histórico de rejeição no esporte convencional" (2012, p. 48).

No caso brasileiro, o estádio de futebol, principalmente a partir da virada da década de 1970 para a de 1980, consolidou-se como um espaço masculino, hostil aos grupos que não se enquadrassem no perfil de uma assistência predominantemente jovem, masculina, machista e homofóbica, ou seja, um microcosmo do modelo de sociedade dominante na época.

Nessa época, as torcidas organizadas passavam por um intenso processo de divisão e fragmentação. Hollanda (2012) subdivide-as em três grandes grupos identitários relacionados à "identidade juvenil (torcidas jovens), à identidade comunitária (torcidas de rua, bairro ou cidade) e à identidade de gênero (torcidas femininas)" (p. 114). A questão do gênero ficou restrita ao sexo feminino em razão da forte rejeição dos torcedores tradicionais (avulsos e organizados) em relação à criação das torcidas *gays*.

O ano de 1977 marcou a fundação da primeira torcida ligada ao "terceiro sexo" (expressão comumente empregada naquela época) no futebol brasileiro, a *Coligay*, do Grêmio de Football Porto-Alegrense. Esse agrupamento durou até 1983, quando seu fundador, Volmar Santos, proprietário da boate *gay* Coliseu retornou à sua cidade natal (Passo Fundo), no interior gaúcho. De acordo com Leo Gerchmann, autor do livro *Coligay*, apesar de alguns problemas com outras facções torcedoras como a Eurico Lara, que homenageia um dos maiores ídolos da história do clube, a iniciativa teve apoio de diversos jogadores e dirigentes gremistas inclusive o presidente Hélio Dourado[145].

Pior sorte teve a *Flagay*, concebida em 1979, num contexto carnavalesco[146] (em todos os sentidos, uma vez que teve como fundador o botafoguense Clovis Bornay, um dos maiores vencedores dos outrora famosos Concursos de Fantasias) que se sobrepunha à paixão pelo clube. Assim como ocorreu com sua congênere gaúcha, a "nação rubro-negra" também se mostrou contrária à recém-criada organizada do clube. O próprio presidente da agremiação à época, Márcio Braga, culpara a estreia daquele animado coletivo pela derrota sofrida por 3x0 no tradicional clássico Fla-Flu, com direito a pênalti perdido por Zico[147]. A *Flagay* ensaiou seu retorno em duas outras ocasiões (1996 – 1997 e 2003), desta feita, liderada pelo ativista

---

[145] Fonte: http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2014/05/livro-conta-historia-da-primeira-torcida-organizada-gay-do-brasil.html Acesso em 20 de agosto de 2014.

[146] O emprego do termo *carnavalesco* relaciona-se ao fato de Clóvis Bornay, seu fundador, ser uma das principais personalidades identificadas com os concorridos desfiles de fantasias promovidos nos salões de clubes e hotéis frequentados pela elite e transmitidos pela televisão em rede nacional. O próprio Clóvis Bornay, por sua vez, era torcedor confesso do Botafogo.

[147] A capa do Jornal dos Sports de 15 de outubro de 1979, dia seguinte à partida, dá como principal destaque não a vitória tricolor "Flu vence e empolga a galera. 3 a 0 no Fla", mas sim a declaração do presidente da equipe derrotada: "Márcio: Foi praga da Fla-*Gay*".

Raimundo Pereira, então presidente do Grupo Atobá[148], como forma de marcar posição num espaço tido como masculino. As palavras de Carlos Alberto Migon, um dos componentes da torcida, são claras. Segundo ele, "a nossa proposta era ocupar um espaço prioritariamente hétero. Eu nem gosto muito de futebol. Na verdade, torço até pelo Vasco[149]". A segunda tentativa, capitaneada pelo próprio Raimundo Pereira, não chegou a ser posta em prática (mesmo com a intenção de ocupar as antigas cadeiras azuis como forma de não se envolver com grupos violentos das arquibancadas[150]) devido às ameaças de *skinheads* filiados a outras torcidas organizadas[151].

Recentemente, o *ciberespaço* tem servido como plataforma para o ressurgimento das torcidas *gays*, também chamadas de torcidas *face* em alusão ao *Facebook*, rede social que abriga esses novos grupos. Como exemplos, temos a *Queerlorado* (Internacional – RS), descrita como um "movimento anti-homofobia, antitransfobia, antirracismo e antimachismo das torcedoras e dos torcedores do Internacional[152]", que busca apoio do torcedor heterossexual evocando a raiz popular e democrática da equipe autodenominada como "time do povo"; e a *Palmeiras Livre*[153], cujo lema é "Torcida que canta e vibra contra o preconceito". Esses e outros agrupamentos vão além da exaltação do amor à equipe e ao futebol, tendo a preocupação comum de combater a discriminação ao público LGBT. Ao tentarmos acessar a página da *Galo Queer*[154] (cujo lema é/era "Galo é amor, não é intolerância[155]"), considerada como pioneira desse tipo de torcida, aparecia na tela do computador a seguinte mensagem: "Este conteúdo está atualmente indisponível". Vale lembrar que, em diversas reportagens, os membros da torcida se queixavam de ameaças de morte e de espancamento vindas de torcedores do próprio Atlético Mineiro e, principalmente, da torcida organizada *Galoucura* que, além de ter apelidado a torcida do arquirrival Cruzeiro de "Maria", orgulha-se em ter introduzido no país o grito de "ÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ… BICHA!", entoado sempre que o goleiro adversário (no

---

[148] O Grupo Atobá é uma ONG que atua na defesa dos direitos da comunidade LGBT. Fonte: http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia_detalhe/6222#.VMszl2jF9qU Acesso em 30 de janeiro de 2015.

[149] Fonte: http://www.ebc.com.br/torcedores-do-gremio/2013/04/torcedores-de-gremio-e-flamengo-ja-criaram-organizadas-para-combater-a Acesso em 20 de agosto de 2014.

[150] Jornal Extra, 11 de setembro de 2003. Jogo Extra, p.6.

[151] Disponível em http://www.aids.gov.br/noticia/fla-gay-adia-volta-aos-estadios Acesso em 29 de janeiro de 2015.

[152] Disponível em https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713?fref=ts Acesso em 31 de janeiro de 2015.

[153] Disponível em https://www.facebook.com/PalmeirasLivre?fref=ts Acesso em 31 de janeiro de 2015.

[154] Disponível em https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767 Acesso em 31 de janeiro de 2015.

[155] Retirado de reportagem publicada no sítio http://igay.ig.com.br/2013-04-12/futebol-ganha-torcidas-para-combater-a-homofobia.html Acesso em 27 de janeiro de 2015.

caso, o cruzeirense Fábio) executava a cobrança um tiro de meta[156], mesma postura adotada pela torcida do Corinthians em relação ao ídolo são-paulino Rogério Ceni[157]. Tal atitude popularizou-se pelos estádios e arenas do país. Em 2016, a Confederação Brasileira de Futebol foi multada pela FIFA em duas ocasiões pelo mesmo motivo: gritos homofóbicos proferidos por torcedores nas cidades de Manaus e Natal, durante partidas válidas pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, disputadas contra Colômbia e Bolívia, respectivamente.

Se a mulher sempre foi aceita, mesmo que como uma espécie de cidadã de segunda classe, os homossexuais do sexo masculino, estigmatizados como indivíduos dotados de um comportamento "desviante", jamais foram bem-vindos ou sequer tolerados, nem na assistência, nem na prática do futebol. Para adentrar no mundo da bola (assim como no meio social de maneira geral), ele deveria manter uma postura e atitude masculinas. Caso um indivíduo resolvesse frequentar qualquer estádio e torcer pelo seu time do coração livre de sua "armadura do macho" (CAMARGO, 2012), corria sério risco de ser agredido física e/ou verbalmente pelos membros da própria torcida (e não estamos falando apenas da minoria de vândalos pertencentes às organizadas). Já as lésbicas não sofriam tamanha perseguição uma vez que, bem ou mal, assumiam um comportamento masculinizado condizente com aquele ambiente.

Em reportagem publicada no sítio iGay[158] durante a realização da Copa do Mundo de 2014, intitulada *Gays desmentem estereótipos e mostram paixão pelo futebol*, tal diferença de tratamento é exposta de forma bem clara, pois, enquanto o antropólogo B.P.[159], 31 anos, afirma categoricamente que, mesmo apaixonado pelo Corinthians, não frequenta os estádios com medo da violência "por saber da homofobia das torcidas organizadas", a comerciante G.M.V., 22 anos, faz questão de assistir às partidas do Palmeiras junto a esses grupos, pois "os caras me falam: 'você gosta de mulher, de futebol, vamos pro bar'".

Se a atitude lésbica chega a ser (apenas) tolerada, o comportamento homossexual masculino até hoje é utilizado como estratégia para desestabilizar e desqualificar o torcedor da equipe adversária, atingindo-o em cheio no seu próprio preconceito. Como exemplo, na

---

[156] Disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/11/26/torcida-gay-do-atletico-se-esconde-em-jogos-e-sofre-ate-ameca-de-morte.htm. Acesso em 26 de novembro de 2014.

[157] Disponível em http://impedimento.org/ate-o-dia-em-que-seremos-todos-bichas/ Acesso em 31 de janeiro de 2015.

[158] Disponível em http://igay.ig.com.br/2013-06-20/gay-desmentem-estereotipo-e-mostram-paixao-pelo-futebol.html Acesso em 27 de janeiro de 2015.

[159] Apesar de a reportagem identificar tanto por meio de registro fotográfico quanto pelo nome completo resolvemos colocar apenas as iniciais dos entrevistados.

primeira partida realizada após a punição imposta pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) ao Grêmio, em consequência das ofensas racistas proferidas por alguns de seus torcedores ao goleiro santista Aranha durante partida válida pelas quartas de final da Copa do Brasil de 2014, adeptos do Flamengo, além dos gritos de *racista* e *eliminado*[160], também "puxaram", num Maracanã lotado, o coro de *"Gaúcho, viado!*[161]*"*. Interessante perceber que a ofensa (esse foi o tom adotado pelos rubro-negros), ao mesmo tempo em que se direciona a toda a população masculina nascida no Rio Grande do Sul, utiliza a homofobia como arma para combater o racismo[162]!

A alusão ao comportamento homossexual de um rival, presente nas letras das "canções" entoadas pelas organizadas cariocas, deixa bem clara a intenção de utilizá-las como estratégia para depreciar o adversário. Podemos citar o *hit* composto pela Força Jovem do Vasco ainda no século passado e que resiste até hoje nas dependências do Maracanã e de São Januário:

"O urubu tomou no cu
O pó-de-arroz tomou depois
O Glorioso chupou meu pau
E o campeão é o Bacalhau."

A "réplica" criada pelas torcidas adversárias segue o padrão *comportamento homossexual – identidade clubística* da melodia anterior:

"Vem, bacalhau
Vem, bacalhau
Senta no meu pau
Que eu te levo a Portugal."

---

[160] Em razão do comportamento dos seus adeptos, o clube gaúcho foi punido com a exclusão da Copa do Brasil e multado em 54 mil reais. Os torcedores identificados pela polícia foram banidos dos estádios brasileiros por dois anos. Também houve punição ao árbitro Wilton Pereira Sampaio (multado em 800 reais e suspenso por 45 dias por não ter relatado as injúrias raciais proferidas contra o goleiro Aranha) e aos auxiliares (multa de 500 reais e suspensão por 30 dias). Fonte: http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/noite-historica-gremio-eliminado-da-copa-do-brasil-gracas-ao-racismo-de-seus-torcedores-o-omisso-arbitro-wilton-pereira-suspenso-90-dias-torcedores-proibidos-por-dois-anos-de-frequentarem-estadios-03092014/ Acesso em 1 de dezembro de 2014.

[161] Fonte: http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/gremio-marca-nos-acrescimos-e-vence-o-flamengo-no-maracana-4592740.html Acesso em 27 de janeiro de 2015.

[162] A mesma estratégia, só que com intenção contrária, foi utilizada pelos próprios torcedores gremistas ao longo da primeira partida disputada pelo goleiro Aranha na Arena do Grêmio. Segundo reportagem de Renata Mendonça, publicada no sítio da BBC Brasil, relata que os insultos racistas foram trocados pelos gritos de "Aranha veado, Aranha veado". Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140919_homofobia_futebol_rm_rb Acesso em 31 de janeiro de 2015.

Em relação aos cânticos reproduzidos no texto, chama a atenção o fato de que o torcedor "macho", ao ridicularizar o rival questionando a sua sexualidade, colocar a si mesmo como a outra ponta de uma conjunção carnal envolvendo dois indivíduos do mesmo sexo. Para esses grupos, "a participação como ativo em uma relação sexual, mesmo que com outro homem, parece não diminuir a virilidade dos sujeitos" (BANDEIRA, 2009, p. 85).

Todo esse movimento pela inclusão ou acolhimento de "minorias" nos estádios, para além dos conflitos locais e das diversas iniciativas e táticas dos ativistas, merece transbordar para um debate mais amplo sobre o estádio na qualidade de espaço potencialmente democrático. Nas palavras de Mascarenhas:

> Poderíamos ter vivenciado um amplo debate aberto em torno do que seria um novo estádio, menos agressivo e machista, que acolhesse idosos, crianças e mulheres com menor dificuldade, sem que fossem excluídos da festa os pobres e todo o repertório festivo que caracterizou por décadas o estádio de futebol. Mas este debate não foi realizado, pois setores hegemônicos já tinham um modelo pronto, importado, lucrativo e elitista, no qual o estádio reflete processos mais gerais de produção do espaço urbano no contexto neoliberal (2014a, p. 34-35).

Ainda a respeito do período atual, marcado pelo embate estádio x arena, o mesmo autor, adaptando a terminologia desenvolvida por Henri Lefebvre para o espaço urbano[163], trata da existência de um conflito entre o "estádio-obra" tradicional e o "estádio-produto" emergente, sendo este último compreendido como "um modelo importado, que define em detalhes as formas de uso, tentando se impor ao modo de uso que foi gestado coletivamente ao longo de décadas" (p. 35).

3.5 Torcedor x espectador

Nas décadas de 1970 e 1980, mesmo com a consolidação de um ambiente machista e excludente em relação a determinados grupos socioculturais, a festa nas arquibancadas atingira o ápice. Em relação ao espetáculo promovido pelas organizadas, aos olhos do frequentador avulso, havia um ambiente de saudável competição, no qual as divisões existentes se faziam representar apenas pela posição das inúmeras faixas das torcidas. Esses grupos desempenharam um papel fundamental na construção de "uma cultura torcedora cujos elementos centrais são cantos, danças, a utilização de bandeiras, bandeirões, coreografias e a defesa de valores como honra, dedicação e fidelidade" (TEIXEIRA, 2013, p. 12).

[163] Ver item **1.1 Geografia e estádios**.

O principal traço distintivo relacionado ao comportamento e à participação dos adeptos dentro do estádio se fazia presente em relação à postura adotada por *torcedores* e *espectadores*. Para a melhor compreensão acerca do que pretendemos explicar, recorreremos à análise de uma representação pictórica, a nosso ver, emblemática.

Foto 11 – Festa promovida pela torcida do Vasco da Gama no momento da entrada dos atletas cruzmaltinos

.Fonte: http://oglobo.globo.com/rio/bairros/ha-30-anos-vasco-conquistava-titulo-em-cima-do-favorito-flamengo- Acesso em 25 de julho de 2014.

A imagem em questão (Foto 11) corresponde à final do Campeonato Carioca de 1982, disputada entre Vasco da Gama e Flamengo. Nela, percebe-se de forma nítida a diferença entre torcedor e espectador, fundamental para a compreensão do nosso trabalho. É possível notar também que, apesar de segregados, os dois grupos coexistiam pacificamente. Uma grade separava fisicamente a parte das arquibancadas (à esquerda), ocupada pelas torcidas organizadas, do setor das cadeiras especiais (onde eram cobrados os ingressos mais caros) e que também abrigava a Tribuna de Honra (destinada a convidados VIP), Tribuna de Imprensa e cabines de rádio e televisão. Apesar de não haver qualquer referência visual na foto, nossa vivência permite identificar o momento retratado como sendo o da entrada em campo da equipe do Vasco da Gama. Embora, num primeiro instante, a grade pareça de difícil visualização, ela se rematerializa na imagem, transformando-se em uma barreira delimitada

pelos mastros de bambu das grandes bandeiras e a parábola desenhada pelas gigantescas serpentinas arremessadas por componentes dos coletivos organizados. Ao analisarmos o setor vizinho, percebe-se uma postura contemplativa por parte dos espectadores de maior poder financeiro. Também é possível notar que quanto mais próximo à grade, maior a quantidade de espectadores que têm o olhar desviado do campo de jogo para o espetáculo que transcorria na arquibancada. Trilhando uma linha de pensamento próxima, Curi et al (2008) compreendem a torcida como "um espetáculo à parte que dialoga com o jogo" (p. 33). O relato de Rosana da Câmara Teixeira, fruto da observação do comportamento das torcidas de Flamengo e Vasco da Gama no momento da entrada em campo das duas equipes, durante um clássico disputado em 1997, sob a perspectiva de quem estava no antigo setor das cadeiras azuis, reforça o fascínio e o medo que a força emanada das arquibancadas exercia na construção da partida de futebol como espaço de festa.

> Quando as equipes entraram no gramado, o concreto vibrava. O placar balançava. Gritos ecoavam: "Mengooo" "Vascooo". Uma fumaça colorida que se espalhava no estádio, era sufocante para quem estava nas cadeiras. Bandeiras eram agitadas, coros entoados, bombas estouravam de todos os lados. Camisas rubro-negras e vascaínas eram queimadas, clarões ocorriam na arquibancada. (1998, p. 151)

A imagem em questão fornece pistas para uma melhor compreensão acerca das diferenças encontradas entre o antigo e o remodelado estádio, descaracterizado por inúmeras intervenções arquitetônicas, realizadas desde o final do século passado, que afetaram diretamente o acesso e o uso de suas dependências por parte do público frequentador. A reabertura em 2013 apenas consolidou o processo de desterritorialização do torcedor tradicional de menor poder aquisitivo, em curso há mais de uma década, via aumento do preço dos ingressos e da adoção de um novo padrão de comportamento resultante da imposição das verticalidades (modelo de arena "Padrão FIFA", Consórcio Maracanã, torcedor-consumidor, disciplinarização e aprisionamento dos corpos) sobre as horizontalidades (antigo estádio, normas de uso do espaço mais flexíveis, presença de torcedores de diferentes estratos sociais e carnavalização do espetáculo). Entretanto, o fortalecimento de expressões de resistência dificultou e, em determinadas situações, impediu a plena imposição das ações planejadas pelos grupos hegemônicos. Terminada a Copa do Mundo, percebe-se um processo contínuo de inclusão, exclusão e reapropriação daquele espaço sagrado tradicionalmente marcado por rituais profanos.

3.6 A coexistência entre antigas e novas formas de torcer: o novo Maracanã e o torcedor

Vimos, na seção anterior, a diferença entre o torcedor e o espectador e como ambos coexistiam dentro do espaço do estádio em sua antiga configuração. Uma vez que o processo de reforma/reconstrução do Maracanã encontra-se finalizado, procuraremos identificar de que maneiras o "novo" estádio vem sendo apropriado por parte do público frequentador, que pode ser compartimentado em dois grandes conjuntos de indivíduos: coletivizados e atomizados. Podemos identificar os indivíduos atomizados tanto entre os espectadores quanto entre os torcedores, que podem aderir voluntária e temporariamente aos indivíduos coletivizados. Estes, por sua vez, são torcedores simpatizantes ou pertencentes às torcidas organizadas, aos movimentos populares e a outras expressões relacionadas ao torcer em grupo, às quais classificaremos como Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs). Perpassando por esses dois grandes agrupamentos, temos o sócio-torcedor, personagem desejado pelos dirigentes dos times de futebol e, também, pelos administradores do Maracanã e demais equipamentos consagrados à prática do futebol profissional.

3.6.1 As torcidas organizadas: os novos indesejáveis

Para a melhor compreensão deste item, analisaremos agora alguns dados colhidos em duas pesquisas (que não englobavam apenas o universo composto pelos frequentadores do Estádio Jornalista Mário Filho), publicadas no livro *A violência no futebol*, escrito pelo sociólogo Mauricio Murad (2012), que refletem a percepção do torcedor comum acerca da ida ao jogo de futebol e o perfil dos torcedores violentos, responsáveis pela generalização de uma imagem de criminalização das torcidas organizadas nas últimas décadas. Essas análises foram realizadas no período imediatamente anterior ao fechamento do *velho* estádio[164] para a execução das obras que o transformaram na *nova* arena. Entendemos a sua relevância como forma de compreender, no primeiro caso, de que maneira a percepção do torcedor comum acerca da imagem violenta associada às torcidas organizadas legitimou a adoção, por alguns atores hegemônicos, de estratégias que visassem limitar ou mesmo acabar com a presença de

[164] O emprego da palavra *velho* procura aludir tanto à idade avançada do estádio quanto ao sentimento de carinho e intimidade existente entre o mítico equipamento esportivo e o frequentador tradicional daquele espaço.

todas elas, como parte do processo de higienização dos novos espaços cada vez mais destinados ao consumo. No segundo levantamento, o foco concentrou-se em traçar um perfil acerca do grupo (minoritário) de torcedores violentos, muitos deles marginais infiltrados e diretamente envolvidos com o crime organizado.

A primeira pesquisa, realizada pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2009, mostrou que, para 68% dos torcedores entrevistados, a violência era a maior causa de afastamento do público dos estádios brasileiros, seguida dos preços cobrados pelos ingressos e da alimentação. A insatisfação com o transporte e a falta de conforto nos estádios também foram citadas. Para além da questão da violência, percebe-se uma insatisfação do torcedor não apenas com as instalações encontradas no interior dos espaços destinados ao futebol como um todo, mas também com outros aspectos relacionados à experiência relacionada à ida a uma partida, especialmente as condições de deslocamento *para os* e de consumo *nos* estádios, o que desestimularia a frequência do público de maior poder aquisitivo e o grau de exigência quanto à qualidade dos serviços oferecidos.

O segundo estudo, coordenado pela UERJ e pelo mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), em 2009 e 2010, procurou traçar um perfil dos membros mais violentos das organizadas em alguns países com histórico de participação em distúrbios nas arquibancadas e fora delas. Na parte que trata especificamente do caso brasileiro, em números relativos, os componentes das torcidas organizadas dedicados a práticas violentas constituem um grupo minoritário (que varia entre 5% e 7% do total), porém de grande visibilidade e alcance midiático em suas ações. Entre as principais conclusões do estudo, podemos destacar: 1. o torcedor violento médio é jovem (entre 15 e 24 anos de idade), do sexo masculino (85% a 90% do total); 2. encontra-se desempregado ou em atividades ligadas à informalidade (cerca de 71%); 3. pertence à classe média baixa e tem formação escolar que varia entre o 6º ano do ensino fundamental (chamado de 5ª série na época do levantamento) e o 2º ano do ensino médio; 4. muitos possuem ligações com o “submundo” (cambistas, gangues urbanas, tráfico de drogas, facções ligadas ao crime organizado); 5. são praticantes de lutas marciais (boa parte deles matriculados em academias clandestinas) como forma de preparar o próprio corpo para o embate direto com membros de torcidas rivais, no qual também são empregadas táticas militares; 6. costumavam marcar os confrontos pelas redes sociais, tendo no Orkut, sítio de relacionamentos mais popular da época, seu veículo mais expressivo. Murad (2012) aponta como principais estratégias a serem adotadas como forma de conter a violência das organizadas: 1. a punição, no curto prazo; 2. a prevenção, no médio; 3. a reeducação, no longo

prazo. Entretanto, o que se percebe é que há uma ênfase apenas em medidas de caráter punitivo, que, além de empurrá-las para a clandestinidade, visam principalmente "higienizar" o ambiente dos estádios de futebol, preparando-os para a sua transformação em espaços de consumo, como assim desejam os administradores das novas arenas e dirigentes de clubes e federações.

Como forma de tentar mudar esse quadro, desde a década de 1980, inúmeras iniciativas, tais como o Simpósio da Paz (1985), o I Congresso de Torcidas Organizadas dos Grandes Clubes (1987), a promoção de eventos envolvendo grupos torcedores rivais e os responsáveis pelo policiamento dos estádios, além de inúmeras campanhas de cunho social (doação de sangue, distribuição de alimentos à população de rua), procuraram dissociar a imagem generalizada das torcidas organizadas aos atos de violência e vandalismo. Entretanto, os resultados não foram os esperados, pois, volta e meia, elas tornavam a frequentar o noticiário policial com enfrentamentos cada vez mais distantes do local das partidas, com a tensão das arquibancadas replicada em diferentes pontos do espaço urbano, ganhando autonomia em relação ao espetáculo com a constituição de novos objetivos e arenas de luta (GOMES, 2002). De acordo com o autor:

> Simbolicamente, a cidade passa a pertencer ao universo simbólico do futebol e às suas representações; o espaço urbano torna-se um campo de futebol, e a dinâmica se opera como na imagem das equipes, só existindo os lugares referentes aos dois grupos, e um deles deve afirmar seu poder sobre o outro. Este poder se traduz em domínio territorial, ou seja, a cidade deve ser conquistada (2002, p. 246).

Em sua tese acerca de grupos cujo comportamento encontra-se associado ao que Eric Dunning (1992) chama de fenômenos de desvio[165], Gustavo Coelho (2015) analisa a agressividade dos componentes das torcidas organizadas sob uma ótica pouco convencional. O autor compreende esse comportamento como inerente ao ser humano, destacando o papel social desses agrupamentos relacionados à comunhão, socialidade e solidariedade que marcaria fortemente esses coletivos. De acordo com o seu ponto de vista, a principal função social de uma torcida não é a ida a hospitais ou a obras de caridade, mas o fato de ela existir e abraçar segmentos excluídos:

[165] Nela, o autor direciona seus estudos para grupos tidos como marginais ao modo de vida que se procura impor na nossa sociedade. Além de componentes das torcidas organizadas de futebol, sua análise abrange também coletivos formados por pichadores, bate-bolas e funkeiros, mais especificamente os frequentadores dos chamados "bailes de corredor".

> Obviamente que doar sangue, recolher agasalhos, distribuir sopas pela madrugada, ações que já vi inúmeras torcidas organizadas promoverem, é bem-vindo e merece ser continuado, mas não é e nunca será a principal vocação social das torcidas organizadas e o que eu vejo é os próprios torcedores organizados que com prazer vivem suas rivalidades, suas brigas em seus bairros, suas caravanas e todas as loucuras que nelas acontecem, utilizando-se dessas práticas para construir um discurso esquizofrênico que acaba dificultando a legitimidade do que ele mesmo sente ser o que o liga com amor ao cotidiano de torcida, ou alguém aqui ama ser torcedor organizado porque a torcida doa sangue todo mês? É preciso dizer que o papel social da torcida organizada é o que ela sempre fez, que é dar experiência de socialidade, de comunidade, de comunhão, de lealdade, de fraternidade entre seus componentes, é promover inesperadas amizades de forte laço, que a própria lógica da cidade que os repele poderia impedir, entre um menino do Leblon e um da Curicica, como eu mesmo pude testemunhar; é permitir que um garoto da Cidade de Deus saia da sua casa, vá para a sede da torcida com 4 reais no bolso e chegando lá, dê um jeito de entrar no ônibus da caravana e viajar para Campinas, coisa que eu também testemunhei. Inclusive inteirei a passagem de volta dele quando, após longa viagem, ao chegarmos de volta ao Méier, ele não tinha dinheiro suficiente para pegar a condução para casa. Sair da Cidade de Deus e ir pra Campinas tendo apenas 4 reais no bolso? Promover esse deslocamento numa cidade cheia de ferramentas de interdição para a locomoção do jovem pobre? Quer papel social mais importante do que esse? Como dizem, isso é que é "dar o sangue" pela torcida (2015, p. 29-30).

Ainda na década de 1970, com o intuito de traçar estratégias de contenção à crescente onda de violência que se espalhava pelas arquibancadas, rotas de acesso e adjacências dos estádios, surgiram associações congregando torcedores organizados rivais. A fundação da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP), em 1976, constituiu uma atitude pioneira. Presidida por Flavio de La Selva (Gaviões da Fiel), tinha como objetivo "congregar as torcidas organizadas de todos os times do estado de São Paulo para amenizar as rivalidades violentas, aproximou-se da polícia para a melhoria das relações e reivindicações de pautas em comum" (CANALE, 2012, p.79). Essa iniciativa não resistiu às divisões internas e perdurou até o início do decênio passado.

Em 16 de junho de 1981, houve a fundação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ), ideia capitaneada por Armando Giesta (*Young Flu*), seu primeiro presidente e encampada pelas principais lideranças torcedoras da época. Inspirada no modelo de organização sindical e no padrão da liga das escolas de samba, a associação fluminense buscava manter um diálogo pacífico entre todas as torcidas organizadas e a união em prol das demandas comuns a todos esses agrupamentos (FREIRE FILHO, 2015). Hollanda (2008) ressalta que, sob o lema "Congregar, Congraçar, Unir", a entidade apresentava, entre suas principais reivindicações, o direito a um assento e a voto no Conselho Arbitral da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) "a fim de influenciar no processo decisório sobre uma polêmica questão e muito concreta na época: o preço dos ingressos (p. 297)". Em meados da década seguinte, a ASTORJ sucumbiu à falta de representatividade e à

incapacidade de, ao menos, minimizar o estigma da violência que perseguia as torcidas organizadas.

Após um longo hiato, surge em 2008, a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) visando ao resgate do trabalho de proteção às torcidas organizadas, desenvolvido décadas atrás pela ASTORJ. Atualmente, conta com a participação de dez entidades filiadas, de diferentes vertentes[166]. Adequando suas demandas aos novos tempos, luta contra o chamado "futebol moderno", notadamente no que tange à elitização dos estádios/arenas e à imposição de um novo modo de torcer mais "palatável" à nova clientela desejada. Em nota oficial, emitida em 2013, a diretoria da entidade marca posição na qualidade de movimento contra-hegemônico ao se insurgir contra as normas de comportamento pretendidas para o recém-reinaugurado Maracanã, que aproximariam o frequentador dos estádios de futebol ao das salas de teatro. Exigem também que governantes "FAÇAM UMA EDUCAÇÃO, SAÚDE E DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NOS PADRÕES DA FIFA[167]".

Com o intuito de fomentar o diálogo; lutar pelos direitos das torcidas organizadas, dos torcedores comuns; e promover trabalhos de prevenção, de minimização de conflitos, com a intenção de resgatar a festa nas arquibancadas, livre de restrições, surgiu, em 13 de dezembro de 2014, a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG). Trata-se de uma instituição de caráter mediador, sem a pretensão de se envolver com a política interna dos grupos organizados. Como estratégia de rompimento com a imagem estigmatizada dos torcedores organizados associada a atos de violência e perturbação da ordem, a ANATORG apoia a realização de encontros que se propõem a debater e buscar soluções para esses problemas. Entre as principais ações, é possível destacar a promoção de eventos em diferentes escalas, que variam do clube[168] à nacional[169], passando pela estadual. Paralelamente, atua junto ao poder público para que, em casos de transgressões à ordem estabelecida, o caráter punitivo recaia sobre os indivíduos infratores e não sobre os agrupamentos. Apesar da denominação,

---

[166] Botachopp, Fla-Manguaça, Força Jovem do Vasco, Força Flu, Fúria Jovem do Botafogo, Ira Jovem do Vasco, Torcida Jovem do Flamengo, Raça Rubro Negra, Urubuzada e Young Flu. Fonte: https://ftorj.wordpress.com/ Acesso em 22 de dezembro de 2016.

[167] Fonte: https://ftorj.wordpress.com/2013/09/09/torcida-esnoba-cadeira-e-reproduz-a-velha-geral-no-novo-maracana/ Acesso em 21 de março de 2015.

[168] Caso do Primeiro Seminário das Torcidas Organizadas do Flamengo, realizado em janeiro de 2017, em parceria com a Associação das Torcidas Organizadas do Flamengo (ATORFLA). O evento contou com a presença dos atletas rubro-negros Juan e Muralha, além de membros da direção do clube, incluindo o presidente Eduardo Bandeira de Melo. Fonte: http://anatorg.com.br/wp/index.php/2017/01/17/atorfla-anatorg/Acesso em 30 de janeiro de 2017.

[169] Caso dos Seminários Nacionais da ANATORG que, em novembro de 2016, teve, na cidade do Rio de Janeiro, a sua quinta edição.

congregava, em janeiro de 2017, 109 associados, incluindo grupos com outras propostas, tais como Sampaio Roots (Sampaio Corrêa), Loucos pelo Botafogo, Movimento Coral Rasta (Santa Cruz) e Galo Chopp (CRB).

Recentemente, vem conquistando espaço o Instituto Nacional do Torcedor (INT), produto de uma parceria de entidades representativas dos torcedores como a própria ANATORG e a FTORJ, com estudiosos filiados aos quadros de instituições como a Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), a Universidade do Futebol e o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), vinculado à Universidade de São Paulo (USP). Essa união da arquibancada com a academia busca uma melhor compreensão da realidade das torcidas, além de estabelecer uma relação de confiança recíproca que facilite a aproximação e a realização de trabalhos com esses grupos. Entre as principais ações, podemos destacar: a promoção e garantia dos direitos dos torcedores; a realização de campanhas pela paz nos estádios; a organização de eventos que busquem debater e propor soluções para os problemas que atingem a relação do torcedor com o futebol; a oferta de cursos profissionalizantes; o apoio a expressões de torcer livres de qualquer forma de discriminação e intolerância; e o estabelecimento de um canal de interlocução que possibilite mostrar às autoridades públicas e do futebol as reais demandas dos grupos organizados e dos torcedores em geral[170].

Partindo do princípio de que, desde os anos 1970/80, há uma associação "natural" entre a violência nos estádios e a existência das torcidas organizadas, estabelecida e generalizada pela mídia, os torcedores organizados, antes tidos como responsáveis pela festa das arquibancadas, algo que, para muitos, representava um jogo à parte, são vistos agora como presenças indesejáveis nas novas arenas. De acordo com a lógica mercantil que rege esses espaços, seus cânticos, repletos de palavrões, ofensas e referências belicistas, somados a um comportamento agressivo, afasta do estádio o público-alvo cobiçado pelos administradores, composto por uma clientela de médio e alto poder aquisitivo, que procura desfrutar do futebol como um entretenimento familiar. Para alcançar esse intento, o ato de torcer deveria sofrer uma transformação radical que, obrigatoriamente, perpassaria por uma mudança de perfil do público frequentador. Nesse sentido, as palavras de João Borba, presidente do Consórcio Maracanã S.A. na época da reinauguração, não deixavam dúvidas:

[170] Fonte: http://intbrasil.org/#page1 Acesso em 24 de dezembro de 2016.

> Temos de trabalhar com os clubes nesta mudança de hábitos. Bandeirões gigantes, mastros de bambu, torcedores sem camisa, não assistir aos jogos em pé... Fui no último fim de semana às finais do tênis em Wimbledon, e no convite, estava escrito que não é recomendável ir com uma determinada roupa... Quando um inglês lê "não recomendável", entende que não deve usar aquele tipo de roupa. (O GLOBO, 11 de julho de 2013)

Não tardou para que as torcidas organizadas externassem sua indignação contra a imposição desse novo padrão de comportamento. Em nota oficial retirada do sítio Esporte Interativo, a Força Jovem, maior organizada do Club de Regatas Vasco da Gama, ataca veementemente a postura adotada pelo presidente do Consórcio. Para eles:

> O Maracanã foi construído pelo povo, para o povo e sempre será o lugar mais DEMOCRÁTICO do Mundo! (...) "Todos nós se desejarmos ficar em pé assim ficaremos, a não ser que a Presidente Dilma Rossef (sic) sancione uma nova Lei dizendo que as pessoas não podem ficar em pé no campo de futebol, senão serão presos, achamos melhor chamar o BOPE, CORE e toda a FORÇA NACIONAL então, pois prender 70 mil pessoas no Maracanã lotado, tem que haver muita policia e cadeia, e se ela já existe, por favor nos digam o artigo, inciso e parágrafo da mesma cambada de "Sem Noção" que não entende nada do estilo brasileiro de torcer! (...) Amamos a paz, mas nunca fugiremos da guerra[171] (grifos nossos).

Entendemos os fragmentos da nota acima reproduzida como bastante significativos, pois, ao mesmo tempo em que inicia com a celebração e a identificação do Maracanã como um espaço tradicionalmente democrático, rapidamente assume um tom exaltado, terminando como ameaça, com a clara disposição para o enfrentamento caso o direito de torcer de acordo com os seus códigos não seja respeitado, ou seja, fornece argumentos para aqueles que procuram criminalizá-los e afastá-los do espetáculo.

No dia seguinte, preocupado com a repercussão negativa, o supracitado executivo passou a adotar um tom mais comedido em relação ao discurso original. Desta feita, de início, não haveria restrições aos antigos costumes. O novo corolário não seria mais imposto de forma abrupta, mas construído via implantação de um novo receituário a partir da "educação" do torcedor como forma de atrair o público familiar[172].

---

[171] A nota também ataca as diretorias do Flamengo e, especialmente, do Fluminense, por (em razão do contrato assinado com o consórcio) "roubar" o setor destinado à torcida cruzmaltina desde a inauguração do estádio, em 1950 (ocupado em função da equipe ter sido a primeira campeã do então "maior do mundo"), localizado à direita das cabines de rádio. Fonte: https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/torcida-organizada-do-vasco-critica-cartilha-de-conduta-do-torcedor-no-novo-maracan%C3%A3-214625996.html Acesso em 28 de agosto de 2014.

[172] Fonte: http://www.lancenet.com.br/minuto/Presidente-Consorcio-Maracana-jogo-estadio_0_953904838.html Acesso em 21 de junho de 2015.

3.6.2 Os movimentos populares

A partir de entrevistas realizadas com lideranças torcedoras dos quatro clubes cariocas de maior torcida, a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira (2013) identificou o período compreendido entre 2001 e 2005 como marcado pelo desencanto e pela decepção desses fanáticos com as torcidas organizadas às quais pertenciam, cujo modelo, naquele momento, parecia se esgotar. Esse cenário propiciou o surgimento de um novo arranjo associado ao ato de torcer em grupo, os quais a autora denominou de "movimentos populares", também conhecidos como *torcidas de alento*, *movimentos* e *barras bravas*, que tinham como objetivo a possibilidade de "viver coletivamente a experiência torcedora sem perigos e riscos" (op. cit, 2013, s.p), aproximando-se do padrão de comportamento exigido nas arenas, o que não impede que essa nova força das arquibancadas apresente uma série de contradições em relação a esse código de conduta e ao modo de torcer ao qual elas pretendem se contrapor. O ano de 2006 marcou a fundação, quase que de forma simultânea, de movimentos populares ligados ao Botafogo (*Loucos pelo Botafogo*), Flamengo (*Urubuzada*), Fluminense (*Legião Tricolor*) e Vasco da Gama (*Guerreiros do Almirante*).

Como forma de identificar e marcar as diferenças existentes entre a antiga e a nova expressão coletiva de torcer, Menezes (2010) estudou duas das maiores torcidas do Botafogo Futebol e Regatas, a *Fúria Alvinegra*, torcida organizada com o arranjo tradicionalmente estabelecido, e a *Loucos pelo Botafogo*, "movimento" como seus integrantes preferem se identificar a fim de se distanciarem da imagem associada à violência e aos atos de desordem praticados pelas torcidas organizadas, exaustivamente explorados por parte da mídia. A autora cita que os movimentos colaboram com a "co-construção do espetáculo dos estádios, seja na elaboração de novas formas de torcer, seja na construção de cenários colaborativos" (p. 59). Ao surgirem, repudiavam qualquer forma de violência, física (apesar de terem como inspiração as *barras-bravas* argentinas) ou simbólica. Seus cânticos, em vez das letras de caráter ofensivo, procuravam incentivar a equipe e exaltar conquistas e ídolos do passado. Outras características comuns consistiam na utilização de "trapos" (bandeiras de mão), "barras" (faixas que cortam a arquibancada de cima a baixo), torcer em pé e apoiar incondicionalmente o time do início ao fim da partida (mesmo procedimento adotado pelos pioneiros chefes de torcida), sem vaias ou xingamentos (TEIXEIRA, 2013).

A adoção dessa nova forma de participar do espetáculo teve como porta de entrada o Rio Grande do Sul, com a criação da *Geral do Grêmio* em 2001, inspirada nas *barras-bravas*

do futebol argentino. Um século depois, o futebol gaúcho voltava a seguir a chamada *via platina*, assim nomeada por Mascarenhas (2001). Se, no passado, num processo único em nosso país, o futebol adentrou pelo estado a partir da Campanha Gaúcha via Uruguai e Argentina, contribuindo para a criação de um estilo local de jogar futebol, a *escola gaúcha*, atualmente, a informação transmitida pela nova via platina não ficou restrita à escala local, sendo irradiada para outros pontos do país à grande velocidade em função do avanço dos meios de comunicação e da compressão tempo-espaço característica do período atual.

A promoção de ações de forte impacto visual como a "avalanche", introduzida pela *Geral do Grêmio* (considerada a pioneira dentre as torcidas de alento brasileiras) no antigo estádio Olímpico de Porto Alegre, e a exibição de mosaicos por parte da *Urubuzada* do Flamengo também podem ser destacadas como exemplos de um novo estilo relacionado ao ato de torcer que, ao mesmo tempo em que torna o espetáculo mais agradável aos olhos e ouvidos dos telespectadores e demais presentes no estádio, marca uma postura ativa, de torcedor, em oposição à passividade do espectador. Tais atitudes angariaram rapidamente a simpatia da mídia especializada, que buscava exaltá-las como expressões "saudáveis" de torcer em oposição às cenas de "selvageria" promovidas pelas tradicionais torcidas organizadas.

Entretanto, tais agrupamentos já nasceram sob o signo da contradição uma vez que, apesar de pregarem a não violência, tiveram como fonte de inspiração torcidas com uma "folha corrida" de fazer inveja às nossas organizadas mais temidas. Sua proposta de torcer, apesar de adequar-se ao padrão desejado a fim de atrair um novo público frequentador para as novas arenas, entra em choque com esse modelo ao assumir como ponto de honra torcer em pé o tempo inteiro. É nessa oposição à imposição de um aprisionamento dos corpos dentro do espaço do estádio de futebol que podemos encontrar um ponto de convergência entre as torcidas de alento e as torcidas organizadas.

Não há como desconsiderar o fato de que a adoção de uma atitude torcedora com o intuito de servir como contraponto ao modo tradicional tenha sido promovida por indivíduos com uma cultura de arquibancada forjada, em maior ou menor grau, nas torcidas organizadas e arredores. Com isso, não tardou para que tivesse início o processo de hibridização, com a incorporação de práticas "naturalizadas" nos estádios. Uma consulta ao sítio oficial do movimento *Guerreiros do Almirante* demonstra que, se não há uma apologia explícita à violência física, a adoção de termos ofensivos ao rival (no caso, o Flamengo) demonstra que o mito fundador daquele grêmio teve origem em uma batalha perdida para o maior adversário.

A alteridade serviu como elemento fundamental para a construção identitária do então recém-criado agrupamento:

> Depois de perder mais uma final para os *vermes* (Copa do Brasil 2006); depois de ver a torcida Vascaína não comparecer em mais uma final contra a *mulambada*, um grupo de amigos, através de conversas via Internet, resolveu dar um basta nisso. Usando do site de relacionamentos Orkut, como ferramenta para divulgar e alavancar o número de interessados, criaram um novo Movimento. Um Movimento totalmente diferente das tradicionais torcidas organizadas. Seria uma torcida nos moldes das demais sul-americanas, ou seja, das famosas Barras Bravas[173] (grifos nossos).

Do núcleo original formado por quatro movimentos populares cariocas, restam apenas dois: *Loucos pelo Botafogo* (LPB) e *Guerreiros do Almirante* (GDA). A *Legião Tricolor*, apesar de não ter sido dissolvida formalmente, resta apenas no mundo virtual. Em 2009, em resposta ao envolvimento de alguns de seus componentes na política interna do clube, surgiu a *Bravo 52*, uma "barra-brava verdadeira" como fazem questão de ressaltar seus fundadores[174]. Antes, na passagem de 2006 para 2007, a *Urubuzada* deixara de ser movimento popular para se transformar formalmente em torcida organizada, com a legalização do agrupamento e a reprodução de práticas como o cadastramento dos associados e a cobrança de mensalidades (TEIXEIRA, 2013). Em conversa informal com dois de seus componentes durante a realização do V Seminário Nacional de Torcidas Organizadas[175], ambos procuraram frisar que, desde o princípio, a proposta daquele coletivo torcedor, fruto de uma dissidência da Raça Rubro-Negra, sempre fora a de ser uma torcida diferente, sem a pretensão de ser identificada como uma torcida de alento, organizada ou dotada de qualquer outra denominação. Da mesma forma que ocorreu com o Fluminense, apenas em 2009, o Flamengo voltaria a ter um movimento popular, com a constituição da *Nação 12*, contando, inclusive, com a participação de alguns antigos integrantes da própria *Urubuzada*. Atualmente, prevalece, entre os dois grêmios, uma relação amistosa, refletida na proximidade da posição ocupada no estádio (pilastra 38 para a *Nação 12* e pilastra 40 para a *Urubuzada*).

Desde a assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), em 2011, fruto de um acordo alinhavado pelo Ministério Público[176] do qual participaram o Ministério do Esporte, a Superintendência de Desportos do Estado do Rio (SUDERJ) e a FTORJ, os

---

[173] http://www.guerreirosdoalmirante.com.br/quem-somos.php Acesso em 14 de dezembro de 2016.
[174] http://bravo1952.blogspot.com.br/p/bravo-52.html Acesso em 14 de dezembro de 2016.
[175] Seminário promovido pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG) e o Ministério dos Esportes, realizado na sede da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), nos dias 10 e 11 de dezembro de 2016.
[176] Fonte: http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/06/torcidas-organizadas-do-rio-firmam-acordo-e-terao-de-cadastrar-integrantes.html Acesso em 22 de dezembro de 2016.

movimentos populares foram obrigados a seguir os passos da *Urubuzada*. Em troca, conseguiram a permissão para que comparecessem aos estádios fluminenses exibindo faixas, bandeiras e outros apetrechos. Na parte que trata da análise realizada no Maracanã, identificaremos como movimentos populares os seguintes agrupamentos: *Nação 12*, *Bravo 52*, *Guerreiros do Almirante* e *Loucos pelo Botafogo*.

3.6.3 Expressões alternativas de torcer

Além das organizadas tradicionais e dos movimentos populares, podemos destacar outras expressões relacionadas ao torcer em grupo presentes no Maracanã: "expressões alternativas tradicionais" (torcidas locais e femininas) e "novas expressões alternativas" (torcidas *chopp* e rastafári). Suas denominações procuram destacar sua segunda identidade como elemento de distinção em relação aos demais coletivos torcedores ligados ao clube que representam. São eles: o território, em suas múltiplas escalas (município, bairro, rua, etc.); o gênero; e o consumo de substâncias que alteram a consciência, tais como o álcool (especialmente *chopp* e cerveja) e a *cannabis sativa*. Esta última, em razão da criminalização relacionada à sua utilização em locais públicos, estabelecida pelo Código Penal, encontra-se disfarçada por um complexo jogo de identificações associadas.

3.6.3.1 Expressões alternativas tradicionais: torcidas locais e torcidas femininas

O processo de difusão do futebol pelo território brasileiro, fortemente influenciado pela ação dos meios de comunicação, propiciou a consolidação de equipes com torcidas, às quais podemos classificá-las da escala local à nacional, passando pela metropolitana e estadual. Entre os seguidores das equipes cujo alcance não ultrapassa as escalas local e metropolitana, o fenômeno da bifiliação é culturalmente aceito. O apoio concomitante a uma equipe local e a outra de caráter nacional não é compreendido como um rompimento da relação de fidelidade que une o adepto ao time do coração. Ao contrário do que ocorre em Buenos Aires ou Londres, não há uma identificação do torcedor com o clube fundado no bairro de nascimento ou residência. Essa cultura que une uma equipe a uma determinada

porção do tecido urbano local consolidou-se seguindo outro viés, com a criação das torcidas de bairro que, ao lado das torcidas femininas, constituem as expressões mais antigas dentre as propostas alternativas de torcer coletivamente.

A década de 1970 marcou, além da consolidação das torcidas jovens, um processo de pulverização das associações dedicadas ao torcer. Hollanda (2008) traça uma espécie de linha evolutiva acerca dos caminhos percorridos para a escolha do vínculo de identidade secundário dos coletivos torcedores cariocas, cada vez mais direcionados à escala micro:

> A filiação a uma torcida passava pelo compartilhamento de uma linguagem considerada "jovem", própria a estudantes, colegiais, vestibulandos ou universitários. O pertencimento ao grupo se situava para além dos dias de jogo e se identificava em um estilo de vida expresso nas marcas de identidade fornecidas pela camisa e por outros símbolos visuais de apelo estético para o auto-reconhecimento de cada agremiação. O resultado disto seria a disseminação de uma série de novas torcidas que se desgarravam umas das outras ou surgiam de maneira autônoma para veicular uma identidade cada vez menor, cada vez mais particular. Se a primeira imagem de uma torcida remetia a um genérico agregado familiar – a Charanga –, de onde se originava um segmento juvenil – as Torcidas Jovens –, na década de 1970 a vinculação a um território – as torcidas de rua, de bairro ou de município – a uma faixa etária – a torcida Pequenos Vascaínos, fundada em 1975 por e para adolescentes – ou mesmo a um gênero – as torcidas femininas – passava a respaldar e a ser a razão da existência das minorias, de várias torcidas organizadas de pequeno porte, em um duplo processo de autonomia e de heteronomia (2008, p. 268-269, grifos do autor).

Nesse contexto de forte pulverização, houve a fundação de torcidas de rua, como, por exemplo, a *Fla-Tocantins*, criada na Rua Tocantins, localizada no bairro do Méier, zona norte da cidade do Rio de Janeiro[177]. Suas denominações buscavam constituir híbridos resultantes da fusão ou da adaptação do nome do clube ao local de origem. Entre as torcidas de bairro mais atuantes, podemos destacar a *Vila Vasqueire*, fundada em 1982 por adeptos do Vasco da Gama, residentes em outro ponto da zona norte carioca, nesse caso, o bairro de Vila Valqueire. Nos municípios menores, prevaleceram as torcidas locais, sendo que a mais antiga, e até hoje com presença constante no Maracanã, é a *Flunitor* (Fluminense – Niterói – Torcida), surgida em 1971, no município de Niterói. Em outros estados, a escolha da nomenclatura procura abarcar um território mais abrangente, como é o caso da *Fla Grande do Norte*, núcleo rubro-negro que congrega adeptos do clube residentes em território potiguar.

Ainda que a existência de lideranças femininas nas agremiações cariocas especialmente no início de sua constituição, representada na figura das *tias*, torcedoras-

[177] Informação baseada em relato do professor Gilmar Mascarenhas, durante aula proferida na disciplina *Esporte e Território*, ministrada em 2014, aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado Rio de Janeiro (PPGEO-UERJ).

símbolo de suas equipes[178], os primeiros agrupamentos dedicados ao torcer entre mulheres surgiram somente em 1970 com a fundação da *Fluminina*, também conhecida como *Torcida Jovem Feminina*. Tal iniciativa replicou entre outros grandes clubes cariocas com a criação da *Femifogo*, depois renomeada como *Fogatas*, e da *Torcida Feminina do Vasco* (Hollanda, 2008).

3.6.3.2 Expressões alternativas emergentes: torcidas *chopp* e torcidas *rastas*

A proibição da venda de bebidas alcoólicas nas dependências e arredores dos estádios de futebol costuma ser apontada como uma das principais estratégias necessárias à contenção da violência antes, durante e depois das partidas de futebol. De acordo com Reis (2012), a simples associação violência – alcoolemia constitui "um reducionismo inaceitável e uma explicação sociológica inconsistente" (p.80). Ainda assim, a autora compreende, com base em pesquisas acerca do modelo espanhol[179], o consumo abusivo de álcool como um dos múltiplos fatores responsáveis pela eclosão de atos violentos, especialmente envolvendo os torcedores mais jovens. No Brasil, apesar de a elaboração de medidas restritivas caberem aos estados e municípios, em 25 de abril de 2008, foi assinado um acordo entre os presidentes Ricardo Teixeira, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e Marfan Vieira, do Conselho Nacional dos Procuradores-Gerais (CNPG), impondo a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios brasileiros durante as competições promovidas pela CBF. No Rio de Janeiro, o decreto municipal 30.417/2009 proibia a sua comercialização no entorno do estádio Mário Filho, em dias de jogos, no período compreendido entre as duas horas

[178] Apesar de Costa (2006) apontar Dulce Rosalina como a primeira mulher a chefiar uma torcida, no caso, a *Torcida Organizada do Vasco* (TOV), em 1956, esse pioneirismo caberia a Aida de Almeida, a *Tia Aida*, uma das fundadoras da própria TOV e antecessora de Dulce Rosalina na função (HOLLANDA, 2015).

[179] Desde 1986 não é permitida a venda e a ingestão de álcool nos estádios espanhóis. Entretanto, a autora salienta que essa estratégia não foi adotada de maneira isolada para conter a violência nos estádios. Paralelamente, houve um investimento em segurança (instalação de um sistema de circuito fechado de vídeo câmeras) e em campanhas educativas e preventivas de intolerância à violência, entre outras medidas (REIS, 2012).

anteriores e as duas posteriores à realização das partidas. Como justificativa, os constantes atos de vandalismo promovidos por torcedores alcoolizados, que traziam perturbações à ordem pública[180].

Ainda que as duas primeiras torcidas com essa proposta (*Coringão Chopp* e *Tulipas Vascaínas*) tenham surgido em 1989, somente em 2008 foi constituída a Liga Nacional das Torcidas Chopp. Na verdade, esse movimento contra-hegemônico encabeçado por *Flu Bar*, *Botachopp*, *Bacalhau Chopp* e *Fla-Manguaça* ficou restrito ao Rio de Janeiro. Sua intenção era a de promover a paz e a amizade dentro e fora dos estádios. Adotando a filosofia de torcer em paz e pela paz, a Liga tem como missão unificar todas as torcidas *chopp* do Brasil[181]. Seus fundadores compreendem os estádios como espaços passíveis de serem reapropriados pelas famílias. A "identidade etílica" deve prevalecer sobre a rivalidade clubística, sendo comuns os encontros envolvendo seus componentes. Ao contrário das organizadas tradicionais, suas subdivisões remetem a símbolos relacionados à produção, ao armazenamento ou ao consumo dessas substâncias, tais como alambiques, barris e bares. Um traço identitário comum a todas elas é a presença, com maior ou menor destaque, da cor amarela, em alusão ao *chopp* e à cerveja, bebidas de ampla aceitação entre seus simpatizantes.

Assim como as torcidas *chopp*, as torcidas *rastas*[182] ainda não mereceram a devida atenção junto ao meio acadêmico. Durante a pesquisa bibliográfica, não conseguimos acesso a teses, dissertações ou mesmo monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) que tratem do assunto. Essa identidade transgressora, associada ao consumo da *cannabis sativa*, popularmente conhecida como maconha, lança mão, como forma de se fazer presente nas arquibancadas e driblar as restrições legais, de uma série de estratégias que passam pela utilização de dois traços identitários imbricados, no caso o gosto pelo *reggae*, gênero musical aflorado na década de 1960 (COSTA, 2014), e o culto à figura de Bob Marley, seu principal expoente, além de uma complexa teia simbólica secundária que perpassa pela utilização de termos como *roots*, utilizado para designar o "*reggae* de raiz", e *rasta*, denominação que identifica os fiéis da religião rastafári (MORAIS & ARAÚJO, 2008). Há também a exibição da bandeira jamaicana (em amarelo e preto) e das cores amarela, vermelha e verde, presentes

---

[180] O decreto assinado pelo prefeito Eduardo Paes, com data de 22 de janeiro de 2009, considera como entorno do estádio o cinturão formado por toda a extensão das ruas Conselheiro Olegário, Arthur Menezes, Isidoro de Figueiredo (sic), Professor Eurico Rabello e Avenida Paula Sousa, partes das ruas Mata Machado, Visconde de Itamarati, São Francisco Xavier, Avenidas Maracanã e Presidente Castelo Branco, além de todo o contorno da Praça Emiliano Garrastazu Médice (sic). Fonte: Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro.

[181] Fonte: https://www.facebook.com/ligadasTorcidasChopp/info?tab=page_info Acesso em 11 de maio de 2015.

[182] Como forma de padronização, adotamos o termo *rastas* ao invés de *rasta* ou *rastafári* para denominar tais coletivos. Para tal, optamos por copiar a denominação da comunidade existente na rede social *Facebook*, que congrega membros de grupos dispersos por todo o país.

no pavilhão da Etiópia, considerada a "Terra-Mãe" para o movimento/religião rastafári (op. cit). Ao contrário das torcidas-*chopp*, aparentemente, não há uma estrutura associativa em escala nacional que procure congregar esses grupos, encontrados em agremiações distribuídas pelas cinco regiões brasileiras[183]. No estado do Rio de Janeiro, as únicas torcidas do gênero são a *Rasta Tricolor* (Friburguense) e a *Torcida Organizada Rasta do Vasco*. A *Fla-Roots*, que prefere se identificar com a denominação híbrida movimento-torcida, marcou presença no Maracanã (com direito a expor uma faixa própria) no período compreendido entre 2007 e o início da presente década. Apesar dos planos para um eventual retorno, sobrevive apenas no mundo virtual, com perfis nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Seu ideário consiste em levar a cultura *reggae* e as mensagens de Bob Marley aos estádios, apoiar o clube, participar de protestos (quando necessário), incentivar e conscientizar torcedores sobre a importância da paz nos jogos, buscando a união entre as torcidas do Flamengo[184].

3.6.4 Os Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs)

Há décadas, encontra-se em curso um processo de perseguição e criminalização das tradicionais torcidas organizadas em todo o país. No Rio de Janeiro, as punições variam desde a proibição da exibição de símbolos alusivos a esses agrupamentos e suspensões curtas até o banimento, por longos períodos, dos estádios de futebol. Tais medidas pouco a pouco conduzem ao progressivo estrangulamento das finanças do grupo em razão da queda das receitas obtidas com as contribuições dos associados e, especialmente, da venda de material próprio. Em paralelo, desde o ano de 2006, os movimentos populares vêm conquistando ampla adesão com uma proposta que procurava, seguindo uma influência platina, resgatar os ideais de torcer em paz e de apoio incondicional à equipe. A nova configuração do Maracanã, aliada à sua hipersetorização e à adoção de normas de controle mais rígidas sobre o comportamento dos torcedores no estádio, fizeram com que houvesse um confinamento das expressões dedicadas ao torcer em grupo nos setores superiores Norte e Sul, localizados atrás de cada baliza. Por sua vez, compreendemos que a aproximação física entre grupos com

[183] Nos dias 21 e 22 de janeiro de 2017, a cidade de Recife sediou o 1º Encontro NO/NE (sic) das Torcidas Rastas/Reggae do Brasil com a presença da *União Coral Reggae* (Santa Cruz); Família ABC Reggae (ABC); *Torcida Tufão Rasta* (CSA) e *Bobicolor* (Paysandu). Fonte: https://www.facebook.com/TorcidasRastas/ Acesso em 19 de janeiro de 2017.

[184] Fonte: https://www.facebook.com/pg/flarootsrj/about/?ref=page_internal Acesso em 1 de janeiro de 2017.

modos distintos de vivenciar a paixão pelo time do coração influencie transformações no interior desses grupos, que tendem a aproximá-los e recombiná-los, acelerando um processo que ocorre há décadas. Ao analisar as formas de torcer encontradas no período pré-arena, Teixeira (2013) conclui que os movimentos populares e as torcidas organizadas "não configuram grupos completamente distintos, identidades claramente demarcadas e antagônicas", sendo possível identificar a "existência de trânsitos, fluxos e hibridismos" (s.p). Resolvemos, então, nomear essas e outras expressões coletivas de resistência, responsáveis pela sobrevivência e reconstituição do *genoespaço* no Maracanã, protagonistas da transformação, ainda que parcial e efêmera, da arena em estádio com alma, como Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs).

Sendo assim, os MOTs correspondem às formas coletivas de torcer encontradas no interior do estádio. O termo em si é um híbrido, resultante da combinação entre as práticas adotadas especialmente pelas torcidas organizadas tradicionais e os movimentos populares de torcedores. Englobamos também as torcidas *chopp*, *rastas* e outras propostas similares calcadas na intenção de torcer em paz e transformar o estádio em espaço de festa.

O surgimento dos híbridos nas arquibancadas apresenta múltiplas nuances. Ao procurar conter o avanço de grupos dissidentes, as torcidas organizadas, traçaram estratégias para resgatar traços identitários perdidos ou desvirtuados nas últimas décadas. Essa autocrítica implicou importantes reformulações estruturais como a volta dos cantos de incentivo com citações ao nome do clube e a criação de núcleos de festa. Em entrevista concedida no ano de 2010 à trinca de pesquisadores composta por Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Rosana da Câmara Teixeira e Jimmy Medeiros, Flávio Martins Coelho, o *Frajola*, liderança da FTORJ e da *Young Flu*, ao falar do crescimento da *Legião Tricolor*, relata como resolveu seguir tal atitude na sua torcida. De acordo com as suas palavras: "Pegamos a molecada que fica cantando igual maluco – esse mote da torcida argentina – e, dissemos: - 'Vamos fazer as músicas do Fluminense também. Por que não?'" (2015, p. 61).

Da parte dos movimentos, apesar da autodeclarada distinção em relação às antigas práticas torcedoras consolidadas pelas organizadas, a construção do híbrido influencia na constituição de um "torcer como argentino" à moda brasileira. Em determinadas situações, parece haver uma subversão de parte da ideia original, motivada pela existência de uma cultura de arquibancada arraigada, moldada ao longo de décadas pelas torcidas organizadas, de onde saíram boa parte dos fundadores desses novos agrupamentos. Como exemplo, podemos citar o movimento *Guerreiros do Almirante* que, ainda durante a primeira etapa da

partida entre Vasco da Gama e Atlético Mineiro[185], logo após o segundo tento da equipe visitante, recolheu seus trapos e bandeiras, permanecendo em silêncio durante alguns minutos. Esse fato gerou a revolta de uma jovem torcedora sentada no nível inferior que, transtornada, em meio a um grupo de amigos e amigas, transferia a sua fúria contra o movimento cruzmaltino (Foto 12). No seu entendimento, ao se calar, ele não estaria cumprindo a missão primordial de apoio incondicional à equipe. Em seguida, contou a um amigo que, na partida contra o Flamengo, válida pela Copa do Brasil[186], havia apenas 8.000 vascaínos contra 50.000 flamenguistas, "mas todos cantaram o tempo inteiro". Agora, segundo ela, "todo mundo fica calado!". Novamente em tom exaltado, gritava apontando em direção à *barra*. Pouco depois, timidamente, seus integrantes voltaram a cantar, mas somente retomaram o incentivo com a ênfase habitual após o único gol marcado pelo Vasco da Gama, próximo ao final da segunda etapa.

Foto 12 – Torcedora cobrando comportamento ativo do movimento *Guerreiros do Almirante*

Legenda: Movimento Guerreiros do Almirante com as bandeiras recolhidas em sinal de protesto (acima). Simultaneamente, no setor Sul inferior, torcedora critica a postura apática dos seus componentes (abaixo).
Fonte: O autor (setembro de 2015).

[185] Jogo 30. Vasco da Gama 1x2 Atlético Mineiro, realizado em 5 de setembro de 2016.
[186] Vasco da Gama 1x1 Flamengo. Partida que classificou a equipe para a fase seguinte da Copa do Brasil 2015, mas que não fez parte das nossas observações *in loco*.

Ao longo de 2015, diversas torcidas organizadas, vinculadas aos quatro clubes cariocas de maior apelo popular, cumpriram total ou parcialmente períodos de suspensão. Podemos destacar: *Young Flu*, *Raça Rubro-Negra*, *Torcida Jovem do Flamengo*, *Força Jovem Vasco*, *Torcida Jovem do Botafogo* e *Fúria Jovem do Botafogo*. No vácuo deixado pela ausência das organizadas, os movimentos populares ganharam corpo. Exceção feita ao Flamengo, pois a *Nação 12* constitui um aglomerado relativamente pouco significativo em meio a tantas outras torcidas (uma delas, a *Urubuzada*, criada com a mesma proposta em 2006), tais como *Loucos pelo Botafogo*, *Bravo 52* e *Guerreiros do Almirante*, que representavam, nas arquibancadas, os MOTs com o mais expressivo número de adeptos e simpatizantes de seus clubes. Em paralelo, torcidas outrora importantes passavam por uma lenta agonia, caso da *Torcida Organizada do Vasco* (TOV), a mais antiga do clube. Durante conversa informal com o senhor Jorginho da TOV no intervalo da partida Vasco da Gama 0x1 Figueirense[187], o veterano torcedor apontou como razões o envelhecimento de seus componentes e a não renovação do quadro de associados. "A TOV já tem mais de 70 anos e, hoje em dia, não ultrapassa os 15 componentes" lamentou (Foto 13).

Foto 13 – Torcedores históricos da TOV

Legenda: Quatro dos sete componentes da TOV presentes à partida Vasco da Gama 0x1 Figueirense. Destaque para Jorginho da TOV (camiseta preta) e, à sua esquerda, Cesar Amâncio, importante liderança torcedora do século XX.
Fonte: O autor (agosto de 2015).

[187] Jogo 28, realizado em 29 de agosto de 2015.

Entre as expressões alternativas tradicionais, poucas foram as torcidas locais e femininas que resistiram no estádio. É possível encontrar, por exemplo, faixas da *Flu Mulher* na mureta que separa os níveis 1 e 2 do setor Sul, e da *Flunitor* nas partidas do Fluminense. Há, por sua vez, núcleos femininos e outras subdivisões existentes no interior dos mais expressivos MOTs. É possível encontrá-las conduzindo bandeiras e marcando com o bumbo o ritmo da bateria, funções percebidas até pouco tempo atrás como exclusivas do sexo masculino. Nos últimos anos, as torcidas *chopp* e, no caso do Vasco da Gama, *rastas*, vêm conquistando adeptos e simpatizantes, assumindo o protagonismo entre os novos modos alternativos de torcer.

Apesar da existência de um expressivo número de coletivos apoiando equipes de outros estados, virtual e presencialmente, a *Rasta do Vasco* talvez seja a maior torcida desse segmento em todo o Brasil. Fundada em 10 de maio de 2007, com o lema "cabeça feita pelo Vasco" e autoproclamada como a "primeira torcida rastafári do Brasil", possui sede própria no município de Duque de Caxias, expressivo quantitativo de componentes e núcleos (arrastões) espalhados por diferentes pontos do país[188]. Possui um patrimônio considerável composto por inúmeras bandeiras com mastros de bambu e dois "bandeirões" (apenas um é utilizado a cada partida): o primeiro, com o nome da torcida e a imagem de Bob Marley; o outro, em homenagem ao ex-jogador Pedrinho, com a inscrição PEDRINHO ÍDOLO ETERNO na parte inferior. Como prova do *status* atual, conquistou o direito a uma participação como protagonista no ritual relacionado ao espetáculo promovido pela torcida cruzmaltina. O momento da entrada da equipe no campo de jogo é marcado pela abertura do pavilhão gigante escolhido para a ocasião. No Maracanã, é utilizado o nível 1 do setor Sul para a sua abertura (resultado de uma apropriação temporária daquela área de perfil familiar). Nos estádios, dispõe de um local onde é possível adquirir produtos com a sua logomarca (Foto 14).

[188] Fonte: https://www.facebook.com/Torcida-Rasta-do-Vasco-Oficial-365239636878227/?fref=ts Acesso em 1 de janeiro de 2017.

Foto 14 – Presença da Torcida *Rasta do Vasco* nos estádios do Maracanã (“bandeirões” Bob Marley e Pedrinho), Nilton Santos (venda de material) e São Januário (bandeira da Jamaica)

Fonte: O autor (2015 e 2016).

Como parte desse complexo jogo de identidades imbricadas, identificamos uma subdivisão da torcida *chopp* – *Fogoró* – que, em si, congrega simultaneamente múltiplas identificações: o *Alambique Jamaica* (Foto 15), em vez de designar a localidade de origem de seus integrantes, procura congregar pessoas que, além da paixão pelo Botafogo e de seguirem a proposta de torcer em paz, apoiam o uso recreativo e responsável do álcool e, recorrendo a símbolos associados e à denominação empregada, da maconha.

Foto 15 – Bandeira *Fogoró – Alambique Jamaica* e suas múltiplas identificações

Fonte: O autor (março de 2015).

Como traços comuns à quase totalidade dos MOTs, identificamos a preferência por acompanhar a partida de pé, em companhia de indivíduos com a mesma proposta de torcer, vibrar e apoiar a equipe, seja com a exibição de símbolos, seja entoando canções que incentivam e exaltam o amor ao clube do coração, que podem se restringir a um agrupamento específico ou cantadas em uníssono, contando, inclusive, com a participação de torcedores avulsos. A inexistência de lugares marcados e a discreta presença dos *stewards*, que, em grande parte do tempo, se restringe a impedir aglomerações do público junto à entrada dos túneis de acesso e a permanência indevida na área destinada aos cadeirantes e seus acompanhantes, permitem formas de apropriação bastante peculiares desses espaços. Se, até o final de 2015, nos setores laterais e nas porções inferiores Norte e Sul, não era permitido sequer repousar os pés sobre o encosto do assento à frente, nas porções superiores, as cadeiras sofreram um processo de refuncionalização servindo como “degraus” especialmente para os frequentadores posicionados imediatamente atrás das bandeiras e trapos (Foto 16).

Foto 16 – Contraste entre o controle imposto ao uso dos assentos pelos torcedores avulsos do nível 1 com a livre refuncionalização permitida nos níveis 2 e 5

Fonte: O autor (agosto e setembro de 2015).

Outro traço importante que chamou a atenção ao longo do período de observações, especialmente quando em comparação com os torcedores avulsos, foi a maior fidelidade torcedora, no que diz respeito à assiduidade ao estádio. Quanto maior o grau de adversidade que envolve um jogo de futebol, maior tenderá a ser presença em números relativos desses agrupamentos sobre o público total da sua torcida. Para o núcleo duro dos componentes dos MOTs, o comparecimento independe da fase da equipe, das condições atmosféricas, do horário ou do dia da semana. Nesses cenários, é comum que os níveis 2 e 5 Norte e Sul do Maracanã concentrem uma densidade de torcedores maior que a encontrada nas porções inferiores.

Uma das mais significativas diferenças encontradas entre os MOTs diz respeito à forma de apoiar a equipe. Enquanto os movimentos *Nação 12*, *Bravo 52*, *Loucos pelo Botafogo* e *Guerreiros do Almirante* se propõem a cantar sem parar, apoiar a equipe incondicionalmente e agitar seus apetrechos de mão e, no caso dos movimentos ligados ao Botafogo e ao Vasco da Gama, bandeiras com mastros de bambu, as organizadas tradicionais caracterizam-se por participações pontuais, porém com maior intensidade, de maneira contundente e, não raro, com uma postura crítica em relação aos atletas e dirigentes.

A disposição espacial dos MOTs pelas arquibancadas influencia também o posicionamento no estádio de um significativo contingente de frequentadores avulsos. Ao seu redor, é possível notar uma espécie de periferia imediata a esses núcleos formada por

torcedores não filiados que, por sua vez, apresentam uma predisposição em aderir momentaneamente ao modo de torcer proposto por determinado agrupamento, estabelecendo um contrato cultural de curta duração. Para tal, assumem uma identificação temporária com aquele coletivo, "comprometendo-se" a seguir a "obrigatoriedade" de torcer de pé, entoar as canções de incentivo ou, se for o caso, de protesto. A esse personagem que orbita em torno dos MOTs chamaremos mais adiante de *satélites*. Nas porções mais afastadas desses grupos, é possível identificar a presença de frequentadores "neutros", que permanecem a maior parte do tempo sentados, geralmente acompanhados de amigos ou familiares, assumindo um comportamento típico do espectador. Assim como nos setores Leste e Oeste, sua intenção é a de assistir à partida sem que nada se interponha entre o seu campo de visão e o gramado, outro frequentador, uma bandeira ou qualquer outro obstáculo. Mesmo no nível 1, é possível perceber que, especialmente logo "abaixo" dos MOTs, que se destacam pela intensidade da vibração, também há uma concentração significativa de adeptos. Estes, por sua vez, de perfil próximo ao dos espectadores dos níveis superiores, admiram a intensidade das festas sonora e visual, promovidas pelos movimentos organizados com os quais apresentam maior identificação, porém, a uma distância "segura".

A associação das torcidas organizadas com o envolvimento em atos de violência e atividades ilícitas, amplamente irradiados por determinados setores da mídia, ainda que praticada por grupos proporcionalmente pouco representativos, contribuiu para a construção de uma imagem estigmatizada, com a consequente criminalização de seus componentes. Seguindo por uma via oposta, a constituição e a consolidação dos movimentos populares, assim como a existência de outras expressões alternativas tradicionais e modernas, pareciam adequar o modo de torcer na qualidade de expressão coletiva aos novos tempos do futebol. Entretanto, também é possível identificar a existência de um contínuo processo que conduz à formação de modos de torcer híbridos. Existe, de um lado, o resgate de práticas tradicionais esquecidas pelas torcidas organizadas, ao mesmo tempo em que os demais agrupamentos, pouco a pouco, começam a reproduzir práticas condenadas pelos seus fundadores, egressos, na sua maioria, das organizadas de comportamento mais aguerrido. Essa via de mão dupla parece ser potencializada por uma série de fatores: a persistência de uma cultura torcedora tradicional internalizada entre as "novas lideranças" e seus seguidores; a presença de indivíduos coletivizados não filiados a esses grupos, sem o compromisso de seguir fielmente o seu ideário, que transitam livremente por diferentes pontos do estádio; e o confinamento nos setores superiores Norte e Sul das expressões relacionadas ao torcer em grupo. As restrições impostas pelos atores hegemônicos procuram limitar tanto a presença quanto a permanência e

as liberdades de circulação e de expressão dos coletivos nesse espaço monumental. A luta contra um adversário em comum serve como ponto de convergência entre conjuntos heterogêneos. Não se trata de exaltar ou condenar o comportamento de determinados grupos, mas sim compreender a resistência contra uma lógica excludente existente por trás dessas imposições e restrições comportamentais e arquitetônicas, que objetivam reduzir o ato de torcer a uma expressão individual.

3.7 A arena e a atomização do torcedor

Ao longo do presente século assistimos a uma mudança radical do comportamento desejado para a plateia nos ambientes sagrados e consagrados para a prática do futebol. O processo de arenização ao qual o Maracanã foi submetido simboliza a materialização dessa mudança de paradigma pretendida. Gustavo Coelho (2015) apoia-se em autores da psicologia e da antropologia para elaborar a tese de que a arquitetura do Maracanã (e das novas arenas), sob o pretexto de proporcionar maior conforto, privilegia o torcedor de tipo individual (torcedor sem mito) buscando a cisão dos elos prazerosos e perigosos construídos pelo coletivo dos membros das Torcidas Organizadas (torcedores com mito), que têm nos rituais relacionados à dor um “fator de comunhão e cimentação social”. Nas palavras do autor, o modelo arquitetônico das novas arenas privilegia os torcedores que usam mais os olhos do que o corpo. Consequentemente, as edificações projetadas de acordo com o padrão pretendido para os megaeventos se transformariam em estádios sem mito, desprovidos de uma alma própria.

Gaffney e Mascarenhas (2005) analisam sob uma ótica foucaultiana a transformação, ao longo das duas últimas décadas, dos estádios de futebol de espaços de expressão cultural, lugares de festa, em espaços disciplinares da vida cotidiana. Para eles, esse processo ocorre em razão da adoção de uma série de intervenções relacionadas à forma arquitetônica e aos regulamentos de uso desses locais, amparados por um forte esquema de vigilância, que resultam num aumento significativo do controle sobre os corpos, ritos e manifestações coletivas.

Coelho (2015) elege a cadeira como símbolo que sintetiza o elo velado existente entre a arquitetura e o *psíquicopolíticosocial* com as novas arenas representando uma imposição de novos padrões comportamentais via disciplinarização (aprisionamento) dos corpos e

vigilância constante sobre o comportamento dos torcedores. Justifica sua afirmação com um argumento que, de tão simples, chega a ser desconcertante como um drible de Garrincha: o de que não há celebração efusiva num ambiente onde há cadeiras uma vez que, numa festa, a primeira coisa que fazemos é afastar as cadeiras. Da mesma forma, elas não estão presentes nas pistas de dança e nos shows de rock. Para ele, as expressões "conforto do torcedor", "lugares marcados" e "visão completa do campo" são termos que apontam um desejo por uma mudança de paradigma na forma de torcer, mas que acabam camuflando, sob o relaxamento natural ao corpo que senta, seus reais impactos na experiência subjetiva.

Nesse novo modelo, baseado na atomização do torcedor, há um constrangimento sobre o ato de torcer como expressão coletiva, forçando o seu desaparecimento em benefício de uma individualização do espectador. Ao falar da disposição dos setores destinados ao público no antigo Maracanã, Flores (1982) utiliza palavras que, três décadas após, sintetizam bem o que se pretende para o novo estádio de futebol: "Arquibancadas e gerais são ocupadas por massas; cadeiras, tribunas e camarotes por indivíduos" (p. 54, grifos do autor).

O processo de transformação do futebol num produto mais "palatável" destinado a um público de maior poder aquisitivo também ocorreu com outros elementos relacionados à cultura popular. Basta perceber o que aconteceu com os antigos botequins outrora conhecidos como "pés-sujos", substituídos pelos "pés-limpos", na sua maioria, franquias de grandes redes de bares, onde, num ambiente *clean*, é comum a presença de grupos compostos exclusivamente por mulheres (algo inimaginável nos "botecos" e nos antigos estádios). Podemos também estabelecer um paralelo entre a imposição do modelo das arenas "Padrão FIFA", que tem nos *stewards* fiscais responsáveis por manter a ordem no recinto de jogo um de seus personagens, e a introdução da figura do *lanterninha* como parte do processo de elitização das salas de cinema norte-americanas, posto em prática nos primeiros anos do século passado. Nas palavras de Costa (2005):

> Há um grande esforço de domesticação destes espaços selvagens dos cinemas, para afastar os temores da gente refinada: diminuição da escuridão absoluta nas salas de projeção, presença do lanterninha, eventual presença de um comentador em alguns casos, manutenção de ambientes limpos, arejados etc. Assim, junto com a estabilização da indústria do cinema inicia-se a criação de um padrão ambiental para o consumo de filmes, um padrão narrativo e um processo de massificação de um gosto pequeno-burguês. (p. 66-67)

Conforme temos apresentado, a forte disciplinarização via aprisionamento dos corpos num espaço tradicionalmente marcado por expressões festivas e transgressoras, algumas delas ingênuas (palavrões proferidos ao lado do pai sem ser repreendido pelo mesmo), outras nem

tanto (cânticos e ofensas machistas, racistas e homofóbicas, por exemplo), tem como objetivo criar um ambiente propício à apropriação desses espaços tradicionalmente populares por grupos de maior poder aquisitivo (torcedor-consumidor), que desejam desfrutar do espetáculo sem perturbações, algo que afeta tanto as torcidas organizadas quanto as torcidas de alento.

Tomemos como exemplo a *Geral do Grêmio*. Sua marca registrada era a "avalanche" executada logo após os gols da equipe no antigo Estádio Olímpico. Durante a execução do movimento, seus componentes desciam correndo os degraus da arquibancada inferior, chamada popularmente de "geral", por apresentar uma pior visão do campo e por cobrar os ingressos mais baratos (RODRIGUES, 2012), em direção à mureta que separa aquele setor da área gramada, como se fossem ao encontro da equipe, num espetáculo de forte impacto visual. Entretanto, em 2012, com a inauguração da nova casa da equipe, a Arena do Grêmio, mesmo que o local da avalanche tenha sido "preservado" com a não instalação de cadeiras atrás de um dos gols, logo numa das primeiras partidas disputadas no local, um acidente durante a realização da avalanche deixou oito feridos, que tiveram os corpos espremidos contra o muro. Em vez de se discutir a falha no projeto arquitetônico (por que isso jamais ocorrera no Olímpico?), a culpa recaiu sobre o "mau comportamento" do público. Dessa forma, ficou decidido que, como forma de "preservar a segurança do torcedor", o setor fosse isolado das demais partes e que fossem instaladas barras metálicas de contenção, o que inviabilizou a repetição daquela manifestação coletiva[189].

3.7.1 O torcedor avulso

Compreendemos o torcedor avulso tradicional como um indivíduo pertencente a qualquer classe social, que frequenta o estádio de futebol (sozinho ou acompanhado de amigos e/ou familiares) sem possuir vínculo formal com qualquer coletivo torcedor, algo que em nada diminui o seu amor pelo clube. Para ele, o ato de torcer é, acima de tudo, uma expressão individual, o que não impede que, eventualmente, participe do espetáculo sonoro, corpóreo e visual promovido pelos MOTs. A paixão pelo futebol não é apreendida como uma identidade de caráter transitório. Seu amor ao clube é incondicional, avesso a modismos. Trata-se de uma figura tradicional, sem envolvimento habitual em atos violentos, que, mesmo

[189] Fonte: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/29/apos-acidente-em-avalanche-geral-da-arena-do-gremio-esta-liberada.htm Acesso em 27 de agosto de 2014.

com o auge das organizadas, sempre se fez presente nos estádios. É o que chamamos de *espectador*, porém, como forma de diferenciá-lo das demais expressões individuais de torcer, utilizaremos a denominação *espectador clássico*, no sentido de que ele compreende como espetáculo o jogo em si e todo o ambiente que o envolve. Mesmo adotando uma postura contemplativa, apresenta uma percepção aguçada a respeito do esporte e compreende a festa promovida nas arquibancadas como parte do espetáculo, da mesma forma que um conhecedor de pintura admira um belo quadro. Complementando a nossa caracterização, Aragão (2013) descreve esse interessante e tradicional personagem dos campos de futebol da seguinte forma:

> Chegam geralmente sozinhos, sem camisas que caracterizam o time; muitas vezes não usam as cores da agremiação, embora seja possível vê-los também com pessoas mais jovens, provavelmente membros de sua família ou amigos. Costumam sentar-se distante das aglomerações do estádio. Durante o jogo, como os outros presentes, acompanham minuciosamente o andamento da partida, muito interessados com o que se desenvolve no campo. A alegria e a tristeza nos momentos da partida não são acompanhadas de grandes gestos que tornariam essas emoções mais visíveis (p. 24).

Nos últimos anos, seguindo a lógica comercial que rege o futebol, o *torcedor* tradicional e o *espectador clássico*, ambos ganharam uma versão "comoditizada", o *torcedor-consumidor*. Seu gosto pelo futebol, apesar de incontestável, não pode ser medido de acordo com a presença constante aos jogos, mas sim pela compra e exibição de produtos relacionados ao futebol e ao seu clube do coração. Suas incursões ao estádio ocorrem principalmente em partidas de caráter decisivo ou em grandes eventos esportivos. Caracterizado como sendo de médio ou alto poder aquisitivo, possui uma postura ativa no consumo e passiva (ordeira) na plateia. É objeto de desejo dos administradores das novas arenas e dirigentes dos clubes.

Como forma de ocupar os novos espaços, atrair o *torcedor-consumidor* e, principalmente, transformar em hábito a sua afluência aos jogos de futebol, os clubes procuram vincular a paixão e a fidelidade torcedoras ao desembolso de uma soma mensal que daria a ele, em contrapartida, uma série de vantagens no acesso aos jogos e na compra de mercadorias nas redes de produtos e serviços associados a esses planos. Surge o *sócio-torcedor*.

3.8 O sócio-torcedor

Toledo (2000) compreende a transformação do torcedor genérico em consumidor esportivo como "parte de um processo material e simbólico de reinstitucionalização do profissionalismo ampliado no futebol" (p. 271). Sua origem remete à segunda metade da década de 1990, ainda sob o forte impacto da "Batalha do Pacaembu" ocorrida em 1995[190].

Nesse contexto de contenção da influência das torcidas organizadas, após a checagem dos antecedentes criminais, essa nascente categoria de torcedor seria cadastrada pelos clubes e teria o papel de inibir as transgressões generalizadas comuns nos estádios brasileiros. Não por acaso, o São Paulo Futebol Clube, uma das partes diretamente envolvidas no confronto paulistano, foi uma das primeiras instituições a aderir a essa proposta, baseada numa relação na qual, em troca do pagamento de uma determinada quantia mensal, o sócio-torcedor teria acesso a uma série de benefícios, como, por exemplo, a opção por desembolsar valores mais baixos pelas entradas.

A promulgação, em 2003, da lei federal 10.671, conhecida como Estatuto do Torcedor (EDT), fez com que o frequentador dos estádios conquistasse um marco jurídico regulador próprio, privilegiando a produção do nomoespaço em relação ao genoespaço. Mesmo assim, o artigo 2º considera o torcedor como "toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva" (BRASIL, 2003), não havendo qualquer menção às torcidas em si. Curi et al (2008) interpretam o Estatuto, em sua primeira versão, como uma tentativa fracassada de "superposição da esfera econômica sobre a cultural" (p.33), que pouco afetou a sobrevivência dos grupos organizados. Estes, por sua vez, seriam diretamente afetados com as alterações posteriores pela Lei 12.299, de 2010. A inserção de novos artigos e a revogação de partes da lei anterior, num contexto relacionado à "preparação" como sede dos megaeventos esportivos vindouros, impuseram uma série de restrições e medidas de caráter punitivo relacionadas ao funcionamento desses grêmios.

Com a inclusão do artigo 2º-A, a torcida organizada (com o emprego do termo como forma de definir qualquer coletivo torcedor) passou a ser formalmente classificada como "a

[190] Confronto envolvendo policiais e torcedores de São Paulo e Palmeiras após a final da Taça São Paulo de Futebol Junior. Como resultado, a morte do torcedor alviverde Márcio Gasparin e 102 pessoas feridas. Após a tragédia, principalmente no estado de São Paulo, os núcleos organizados sofreram uma intensa perseguição por parte de juízes e promotores. Podemos citar a extinção da *Mancha Verde* (Palmeiras), uma das protagonistas da barbárie, como a ação de maior impacto.

pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade" (BRASIL, 2010), cabendo a ela a responsabilidade de manter um cadastro atualizado de todos os seus membros e associados, no qual devem constar: nome completo, fotografia, filiação, número do registro civil, número do CPF, data de nascimento, estado civil, profissão, endereço completo e escolaridade[191].

Marcos Alvito (2015) compreende o amor do torcedor pelo clube como "a última fronteira a separar o futebol profissional da realidade nua e crua do comprar e vender[192]". Seguindo a mesma linha, Toledo (2000) destaca que, para os amantes do futebol, esse esporte não se restringe à dimensão de um produto consumível. Para que ele permaneça na qualidade de "uma expressão dimensão gregária, corporada ou identitária" é necessário que haja "a manutenção dos níveis de emoção que promove, quer no instante de uma partida, quer no cotidiano, sustentando qualquer sociabilidade" (p. 273).

Nesse contexto associado à promoção e à proteção dos direitos individuais com a transformação do futebol em mercadoria, da ida ao estádio em serviço e do torcedor em cliente/consumidor, alguns clubes perceberam o potencial de geração de renda via "comoditização" da paixão do indivíduo pelo seu time do coração. Com isso, o programa sócio-torcedor passa a potencializar cada vez mais a função de gerar uma contínua fonte de arrecadação para as equipes ao explorar a fidelidade do seu torcedor com a instituição. Nesse caso, ser "fiel" perde o seu significado simbólico, de paixão, associado à noção de pertencimento a um coletivo, passando a assumir uma dimensão concreta, monetarizada, voltada para uma lógica meramente econômica e individualizada que se completa, por exemplo, com a compra de uma ampla gama de produtos licenciados e com a assinatura dos jogos da equipe pelo sistema *pay-per-view*.

Em função dessa revalorização da paixão torcedora, com a sobreposição do grau de investimento econômico sobre o afetivo/emocional (inserido num contexto muito mais amplo), o ato de torcer no estádio de futebol tende a enfraquecer na qualidade de expressão coletiva para ganhar um caráter cada vez mais atomizado. A mudança acerca do conceito de "fidelidade torcedora" mais uma vez exclui o cidadão de poder aquisitivo mais baixo. Nas palavras de Toledo:

---

[191] Os itens que devem constar do cadastro das torcidas organizadas também constam na Lei nº 12.299, de 2010.
[192] Disponível em http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/dos-botoes-aos-bits-novas-formas-de-torcer/ Acesso em 31 de outubro de 2015.

> Esse recuo do espaço de expressão, da experimentação torcedora coletivizada, perca do espaço da rua e da socialidade em troca de um racionalismo seguro, asséptico e individualista que se quer imputar à emoção torcedora e a todos os excessos inevitáveis decorrentes da experiência coletiva de torcer cumprem uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores economicamente mais fragilizados. Se não em relação aos direitos assegurados juridicamente num mercado consumidor em expansão, do qual, mais ou menos todos são levados a usufruir, ao menos em relação à redução do espaço lúdico existencial que formatou e que ainda segue fabricando pessoas torcedoras (2012, p. 156-157).

Longe de ser plenamente aceita, a imposição de um novo padrão pretendido para os estádios de futebol não vem ocorrendo sem que haja uma crescente contestação a esse modelo. Surgem, em diferentes pontos do planeta, movimentos de resistência, horizontais, que procuram combinar estratégias de repopularização dos estádios de futebol com o respeito à liberdade individual e à de grupos historicamente subalternizados.

3.9 Os movimentos contra-hegemônicos e as tentativas de repopularização dos estádios

Ao redor do mundo, mesmo que timidamente, crescem os movimentos contra-hegemônicos, avessos ao processo de elitização que toma conta dos estádios atualmente. Na Inglaterra, pioneira nessas mudanças, a campanha *Twenty's Plenty* (Vinte é o Suficiente), liderada pela *Football Supporters' Federation* (Federação dos Torcedores de Futebol), pressiona os clubes da *Premier League* a cobrarem o valor máximo de vinte libras pelas entradas destinadas aos torcedores da equipe visitante[193]. Ao mesmo tempo, assiste-se também ao processo de "refundação" de equipes, caso do AFC Wimbledon, (re)criado[194] em 2002 devido à mudança do clube original, o Wimbledon FC[195], da capital britânica para a cidade de Milton Keynes, distante cerca de 100 km de Londres, e à criação de equipes por parte de torcedores excluídos e/ou insatisfeitos com a transferência locacional. Como caso emblemático, podemos citar o United of Manchester, criado em 2005 por um grupo de adeptos do Manchester United descontentes com a venda da equipe para o bilionário

---

[193] Em 2013, o Newcastle anunciou que aceitaria cobrar o valor de vinte libras para o torcedor da equipe visitante desde que o clube beneficiado fizesse o mesmo com os torcedores do Newcastle. Fonte: http://trivela.uol.com.br/ingleses-avancam-na-briga-por-ingressos-mais-baratos/ Acesso em 30 de agosto de 2014.

[194] Consideramos válido o emprego do termo refundação uma vez que em razão de um acordo firmado pelas diretorias das duas agremiações, o AFC Wimbledon assegurou o direito sobre as conquistas da equipe original, incluindo a FA Cup (Taça da Inglaterra) da temporada 1987/88. Fonte: http://trivela.uol.com.br/um-time-dos-torcedores/ Acesso em 26 de agosto de 2014.

[195] No ano de 2004, o FC Wimbledon foi rebatizado como Milton Keynes Dons Football Club. Fonte: http://www.theguardian.com/football/2004/jun/21/newsstory.mkdons Acesso em 26 de agosto de 2014.

estadunidense Malcom Glazer. Tal insatisfação se faz visível no estádio de *Old Trafford* via exibição de cachecóis em verde e amarelo, cores originais do clube. A tentativa do antigo proprietário do Hull City, o egípcio Asser Allam, de modificar o nome da agremiação para *Hull Tigers*, percebido por ele como uma denominação menos local e de maior apelo comercial, esbarrou na forte oposição de grande parte da torcida que, sob o lema *City Till We Die* ("City até Morrer"), conseguiu brecar a vontade do dono do clube[196].

Talvez o caso mais emblemático de adequação do gosto do torcedor às verticalidades impostas pelos atores hegemônicos que controlam o futebol mundial seja a existência da "muralha amarela" da torcida do Borussia Dortmund, formada graças à utilização de assentos retráteis no setor Sul do estádio, nas partidas válidas pelo Campeonato Alemão e pela Copa da Alemanha. Em razão da pressão dos torcedores locais antes da conclusão da reforma para a Copa do Mundo de 2006, a *Südtribune* pode receber até 25.000 pessoas que assistem às partidas de pé, pulando e incentivando a equipe (HOLZMEISTER, 2010). Curioso lembrar que o palco de tamanho espetáculo, o antigo *Westfalenstadion*, teve o seu nome alterado para *Signal Iduna Park* por meio da venda de *naming rights*, mais uma tendência entre as modernas arenas, prova de que o clube alemão não está imune à lógica dominante no futebol mundial[197].

No Brasil, a Arena pertencente ao Corinthians ("Itaquerão" na designação "horizontal", à espera de uma empresa que compre os, há pouco citados, *naming rights* para batizá-lo com a sua denominação oficial – e temporária – "vertical"), estádio construído para a Copa do Mundo de 2014 e utilizado na abertura do torneio, teve retirados os assentos localizados atrás de um dos gols, na porção ocupada pelas tradicionais torcidas organizadas. No final de 2016, foi apresentado o projeto para que os setores inferiores Sul e Norte do Castelão, em Fortaleza, passassem a ser utilizados como arquibancadas apropriadas como gerais.

Cabe mencionar a atuação combativa de grupos como "O Maraca é Nosso", que conseguiu minimizar o impacto das intervenções externas sobre o complexo do Maracanã, impedindo a demolição da Escola Municipal Arthur Friedenreich, do Parque Aquático Júlio Delamare, do Estádio de Atletismo Célio de Barros e do prédio do antigo Museu do Índio

---

[196] Fonte: http://trivela.uol.com.br/vontade-da-torcida-deve-prevalecer-e-hull-precisara-manter-nome-que-tem-desde-1904/ Acesso em 30 de agosto de 2014.

[197] Ao analisarmos as dezoito equipes que disputaram a Bundesliga (primeira divisão alemã) na temporada 2016-2017, constatamos que apenas três das dezoito arenas utilizadas adotavam o modelo *all-seater* durante as competições locais (incluindo a Copa da Alemanha). O Jonathan-Heimes-Stadion am Böllenfalltor, utilizado pelo SV Darmstadt 1898, disponibilizava 7.400 dos 17.400 lugares para torcedores de pé. Fontes: http://www.stadiumguide.com/present/germany/ e http://sv98.de/home/lilien/spielstaette/ Acesso em 21 de janeiro de 2017.

(CASTRO, 2016). No plano da sua apropriação interna, o que vem ocorrendo é que, em situações especiais[198], as equipes realizam promoções nos setores a elas destinados nas arenas (o que varia de acordo com o contrato assinado entre a agremiação e a entidade que administra o equipamento multiuso), resultando tanto num aumento do calor da torcida quanto em configurações "bizarras" no interior dos estádios[199].

Essas atitudes somadas à criação de campanhas, inclusive pela FIFA (contra o racismo[200]), ainda que tímidas, de combate aos aspectos negativos relacionados ao ambiente dos estádios tradicionais (luta contra a violência das torcidas e a condenação a atitudes de racistas, machistas e homofóbicas) por parte de grupos de torcedores e de associações ligadas à promoção da igualdade de direitos individuais surgem como estratégias de conscientização dos torcedores (assim como de atletas e dirigentes) sem que se perca a atmosfera relacionada aos velhos estádios. As constantes campanhas promovidas pela FIFA contra o racismo (SILVA, 2010); a faixa estendida pela torcida da equipe alemã St. Pauli (cujo presidente na época era declaradamente homossexual), em 2013, "Futebol é tudo, até gay[201]", após o jogador estadunidense Robbie Rogers ter publicamente "saído do armário", ao mesmo tempo em que anunciava o fim da sua carreira por considerar que não seria mais aceito no meio do futebol, e a sua posterior contratação pela equipe Los Angeles Galaxy, pertencente à principal liga de futebol dos Estados Unidos, a *Major League Soccer* (MLS)[202]; e o uso de chuteiras com cadarços com as cores do arco-íris pelos jogadores do clube inglês Everton (apoiados pelos dirigentes da equipe) aderindo à campanha promovida pela *Stonewall*, organização britânica de combate à homofobia, são iniciativas que buscam criar um ambiente de respeito à pluralidade dentro dos estádios de futebol.

Voltando ao Maracanã atual, concluída a análise acerca das diferentes formas de torcer, passaremos agora ao estudo dos comportamentos adotados pelos frequentadores do estádio/arena. De início, podemos afirmar que há uma gama de torcedores muito mais ampla do que imaginávamos no início da fase de observações. Ainda que alguns grupos possam ser

---

[198] Especialmente em jogos e/ou competições de menor apelo em suas fases iniciais, ou então, quando uma equipe corre risco de ser relegada a uma divisão inferior no Campeonato Brasileiro.

[199] Podemos citar o exemplo do Fluminense que, em razão do contrato assinado com a empresa que administra o estádio, tem direito a comercializar as entradas relacionadas aos setores Norte e Sul, concentrando a torcida atrás dos gols. Por sua vez, a parte central (setores Leste e Oeste), administrada pelo Consórcio Maracanã (que não tem por hábito vender ingressos a preços promocionais), permanece praticamente deserta (salvo em partidas de maior apelo), o que, além de criar um imenso vácuo entre os dois principais grupos de torcedores, causa um efeito esteticamente desagradável para as transmissões via televisão.

[200] Fonte: http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/381 Acesso em 27 de janeiro de 2015.

[201] Fonte: http://trivela.uol.com.br/torcedores-do-st-pauli-fazem-manifestacao-contra-homofobia/ Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

[202] Fonte: http://trivela.uol.com.br/um-gesto-simples-de-donovan-que-significou-muito-para-robbie-rogers/ Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

encontrados em todos os setores, interferências externas, como as leis das meias-entradas e das gratuidades (esta última exclusivamente para os setores Norte e Sul), e intervenções internas, como a hipersetorização e o maior ou menor rigor relacionado ao cumprimento das normas disciplinares estabelecidas para esses ambientes, contribuíram para que determinados perfis tendam a se concentrar em pontos específicos. Passaremos agora a identificá-los e, no capítulo final, mostraremos como a sua presença influencia na existência de características próprias para os diferentes setores do mítico equipamento esportivo carioca.

3.10 Em busca de uma taxonomia torcedora para o novo Maracanã

A presente seção procura identificar e classificar os principais tipos de torcedores encontrados no Maracanã pós-Copa do Mundo de 2014; e analisar a distribuição espacial desses indivíduos e como eles têm se apropriado da remodelada arena. Numa escala global, o sociólogo escocês Richard Giulianotti (2012), ao abordar o impacto da mercantilização do futebol sobre as identidades torcedoras, construiu um modelo calcado nas combinações prováveis entre duas oposições binárias: quente/frio (baseado na importância da relação do torcedor com o clube para a formação da identidade do indivíduo) e tradicional/consumidor (que mede o grau de investimento emocional e/ou financeiro do indivíduo em um clube). O autor propõe quatro tipos ideais de torcedores: *fanáticos* (tradicionais/quentes), *seguidores* (tradicionais/frios), *fãs* (quentes/consumidores) e *flâneurs* (frios/consumidores)[203].

O *fanático* caracteriza-se pelo denso investimento emocional com o time do coração, compreendido como um dos mais importantes e sólidos traços de identidade do indivíduo. Há também um envolvimento com a comunidade local e uma relação topofílica com o estádio, cuja frequência, especialmente em dias de jogos, constitui parte de um ritual que se repete ao longo de anos ou décadas. Junto aos seus pares, executam um espetáculo corpóreo acompanhado por cânticos de exaltação ao clube, a suas figuras emblemáticas e à própria torcida, construído ao longo de décadas, conferindo a esses espaços sagrados uma atmosfera "única". Sua relação com o clube não exclui um investimento financeiro, mas este não é primordial. Numa escala de valores, predomina o caráter incondicional de lealdade e

[203] No texto original, em inglês, os termos empregados seguem a seguinte ordem: *supporters*, *followers*, *fans* e *flâneurs*. Optamos por destacar em itálico suas denominações na língua portuguesa como forma de relacionar o seu emprego à análise desenvolvida pelo autor escocês.

solidariedade, em todos os momentos da história da instituição, que lhe confere um capital subcultural que não pode ser adquirido com a compra de produtos relacionados ao clube e serve como um autoproclamado elemento de distinção em relação às demais categorias de torcedores.

O *seguidor* não atribui ao time para o qual torce uma centralidade de caráter exclusivo na sua relação com o futebol, sendo capaz de acompanhar outros personagens do esporte, tais como atletas, treinadores e, de modo mais tênue, outras agremiações. Para o *seguidor*, é possível construir identificações em maior ou menor grau com outras equipes (identidades aninhadas), respeitando, porém, uma determinada "ética" que o impede de se aproximar, por exemplo, de um rival local ou regional. Mesmo assim, sua identidade clubística primária permanece intacta em razão da vigência de um "contrato cultural" com a agremiação, tão sólido quanto o existente com o *fanático*. Da mesma forma, a relação do *seguidor* com a equipe baseia-se em trocas simbólicas não econômicas. A mediação com o futebol, por sua vez, é feita pela chamada "mídia fria" (televisão e internet), e as múltiplas identificações construídas por ele transformam-no num consumidor potencial do futebol como espetáculo midiático. Ao contrário do *fanático*, os estádios de futebol não possuem o mesmo caráter de templo, servindo como estruturas onde se desenrola o espetáculo, dentro e ao redor das quatro linhas. A frequência a esses espaços, não raro, é esporádica ou mesmo inexistente.

O *fã*, por sua vez, vivencia o clube e tudo aquilo que o envolve (tradições, jogadores e outros torcedores) fundamentado em um conjunto de relações baseadas no mercado. Em razão de grande parte dos *fãs* residirem em pontos geograficamente distantes, percebe-se uma intensa relação afetiva unidirecional entre esse tipo de torcedor e o time e/ou seus ídolos. Dessa forma, a construção da identidade do *fã* está centrada no consumo de uma variada gama de produtos (*souvenirs*, aquisição de ações da equipe, artigos anunciados pelos astros do futebol, etc.), tornando indissociáveis os investimentos afetivo e financeiro. O *fã* compreende o aporte de capitais no time do coração não como uma oportunidade de auferir lucros, mas sim como uma ação necessária para a manutenção da competitividade da equipe num cenário marcado pela hipermercantilização do futebol. No caso dos jogadores, sua identificação "quente" com eles é alimentada por uma mídia específica, dedicada a abastecê-lo com uma variada gama de informações que costuma extrapolar o universo do futebol. Essa transformação do ídolo em bem de consumo descartável confere um caráter transitório à idolatria devotada pelo *fã* ao atleta, que tende a enfraquecer em razão do declínio físico do esportista e da chegada de novos astros com potencial de consumo multiescalar a ser explorado.

Por último, o *flâneur* é apresentado como um "burguês" em busca de uma multiplicidade de experiências do futebol, cujas práticas sociais são cada vez mais orientadas para o consumo. Esse torcedor pós-moderno possui uma identidade cosmopolita, desenraizada, construída por meio de um conjunto de relacionamentos virtuais despersonalizados, orientados para o mercado e mediados pela mídia fria. Possui um contrato cultural tênue tanto com a equipe para a qual dedica o ato de torcer quanto com a sua seleção nacional (ou mesmo com o próprio futebol), que pode ser rompido unilateralmente sem qualquer constrangimento. O consumo de produtos relacionados a uma determinada equipe baseia-se muito mais no significante (*design* da camisa, projeção midiática da equipe) do que no significado (história do clube). Sua relação com as partidas é mediada pelas arenas virtuais. Apesar do baixo nível de afeto coletivo genuíno, em situações excepcionais como as Copas do Mundo, é possível encontrá-los com uma presença significativa em arenas "neutras", assépticas, verdadeiros não lugares[204], desprovidos de quaisquer sentidos topofílicos, concebidos para abrigar "a circulação fria dos produtos efêmeros do futebol" (p. 28). Nesses locais, confortavelmente instalados, o *flâneur* se traveste temporariamente de *fanático* e, não raro, ostenta indumentárias, rostos e corpos pintados com as cores do clube ou seleção nacional, à espera do ápice da sua experiência na arena: o instante no qual terá a sua imagem projetada nos ecrãs de alta definição. De acordo com o autor, a verdadeira identidade do *flâneur* "é baseada no movimento constante, normalmente em termos materiais, mas cada vez mais em termos virtuais, mudando de afiliação como se muda de canal de televisão" (op. cit p. 29).

Ainda que esse modelo tenha sido concebido a partir de uma realidade próxima à do torcedor europeu, acreditamos que seja possível utilizá-lo como inspiração para a caracterização do público presente ao nosso objeto de estudo. Procuraremos, então, classificar os torcedores de acordo com a sua distribuição espacial e com os modos de comportamento relacionados às diferentes expressões coletivas e individuais de torcer e de que formas eles têm se apropriado do estádio. Nosso modelo procurará, portanto, tratar da relação do frequentador com o estádio, mediada pela intensidade de como a paixão clubística se manifesta, haja vista que não acompanhamos nenhum confronto envolvendo seleções nacionais. Para tal, trabalharemos com duas oposições comportamentais encontradas no ainda antigo estádio, porém acentuadas após a reinauguração. A primeira, vista no item 3.5, opõe o torcedor ao espectador; a segunda envolve *artistas* x *atores*. Sobre ela discorremos a seguir.

[204] Desenvolveremos mais adiante a ideia de não lugar relacionada às novas arenas.

3.10.1 Artistas x Atores: identidades permanentes x identidades transitórias

Compreendemos o *artista* como um frequentador do estádio que, independentemente do grau de fanatismo pela equipe e do comportamento adotado, assume o papel de protagonista nas áreas destinadas ao público. Em geral, procura participar de forma ativa, incentivando a equipe com gritos, cânticos, gestos coreografados, vestimentas e/ou adereços exóticos e o manuseio de objetos (bandeiras, trapos, faixas, camisas, etc.). Poderíamos incluir nesta categoria os *fanáticos*, *seguidores* e, em menor grau, apenas na escala da identificação com o clube, os *fãs*, descritos por Richard Giulianotti.

Na outra ponta, temos os *atores*, com o emprego desse termo servindo para caracterizá-lo como frequentadores que assumem atitudes não espontâneas no estádio, tais como poses, figurinos e um breve mimetismo do repertório comportamental característico dos *artistas*. Tudo pré-concebido, à espera, por exemplo, da foto perfeita a ser imediatamente compartilhada e "curtida" pelas redes sociais. Ser focalizado pelas câmeras de televisão e ter a imagem replicada nas transmissões ao vivo ou mesmo nos telejornais e/ou ter a projeção da sua figura nos telões de alta definição, representam um bônus para esse indivíduo.

Ainda que saibamos da existência de todo um ritual previamente roteirizado, que aproxima as partidas de futebol das cerimônias religiosas (BROMBERGER, 1995a), um dos traços distintivos entre *artistas* e *atores* diz respeito à intencionalidade contida em suas atitudes: enquanto o primeiro tem como objetivo o bem comum (incentivo ao time do coração e promoção da festa no sentido lefèbvreano), caberia ao segundo a satisfação e promoção pessoal com a divulgação da sua imagem e/ou mensagem se sobrepondo ao interesse da coletividade. Há, conforme relatamos, casos de transfigurações efêmeras de *atores* em *artistas*. Ao perceberem a proximidade ou que estão sendo focalizados pelos equipamentos de filmagem, por alguns segundos, a contenda assume uma dimensão secundária, passando, não raro, da letargia à euforia. Trata-se de uma mistura de dois tipos de torcedores chamados por Giulianotti (2012) de *fãs* (no caso da atração de grupos interessados muito mais nos *popstars* do futebol do que no esporte propriamente dito) e de *flâneurs*.

A devoção exacerbada a um ídolo que se sobrepõe e independe da paixão clubística[205] (em razão de motivações externas ao mérito esportivo, construídas por setores da mídia que

[205] A figura do ídolo sempre esteve presente no futebol sendo, inclusive, uma das responsáveis pela construção da paixão torcedora. A crítica que se faz é à devoção enquanto histeria, com a transformação dos jogadores em ícones midiáticos. No Brasil, podemos citar, atualmente, o caso das *neymarzetes* e, uma década atrás, das *kakazetes*, fãs dos jogadores Neymar e Kaká, respectivamente. A associação do público feminino a esse tipo de comportamento contribui para reforçar o preconceito contra as mulheres verdadeiramente atraídas pelo futebol.

ultrapassam os limites da imprensa especializada) demonstrada pelo *fã* e a atitude *blasé* do *flâneur* em relação à forma como encara o jogo, aliadas ao fato de ambos viverem o futebol como modismo ou identidade transitória, geram desconforto entre os *fanáticos* e *seguidores*, que têm na relação com o futebol um traço identitário imutável. De acordo com a ótica dos *atores*, o apoio ao time do coração (ou mesmo o interesse pela partida de futebol) não é percebido como elemento primordial que o motive a frequentar o estádio.

Propomos quatro combinações de tipos ideais de torcedores possíveis de serem encontrados no Maracanã: *torcedor-artista*, *espectador clássico*, *espectador-ator* e *torcedor-ator*. De antemão, este último grupo não será retratado, em razão de a pesquisa ter como foco o Maracanã do cotidiano, não o dos megaeventos esportivos. Sua presença no estádio inexistiu ou foi, no máximo, residual, fazendo-se notar especialmente ao longo da realização das Copas das Confederações, em 2013, e do Mundo, em 2014, além dos Jogos Olímpicos de 2016. Durante tais eventos, com destaque para a competição máxima do futebol, muitos torcedores-atores compareceram à arena, com espírito festivo, fantasiados, carregando consigo um sem número de adereços e/ou com partes do corpo pintadas com as cores da nação a qual representavam. Entretanto, como veremos, não é possível compará-los a outros personagens que costumam marcar presença nos jogos envolvendo clubes, paramentados de maneira extravagante[206].

3.10.2 O torcedor-artista

Este indivíduo compreende a partida de futebol como um espetáculo que não se reduz aos limites físico (das quatro linhas) e temporal (dos noventa minutos) impostos pelas regras do esporte. Sozinho ou em grupo, sua participação ativa tem como objetivo incentivar a equipe em busca de um resultado positivo. Para tal, a ação deve prevalecer sobre a contemplação, e o estádio constituir-se como local de encontro de diferentes tipos, unidos por um sentimento comum: a paixão pelo time do coração.

[206] No que tange aos *fãs*, Neymar, o único jogador que atuou no estádio nos anos de 2015 e 2016 com potencial de arrastar um significativo contingente de indivíduos que o idolatrem acima da identificação com o clube de futebol ou mesmo com o próprio esporte, esteve presente apenas em duas ocasiões durante os Jogos Olímpicos, competição que, assim como as Copas do Mundo (2014) e das Confederações (2013), não constaram da nossa análise.

Não é possível associá-lo a um determinado padrão físico, gênero, classe social ou faixa etária. Pode ser encontrado em todos os setores do estádio, ainda que, em razão da existência de normas de comportamento mais "elásticas" (fruto de expressões de resistência empreendidas pelas lideranças e grupos de defesa do livre torcer, pautadas no diálogo com os administradores da arena e responsáveis pela manutenção da ordem), haja uma concentração mais expressiva desses torcedores coletivizados nos níveis 2 e 5 das porções Norte e Sul. Desses locais partem as expressões corpóreas, os cânticos e os brados de incentivo e, quando necessário, de contestação. Nos demais pontos, prevalecem os torcedores atomizados, que transmitem o seu apoio ou indignação de maneira individual e, em determinadas ocasiões, consentem em engrossar os hinos entoados pelos MOTs. A união dessas duas expressões torcedoras é a força motriz responsável pela transformação do Maracanã tanto em espaço de festa quanto em espaço de protesto. Podemos subdividi-los em: *torcedores coletivizados* (e seus subtipos); *satélites*; *pós-geraldinos*; *defensores do território*; e *torcedores caricatos*.

3.10.2.1 Os torcedores coletivizados

Uma das maiores dificuldades dessa etapa da pesquisa relacionou-se à observação do comportamento de componentes vinculados às torcidas organizadas, historicamente mais aguerridas e temidas em razão das constantes punições sofridas por elas, advindas do envolvimento em atos violentos, muitas vezes em pontos afastados do estádio. As punições, solicitadas pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) e impostas pelo Juizado Especial do Torcedor do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, consistiam no banimento dos estádios por períodos de até um ano, na proibição da exibição de faixas, bandeiras, instrumentos, camisetas ou qualquer outro símbolo relacionado a tais agrupamentos e na imposição de pesadas multas em caso de desrespeito da ordem judicial[207]. Nesse contexto, não foi possível analisar, de forma direta, a *Força Jovem do Vasco* (FJV[208]) e a *Torcida Jovem do Flamengo* (TJF). Outros agrupamentos, como a *Torcida Jovem do Botafogo* (TJB), *Fúria Jovem do Botafogo* (FJB), *Raça Rubro-Negra* (RRN) e *Torcida Young*

[207] Os valores variaram de R$ 5 mil a R$ 20 mil por componente flagrado desrespeitando a decisão da justiça.

[208] Punida até o momento em que finalizamos a tese, em função do acúmulo de ocorrências criminais, com destaque para o confronto contra torcedores organizados do Clube Atlético Paranaense, na rodada derradeira do Campeonato Brasileiro Série A (2013), na Arena Joinville. Em 2015, retornou à mídia esportiva-policial em razão do enfrentamento direto com a torcida *Young Flu*, nas vias de acesso ao Estádio Nilton Santos/Engenhão.

Flu (TYF), foram estudados por breves períodos. Em 2016, no caso das organizadas vinculadas ao Flamengo, as penalidades impostas ao clube em razão de distúrbios ocorridos entre rubro-negros e palmeirenses no Estádio Mané Garrincha (Brasília) e a impossibilidade de conseguirmos entradas para o setor Norte nas quatro ocasiões em que a equipe atuou no Maracanã dificultaram ainda mais a nossa missão.

Apesar do processo de asfixia em curso e do rigor do policiamento em fazer cumprir a decisão judicial impedindo a entrada de torcedores ostentando quaisquer símbolos alusivos a elas, em alguns momentos, as organizadas tradicionais conseguiram "driblar" a punição e se fizeram presentes: 1. a saudação à *Young Flu* feita pelo membro da *Bravo 52*, responsável pela introdução ao ritual que marcou a marcha dos seus componentes da área de circulação em direção à arquibancada do nível 2 (setor Sul) na partida contra o Coritiba[209]; 2. a reprodução dos cânticos tradicionalmente entoados pela *Força Jovem do Vasco* por integrantes da barra *Guerreiros do Almirante* e, em ocasiões isoladas, por torcedores avulsos na parte interna do estádio antes e após as partidas (em caso de triunfo), notadamente nas disputas contra o Flamengo; 3. a exibição, junto à torcida/movimento *Rasta*[210], da bandeira com a efígie de Marcelo Mendonça, conhecido pela alcunha de Marcelo He Man[211], ex-presidente da FJV, recentemente falecido após um longo período de tratamento contra um câncer que o acometera[212]. No pavilhão, além da inscrição "He Man eterno", era possível identificar, na gola da camisa do homenageado, ainda que de modo bastante sutil, as iniciais FJV[213] (Foto 17).

[209] Jogo 13, Fluminense 2x0 Coritiba, realizado em 4 de junho de 2015.

[210] Não é possível identificar se a homenagem partira de um único agrupamento em razão de não haver qualquer identificação na bandeira e da união de quase todos os MOTs cruzmaltinos como estratégia de apoio à equipe que, naquela ocasião, brigava contra o descenso para a Série B.

[211] Jogo 34. Vasco da Gama 2x1 Sport Recife, realizado em 20 de setembro de 2015.

[212] Fonte: http://www.netvasco.com.br/n/163836/organizadas-do-vasco-lamentam-falecimento-demarcelo-he-man-ex-presidente-da-forca-jovem. Acesso em 21 de outubro de 2015.

[213] É possível que o uso das iniciais FJV tenha ocorrido com o consentimento do GEPE por se tratar de uma homenagem à memória de uma tradicional liderança torcedora.

Foto 17 – Bandeira em homenagem à memória de Marcelo Mendonça (He-Man) com as iniciais da Força Jovem do Vasco (em destaque na elipse desenhada)

Fonte: O autor (setembro de 2015).

Trazendo o enfoque da análise para os movimentos populares, até a metade da fase de observações *in loco*, tencionava em agrupar os seus integrantes na categoria dos *torcedores-atores*. Impressão reforçada e, praticamente cristalizada, ao longo da partida Flamengo 0x3 Corinthians[214]. À distância, observava os componentes da *Nação 12* cantando e tremulando incessantemente suas bandeiras de mão, atitude que se manteve inalterada após o término do confronto, mesmo com o resultado adverso combinado a uma constrangedora atuação da equipe. Ao elaborar o relatório de campo relacionado àquele encontro, questionei o comportamento daquele animado agrupamento por não o compreender como "natural", ainda mais para quem, apesar da neutralidade pretendida, possui uma cultura torcedora em estádios construída desde a década de 1980. Entretanto, um entrevero ocorrido também ao final de uma partida, desta feita, Fluminense 1x4 Palmeiras[215], alterou a minha percepção acerca desses vibrantes coletivos. Enquanto alguns integrantes da barra[216] *Bravo 52* recolhiam as bandeiras de mão, avistei um torcedor aparentando pouco mais de 30 anos[217] conversando

[214] Jogo 19, realizado em 12 de julho de 2015.
[215] Jogo 33, realizado em 16 de setembro de 2015.
[216] Assim preferem ser chamados, em vez de movimento ou torcida de alento, de acordo com o relato de um de seus componentes.
[217] Idade considerada "avançada" quando comparada à dos demais integrantes daquele coletivo.

com um dos jovens encarregados dessa tarefa, a quem chamou de Matheus. Preocupado com o desânimo de alguns componentes e, principalmente, com a indignação de torcedores avulsos postados nas adjacências, que replicavam os protestos emanados, a uma considerável distância, da organizada *Força Flu*, o torcedor explicava de forma concisa e didática ao resignado jovem que "existe torcida que tem canto de apoio e existe torcida que tem canto de guerra". Desse modo, a Bravo não poderia "abandonar" ou se voltar contra a equipe. Sua fala me fez repensar acerca da ideia de que os movimentos representariam um modo de torcer menos autêntico do que o das organizadas, em razão de uma concepção pessoal acerca do que constituiria o apoio incondicional ao time. Passei a compreender que se tratava de uma proposta que deveria ser seguida por todos aqueles dispostos a fazer parte daquele grupo[218], ou seja, parte da arte de experienciar uma partida de futebol.

É possível perceber, nos setores superiores Norte e Sul do Mário Filho, uma tendência à aproximação entre componentes dos *movimentos populares* e de *expressões alternativas de torcer*, em razão de se tratarem de agrupamentos com propostas parecidas. Em 2015, lideranças da *Fla-Manguaça* e da *Nação 12* anunciaram uma parceria que perduraria até o término do campeonato estadual daquele ano, com o intuito de aumentar o apoio incondicional e de aprimorar a festa nas arquibancadas, "deixando o Flamengo acima de vaidades[219]". Houve também uma adequação do repertório a ser executado e entoado em conjunto e o deslocamento do movimento popular rubro-negro das proximidades da pilastra 38 para as pilastras 43 e 44. De certa forma, essa proximidade acaba servindo como zona de amortecimento, que amplia a distância entre os movimentos populares e as torcidas organizadas mais aguerridas, casos da *Flu Beer* e da *Flunitor*, posicionadas entre a *Bravo 52* e a *Fiel Tricolor*, evitando o acirramento de rivalidades intraclubísticas (Foto 18).

---

[218] Ironicamente, logo após, o mesmo torcedor de perfil apaziguador, chamou a atenção de um jovem torcedor avulso que, em meio aos componentes da *Bravo 52*, protestava com palavrões e gestos ofensivos. O jovem retrucou com palavras de baixo calão sugerindo, inclusive, que o dissenso fosse resolvido via enfrentamento físico. De imediato, o torcedor mais experiente apontou os punhos cerrados em sua direção. Membros do próprio movimento evitaram que ambos se enfrentassem. Quando da chegada do policiamento do GEPE, a situação estava controlada. Logo após, um jovem da *Bravo* vociferava (a uma distância segura) em direção às torcidas organizadas do clube.

[219] Fonte: http://www.colunadoflamengo.com/2015/02/nacao-12-e-fla-manguaca-anunciam-parceria/ Acesso em 7 de setembro de 2015.

Foto 18 – União de diferentes modos de torcer

Legenda: União entre *Fla-Manguaça* e *Nação 12* (acima) e presença da *Flu Beer* e *Flunitor* Próximo à *Bravo 52* (abaixo).
Fonte: O autor (abril e junho de 2015).

3.10.2.2 Os satélites

Nas ocasiões em que pude assistir às partidas próximo aos Movimentos Organizados de Torcedores, percebi que eles possuíam uma espécie de "núcleo duro", onde todos pareciam se conhecer e se relacionar. Para o observador externo, é possível identificá-los, dependendo do aglomerado, por portarem diferentes tipos de bandeiras, instrumentos musicais, faixas e vestimentas, além de entoarem cânticos próprios. Em razão do quantitativo pouco expressivo quando comparado ao público total, seus componentes parecem exercer uma ou mais funções pré-determinadas dentro e fora do setor das arquibancadas. Entretanto, esses núcleos, especialmente os movimentos populares e torcidas organizadas tradicionais de maior apelo, atraem um tipo de adepto que aprecia e se identifica com o modo de torcer daquele coletivo e que procura uma localização próxima a eles, sem desrespeitar o espaço ocupado pelos seus componentes.

Trata-se de um torcedor que frequenta o estádio com certa regularidade, procura manter-se fiel a uma determinada localização, chega com antecedência e costuma fazê-lo vestido com a camisa do time e não daquele MOT específico. Para esse indivíduo, o pré-jogo, contemplando e/ou participando, é parte fundamental da experiência torcedora no Maracanã. Não raro, conhece e acompanha a plenos pulmões os cânticos entoados pelo núcleo duro (os de domínio popular, como o hino do clube e as tradicionais canções de incentivo, e as músicas próprias, paródias e refrãos criados para situações específicas). Sua postura procura mimetizar a cultura torcedora de permanecer de pé. Por sua vez, sentem-se livres para romper unilateralmente o contrato temporário torcida-torcedor caso alguma atitude lhe desagrade, como, por exemplo, a ocorrência de confrontos. A esses torcedores avulsos, temporária e voluntariamente coletivizados, posicionados nas adjacências dos Movimentos Organizados de Torcedores com a disposição para torcer com o grupo, mas sem a pretensão de pertencer formalmente ao grupo, chamaremos de *satélites* (Foto 19). Trazendo para a taxonomia elaborada por Giulianotti, os *satélites* podem ser classificados, ao lado dos próprios componentes dos MOTs, no grupo dos torcedores quentes e tradicionais.

Foto 19 – Satélites da *Young Flu*

Fonte: O autor (novembro de 2016).

Da mesma forma que as torcidas apresentam propostas distintas, os *satélites* tendem a se aproximar do MOT que apresente características com as quais se identifiquem. Sendo

assim, enquanto os movimentos populares tendem a atrair um torcedor com perfil festivo, muitos deles acompanhados do cônjuge e/ou familiares, as organizadas tradicionais concentram torcedores avulsos com uma postura mais aguerrida. A posição escolhida pelo satélite pode cambiar de acordo com o adversário e o contexto associado à disputa. É permitido, por exemplo, a um satélite rubro-negro, assistir a uma partida contra um adversário de menor expressão junto à *Fla-Manguaça* e, numa contenda decisiva contra um rival local, ao lado da *Raça Rubro-Negra*. Sua proximidade e o livre trânsito entre diferentes modos de torcer, associado à cultura torcedora preexistente, contribuem para a formação de comportamentos híbridos no estádio.

3.10.2.3 O pós-geraldino

A partir do segundo semestre de 2016, uma das variações relacionadas aos comportamentos específicos de torcedores-artistas adquiriu um novo *status* no estádio. A transformação dos setores mistos em locais de torcida única, o rápido esgotamento das entradas postas à venda para os setores "populares", o fim do lugar marcado e o menor rigor com os frequentadores que optavam por assistir às partidas de pé, fizeram com que um novo tipo de adepto, antes presente somente nas primeiras fileiras dos setores inferiores Norte e Sul (Foto 20) e constantemente reprimido, conquistasse visibilidade, ao qual chamamos de *pós-geraldino*. Naqueles pontos nobres, ocupados durante décadas pela Geral, um considerável contingente humano optou por, espontaneamente, desconsiderar a existência das cadeiras "padrão-FIFA".

Foto 20 – *Pós-geraldinos* rubro-negros no setor Norte inferior junto à mureta divisória com o gramado

Fonte: O autor (julho de 2015).

Essa imposição de um costume compreendido como ultrapassado em meio a um local projetado para um público com comportamento adequado ao novo padrão desejado para o frequentador das partidas de futebol gerou tensões entre os dois grupos. Os *stewards*, como poder regulador, entravam em ação somente quando os "infratores" estavam desacompanhados ou em clara inferioridade numérica em relação aos reclamantes. Se, até o final de 2015, eles podiam ser vistos no degrau mais alto dos setores inferiores Norte e Sul, protegidos pela altura da mureta de separação com os camarotes, além de, em partidas de menor apelo, nas extremidades laterais, no ano seguinte, conseguiram impor o seu modo de torcer à grande maioria da plateia presente, fato que gerou forte descontentamento. Antes comuns nas arquibancadas do antigo Maracanã, gritos de "senta!" ressurgiram bradados por *espectadores clássicos* insatisfeitos. Exceção feita ao Maracanã Mais[220], sua presença se fez marcante tanto em disputas nas quais foram cobrados ingressos a R$ 30 (Vasco da Gama x Ceará) quanto nas partidas do Flamengo, cujo valor das entradas para os (não mais) setores mistos oscilou entre R$ 120 e R$ 180.

[220] Mesmo sem lugar marcado e com torcida única naquele ponto do estádio, o público optou por permanecer sentado durante as partidas.

Ainda em 2016, nos encontros com menor presença de público, os próprios frequentadores conseguiram chegar a um ponto de equilíbrio. Os *pós-geraldinos* ocupavam as primeiras fileiras, o "tradicional" último degrau de assentos e a vizinhança com o setor popular da sua torcida. Um pouco afastados e nos blocos com a menor densidade de *pós-geraldinos*, os espectadores clássicos conseguiam assistir aos jogos sem serem incomodados (Foto 21).

Foto 21 – Coexistência pacífica entre *pós-geraldinos* e espectadores clássicos no setor Leste inferior

Fonte: O autor (novembro de 2016).

Por sua vez, a postura do *pós-geraldino* não acompanha a dos *torcedores-artistas* filiados aos MOTs. De certa forma, ele compõe um meio-termo entre a tensa contemplação dos espectadores tradicionais e o hábito de permanecer de pé, característico dos *satélites*. As transgressões verbais são corriqueiras, mas ele permanece a maior parte do tempo em estado de tensão e atenção, concentrado na partida. Em momentos festivos ou manifestações contundentes de apoio, sua presença preencheu o vácuo existente entre os MOTs posicionados atrás dos gols. Dessa forma, a adoção momentânea às coreografias, aos gritos e cânticos proferidos pela porção mais atuante da torcida foi fundamental para que, repetidas vezes, o Maracanã ressurgisse como espaço de festa, fenômeno pouco comum em 2015.

3.10.2.4 Os defensores do território

Em partidas de grande apelo de público, com a expectativa de que todas as entradas destinadas para o setor “popular” tradicionalmente ocupado pelos seus torcedores sejam comercializadas, há o “transbordamento” da torcida via abertura dos subsetores localizados na extremidade oposta, posicionados entre a torcida visitante e um setor misto. O perfil desse frequentador assemelha-se ao encontrado no nível 1 dos setores Norte e Sul, com o claro predomínio de espectadores clássicos apesar de não haver uma participação tão expressiva de crianças e idosos. Praticamente não há vestígios relacionados à presença dos MOTs (apenas alguns indivíduos vestindo camisas, portando bonés e outros adereços) e, consequentemente, de seus satélites.

Em meio a esse cenário, emerge um tipo de torcedor que, na ausência das torcidas organizadas mais aguerridas, parece tomar para si a missão de defender o local por ele ocupado contra o “inimigo” próximo. Posicionado junto à grade de separação com a torcida visitante, esses avulsos “com alma”, constituem-se em verdadeiros *defensores do território*. Dedicam grande parte da sua atenção a provocar o coletivo rival que, em razão da presença dos policiais do GEPE, costuma replicar com gestos, ameaças e desafios para que eles ousem transpor as barreiras física e humana (Foto 22).

Foto 22 – Troca de ofensas entre torcedor organizado santista e defensores do território rubro-negros, posicionados no setor Sul superior

Fonte: O autor (agosto de 2015).

Quando comparados aos torcedores organizados, as provocações desses adeptos chegam a soar como ingênuas. Aproveitando a estratégia do GEPE de destacar o efetivo policial somente para o lado da torcida visitante, os defensores do território costumam transpor a lona branca que cobre algumas fileiras de assentos com o intuito de ampliar a distância entre os dois grupos. Sem a presença física dos agentes repressores, posicionam-se junto à grade para exibir a camisa do clube, reproduzir gestos de adeus, apontar o dedo indicador para o chão como forma de reforçar a posse do território ou erguer o dedo médio em direção ao adversário, além de proferir ofensas "leves" emitidas de modo descoordenado, jamais em coro. Há uma potencialização desses comportamentos durante a entrada das equipes e logo após os gols do time mandante. Não é comum ouvir cânticos ou menções a torcidas organizadas.

3.10.2.5 Os torcedores caricatos

Da mesma forma que procedera com os componentes dos movimentos populares, de início, questionava se deveria classificar os torcedores que seguem para o estádio apresentando um visual extravagante como *artistas* ou *atores*. A observação *in loco* foi fundamental para dirimir tal dúvida. De pronto, excluí os indivíduos que procuram localizações privilegiadas (nos setores mais caros) em partidas de grande visibilidade e alcance midiático, com a intenção de transmitir mensagens de exaltação à própria figura ou feitos pessoais, voltadas a um público restrito, que em nada acrescentam ao coletivo para o qual dizem apoiar. Acreditava, portanto, que se os componentes dos movimentos simbolizariam o padrão de comportamento coletivo dos torcedores-atores, os frequentadores fantasiados e/ou que exibiam cartazes no estádio representariam a sua expressão individual. Porém, conforme as idas a campo se sucediam, constatei um duplo equívoco. Sua presença recorrente mesmo em encontros de público diminuto e a forma intensa como vivenciam tanto o "pré-jogo" (com a escolha do figurino adequado ou da mensagem a ser transmitida para a torcida) quanto a própria partida demonstram uma paixão torcedora que, não raro, transformam-nos em torcedores-símbolo de seus clubes. Podemos compreendê-los, dessa maneira, como parte do espetáculo. Com a partida em andamento, ainda que busquem um posicionamento que permita uma fácil localização pelas câmeras de televisão, dedicam-se francamente a apoiar a equipe.

Conseguimos identificar, nos setores inferiores Norte e Sul, duas subdivisões de *torcedores caricatos*: *mensageiros* e *torcedores folclóricos*. Cada uma delas carrega consigo

interessantes peculiaridades: a primeira, composta por pessoas que, além de, por vezes, adotarem um visual extravagante, comparecem com cartazes contendo mensagens de conteúdos variados. Procuram manter uma posição fixa junto à mureta que separa o nível 1 do campo de jogo, próximo à divisa com os setores inferiores Leste e Oeste, provavelmente em função da maior densidade de câmeras de televisão encontradas naqueles locais. Seu principal objetivo tem relação com a projeção da própria imagem e da mensagem que carrega consigo entre o público consumidor do *produto* futebol: telespectadores, leitores de jornais e sítios especializados. Existe, contudo, a preocupação em transmitir um conteúdo voltado para a coletividade, normalmente de incentivo ao time do coração, a um determinado atleta ou de chacota com o adversário.

O segundo grupo é o dos torcedores folclóricos. Esses frequentadores, com visual exótico, são os alvos prediletos para registros fotográficos da assistência presente, especialmente entre o público infantil. Nesse caso, a adoção de indumentárias fora dos padrões apresenta a função de atrair as câmeras de televisão, mas, especialmente, a atenção da plateia presente ao estádio (Foto 23).

Foto 23 – Torcedores caricatos nos setores inferiores Norte e Sul

Legenda: Torcedores mensageiros (no alto, à direita) e folclóricos (à esquerda e na porção inferior, à direita) presentes nos setores inferiores Sul e Norte.
Fonte: O autor, 2015.

Concentrados nas primeiras fileiras do nível 1 (setores Norte e Sul), esses torcedores caricatos são indivíduos que vivem o pré-jogo e o jogo, propriamente dito, de uma forma intensa e bastante peculiar. O visual pitoresco, cuidadosamente montado e carregado de intencionalidades, assim como as mensagens que procuram transmitir, refletem estratégias de diferenciação em relação aos demais frequentadores do estádio. A localização nessas porções do Maracanã parece atender a dois importantes pré-requisitos: a proximidade em relação às câmeras de televisão (especialmente para os mensageiros) e o perfil familiar do público dos níveis inferiores, com uma expressiva quantidade de crianças e adultos em busca de registros fotográficos (para os torcedores folclóricos). Muitos caricatos frequentam o Maracanã há décadas e simbolizam verdadeiros "testemunhos" da antiga Geral. Os torcedores próximos ao topo da pirâmide etária desfrutam do benefício proporcionado pela lei das gratuidades. Para aqueles entre 60 e 64 anos, é possível adquirir o ingresso pela metade do preço. Nesse caso, a idade avançada é um agente facilitador da presença assídua ao estádio mesmo após a exclusão do antigo setor popular.

3.10.3 Os espectadores clássicos

Essa categoria de frequentador do Maracanã é composta por admiradores do futebol que preferem assistir às partidas distantes de manifestações corpóreas de maior impacto visual, sem qualquer barreira física ou humana que atrapalhe a sua experiência no estádio. Encontrados em todos os setores do estádio, tendem a se concentrar em maior número nos setores Leste e Oeste, em razão da prevalência do nomoespaço sobre o genoespaço, privilegiando o respeito ao ato torcer como expressão individual. Sozinhos ou acompanhados por amigos ou familiares, optam, ao contrário dos *satélites*, por localizações distantes dos MOTs, inclusive nas porções Sul e Norte. Seu objetivo primordial, a partir do momento da entrada das equipes, é o de apoiar o time do coração, concentrando-se, para tal, no tenso desenrolar da ação no gramado. Ao contrário das formas coletivas ou dos indivíduos temporariamente coletivizados, há uma contorção e contração permanentes do corpo, que se expande em momentos extremos, seja de euforia, seja de descontentamento. O estabelecimento de vínculos temporários de "amizade" com pessoas desconhecidas é outra marca comum a esses indivíduos, assim como o olhar fixo e atento direcionado ao campo de jogo.

Até 2015, nos setores mistos, a proximidade com os torcedores adversários, a imposição de normas restritivas, seja ao costume de torcer de pé, seja às manifestações efusivas de longa duração, e a ampla aceitação por grande parte do público presente das regras vigentes contribuíram ainda mais para a prevalência das expressões vocais sobre as corpóreas. Ainda assim, o perfil do público frequentador, afeito muito mais ao "padrão arena" do que ao dos estádios tradicionais, parecia inibir ou mesmo constranger manifestações tidas como inadequadas para aqueles ambientes.

Apenas no decorrer dos jogos envolvendo a equipe do Vasco da Gama como mandante e nos clássicos locais de maior rivalidade era possível observar comportamentos, até certo ponto, exacerbados por parte de um número considerável de indivíduos. No primeiro caso, acreditamos que o uso intermitente do estádio de São Januário, que resiste (ou não conseguiu se inserir) ao processo de arenização, impediu a ruptura com a cultura torcedora tradicionalmente construída, conferindo ao seu adepto características que o distinguem dos seus congêneres cariocas. Sendo assim, com base em repetidas observações, inclusive na porção Leste inferior do Estádio Nilton Santos[221], é possível identificar o espectador cruzmaltino como aquele que possui uma menor preocupação em seguir o padrão de comportamento desejado para os frequentadores dos setores mistos do Maracanã. Palavras de baixo calão e expressões de fúria contra os atletas, dirigentes e a arbitragem são proferidas sem o menor constrangimento. Nos clássicos locais, ao contrário, parece haver um maior equilíbrio quanto à postura adotada. A rivalidade conduz a uma participação mais ativa dos demais torcedores e, ao adepto do Vasco da Gama, obrigado a compartilhar o espaço com o adversário/vizinho, um comportamento menos explosivo.

3.10.4 Os espectadores-atores/não torcedores

O espaço concebido da arena busca atrair com o frequentador apaixonado pelo clube (independentemente de qual seja a sua cultura torcedora) um novo perfil de público que, pode até demonstrar algum interesse, mas não tem na partida de futebol a principal motivação para comparecer àquele ambiente. Poderíamos chamar de *torcedores anexos* esse grupo de agregados, mas, para combinar com as arenas "sem mito" ou "sem alma", denominaremos

[221] Vasco da Gama 0x1 Fluminense, válido pelo segundo turno do campeonato Brasileiro de 2015.

formalmente como *não torcedores*. Em geral, pertencem a grupos tradicionalmente excluídos do antigo estádio. São mulheres, crianças e indivíduos pouco afeitos à essência do esporte, que encaram a ida ao futebol como um dentre tantos eventos sociais onde é possível, em um ambiente limpo, seguro e confortável, confraternizar com amigos e familiares. Tudo devidamente registrado, postado e compartilhado nas redes sociais (Foto 24). Em obediência ao *dress code* recomendado para a ocasião, fantasiam-se com a camisa oficial, preferencialmente do modelo mais recente, da equipe para a qual consentem em apoiar. Para esses *outsiders*, o desenrolar da ação no interior das quatro linhas e a festa das torcidas adquirem uma importância secundária.

Foto 24 – Não torcedora: fotografar, postar e compartilhar sem *curtir* o jogo

Legenda: Uma frequentadora, alheia ao jogo, oferece ao filho, com uma das mãos, um pacote de batatas fritas enquanto seleciona, com a outra mão, o registro fotográfico a ser postado na rede social *Instagram*.
Fonte: O autor (julho de 2015).

Espécie de "versão Maracanã" do *flâneur* de Richard Giulianotti, o não torcedor compõe uma subcategoria dos torcedores avulsos. Sua ligação com o futebol é desenraizada, com uma identificação clubística que pode ser inexistente, herdada ou adquirida. Costumam ser encontrados em maior número durante partidas de grande interesse de público (e mídia) ou em jogos contra adversários com pouco ou nenhum grau de rivalidade (ideais para programas em família), preferencialmente disputados em dias e horários nobres, que não demandem grandes sacrifícios relacionados ao deslocamento e à permanência nesse recinto.

Sua atitude, quando muito é contemplativa, por vezes de desdém. Ele representa o não torcedor, não em função de se recusar a torcer, mas sim em razão da falta de uma identificação com a cultura torcedora vigente. O local do estádio no qual se sente mais à vontade é o Maracanã Mais, ponto de convergência do torcedor "sem mito" com o estádio "sem alma". Ele também pode ser encontrado em qualquer outro setor, haja vista que costuma estar em companhia de uma ou mais pessoas verdadeiramente interessadas no espetáculo. Nada impede que, com o passar do tempo, esses indivíduos "ascendam" a outras categorias. Entretanto, a ambiência produzida no estádio atual, especialmente nas porções com plateia mista, dificulta o surgimento e a consolidação de uma paixão torcedora.

Como exemplo de uma postura relacionada ao não torcer, ao longo do primeiro tempo da partida final do Campeonato Carioca de 2015[222], no setor Maracanã Mais, chamava a atenção um casal sentado lado a lado na segunda fileira, atrás do banco de reservas ocupado pela equipe do Botafogo. Cada um segurava a ponta de uma pequena faixa, que, aberta, era constantemente erguida com o intuito de que pudesse ser capturada pelas imagens das câmeras de televisão. Sentado algumas fileiras atrás, passei a maior parte da primeira etapa "marcando-os" sem sucesso, em busca do momento em que conseguiria registrar a mensagem contida naquele cartaz uma vez que ele não era exibido para o público presente, mas sim em direção aos telespectadores. Comecei a imaginar o "pré-jogo" daquele casal. Em função da intensa procura, é provável que tenham aguardado longas horas à frente do computador a fim de comprar as entradas via internet. É possível deduzir que não tenham conseguido escolher os assentos desejados na primeira fileira, sendo então compelidos a ocupar a segunda linha de cadeiras. Há de se levar em conta também todo o trabalho envolvendo a concepção visual e a escolha da mensagem.

Sem dúvida, a exibição da faixa adquiria maior importância do que o evento em si. Apesar de o rapaz vestir a camisa do Botafogo (sua acompanhante não estava identificada

[222] Jogo 10. Botafogo 1x2 Vasco da Gama, realizado em 03 de maio de 2015.

com nenhum símbolo clubístico), no momento do primeiro gol do Vasco da Gama, ambos ergueram a faixa num movimento sincronizado com o dos braços dos torcedores adversários, afinal, as câmeras estariam direcionadas para registrar aquela celebração. Terminada a primeira etapa, esperei que retornassem aos seus lugares (seguiram com a faixa, em ritmo acelerado, rumo ao túnel onde, em função da passagem obrigatória dos jogadores, havia uma grande concentração de repórteres e câmeras), me dirigi a eles e perguntei se poderia fazer um registro fotográfico do cartaz. Na verdade, tratava-se de uma espécie de *banner* muito bem elaborado (confeccionado em uma gráfica), que continha a seguinte mensagem dividida em cinco linhas (sem pontuação alguma): MÃE TÔ NA GLOBO Marcus Vinicius e Paula Katherine MOSSORÓ/RN (Foto 25). Em destaque, ocupando toda a segunda linha, a palavra GLOBO com a primeira letra "O" representada pelo símbolo da emissora de televisão detentora dos direitos de transmissão da competição.

Foto 25 – A "saga" dos irmãos Marcus Vinicius e Paula Katherine para homenagear a mãe na transmissão da Rede Globo

Fonte: O autor (maio de 2015).

O alto investimento realizado pela dupla na aquisição de ingressos (algo entre R$ 210 e R$ 330), além da confecção do *banner*, de um possível deslocamento aéreo, transporte intraurbano e, talvez, hospedagem, parece obedecer à seguinte ordem decrescente de

relevância: ser focalizado pela Rede Globo – avisar à mãe do sucesso da empreitada – assistir à partida decisiva do Botafogo.

Acreditamos que, até o momento, não houve a transformação do tradicional espaço monumental carioca em um ambiente realmente democrático, de respeito à diversidade (de classe, de gênero e étnica) e aos direitos dos grupos historicamente marginalizados, algo que também inexistia no antigo estádio. Percebe-se, por sua vez, uma troca do filtro relacionado à exclusão que passou de sociocultural para socioeconômica, produzida pela desterritorialização dos torcedores de menor poder aquisitivo. Entretanto, compreendemos também que a constante tensão existente entre as forças verticais impostas pelos atores hegemônicos e as horizontais empreendidas pelos atores hegemonizados exerce influência decisiva sobre a forma como o mítico estádio vem sendo e será apropriado por um público de comportamento multifacetado. Procuraremos, agora, conhecer as múltiplas territorialidades produzidas tanto na parte interna quanto nos arredores da hiperssetorizada arena multifuncional. Para tal, apresentaremos o resultado das observações realizadas ao longo de cinquenta e uma partidas disputadas no estádio durante os anos de 2015 e 2016.